



Escola de Ciências Sociais e Humanas

Departamento de Economia Política

**A Reciprocidade na Economia de Comunhão (EdC):
uma perspectiva de Economia Solidária**

Rui Filipe Sardinha Faia

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Economia Social e Solidária

Orientador:
Doutora Maria de Fátima Ferreiro, Professora Auxiliar
ISCTE-IUL

Setembro, 2011

RESUMO

O presente trabalho tem como objectivo a apresentação da Economia de Comunhão (EdC) procurando evidenciar dois aspectos relacionados entre si: i) a importância de uma alternativa ao ‘interesse próprio’ nas formas de vivência e de reflexão sobre a Economia; ii) a articulação entre a EdC e a Economia Solidária, considerando as respectivas propostas de pensamento e de acção económicos. Procura-se deste modo avaliar a importância dos relacionamentos em economia, e de forma particular como é que a reciprocidade, vivida no seio da EdC, pode contribuir para a Economia Solidária.

Após a apresentação da EdC, será exposta uma breve síntese da história do pensamento económico, focando a problemática que envolve a noção de ‘interesse’ (‘próprio’ e ‘comum’). Segue-se a análise dos valores presentes na EdC, partindo-se da convicção de que os mesmos, de características éticas e morais, estão impregnados na nossa matriz humana, independentemente das convicções e ideais de cada um. A defesa de que a EdC pode ser integrada no paradigma da Economia Solidária, no âmbito da qual a importância dos valores na esfera social e económica é expressa num movimento de renovação, constitui o escopo deste trabalho. A associação da teoria com a prática, através da explanação de alguns casos práticos, procurará corroborar esta inclusão. A conclusão da importância da reciprocidade na Economia, como factor que une a EdC e a Economia Solidária, colocando o homem no centro das decisões e dos processos políticos, legitima uma nova forma de fazer e viver uma outra ‘economia’.

Palavras-chave:

Economia de Comunhão (EdC), Economia Solidária, Ética, Reciprocidade.

ABSTRACT

This thesis aims to present the Economy of Communion (EoC) and try to show two related counts: i) the importance of an alternative to 'self interest' in the forms of experience and reflection on the economy, ii) the linkage between the EoC and the Solidarity Economy, considering their proposals for economic thought and action. It seeks to assess the importance of relationships in the economy and in particular the way through which that reciprocity experienced within the EoC can contribute to the Solidarity Economy.

After the presentation of EoC it will be exposed a brief history of economic thought with particular emphasis on the concept of interest ('individual' and 'common'). The following is an analysis of the values present in the EoC, starting from the conviction that they, ethical and moral characteristics, are steeped in our human matrix, regardless of the beliefs and ideals of each.

The defense that the EoC can be integrated into the paradigm of Solidarity Economy, under which the importance of values in social and economic sphere is expressed as a renewal, is the scope of this work. The combination of theory and practice through the explanation of some practical cases will seek to support the issues previously presented. The conclusion of the importance of reciprocity in economics as a factor that unites the EoC and the Solidarity Economy, placing the person at the heart of the decisions and the political processes, legitimates a new way to make and live another 'economy'.

Key Words

Economy of Communion (EoC), Solidarity Economy, Ethics, Reciprocity.

AGRADECIMENTOS

A Deus, fonte de Vida

A Maria, transparência e luz

A Chiara, pelo carisma da ‘unidade’

Aos meus pais e irmã, pelo seu amor e apoio incondicional

À minha orientadora, pela sua resiliência e motivação incessante, sem a qual não teria sido possível concretizar este trabalho

Aos meus professores, que neste Mestrado souberam incutir a alegria e a importância do estudo e da prática da Economia Social e Solidária

Aos meus amigos e a todos aqueles que se constituem como genuínos ‘núcleos’ de fraternidade e que são voluntários na construção de um ‘mundo mais unido’

Por fim, e em especial, ao Eduardo e ao Fernando, que pelos seus exemplos de entrega aos ‘outros’, sem condições, testemunharam com as suas vidas a ‘dádiva suprema’

ÍNDICE:

1. Introdução.....	1
2. O movimento da Economia de Comunhão (EdC).....	4
3. O interesse próprio e o interesse comum: breve panorama da história das ideias económicas	14
4. Economia de Comunhão: valores e inspirações	24
4.1. Identificação dos valores da Economia de Comunhão.....	26
4.2. Para uma ‘outra Economia’	35
5. A Economia Solidária e a Economia de Comunhão: um projecto partilhado?	41
6. A realidade da EdC: apresentação de casos	53
7. Conclusão	68
Bibliografia.....	75
Anexos.....	80

1. Introdução

Apesar de um percurso profissional que actualmente me leva a trabalhar na área fiscal, como Técnico Aduaneiro da Direcção-Geral das Alfândegas e dos Impostos Especiais de Consumo (DGAIEC), na minha vida particular acompanho o trabalho de algumas Instituições Particulares de Solidariedade Social (IPSS) e Organizações Não Governamentais (ONG), que desenvolvem missões extraordinárias em prol do desenvolvimento social e humano. Foi este factor que determinou a minha frequência do Mestrado em Economia Social e Solidária no ISCTE-IUL.

O trabalho que apresento não deixa de encontrar uma justificação na realidade social e económica que se vive actualmente. Procurarei destacar a importância da ‘reciprocidade’ na Economia e de que forma os relacionamentos, desenvolvidos num contexto particular, na Economia de Comunhão (EdC), podem actuar como meio de acção de Economia Solidária.

O facto de a EdC começar a assumir alguma importância no campo científico nacional, sendo disso testemunho o Congresso sobre a EdC que teve lugar no ano de 2010 na Universidade Católica do Porto, ou até o lançamento recente no nosso país de algumas obras subordinadas a esta temática, denota um interesse crescente na investigação e interpretação de formas alternativas de pensar e de viver a Economia.

O objecto do estudo inscreve-se na área disciplinar da Economia Social e Solidária, a qual potencia o cruzamento de olhares interdisciplinares. Neste âmbito salienta-se a importância da consideração da Ética por parte da Economia, retomando os contributos fundadores desta ciência. Com efeito, a articulação entre a Economia e a Ética está presente em autores da Economia Política Clássica, como Adam Smith e John Stuart Mill. O enquadramento da EdC no pensamento económico remete para uma nova óptica de Economia, permitindo a aproximação ao debate acerca da renovação das práticas económicas, aspectos enfatizados no âmbito da Economia Solidária. A EdC, que espelha e amplia este aspecto, traduz uma possibilidade de resposta aos problemas, actuais e futuros, constituindo uma forma de acção que poderá motivar algumas mudanças, promovendo uma distribuição mais justa e equitativa da riqueza e um desenvolvimento económico e social mais ético e auto-sustentável.

Ao aprofundar o estudo sobre a importância dos relacionamentos na Economia, tendo em atenção a reciprocidade desenvolvida na EdC, procurarei realçar algumas formas de acção

que aproximam a Ética da Economia. Estes comportamentos contribuem para um bem-estar colectivo e respondem ao interesse comum, sem ‘ferir’ o interesse individual. Assim sendo, poderei delimitar o objecto do presente trabalho aos seguintes pontos:

- ❖ A importância dos *valores* e dos *relacionamentos* na Economia;
- ❖ O contributo da *reciprocidade* na EdC como meio de acção da Economia Solidária para uma sustentabilidade económica e social;
- ❖ A EdC como comunidade teórica e prática de Ética e de moralização da Economia.

No âmbito da Economia Social e Solidária têm sido discutidas e colocadas em confronto várias questões, com vista a uma sociedade mais justa e sustentável, onde possam coexistir a multiplicidade e a diversidade de princípios de governação económica. A EdC abriu também novas perspectivas ao evidenciar os relacionamentos como factor de inclusão e harmonização social, sem prejudicar a apetência natural do homem para uma vida melhor e mais profícua. Proponho-me, por isso, investigar, estudar e expor alguns aspectos que podem apresentar respostas a algumas perguntas, designadamente:

- ❖ De que forma os valores e os relacionamentos podem contribuir para melhorar as nossas vidas, concorrendo para uma mudança ao actual paradigma, e qual a importância, em particular da *reciprocidade*, para a Economia?
- ❖ Como é que a *reciprocidade*, vivenciada na EdC, pode representar uma perspectiva de Economia Solidária?

Estas questões podem aglutinar-se na formulação da pergunta de partida desta dissertação:

- **Poderá a Economia de Comunhão (EdC) ser considerada uma perspectiva dentro da Economia Solidária?**

Para a realização deste trabalho, adoptei uma metodologia essencialmente documental (com base em fontes secundárias), visando a identificação, a descrição e a validação da EdC, bem como a demonstração de como a *reciprocidade* que aí é vivida pode contribuir para um desenvolvimento mais sustentável e constituir um factor de promoção da Economia Solidária. Assim, e após a descrição do movimento de Economia de Comunhão e das suas origens (2.º capítulo), segue-se um capítulo onde é feita uma pequena resenha histórica sobre o interesse ‘próprio’ e o interesse ‘comum’, estabelecendo um enquadramento e uma conceptualização para o surgimento da EdC. Após este ponto, efectua-se uma caracterização e um aprofundamento dos valores e das inspirações que caracterizam a EdC, e que a distinguem da

economia convencional. No capítulo seguinte faz-se uma análise comparativa entre a EdC e a Economia Solidária, procurando identificar os pontos de convergência entre estas duas realidades, que se prevê terem uma ligação mais profunda do que inicialmente se poderá pensar, respondendo assim à pergunta de partida. Já a explanação de três casos práticos, escolhidos numa base geográfica e contextual (América do Sul, Ásia e Europa), pretende demonstrar expressões concretas da EdC e os pontos que podem uni-la à Economia Solidária. A conclusão permite aferir a importância e a inovação que realidades alternativas podem trazer para o paradigma económico vigente, validando a EdC (que comemorou este ano vinte anos) como uma via que, pautada pela reciprocidade, confiança e solidariedade no mundo económico, procura estabelecer um novo e diferente conceito de Economia.

2. O movimento da Economia de Comunhão (EdC)

“Ao contrário da economia consumista, baseada numa cultura do ‘ter’, a Economia de Comunhão é a cultura do ‘dar’.” Chiara Lubich, 1991

A Economia de Comunhão, comumente designada por **EdC** (sigla da designação italiana de *Economia di Comunione*), surgiu com a finalidade de promover uma cultura do ‘dar’ em oposição à cultura do ‘ter’. Esta realidade, cujo surgimento é muito recente, despertou no século XX pela mão de uma mulher, Chiara Lubich¹, e do Movimento dos Focolares, do qual foi fundadora, como resultado da inspiração de uma viagem ao Brasil, no ano de 1991.

Apesar de uma infância normal, passada com os seus pais e irmãos, Chiara Lubich cedo se deparou com injustiças. Durante a juventude, o seu pai perdeu o emprego por defender ideias socialistas, razão pela qual toda a família teve de encontrar outras ocupações com o propósito de garantir o seu sustento. Ela própria, aos 23 anos, precisamente após a eclosão da Segunda Guerra Mundial, começou a dar aulas para poder ajudar a sua família.

Chiara, uma católica devota, viveu de forma muito intensa os acontecimentos desta época. A sua casa foi destruída por um violento bombardeamento que atingiu a cidade de Trento. Enquanto os seus familiares se refugiaram nas montanhas, Chiara decidiu permanecer naquela cidade para ajudar aqueles que não puderam fugir, por estarem doentes, por serem pobres ou, simplesmente, por não quererem abandonar os seus poucos haveres. Enquanto assistia à destruição de casas e de vidas, e numa atitude de entreatajuda e reciprocidade, dividiu esta missão com outras raparigas, companheiras que, como ela, ficaram na cidade para ajudar no que podiam, constituindo um pequeno grupo que seria o primeiro núcleo para a formação, mais tarde, de um movimento mais amplo: o *Movimento dos Focolares*, e que deu assim os primeiros passos em Trento no ano de 1943.

No início da década de 1960 Chiara Lubich e o Movimento tinham já o seu lugar na sociedade italiana e atraíam cada vez mais mulheres e homens dispostos a abraçar um ideal, um caminho para contribuir para que a Humanidade se tornasse mais unida, uma espécie de

¹ Chiara Lubich (1920-2008): Nasceu em Trento (norte de Itália) a 22 de Janeiro de 1920, foi fundadora e presidente do Movimento dos Focolares. Faleceu a 14 Março de 2008, aos 88 anos, na sua casa em Rocca di Papa (Itália).

grande e verdadeira família. Em 1964 foi fundada uma pequena comunidade numa vila nas colinas de Valdarno, em Loppiano (Itália), a primeira de uma série de outras cidades (ou ‘cidadelas’) que seriam criadas em vários países do mundo, onde se trabalha em prol de um ‘mundo unido’ e se vive uma espiritualidade de ‘unidade’ em todos os aspectos da vida, incluindo no económico. “[...] na Suíça, contemplando a cidade beneditina de Einsiedeln, Chiara sentiu que também o seu movimento deveria ter lugares nos quais o carisma teria de ser testemunhado diariamente; verdadeiras pequenas cidades, com igreja, escola, mas também casas de famílias e fábricas com chaminés; cidadelas [...]” (Ferrucci, 2011).

A realidade vivida no seio do Movimento dos Focolares baseia-se numa mensagem de esperança e fraternidade, tendo como princípio a certeza de que a unidade com o ‘outro’ está vinculado ao amor e à reciprocidade, “[...] como com os primeiros cristãos; uma situação na qual se experimenta a alegria de partilhar com o próximo o que lhe é necessário, e nasce o desejo de colocar em comum o que se torna supérfluo diante das necessidades do outro, dando origem à providência: um dar e receber no qual, até naquelas difíceis circunstâncias, todos se sentiam na ‘plenitude’, igualados e irmãos” (*idem*).

O Movimento dos Focolares é um movimento de inspiração cristã com uma grande dinamização e preocupações em diversos campos, como o religioso, o humano, o social, o político e o económico. Assente numa espiritualidade de matriz cristã, definiu-se desde logo por uma vivência evangélica e comunitária, segundo o qual ‘tudo era de todos’, e a pobreza e a caridade um caminho, não só ascético, mas também uma via para a felicidade. Este movimento caracterizou-se por uma tal radicalidade que chegou mesmo a causar alguma desconfiança junto das autoridades eclesásticas no seu início, face ao tipo e à forma de vida que seguiam Chiara e as suas primeiras companheiras. A atitude inicial da Igreja Católica, entende-se pela época, uma sociedade marcada por grandes revoluções sociais e políticas, que após uma guerra dilacerou vidas e trouxe uma nova ordem à Europa e ao Mundo. Mas tal foi ultrapassado, pelo que hoje o Movimento dos Focolares é aceite como um carisma da própria Igreja.

O ‘Focolar’, designação adoptada para o nome do movimento, encontra-se associado ao sentido da unidade, do ‘uno’, como “aquele lugar onde o fogo do amor abrasa os corações e sacia as mentes” (Fondi, 2004: 60). Os Focolares surgiram como comunidades, espaços físicos, onde os aderentes se encontram e habitam, numa vivência em comunhão, partilhando e colocando tudo em comum, como numa ‘família’, e seguindo o exemplo das comunidades cristãs primitivas. Estas comunidades são compostas por pessoas de diferentes estados civis,

leigos, consagrados, solteiros, casados, jovens e adultos, que possuem diferentes ocupações/profissões e que procuram viver em conjunto, na mesma casa/local ou na proximidade onde existe um Focolar². Dentro dos diferentes núcleos podem nascer ‘Cidadelas’³, locais que são compostos por pequenos aglomerados habitacionais que incluem os Focolares (residências e centros de formação), onde as pessoas podem habitar e trabalhar. Constituem-se desta forma como ‘comunidades’, que não se reduzem apenas aos seus aderentes/simpatizantes, mas que se estendem e interagem com todos aqueles que vivem nas zonas limítrofes (cidades/localidades) onde estão instalados os Focolares/Cidadelas.

O Movimento dos Focolares assumiu o carisma da ‘unidade’, o *Ut unum sint*⁴, que é entendido como propósito de vida, e que significa um ‘ideal’. Um sentido que não dissocia a humanidade da espiritualidade, que é transposto para a vida real e concreta do dia-a-dia no relacionamento com os outros: “[...] Cristo pode fazer de duas pessoas uma só, porque o seu amor, que é anulação de si, que é não egoísmo, faz-nos entrar no coração dos outros.” (Fondi, 2004: 26-27). Apesar do sentido teológico/religioso, este movimento não se apresentou apenas com uma originalidade ‘eclesial’, assumiu-se também particularmente como uma novidade ‘civil’, “a novidade desta espiritualidade da unidade, o seu segredo e o seu fascínio, estão no facto de que ela põe em movimento de reciprocidade e de ‘pericorese’ mútua todos os valores humanos e divinos [...] onde tudo é dom e tudo encontra na unidade o ponto de partida e de chegada” (*idem, ibidem*: 44).

No ano de 1991, durante uma viagem realizada a São Paulo, no Brasil, Chiara Lubich ficou profundamente impressionada com o contraste social entre ricos e pobres, com a miséria das favelas e a opulência dos arranha-céus. Durante a visita, Chiara Lubich sentiu a necessidade de fazer algo, como uma resposta ao dramático quadro social que aí encontrou. Com efeito, escreveria nessa altura: “[...] a pobreza e miséria que circundam a cidade repleta de arranha-céus [...] Se São Paulo, em 1890, era uma vila, e agora é uma floresta de arranha-céus, podemos ver o que é capaz de fazer o capital nas mãos de alguns e a exploração de muitos. Porque tamanha potência não se orienta para a solução dos imensos problemas do Brasil? Porque falta o amor ao irmão, porque domina o cálculo, o egoísmo... Precisamos

² Assumido também como local, casa, onde está inserida a comunidade.

³ Terminologia para ‘cidadezinhas’ locais onde os aderentes ao movimento procuram fazer a experiência de uma vida radicada nos valores e ideais desenvolvidos pelo Movimento dos Focolares. Consideradas como pequenos laboratórios de experiência e realização de vida em comunidade.

⁴ *Bíblia*, João, 17: 21. Tradução do Latim: “Pai, que todos sejam uma coisa só.”

crescer até ao ponto em que o bem caminhe por si.” (Lubich, 1991)⁵. Perante esta constatação, três factores impulsionaram Chiara a lançar um plano, inicialmente designado por ‘Projecto Brasil’⁶: primeiro, a prática contínua da comunhão dos bens no Movimento, que sempre existiu, tal e qual como nas primeiras comunidades cristãs, e que poderia ser transposta para o mundo empresarial; segundo, a publicação da *Encíclica Centesimus Annus*⁷ pelo Papa João Paulo II, na qual ele tinha convidado o mundo à solidariedade; terceiro, o suporte operacional disponível, devido à existência das ‘Cidadelas’ do Movimento em várias regiões do Brasil, onde já se faziam experiências de como uma sociedade podia ser regida por princípios evangélicos. Estas seriam as bases para se criar uma nova forma de agir na Economia e que levaram ao surgimento da Economia de Comunhão (EdC).

Esta nova teoria e acção de índole marcadamente económica, que hoje é já uma realidade em crescente desenvolvimento um pouco por todo o mundo, envolve um conceito segundo o qual as empresas/empresários que aderem a este projecto (EdC) decidem colocar livremente e em comum os lucros da sua empresa, mediante a sua redistribuição em três partes (conforme será explicitado e desenvolvido adiante) e que se divide da seguinte forma:

- 1) Capital, através de reservas monetárias a constituir para a empresa;
- 2) Ajuda aos mais necessitados e criação de novos postos de trabalho;
- 3) Apoio e sustento de estruturas e de acções de formação e de educação de ‘homens novos’.

Esta experiência, que começou a ser vivida inicialmente apenas por aderentes ao Movimento, que encontraram na EdC um modo de fazer e viver a ‘economia’ de uma forma diferente, extravasou para outros domínios sociais e pessoais, surgindo junto de toda a sociedade civil como um projecto que visa um desenvolvimento económico mais ético e sustentável.

O amadurecimento e o desenvolvimento da EdC basearam-se no princípio de liberdade dos indivíduos, o que permitiu a passagem de uma comunhão de bens entre pessoas e grupos dentro de uma comunidade para uma comunhão de bens, mais alargada, dentro de um sistema económico, mais complexo e diversificado. Procurou-se criar e reestruturar as empresas, independentemente da sua dimensão, entendidas como uma comunidade de pessoas, cujos proprietários se disponibilizariam para distribuir os lucros de forma livre e de acordo com um

⁵ Palavras proferidas por Chiara Lubich aquando da sua visita ao Brasil, in: <http://www.edc-online.org>

⁶ Primeira designação de um projecto que seria baptizado de Economia de Comunhão (EdC).

⁷ Publicada em Roma a 01.05.1991, pela ocasião da comemoração do centésimo aniversário da publicação da Carta Encíclica *Rerum Novarum* do Papa Leão XIII, em 1891.

novo critério, a ‘comunhão dos bens’. Segundo Bruni, “[a] mensagem é simples e clara: a empresa deve ser, antes de tudo, um instrumento e um lugar de inclusão e de comunhão que, enquanto produz riqueza, também se ocupa de a redistribuir e, portanto, de justiça. Se queremos, de facto, que a democracia económica e a justiça redistributiva cresçam, não podemos e não devemos confiar demais nos Estados e nos Governos. Deve ser a própria empresa, sob o impulso da sociedade civil e dos cidadãos do mundo, a desenvolver e a ocupar-se de coisas novas, daquelas ‘*res novae*’ do contexto globalizado em que vivemos. A empresa não pode limitar-se a trabalhar nos limites da lei, a pagar os impostos (mesmo quando os paga), e a fazer um pouco de filantropia para ganhar clientes. Nesta nova fase é pedido muito mais à empresa, se quisermos que a sociedade civil considere a empresa e a economia como amigas para o ‘bem comum’ [...]” (Bruni, 2011a). Foi sob este impulso que surgiram empresas com o objectivo inovador de o lucro ser colocado em comum e partilhado. Não estamos perante cooperativas ou empresas sem fins lucrativos (*non profit*), mas numa nova atitude (realidade) apoiada numa redistribuição que procura incluir os agentes directos e indirectos, que estão envolvidos localmente, e não só, onde as empresas (EdC) estão instaladas. São empresas como as outras, procuram também gerar riqueza, ainda que com o objectivo de pôr o lucro em comum, mas tem a particularidade de colocar o homem no centro do processo produtivo (i.e., o homem deve estar acima do capital), e onde a moral e a ética têm de prevalecer acima de qualquer outro interesse.

Estas empresas mantêm-se dentro da denominada ‘economia de mercado’ e, apesar de não deixarem de ser movidas também pela procura do lucro (*for profit*)⁸, possuem formas de actuação e de acção que assumem parâmetros distintos dos usuais.

“[A] EdC coloca-se numa linha de continuidade de importantes experiências de solidariedade em economia, desde as ‘*reducciones*’ dos jesuítas, na América do Sul, às casas de penhores nas cidades europeias da alta Idade Média e, sobretudo, ao grande movimento cooperativo. E nem sequer podemos evitar que se associe a EdC ao actual movimento do chamado ‘*non-profit*’ ou terceiro sector, mesmo se não é possível explicar este projecto com outros modelos como os que foram mencionados, porque as empresas EdC são empresas ‘*for-profit*’” (Fondi, 2004: 504).

As empresas EdC não são empresas sociais, têm como objecto o ‘lucro’ mas actuam no mercado, alicerçando a sua actividade em princípios e normas de conduta baseadas em

⁸ Apesar de as empresas EdC actuarem no livre mercado e terem como objectivo o lucro, o projecto não exclui nenhuma forma ou natureza jurídica empresarial, existindo também Cooperativas aderentes que, não obstante os seus fins estatutários, integram a EdC como filosofia económica.

valores éticos e morais que se encontram erigidos numa carta de princípios gerais de gestão (EdC)⁹, delineada em 1997 no *Bureau Internacional de Economia e Trabalho*¹⁰. Os princípios, agregados em sete aspectos, são assimilados às sete cores que tradicionalmente se associam ao arco-íris¹¹, identificando-se cada um por uma cor específica¹², que traduzem linhas orientadoras e de compromissos assumidos por aqueles que aderem ao projecto “[...] favorecer a concepção do agir económico como um compromisso que abrange ideias e acções, que visa a promoção integral e solidária do homem e da sociedade. Portanto, no quadro da economia de mercado, apesar de visar a justa satisfação das exigências materiais, próprias e dos outros, o agir económico insere-se num contexto antropológico completo, direccionando as suas capacidades para o constante respeito e valorização da dignidade da pessoa [...]”¹³. A adopção destes princípios tem sido, inclusivamente, vertida nos próprios estatutos de algumas empresas aderentes, validando e ampliando de forma mais plena a prospectiva empresarial e a sua aceitação pelos *stockholders*.

De acordo com os últimos dados estatísticos disponíveis¹⁴, no ano de 2010 existiam em actividade no mundo 797 empresas aderentes à EdC, 86 das quais assumiam um papel como ‘simpatizantes’ (são empresas que não se constituindo como empresas EdC adoptaram uma proximidade e colaboração com o universo das empresas que integram esta filosofia económica). Apesar de podermos encontrar empresas EdC em cada um dos cinco continentes, mais de 95% localizam-se na Europa e na América, destacando-se dois países: o Brasil (com 145 empresas) e a Itália (com 242 empresas), respectivamente, factores a que não serão alheios o local do nascimento da EdC (Brasil) e a origem do Movimento dos Focolares (Itália). Estas empresas actuam em diversos sectores de actividade e em termos de ordenamento jurídico estamos perante realidades mistas, não excluindo nenhuma natureza ou forma de organização¹⁵. Ainda segundo as fontes da matriz normativa da EdC que temos vindo a citar, as empresas são sustentadas pela procura de uma gestão integrada, numa cultura

⁹ Em apêndice, Carta de Princípios, *Vd.* Anexo A.

¹⁰ Criado em 1984, no Congresso “Economia e Trabalho uma visão cristã”, obteve o *status* como órgão consultivo junto do Conselho Económico e Social das Nações Unidas.

¹¹ Comparação que procura assumir um contexto de universalidade e unidade, tendo em consideração a beleza e a irradiação emanadas por um fenómeno da natureza.

¹² As sete cores: Princípio 1 - Vermelho; Princípio 2 - Laranja; Princípio 3 - Amarelo; Princípio 4 - Verde; Princípio 5 - Azul; Princípio 6 - Anil; e Princípio 7 - Violeta.

¹³ Preâmbulo da Carta de Princípios, *cfr.* Anexo A.

¹⁴ Em apêndice, Relatório EdC 2009/2010 (em língua italiana), pp.7-10. *Cf.* Anexo B.

¹⁵ *Vd.* Anexo B – apêndice, p. 9.

de participação e de co-responsabilidade entre os empregadores, os funcionários e as chefias, mediante a assumpção de políticas de retribuição (salários) justas e equilibradas, no respeito pelo próximo e pelo meio ambiente, promovendo um desenvolvimento que se pretende ser sustentável.

Como referido anteriormente (*cfr.* pág. 7), cada empresa ou pessoa que adere à EdC actua como um único corpo movido em direcção a um mesmo objectivo: os lucros obtidos são divididos em três partes¹⁶. Este é um dos pilares deste modelo, que tem em consideração o facto do lucro (ganho material) ser visto, não apenas como um ‘fim’, mas também como um ‘meio’ de promover a equidade e a justiça social, combatendo a pobreza e a exclusão social. Este factor é ampliado pela consignação de 2/3 dos lucros que são redistribuídos (doados).

A doação de parte dos lucros (2/3) que é assumida por cada um dos aderentes à EdC é suportada por uma liberdade de escolha (livre adesão), em espírito de gratuidade, assente em valores humanistas e em princípios de solidariedade, numa dimensão relacional que a racionalidade económica convencional não integra. Por isso, a motivação e a adopção de um ‘ideal’ por parte da EdC não pode ser apenas explicada à luz de conceitos económicos convencionais, mas tem de ser analisada sob o prisma do homem como um todo, um ser social, espiritual e relacional. É esta ‘relacionalidade’ que, ao promover uma reciprocidade, transforma os diferentes agentes em ‘homens novos’ criando uma nova cultura, converte o paradigma dominante numa nova forma de fazer e de viver a Economia.

A expressão utilizada ‘homens novos’ assume uma amplitude que é radicada numa componente formativa que não só envolve o desenvolvimento de competências e capacidades técnicas e profissionais, mas também procura integrar na formação valências educativas diversas, entre as quais a ética, a ecologia e a cultura, como fundamentos e preocupações humanistas. O conceito de ‘homens novos’ não se focaliza apenas na formação das pessoas, uma vez que para uma verdadeira mudança de comportamentos e de paradigmas é necessário concorrer para o desenvolvimento humano, contribuindo também para que o homem adquira uma consciência e uma sensibilidade humanista e social que o faça agir numa lógica fraterna e recíproca, baseada em valores éticos e morais (capacidade emocional), em factores de identidade e relacionalidade. Em última instância serão produzidas práticas mais equilibradas

¹⁶ Distribuição que se reflecte em: **capital**, através de reservas monetárias, para investimento e a consolidação da empresa no mercado, assegurando a sua existência e a aplicação de salários justos e de acordo com as leis vigentes; como **ajuda aos mais necessitados** e na criação de novos postos de trabalho; e **apoio e sustento de estruturas** e de acções de formação e educação, entendida como formação de ‘homens novos’.

e equitativas, novas atitudes e melhores relações, criando, no caso particular, uma ‘nova economia’; e, na perspectiva global, uma ‘nova humanidade’.

Foi a visão e o contacto com a realidade de um mundo desigual, onde a pobreza estabelecia antagonismos com a opulência e o supérfluo, que marcaram Chiara Lubich e a inspiraram na procura de meios e soluções para uma tão ‘grande ferida humana’, como afirma Ferrucci (2011):

“Chiara é de Trento, cidade da cooperação social: pai socialista, mãe católica, um irmão comunista: desde criança respirou a solidariedade e a atenção aos esquecidos/marginalizados, e foi quando descobriu o imenso amor de Deus para com ela e para com todos [...] O desejo de viver o [...] amor recíproco, pelo que devemos ser pelo menos dois, levou-a a arrastar consigo as suas companheiras, das reflexões espirituais às acções de imediato, [...] com elas procurou os pobres pelas ruas e em suas casas, para partilhar coisas materiais [...]”.

A atenção especial e preferencial pelos pobres sempre nutriu o Movimento dos Focolares e impeliu a criação da EdC, mesmo se os recursos materiais no início fossem espartanos. O *slogan* escolhido por Chiara Lubich na altura do lançamento da EdC, em 1991, foi: “Somos pobres, mas muitos” (Bruni, 2006). As contrariedades não impediram a adesão de muitos, mesmo existindo várias empresas que se terão constituído no âmbito da EdC e que não chegaram a sobreviver. Porém, constata-se hoje em dia uma dinâmica empresarial que mantém nos últimos anos um número de empresas em actividade relativamente estável¹⁷.

A distribuição de 2/3 dos lucros que é sempre assumida como um acto de doação, um ‘dom gratuito’, i.e., uma manifestação de gratuidade, deixou de ser adoptada desde 1998 numa perspectiva rígida (matemática). Ainda que a divisão em três partes se mantenha como aspecto e baliza participativa, a EdC confere a liberdade de os lucros poderem ser divididos tendo como base a identificação das necessidades mais prementes, deixando de estar subjacente a uma fragmentação em sentido estrito, mas como ponto de referência, de forma a alocar as verbas às diferentes necessidades. “[...] a empresa é, naturalmente, gerida de modo a promover o incremento dos lucros, que os empresários decidem, livremente, destinar, com igual cuidado [...] o critério de distribuição dos lucros da empresa não é estabelecido de forma definitiva, mas é determinado, anualmente pelos órgãos da direcção da empresa” (Molteni, *in* Bruni, 2000: 92). Tendo em consideração que nem sempre existe uma unanimidade participativa e que não se pretende criar uma adesão compulsiva junto de todos os membros societários, enquadrando-se a EdC num patamar de liberdade e de responsabilidade, está também prevista

¹⁷ Vd. Anexo B – apêndice, p.7.

para os sócios que não aderem à EdC a distribuição normal dos lucros que lhes estão consignados “[para] os sócios que não participam no projecto EdC, está prevista a distribuição normal dos lucros que lhes couberem.” (*idem, ibidem*).

O reconhecimento das carências que existem e a gestão das verbas que são angariadas através das empresas que as colocam em ‘comum’ constituíram um desafio, tendo em consideração a necessidade de se constituir e manter uma estrutura simples e que pudesse gerir a distribuição da ajuda. Assim, foi criado no Centro do Movimento dos Focolares, em Roma, um núcleo que coordena e administra as verbas pelas comunidades mais carenciadas. As pessoas a apoiar são identificadas em todo o mundo pelos responsáveis do Movimento que aí trabalham, beneficiando das redes já montadas, o que resulta na diminuição dos custos associados à gestão dos projectos e da aplicação das ajudas. Ainda que os apoios possam ser alocados a situações de emergência temporária e de forma directa às pessoas, mesmo se entendidos os apoios numa determinada forma de assistencialismo, existe sempre o objectivo de criar projectos que possuam uma amplitude social e/ou tenham em vista a criação de actividades económicas que permitam gerar rendimentos a longo prazo.

Apesar de os apoios poderem assumir o carácter referido, a EdC não defende uma política de subsídios, que, na maioria das vezes, cria um ciclo de dependência de quem pede ajuda, particularmente quando a ajuda assume o cariz monetário. “Quem trabalha para promover o desenvolvimento de países mais pobres sabe que, com muita facilidade, se pode criar uma dependência em quem recebe ajuda. Quando está em causa um auxílio monetário existe o risco de transformar-se numa saída que não liberta os beneficiários da armadilha da pobreza. A EdC sempre defendeu a exigência de ajudar os mais pobres criando oportunidades de verdadeiro crescimento humano, não fazendo beneficência, mas buscando a criação de empregos, favorecendo o desenvolvimento *in loco* de actividades produtivas eficientes” (Giovanelli, 2003). Este facto é reafirmado por Zamagni, que vê a esmola como um factor de exclusão e não de inclusão: “[...] a esmola ajuda a sobreviver, mas não a viver, porque viver é produzir e a esmola não ajuda a produzir.” (Zamagni, 2006: 12). Mas a esmola tem também um outro predicado, que é o de não gerar, por si só, reciprocidade, factor fulcral nesta economia que se pretende ser de ‘comunhão’.

De acordo com o relatório com os últimos dados relativos à EdC (biénio 2009/2010)¹⁸, o total de apoios é da ordem dos € 785.418,11, dos quais € 408.348,49 foram aplicados em projectos de desenvolvimento e assistência (actividades produtivas, criação de emprego,

¹⁸ Vd. Anexo B – apêndice, pp.28-34.

programas de habitação e integração social, apoio e cuidados médicos, etc.), € 349.415,68 em actividades de formação de ‘homens novos’ (alocação de recursos à actividade e estruturas de formação e de educação) e € 27.653,94 em custos administrativos. As verbas foram distribuídas um pouco por todo o mundo, destacando-se como principais beneficiários três países/zonas: Brasil (América do Sul), Filipinas (Ásia) e vários países da Europa do Leste. Dentro dos projectos apoiados sobressaem as actividades produtivas, a escolarização, a integração, o apoio na saúde e na habitação, correspondendo a uma ajuda que apoiou directamente 1390 pessoas.

Será redutor pensar que, em 2010, as ajudas abrangeram apenas 1390 pessoas. Ainda que, de forma directa, seja esta a contabilidade, existe um envolvimento (relacional e fraterno) com cada uma das pessoas que extravasa e se expande numa reciprocidade em que é difícil contabilizar todos os envolvidos.

Os desafios que se colocam actualmente à Humanidade e as respostas de que a sociedade tanto necessita tornam relevante e pertinente a discussão de novos conceitos e formas de acção concretas, particularmente perante a crise económica e financeira que estamos a viver. O duelo é ainda mais global do que inicialmente se podia julgar: não só precisamos de uma nova economia como devemos abranger outras realidades, como é o caso da ecologia, do nosso relacionamento com o meio ambiente e os ecossistemas, uma vez que, no mundo, a interdependência é maior do que se pode imaginar à partida.

Ao longo da história económica encontramos percursos e pessoas que procuraram respostas para os diferentes desafios que, em cada época, afligiram a sociedade. Investigadores e pensadores que nos seus tempos tentaram promover uma mudança de comportamentos e alterações aos paradigmas então vividos permanecem nos anais da história pelo esforço e pela capacidade para alterar e melhorar o curso de uma sociedade que se transformou e globalizou, mas que mantém, ainda hoje, grandes e perigosos desequilíbrios sociais e humanos.

O passado revela um percurso no qual a EdC encontra várias reminiscências.

O próximo ponto apresenta uma síntese da evolução das ideias económicas, com o propósito de evidenciar a pluralidade de caminhos através dos quais a ciência económica se desenvolveu e, nesse sentido, evidenciar propostas e teorias nas quais os valores da reciprocidade e do interesse comum surgem como alternativa ao individualismo e ao interesse próprio.

3. O interesse próprio e o interesse comum: breve panorama da história das ideias económicas

“Nenhuma ciência humana, [...] nem mesmo a ciência económica, pode prescindir de uma visão do homem, de uma antropologia. Na corrente dominante da ciência económica essa visão é incorporada sobretudo pela ideia de ‘racionalidade económica’.”
Luigino Bruni, 2003

Identificamos na História marcas importantes e significativas relativamente a visões alternativas dentro da Economia, entre as quais podemos incluir também a Economia de Comunhão (EdC).

A palavra economia tem origem nos vocábulos gregos *eco* (casa/lar) e *nomia* (*nomos*/regra) e pode ser entendida como ‘as regras da administração do lar’. Podemos desde logo estabelecer uma ligação entre a economia e os ‘lares’ (famílias) numa amplitude espacial na qual se insere a sociedade (casa comum).

É na Grécia de Platão¹⁹ que encontramos o primeiro debate filosófico sobre a verdadeira natureza do ‘bem-estar’, e a questão dos interesses, na qual o êxito não é visto em termos da posse de bens materiais ou da aquisição de dinheiro em benefício próprio. Platão, em *A República*²⁰, delineia uma comunidade ideal, dividida em três classes e na qual a classe inferior, correspondente aos artífices e agricultores, trabalharia para obter rendimento. Já os guardiões e os governantes (classe superior) teriam de viver em comunidade, sem possuírem bens próprios, livres do factor corruptor do dinheiro, ficando assim aptos a governar de forma sábia e justa. Mas a ideia de posse comum de Platão seria rejeitada por Aristóteles²¹, segundo o qual as pessoas não partilhavam equitativamente o trabalho que era necessário realizar, uma vez que os que trabalhavam arduamente viam com maus olhos os que pouco ou nada faziam e que, por seu turno, recebiam e consumiam muito. Ainda assim, a posse de bens era considerado algo legítimo. Aristóteles distinguia a forma natural de aquisição de bens como o

¹⁹ Platão (428 – 347 a.C.): Filósofo grego, escreveu várias obras em forma de diálogos, dos quais destaco *A República*, *Fedro*, *Cármides* e *Críton*, abordando temas como a Ética, a Política e a Metafísica.

²⁰ Obra escrita por Platão, entre os anos 380 e 370 a.C., que aborda vários temas centrados na Justiça.

²¹ Aristóteles (384 – 322 a.C.): Filósofo grego, escreveu várias obras que contribuíram para o conhecimento nas áreas da Ética, Política, Física, Lógica, Retórica e Biologia.

fornecimento de meios de subsistência ao agregado familiar, vendo o dinheiro como uma forma de prover a este dever. Todavia, fazer dinheiro seria um meio para alcançar um fim, e não o fim em si mesmo. Considerava que algumas pessoas confundiam os meios com o fim, pois acreditavam que o dinheiro era riqueza. Aristóteles entendia ser natural a aquisição de bens para satisfazer as necessidades; já quanto ao processo de aquisição de dinheiro através de dinheiro, não o considerava natural, porquanto os homens, para o obter, acabavam por subtrair-lo a outros homens²². Aristóteles considerava o dinheiro estéril se fosse obtido a partir do dinheiro, como, por exemplo, através da usura; no entanto, se fosse obtido a partir da produção agrícola ou animal, tendo assim origem a partir da natureza, seria considerado natural e, como tal, imanente à Humanidade.

A usura foi também condenada pela tradição judaico-cristã. Encontramos referências a esta posição no Antigo e no Novo Testamento, onde os actos de usura não são vistos como uma atitude correcta por parte de alguém que vive em comunidade, apesar de se considerar a possibilidade de empréstimos, desde que sem o recebimento de algo em troca. Este preceito, presente na Bíblia, vai mais longe ao considerar todos os seres humanos como irmãos, logo, uma comunidade na qual não devem existir pobres “[não] emprestes ao teu irmão com juros, quer se trate de empréstimos em dinheiro, alimentos ou qualquer outra coisa”²³ e “[Vós], porém [...] fazei o bem e emprestai, sem esperar coisa alguma em troca”²⁴. Este conceito de um só povo, de uma única família, tem na esperança de vida eterna, consubstanciada no Reino de Deus, um caminho de vida ascética com o cumprimento de deveres e obrigações assentes num código de Ética e Moral, segundo o qual ninguém deverá fazer ao outro aquilo que não faz a si mesmo, i.e., ninguém deverá prejudicar ou magoar o outro. Este facto é considerado uma regra de ouro, presente em várias religiões (não só a cristã): “Ama o teu próximo como a ti mesmo”²⁵. Apesar do despojamento dos bens materiais e da vivência comunitária dos cristãos primitivos, no início do século V encontramos alguns indícios na modificação das

²² Aristóteles, *Política*, p.43-44: “algumas pessoas são levadas a crer que fazer dinheiro constitui o objecto da gestão doméstica e pensam que tudo o que há a fazer na vida é aumentar o seu pecúlio sem limites [...] alguns homens transformam qualquer qualidade ou arte num meio de fazer dinheiro: concebe, isto como o fim, e todas as coisas têm de contribuir para a promoção do fim”.

²³ *Bíblia*: Deuterónimo, 23: 20.

²⁴ *Bíblia*: Lucas, 6: 35.

²⁵ *Bíblia*: Levítico, 19: 18 e Gálatas, 5: 14. Também encontramos o mesmo simbolismo nos livros sagrados do Judaísmo (Tora) e do Islamismo (Corão).

atitudes. Agostinho²⁶, Bispo de Hipona, não via na riqueza (propriedade) um pecado, mas sim uma dívida de Deus. Considerava que o mal residia no apego material (o amor aos bens), pois este correspondia a um sentimento de divisão e de certa forma fraticida, por impedir a comunhão com os demais e ser, por isso, contrário à vontade de Deus.

No século XIII, com o surgimento das universidades, dá-se a redescoberta da obra de Aristóteles pelos escolásticos, como Tomás de Aquino²⁷, que desenvolveu um vasto trabalho centrado na questão moral, debruçando-se sobre a Economia e a cobrança de juros, e a perspectiva da Igreja sobre a usura²⁸. Tomás de Aquino segue uma linha que se afasta do elogio ao despojamento dos primeiros cristãos e que procura compatibilizar o direito à propriedade com a moral cristã. Defende que existem coisas que podem ser adquiridas para a satisfação das necessidades, enquanto as outras, se forem por nós adquiridas e retidas, serão consideradas excedentárias, logo, supérfluas. Apesar de consagrar o direito à propriedade (posse de bens), defende que esta deve ter limites, uma vez que a posse em excesso é considerada um excedente e, como tal, destinada àqueles que não têm o suficiente, por isso os bens devem ser ‘postos em comum’. Tomás de Aquino considera a existência de um direito natural aos bens por parte de todos os homens, pelo que quem retira mais do que verdadeiramente precisa, está necessariamente a subtrair a quem também tem direito e, dessa forma, deixa de poder dispor desses bens. Surgem aqui novos conceitos sobre a escassez dos bens e a sua redistribuição pelos indivíduos, os quais, vivendo em comunidade, são próximos entre si pelo vínculo filial a Deus (nascidos de um único Pai), logo, herdeiros de uma mesma herança: a Terra. O avanço no pensamento económico marcado pelo ressurgimento das ideias da filosofia clássica grega e a escolástica demonstram bem o importante elo que existe entre a Economia e a Moral, e a sua importância para o conhecimento e os valores.

²⁶ Aurélio Agostinho (354 – 430): conhecido por Santo Agostinho, Teólogo e Escritor, foi Bispo de Hipona entre 396 e 430. Considerado Doutor da Igreja Católica, influenciou o pensamento daquela época, particularmente em termos da visão do homem medieval. Nos seus escritos encontramos obras marcantes, como *Confissões* (397 – 398) e *A Cidade de Deus* (413 – 426).

²⁷ Tomás de Aquino (1225 – 1274): Padre Dominicano e Teólogo italiano. Considerado Doutor da Igreja Católica, foi um expoente da escolástica, sistematizou o conhecimento filosófico e teológico da sua época através de duas obras, *Summa Contra Gentiles* (1258 – 1264) e *Summa Theologica* (1265 – 1274).

²⁸ *Summa Theologica*, obra escrita por Tomás de Aquino, que trata de questões subordinadas à natureza de Deus e demais questões morais.

A visão ‘pecaminosa’ do dinheiro (usura) foi largamente alterada, designadamente com o apogeu da Reforma Protestante, iniciada por Martinho Lutero²⁹ no século XVI. Aliás, a contradição entre teoria e prática manifestada pelos membros da Igreja, particularmente quanto ao dinheiro e à actividade mercantil (incluindo a actividade creditícia), representou uma das linhas de pensamento promovidas pelo Protestantismo, chegando a enaltecer as virtudes e a graça da riqueza como um ‘bem’ divino. João Calvino³⁰, na mesma linha protestante, defende a actividade mercantil como factor de desenvolvimento humano, assumindo que a usura (crédito) incentiva a produção e, com isso, beneficia o homem. No entanto, esta actividade deve respeitar o próximo, dentro de uma ‘regra de ouro’, e só será iníqua se prejudicar o ‘outro’. Esta profunda alteração na mentalidade acaba por afastar a ideia de que a usura é um mal temível, perante Deus, promovendo o seu desenvolvimento e contribuindo para o florescimento da burguesia. Este foi um dos principais factores da enorme transformação na civilização ocidental, ao marcar o início do declínio de uma sociedade marcadamente feudal e ao promover uma alteração da perspectiva sobre o conceito e as atitudes relativas à riqueza.

O nascimento da ‘economia de mercado’, tem como expressão o conceito de ‘empresa moderna’, que, segundo Zamagni (2006), “é o de dar a todos a possibilidade de produzir para o bem comum”, e sucede na época do humanismo civil (anos 1400). Todavia, mais tarde, com a Revolução Industrial acontece uma mudança profunda, que se dá com a colocação da máquina e do capital no centro da actividade económica, e assiste-se a uma gradual desvalorização do papel assumido pelo ‘elemento humano’ na cadeia de produção. O sujeito do desenvolvimento passa a ser o ‘capital’ em substituição do homem. Esta situação tem como consequência a implementação de um novo paradigma de desenvolvimento económico.

Com efeito, o desenvolvimento do comércio e a industrialização dos processos produtivos conduzem a uma mudança no paradigma filosófico, acompanhada de uma alteração profunda na organização e estratificação das sociedades. A transição das linhas de

²⁹ Martinho Lutero (1483 – 1546): Monge Dominicano, Teólogo alemão, autor da Reforma Protestante, promoveu a reforma do Cristianismo e do pensamento civilizacional, sendo famosa a sua posição quanto à prática das indulgências praticadas no seio da religião e tendo iniciado um processo de cisão com a Igreja Católica.

³⁰ João Calvino (1509 – 1564): Teólogo francês, teve uma influência muito grande durante a Reforma Protestante, uma vez que a sua linha de pensamento assumiu directrizes muito próprias, sendo designada por Calvinismo.

pensamento que haviam sido dominadas pelo Cristianismo (Catolicismo) até ao século XVI, alterada com a Reforma Protestante, foi ampliada pelo Iluminismo (século XVIII).

Já no século XVIII, Adam Smith³¹, através da sua obra *A Riqueza das Nações* (1776), promove um debate de ideias sobre a riqueza e o progresso das sociedades, no qual a preocupação ética está subjacente à optimização do bem-estar. Após a publicação desta obra, a Economia Política torna-se o centro da reflexão sobre a ‘riqueza’, englobando o estudo da conduta e do comportamento do indivíduo em sociedade. Neste campo distinguem-se Jeremy Bentham³² e John Stuart Mill³³, que desenvolveram o pensamento sobre o princípio da utilidade e a sua aplicação a diversos campos da sociedade, como a política, a justiça e a economia. A prossecução de fins/objectivos que se propõem os indivíduos depende dos meios (recursos) que estão ao dispor na sociedade, pelo que a sua escolha constitui um problema. Desta forma, as questões sobre a riqueza cruzam-se necessariamente com a escassez e a repartição dos recursos. Esta questão coloca o cerne da discussão na identificação da melhor escolha (a solução óptima) pelo indivíduo para concretizar o seu desejo (interesse). O conceito que se prende com a ‘racionalidade instrumental’ (Mill, 1836) significa que a escolha do indivíduo reflecte uma atitude ‘racional’ e que aquele, prosseguindo o (seu) interesse próprio, procurará utilizar os melhores meios/instrumentos para atingir o fim, identificado como a busca de riqueza.

O Utilitarismo é defendido como um princípio ético segundo o qual se determina o benefício obtido para a sociedade (o colectivo), decorrente da adopção de uma decisão/acção. Assim, uma decisão é tanto melhor e mais correcta quanto maior for a sua utilidade (o benefício) e o bem-estar obtidos. O critério de juízo moral é a promoção de utilidade, ou seja, a felicidade do indivíduo e da comunidade.

³¹ Adam Smith (1723 – 1790): Economista e filósofo. Defensor de várias ideias, contribuiu para o liberalismo económico, através de várias obras, das quais destaco *Teoria dos Sentimentos Morais* (1759) e *Riqueza das Nações* (1776).

³² Jeremy Bentham (1748 – 1832): Filósofo e jurista inglês. Defensor do Utilitarismo enquanto teoria ética, procurou responder a questões como “o que fazer” e “como viver”, tendo em perspectiva a maximização da utilidade e o alcance da felicidade.

³³ John Stuart Mill (1806 – 1873): Filósofo e economista inglês, foi um seguidor do utilitarismo. Distinguiu-se como pensador liberal numa sociedade marcadamente conservadora, na defesa de direitos universais, particularmente para as mulheres e crianças, e no desenvolvimento da Economia, para o qual a sua obra *Princípios de Economia Política* (1848) representa um inestimável contributo.

Mill desenvolveu um estudo sobre diversas questões sociais, tendo sido um inovador e precursor na abordagem de muitos temas, considerando a época em que viveu. A sua obra *Princípios de Economia Política* (1848), marcou a evolução no liberalismo económico e representa uma transição entre uma corrente económica que dava maior realce aos aspectos ligados à produção da riqueza e outra que conferia maior ênfase aos aspectos ligados à distribuição da riqueza, incluindo a influência do socialismo. A divisa do interesse próprio *versus* interesse colectivo e a obtenção de um bem-estar comum, a acção colectiva, a universalização da educação e a emancipação da mulher na sociedade, são vistos por Mill como um caminho para se alcançar um verdadeiro estado democrático, no qual o desejo de riqueza deixe de existir por não haver mais pobreza.

A industrialização e a mecanização da produção trazem um crescimento exponencial da riqueza que até aí estava concentrada em métodos e técnicas arcaicas. O pensamento socialista surge no século XIX e é formulado por vários pensadores, como Saint-Simon³⁴, Charles Fourier³⁵ e Robert Owen³⁶, denominados socialistas utópicos por Marx³⁷, que contrapõe ao seu socialismo científico. Existem traços comuns a ambas as correntes, nomeadamente a procura de produzir um reformismo numa sociedade em crise, e que seria acolhida com a boa vontade e a participação de todos. Já Saint-Simon enuncia a defesa dos interesses gerais do colectivo, que seria defendida por uma estrutura que se substituiria ao governo (tido como um mediador inútil) nas relações e na administração do bem comum e que se constituiria como garantia de uma sociedade fraterna, tendo como imperativos a justiça social e a liberdade. Fourier e Owen propõem o cooperativismo como forma de colocar os meios de produção ao serviço dos trabalhadores, pondo em prática os ideais socialistas. O objectivo é melhorar as condições de vida e de trabalho da população que, com a industrialização, se tinha tornado uma classe operária com condições de vida miseráveis e que, por seu lado, contrastava com uma classe ‘capitalista’, representada por patrões e

³⁴ Claude-Henri de Rouvroy, Conde de Saint-Simon (1760 – 1825): Filósofo e economista francês, foi um dos fundadores e teóricos do socialismo utópico, preconizava o pagamento justo e adequado pela retribuição prestada pelo trabalho.

³⁵ Charles Fourier (1772 – 1837): socialista francês, foi um dos fundadores do cooperativismo.

³⁶ Robert Owen (1771 – 1858): considerado um reformista escocês, fundador e teórico do socialismo utópico e do cooperativismo, assumiu uma posição frontal de crítica ao capitalismo.

³⁷ Karl H. Marx (1818 – 1883): intelectual e revolucionário alemão, filósofo, economista, político, historiador e jornalista, foi o fundador da corrente comunista moderna, autor da obra *O Capital*, publicada pela 1.ª vez em 1872, na Rússia.

empresários que os exploravam, criando um fosso e um antagonismo sociais. Encontra-se em qualquer um dos defensores um fio condutor que se pauta pela constatação de que a realidade vivida naquele tempo não podia continuar, porquanto o capital e a propriedade privada estavam a espoliar a humanidade, produzindo uma relação desigual entre ‘semelhantes’ que, através de grilhões de injustiça, impedia o povo de ser livre, eventos contrários aos ideais da igualdade, da liberdade e da fraternidade (Revolução Francesa). O socialismo apareceu como resposta ao capitalismo e constituiu-se como base da Economia Social, que ganha expressão através do associativismo, das mutualidades e das cooperativas, criadas como alternativas produtivas à economia capitalista, e dos sindicatos e do colectivismo, que se erigem como alternativa às grandes corporações, agregadas num terceiro sector da economia. Em qualquer uma das diferentes formas de organização mencionadas, o princípio subjacente traduziu-se na igualdade, na cooperação, na participação democrática e no interesse comum.

Os problemas sociais agudizar-se-iam nos finais do século XIX e no século XX. O aumento da pobreza e da insustentabilidade social conduzida pelo paradigma seguido pela sociedade foi ampliado pela instabilidade política mundial, de que a I Guerra Mundial e a crise bolsista nos anos 1930 são exemplo, e que contribuíram para a Grande Depressão e conduziram o mundo a uma encruzilhada anunciada como o fim do capitalismo. A crise que pôs em evidência as vulnerabilidades do sistema dominante, promove a necessidade de estudar as suas origens para que se possa encontrar soluções concretas e eficazes para debelá-la. Como a corrente neoliberal não encontrava respostas que explicassem o problema, surgem alguns economistas, de entre os quais a maior expressão foi assumida por John Maynard Keynes³⁸, que defende a intervenção activa do Estado na economia e procura dessa forma controlar a queda do investimento e do consumo. Crítico da Economia Clássica, Keynes procura combater a depressão numa perspectiva de criar o pleno emprego, defendendo a ‘procura agregada’ como factor determinante na criação de emprego e de prosperidade. Os vectores fundamentais dessa procura agregada seriam assumidos pelo consumo e pelo investimento, nos quais contrastam factores objectivos e subjectivos com implicações na forma como os mesmos são influenciados.

A sociedade foi percorrida pelas políticas Keynesianas até meados de 1970, altura em que se regista um crescimento económico inigualável. A intervenção do Estado, ainda que

³⁸ John Maynard Keynes (1883 – 1946): Economista inglês, exerceu grande influência no desenvolvimento da macro-economia. Defensor do intervencionismo do Estado na Economia através de medidas fiscais e monetárias como factor de estabilização dos diferentes ciclos económicos.

não unânime, incute estabilidade e confiança aos mercados que, apesar de tudo, não se desenvolveram de forma igual em todo o mundo. A Escola Austríaca e a Escola de Chicago, pautadas por Friedrich Hayek³⁹ e Milton Friedman⁴⁰, respectivamente, adoptam correntes divergentes do paradigma que vinha sendo seguido. A eclosão das crises petrolíferas nos anos 1970 potenciam uma recessão económica mundial e colocam ‘em cheque’ o papel do Estado na economia, como consequência, as políticas Keynesianas, derivando na discussão e busca de alternativas. A procura de alternativas é facilitada pelos pensamentos daquelas duas escolas, que defendem a redução da influência do Estado na economia, com uma desregulamentação e a privatização de serviços. Ambas as escolas insurgem-se contra as políticas de Keynes, particularmente quanto à inutilidade e à intervenção do Estado, tendo influenciado o pensamento económico que se seguiu até hoje. Ainda que hegemónico, o liberalismo não unificou a economia, existindo uma diversidade e pluralidade no pensamento, que age de forma positiva e demonstra o quanto aquela ciência está viva. Um desses sintomas é o desenvolvimento e a interacção que se verifica entre a economia e as diferentes ciências, em particular com a Ética e a Moral, que voltam a assumir um papel de relevo no confronto de ideias e na procura de respostas.

A breve resenha histórica das últimas páginas permite ver que ao longo dos tempos se cruzaram muitas ideias e desafios perante as diferentes realidades com que a sociedade se defrontou. Sendo certo que não existem verdades insofismáveis e muito menos respostas únicas, e que o estudo económico não pode basear-se apenas numa linha de pensamento específica, nem ter apenas em consideração a componente racional dos indivíduos e da sociedade como mensuração, devendo abranger também o factor relacional, chegamos à conclusão de que não podemos dissociar a análise económica dos aspectos comportamentais. A pesquisa e o estudo da economia envolvem, por isso, a questão dos ‘interesses’ e a forma como se articulam e traduzem o interesse próprio (individual) com o interesse comum (colectivo).

Fazendo parte integrante do pensamento em Economia, o surgimento da EdC não pode deixar assim de ser analisada tendo em consideração o percurso histórico que o ‘interesse

³⁹ Friedrich Hayek (1899 – 1992): Economista austríaco, prémio Nobel da Economia em 1974, exerceu grande influência na Escola Austríaca, com proeminência no desenvolvimento do pensamento liberal.

⁴⁰ Milton Friedman (1912 – 2006): Economista norte-americano, prémio Nobel da Economia em 1976, foi membro da Escola de Chicago. Influente teórico do liberalismo, tem no monetarismo o fundamento das políticas económicas, defendeu o ‘mercado livre’, no qual o Estado devia ter poderes limitados.

comum’ e o ‘interesse próprio’ fizeram e que acompanham o homem desde que começou a viver em sociedade. O impacto da EdC na sociedade e os relacionamentos que tem promovido geraram uma discussão que ultrapassa as ideologias, pois coloca o homem em primeiro lugar. Ainda assim, temos de levar em conta as suas raízes, que seguem uma linha preconizada por princípios e valores apresentados pela Doutrina Social da Igreja (DSI), como veremos detalhadamente no próximo capítulo. Mas a novidade da EdC radica no facto de se estender para além das ‘crenças e convicções de cada um’, pois procura actuar como um projecto de acção que pretende abarcar toda a sociedade e os seus intervenientes na busca de um agir económico global, orientado para a promoção integral do Homem independentemente da sua fé, e na procura do bem (interesse) comum. A simbiose que tenta promover entre o interesse próprio e o interesse comum traduz uma nova realidade relacional, que ultrapassa a alçada empresarial ampliando-se ao meio envolvente, apresenta-se como espaço de diálogo e fraternidade com todos aqueles que, directa ou indirectamente, estão envolvidos, e coloca a Ética como um precursor económico.

A questão dos interesses e a sua análise pela EdC não pode deixar de contemplar o afastamento sofrido pela Ética, com a sua separação de algumas ciências e, no caso particular, da Economia. A Ética foi ‘expulsa’ da Economia e viu-se relegada para campos de estudo mais limitados, como o religioso e/ou teológico, o que fez que, no último século, muitas vezes, não houvesse uma confrontação com os problemas de natureza relacional, ao contrário do que já sucedera no passado. Ainda que a Ética tenha subsistido sem a Economia, assiste-se a um clamor crescente para que a Economia assuma cada vez mais os valores morais e éticos. Estes aspectos são reforçados considerando que são inerentes à natureza humana, e que desde logo, influenciam o campo social, pois verifica-se que todo o ser humano, independentemente das suas crenças e/ou ideais e mesmo seguindo convicções éticas não convencionais, não deixará de viver e de agir de acordo com determinados padrões éticos.

“[...] a noção de viver de acordo com padrões éticos está ligada à noção da defesa da forma como se vive, de dar uma razão para tal, de a justificar. [...] uma pessoa pode fazer todo o tipo de coisas [...] viver de acordo com padrões éticos, se for capaz de defender e justificar o que faz [...] se pensar, por qualquer motivo, que o que faz é um bem.” (Singer, 2000: 26).

A propensão dos indivíduos para agir de forma ética ou de acordo com uma determinada moral não tem necessariamente de obedecer a um manual/código de conduta específico, uma vez que aquelas características fazem parte da sua ligação com a sociedade: “[as] mesmas pessoas que são altruístas para com os altruístas, são também levadas a castigar

aqueles que forem incorrectos para com elas [...]” (Rabin, 1993: 1281). Daqui podemos inferir que os diferentes comportamentos têm sempre por detrás diferentes padrões sociais que são sempre cerceados pela envolvente social, pelo que a adesão a determinadas correntes e/ou ideias com um cariz marcadamente social não deixa, por si só, de constituir uma base para a tomada de decisão que, em última instância, afecta um grupo mais vasto (colectivo) que o do próprio (indivíduo).

Em suma, os comportamentos e os valores, e a influência que têm nas decisões dos indivíduos, contribuem para decidir o meio pelo qual podem ser satisfeitos os interesses (desejos) de cada um, sendo certo que qualquer decisão que seja tomada tem impacto nas vontades dos outros e também na esfera comum.

Tendo em consideração o que já foi afluado, não será pretensioso enquadrar a EdC como uma corrente ‘antiutilitarista’, na medida em que recusa uma leitura exclusiva de ‘racionalidade instrumental’, antes acolhe uma leitura mais integral do homem, numa abrangência existencial e relacional deste enquanto ser social (que advém, como se irá ver, das suas fontes inspiradoras), acrescentando o *homo donator* na equação. Todavia, a EdC não representa uma crítica pura, e muito menos opositora à visão da ortodoxia económica, mas adopta uma postura mais integradora, consensual e humanista, acrescentando a componente relacional e comportamental através de um ambiente de diálogo e de unidade.

Assim sendo, fruto da sua matriz ‘cristã’, a EdC encontrou na ‘regra de ouro’, considerada universal, que é atribuída a Moisés e que se encontra no Livro do Levítico (como aliás já foi aludido e será detalhado mais à frente no próximo capítulo), uma frase também repetida por Jesus Cristo, e que diz que devemos ir para além do nosso interesse pessoal (individual) e ‘amar o nosso semelhante como a nós mesmos’ – na prática redundando no facto de atribuirmos aos interesses alheios (comuns) a mesma importância que damos aos nossos (próprios).

4. Economia de Comunhão: valores e inspirações

“ A Economia de Comunhão nasceu para um dia dar este exemplo: ser um povo onde não existam mais pobres.” Chiara Lubich, 2001

A EdC utiliza como expressão central o ‘dar’ no sentido de ‘ser’, noutras palavras, revela uma concepção de cariz antropológico, que não defende um individualismo nem um colectivismo, mas uma ideia de comunhão. Porém, nem todo o tipo de ‘dar’ leva à ‘cultura do dar’; existe um ‘dar’ que está contaminado pela vontade do poder, que está carregado pelo desejo de dominar, em que o princípio é oprimir os indivíduos e os povos. Existe também um ‘dar’ utilitário, interesseiro, que busca o seu próprio proveito, uma satisfação. Mas existe, por outro lado, um ‘dar’ a que os cristãos chamam de evangélico; este ‘dar’ abre-se ao outro, à pessoa integralmente, respeitando a sua dignidade, e que pode suscitar também no campo empresarial a ideia do “dai e ser-vos-á dado” evangélico, assumindo-se neste caso como sujeito/elemento a ‘empresa’ (porquanto uma empresa, mesmo se correspondendo a uma realidade complexa e muitas vezes disfuncional, é composta por um agregado de pessoas).

A EdC pretende, assim, oferecer e constituir uma realidade diferente, uma nova ‘cultura do dar’, que também não se confunde com a filantropia nem com o assistencialismo, ambas características de uma abordagem mais individualista, mas mais abrangente. Pretende-se que a essência seja a ‘comunhão’.

“Este elemento novo do ‘dar’, que devia entrar na economia, era o ultrapassar a cultura do egoísmo, da acumulação, levando a uma cultura de relacionamento que entrava no circuito da produção de bens, a comunhão, a partilha. O dar adquiria uma valência de tipo não só espiritual mas cultural e até económico. Era fazer entrar uma nova mentalidade que colocava em prática uma partilha dentro da própria estrutura da economia. Era um dar que não provinha de uma ‘ordem superior’, mas sim um reconhecimento de que o outro tinha um ‘direito à Comunhão’; era um pôr em actividade uma ‘circulação’: - o dar tornava-se recíproco: receber era também dar porque era ‘dar a sua própria necessidade’. O dar bens económicos ou bens relacionais tornava-se uma partilha em um único circuito relacional em que as pessoas se encontravam com o mesmo ‘nível de dignidade’. Nestes anos foram aprofundadas todas as características do ‘dar’, a gratuidade, a simplicidade, a alegria, a alteridade [Nt: colocar-se no lugar do outro], o altruísmo... Todos os aspectos de um modo de ser que depois se tornava numa acção: o ‘*homo donator*’, o homem que sabe doar, sabe dar, sabe partilhar [...]” (Araújo, 2011).

A EdC integra a convicção de que a difusão de uma ‘cultura do dar’ pode alterar o comportamento social e económico, encarando o ‘colectivo’ como factor de acção, a empresa

como um elemento activo social, onde os pobres são considerados um valor e não um problema, criando bases para um desenvolvimento económico e social. A empresa é vista como um instrumento e um lugar de inclusão e de comunhão que, enquanto produz riqueza, também se ocupa de a redistribuir e, portanto, de justiça, como reafirma Vera Araújo (*Op cit.*). Aliás, os pobres e a pobreza constituem desde sempre o objecto central da EdC, onde a cativação e a aplicação dos 2/3 dos lucros assumem um papel que suporta economicamente o projecto assumido na projecção da ‘cultura do dar’.

“[...] o projecto da ‘Economia de Comunhão’ nasceu como uma medida para lutar contra situações concretas de pobreza e, desde o primeiro momento, o dinamismo do ‘dar’ está no seu centro. Os lucros, tradicionalmente considerados como propriedade legítima dos patrões e accionistas, tornam-se - generosamente - recursos para processos bem definidos: para ajuda imediata dos pobres, para o saneamento do tecido social a longo prazo (formação na ‘cultura do dar’) e para o reinvestimento da empresa” (Burckart, 2000: 73).

Numa análise prévia, parece existir na EdC um ‘dar e receber’ que é independente do que se irá receber em troca (recíproco). No entanto, estando a analisar a ‘reciprocidade’ na EdC, e a sua perspectiva num plano mais amplo que engloba a Economia Solidária, como conseguimos validar e aferir este valor?

Os valores e as inspirações que norteiam a EdC revelam e permitem enquadrar o seu campo de actuação, evidenciando-a como proposta alternativa na divisa económica. Veremos mais à frente, que uma das principais características da EdC encontra-se num princípio de doação, na adesão livre, voluntária e numa atitude gratuita de identificação e ajuda ao outro, e que a existência de uma troca não redundava necessariamente num elemento ‘equivalente’, sendo este o elemento muitas das vezes de tipo ‘não equivalente’.

4.1. Identificação dos valores da Economia da Comunhão

“A experiência da Economia de Comunhão, cujas características derivam do estilo de vida do qual nasce, coloca-se ao lado das numerosas iniciativas individuais e colectivas, que procuraram e procuram ‘humanizar’ a economia [...]”
Chiara Lubich⁴¹

Os princípios que inspiraram a Revolução Francesa, como a Liberdade, a Igualdade e a Fraternidade, marcaram uma transição social, económica e política para uma sociedade que se pretendia mais justa e equitativa. A acção colectiva constituiu desde muito cedo uma marca social, que foi traduzida na conjugação da vontade de várias partes, com objectivos e interesses comuns. O espírito comunitário da acção colectiva (de pertença a uma ‘família’) foi a base no passado para um caminho de justiça e igualdade (que também é adoptado pela EdC) e pode ser considerado hoje como um percurso que almeja contribuir para o desenvolvimento social e o bem-estar da humanidade, onde se encontra uma agregação colectiva, mesmo se com objectivos diferenciados.

A reflexão por parte da própria Igreja Católica, ao assumir um papel mais activo no pensamento ‘social’, traduzida pela publicação, no dealbar do século XIX, da Carta Encíclica *Rerum Novarum* [nt. sobre a questão operária]⁴², trouxe o que viria a constituir a base da Doutrina Social da Igreja (DSI)⁴³. A Igreja criou assim as bases para um diálogo com o mundo do trabalho e as preocupações laborais.

A Doutrina Social da Igreja (DSI) constitui um conjunto de ensinamentos que estão contidos em Cartas Encíclicas e vários documentos emanados pela Igreja Católica. Enriquecida pelos pensamentos dos Padres da Igreja desde os primeiros séculos do Cristianismo, ganhou a expressão como resposta à crise social vivida pelo proletariado e contra

⁴¹ Cit. Chiara Lubich, *A experiência Economia de Comunhão: A partir da espiritualidade da unidade - uma proposta de agir económico*, in Bruni, 2000, p.13.

⁴² Publicada em Roma a 15 de Maio de 1891, no 14.º ano do Pontificado de Leão XIII.

⁴³ A Doutrina Social da Igreja (Católica) é actualmente um compêndio de vários ensinamentos e documentos da instituição, no qual vêm sendo incluídas várias encíclicas que abordam as questões laborais e sociais. Esta obra iniciou-se com a encíclica *Rerum Novarum*, que se debruçou sobre a questão operária da época e a busca de uma ordem social mais justa.

as diferentes correntes que procuram relegar e secundarizar o papel do homem na sociedade (capital e trabalho).

Constituída como carta magna dos cristãos no campo social, busca uma ordem social justa, rejeita as ideias totalitárias e ateias, assume o princípio da colaboração em detrimento da luta de classes, o direito à associação e à participação, e a aplicação da justiça através da caridade, defendendo ainda o direito à propriedade e à dignidade pelos mais fracos e desfavorecidos, para além do dever e das obrigações dos mais ricos. Assumindo o destino universal dos bens e da dignidade da pessoa humana como fundamento, reafirma a opção preferencial pelos pobres, assente numa doutrina do ‘bem comum’, que se norteia pelos princípios da subsidiariedade e da solidariedade e pelos valores fundamentais da verdade, da liberdade e da justiça.

A introdução do conceito de justiça social pela DSI, que propugnou a propriedade privada, desde que tivesse em consideração o princípio do destino universal dos bens, procurou restabelecer a ligação entre a ética e a economia, baseando-se na solidariedade, dignidade e liberdade da pessoa humana, expressando ainda o princípio da subsidiariedade como meio para abarcar o ‘bem comum’.

Com o surgimento da DSI renasceu o conceito de ‘bem comum’, propondo-se a defesa do destino universal dos bens e da dignidade da pessoa humana. Recolocando o homem no centro da questão e assumindo um papel de ‘reconciliação’, a DSI procurou harmonizar o interesse individual com o interesse comum, ainda que subordinado ao ‘bem comum’.

Segundo a DSI, os dois vectores da economia são a ‘justiça e a caridade social’. A justiça social abrange a justiça legal ou geral (aquela que regula a ordem social) e a justiça particular (que regula as relações entre as partes do todo social); esta última destaca duas espécies: ‘justiça comutativa’ ou ‘de contrato’, que regulamenta as relações recíprocas entre os particulares; e a ‘justiça distributiva’, que regulamenta as relações da sociedade (Langlois, 1994). Podemos, assim, definir que a justiça social compreende todas as formas clássicas de justiça, assumindo-se como componente moral da sociedade económica. A caridade social é assumida pela DSI como o elo do cidadão com os outros cidadãos, não nas esferas íntimas ou interpessoais, mas como um vínculo institucional que está aberto à comunidade (*idem*: 214-215). Este conceito não é intuído como um acto sobrenatural ou uma virtude teologal, antes como um ‘amor social’, que traduz um laço civil entre o cidadão e a totalidade que é o corpo

social. Mas a caridade também é assumida como *agape*⁴⁴ e engloba a fraternidade. A DSI enfatiza o ‘bem comum’ como um factor de estabilidade, equidade e desenvolvimento, pois cria tranquilidade e motiva a confiança (*fidere*)⁴⁵ entre todos os intervenientes do mercado, necessária para que as diferentes vivências sociais sejam equilibradas e justas.

A EdC surgiu com uma fisionomia evangélica e ecuménica, nutriu-se nos valores da DSI, representando uma resposta social e económica baseada nos ‘relacionamentos’ e na preocupação com o ‘outro’, o homem. Utiliza, como já vimos anteriormente, a expressão ‘dar’ no sentido de ‘ser’, em contra posição com o ‘ter’; por outras palavras, revela uma concepção que transpõe o cariz antropológico, que não defende o individualismo nem o colectivismo, mas uma ideia de comunhão (unidade), quer instituir uma nova ‘cultura do dar’, que promova uma nova realidade ecocentrista, abrangendo o todo.

Aos valores como a fraternidade, a igualdade e a liberdade, fundamentos da justiça e da democracia, considerados universais, podemos juntar os relacionamentos, como a reciprocidade, a proximidade e a confiança, constituindo-se a EdC como meio de acção que actua em prol da unidade, como se verá mais adiante.

Para além da síntese histórica e do enquadramento prático da EdC, após a identificação das raízes e de uma breve caracterização daqueles que aderem e constituem a base deste projecto, identificam-se desde já mais alguns valores que emanam desta realidade e que correspondem à questão dos relacionamentos e dos bens relacionais. No primeiro campo temos o seu substrato; já no segundo campo temos a substância, matéria que é produzida pela EdC e que se pode considerar como factor/causador de externalidades positivas.

Relacionamentos: valor(es) em economia

Como já houve oportunidade de realçar, a EdC é, antes de mais, uma economia que assenta na ética e na moral, procurando criar e valorizar os relacionamentos no campo económico, enaltecendo o homem e o trabalho, assumindo-se como paradigma económico alternativo. Na sua génese e com o desenvolvimento que já granjeou nos seus vinte anos de história, sobrevivem valores como os da fraternidade, proximidade, justiça, confiança, comunhão (unidade) e reciprocidade.

⁴⁴ Termo latim para definir amor/afeição, diferente de *eros* ou *philia*, que traduzem respectivamente uma afeição de natureza sexual ou erótica e uma afeição assexuada (que pode ser encontrada entre irmãos/familiares).

⁴⁵ Termo latim para definir fidúcia, lealdade, fidelidade e confiança.

A justiça, a caridade e a confiança são aspectos assimilados pela EdC e análogos aos propugnados pela DSI, na qual, a EdC encontra os seus principais alicerces, e que já foram objecto de análise. Já quanto à fraternidade, proximidade, comunhão e reciprocidade, são outros valores que serão seguidamente aprofundados.

Fraternidade e proximidade

Estes dois valores encontram-se interligados e, como tal, não faz sentido separar as suas análises, uma vez que sem a existência de relações fraternas não pode existir proximidade.

A fraternidade está ligada aos conceitos de liberdade e igualdade, e não esteve presente apenas na Revolução Francesa, foi também adoptada como fundamento no primeiro artigo da Declaração Universal dos Direitos do Homem: “[...] todos os homens nascem livres e iguais em dignidade e direitos. Dotados de razão e de consciência, devem agir uns para com os outros em espírito de fraternidade [...]”⁴⁶. A fraternidade transpõe para o campo relacional a igualdade e a mesma dignidade entre todos os homens, dimanando na proximidade. Ao criar relações e estabelecer diálogos, mesmo entre desconhecidos, aproxima os indivíduos que vivem num mesmo espaço (sociedade), levando-os a cooperar com vista ao bem comum. Aliás, já no século XIII, Tomás de Aquino, ainda que num contexto filosófico, referia que “só na cooperação se realizava o elemento social do homem”⁴⁷, defendendo que o bem comum é também o fim comum da humanidade.

A cooperação, é por isso, fundamental, pois não só aproxima os indivíduos, que se unem e interagem na concretização de objectivos, como é também factor no estabelecimento de elos e de concórdia (fraternidade), razão pela qual as empresas de EdC formulam estratégias, objectivos e planos, com critérios de gestão éticos, procurando envolver no trabalho todos os seus membros, pois é sempre a pessoa humana, e não o capital, que está no centro da empresa.

A centralidade que a dimensão da relacionalidade possui na EdC baseia-se num desígnio de cooperação da pessoa em relação aos outros e distingue-se de uma lógica individualista que é mensurada por uma instrumentalidade racional.

⁴⁶ Adoptada pela ONU em 10 de Dezembro de 1948, no fim da II Guerra Mundial, assumiu-se como um Tratado sobre os direitos humanos, in <http://www.ohchr.org/EN/UDHR/Pages/Language.aspx?LangID=por>.

⁴⁷ *In Summa Theologica* (1265 – 1274).

A aposta da EdC no estabelecimento de laços (proximidade) que promovem a aproximação das pessoas infere-se na promoção de uma nova cultura (de homens novos) e tem como foco de mudança a conjugação da educação/aquisição de competências, com a eficiência associada à fraternidade, que transformará a sociedade civil e mudará os comportamentos económicos. Esta alteração é tanto mais significativa por não considerar os pobres como um problema, mas sim como um recurso precioso para o todo (bem comum). A aquisição e o aumento de capacidades tornam-os competentes para se transformarem em profissionais qualificados. É através da formação e da criação de empregos que as pessoas, muitas delas socialmente excluídas, conseguem reafirmar as suas identidades, adquirem um renovado sentido de confiança, esperança e responsabilidade numa nova vida (que de outra forma poderia estar condenada ao círculo da pobreza e da exclusão social). Obtendo bases económicas, as pessoas transformam-se e renascem, voltam a ser ‘ligadas’ à sociedade, passam a assumir-se como parte da resposta, adquirem uma outra vontade de viver, pois passam a acreditar num futuro diferente, sentem-se co-responsáveis e tornam-se mais ‘próximas’. Estes factores acabam por levá-las a agir de outro modo e provavelmente em grande medida, passam a adoptar um agir semelhante ao dos que inicialmente se doaram e aproximaram, tornando-se elas próprias fonte de fraternidade. É por isto que ‘eles’ são assumidos pela EdC como ‘novos homens’, sementes de uma nova cultura económica e social.

A fraternidade requer dignidades igualitárias, daí que se torna necessário promover uma proximidade entre os diferentes interlocutores, tendo em consideração que o afastamento e a distância entre pessoas são factores de exclusão e não de inclusão. Criando relações desiguais, a fraternidade assume-se como fio condutor de um humanismo relacional. Por isso, a fraternidade na economia, não é só um dos valores da EdC mas também um dos seus objectivos, procurando assim manifestar e irradiar a importância da sua universalidade, edificar relações mais harmoniosas/pacíficas e afastar o egoísmo e o individualismo que, muitas vezes, causam fracturas e fratricídios que colocam em causa o bem comum e a justiça social.

Comunhão

A EdC tem na sua génese literal uma matriz que desde logo a identifica, a Economia de Comunhão. A sua referência na esfera económica pode à partida suscitar conotações religioso-morais, no entanto, poderá assumir uma plenitude laica perfeitamente natural. A

comunhão/*communio*⁴⁸, etimologicamente, significa comunidade, união e uniformidade (unidade), mas é também harmonia, acordo, comunicação, fraternidade, e, se aprofundarmos um pouco mais, podemos incluir a relacionalidade e a reciprocidade. A comunhão é o elemento integrador, que estabelece e faz a unidade, componente agregadora e de espectro comunitário (numa componente de comum/comunidade). Parte integrante do nome que foi dado ao projecto EdC, comunhão implica antes de mais uma acção, um movimento, uma relação, isto porque o ‘colocar em comum’, é sempre um acto que envolve mais do que uma pessoa, eu e o(s) outro(s), nós.

A EdC vê a comunhão como um ‘encontro’ visão distinta do ‘confronto’ que, muitas vezes, se verifica no mercado. A sua transposição para a economia/actividade empresarial como lugar de encontro (lugar de comunhão) visa estabelecer a ligação (união) entre quem tem bens e oportunidades económicas a quem as não tem, envolvendo-os a todos num plano de dignidade similar. Assim sendo, a comunhão transforma-se num encontro de gratuidade que resulta de um amor (*ágape*) vivido em reciprocidade.

As empresas que englobam a EdC são, por isso, o sustentáculo do projecto, uma vez que aquelas se empenham em colocar livremente e ‘em comum’ os lucros, dividindo-os segundo os três objectivos (já analisados) e que têm igual preocupação. Mas não são apenas os lucros que são ‘comungados’, também as dificuldades, os problemas e as necessidades de cada um são vistas pelo todo e são objecto de apoio e de decisão colectiva. Na EdC não deve existir lugar para individualismos, porque desde logo isso significaria uma cisão, uma quebra do elo, da ‘unidade’, da comunhão que se constituiu. Para que tal seja possível, as empresas envolvidas na EdC estabelecem os seguintes parâmetros de acção:

- Realização dos investimentos com prudência, conferindo particular atenção à sustentabilidade da actividade e à criação de novas actividades e postos de trabalho;
- As capacidades e habilidades de cada funcionário são valorizadas da melhor forma possível pela empresa, que procura assim estimular a criatividade, a participação e a responsabilidade de cada um na definição e realização dos objectivos da própria empresa (uma gestão democrática e participativa);
- A empresa é gerida de modo a dividir os lucros em três partes, numa óptica integradora;

⁴⁸ Tradução para português, termo em latim.

- Os funcionários que eventualmente passem por dificuldades financeiras, ou mesmo por problemas pessoais, devem receber atenção especial;
- A empresa emprega todos os meios para oferecer bens e serviços com utilidade e qualidade e por um preço justo;
- Os membros da empresa trabalham com profissionalismo para construir e reforçar relações sinceras e saudáveis com os clientes, os fornecedores e a comunidade, de forma a fazer parte da sociedade e a poder servi-la.

Pode assim identificar-se na EdC a existência de dois patamares de comunhão:

- Primeiro, uma comunhão que se estabelece na relação e unidade entre os diferentes *stakeholders* da empresa e que envolve a totalidade dos elementos da vida empresarial;
- Segundo, uma comunhão que se expressa pela partilha do lucro e que se pode considerar como uma expressão final da manifestação de vontades tendo em consideração o ‘outro’.

Perante o exposto pode afirmar-se que as empresas EdC são espaços de comunhão que criam e produzem comunhão. A comunhão na EdC é, por isso, sinónimo de partilha e de gratuidade, os quais, sendo imperativos éticos, tornam-se essenciais à universalização da dignidade do homem.

Reciprocidade

A reciprocidade, ao nível da psicologia, corresponde a algo que é recíproco, à resposta obtida no âmbito de acções num mesmo nível comportamental, i.e., resposta a uma acção positiva com outra acção positiva e/ou resposta a uma acção negativa com outra acção negativa. Já ao nível da ética, a reciprocidade assume-se como um compromisso moral relacional, podendo encontrar várias referências em diferentes culturas e religiões:

- “Ama o teu próximo como a ti mesmo”⁴⁹;
- “O que não desejas para ti, não o faças aos outros”⁵⁰;
- “Nenhum de vós sois um crente até devotar pelo próximo o amor que devotais a vós mesmos”⁵¹;

⁴⁹ Citação tradição Cristã – *Bíblia*, Mateus, 22: 39.

⁵⁰ Citação tradição Judaica – *Talmude* (Discurso do Rabino Hillel ao pagão), Shab.31a (Lev.xix.18).

⁵¹ Citação tradição Islâmica – Alcorão, Suna Profeta Maomé.

- “A natureza só é boa quando não faz ao outro aquilo que não é bom para ela própria”⁵²;
- “Esta é a suma do dever: não faças aos outros aquilo que se a ti for feito te causará dor”⁵³.

Aqui existe uma similitude de conceitos que redundam no princípio de respeito mútuo, amor ao próximo, como pedra basilar de uma sã e pacífica convivência. Este princípio encontra-se também vertido no campo do direito e da política, como fundamento legislativo e democrático dos países e os seus cidadãos. Já no campo económico encontra-se também a reciprocidade, particularmente se analisada ao nível do mercado, e que marca a troca por algo equivalente entre duas pessoas/entidades como retribuição; mas não só nesta perspectiva, como se verá mais adiante.

A reciprocidade no mercado (actuando numa óptica de ‘contrato’) pressupõe a troca de bens por equivalentes – ‘princípio retributivo’. Todavia, pode também encontrar-se um plano relacional, mesmo no campo económico, que é dado pela reciprocidade na troca de bens não equivalentes – ‘princípio de partilha’. Vê-se assim que a reciprocidade pode assumir vários prismas, encontrando-se na economia as duas vertentes, ou seja, trocas equivalentes *versus* reciprocidade – ‘contrato’, e trocas não equivalentes *versus* reciprocidade – ‘genuína’. Esta questão é desenvolvida por Bruni (2005), uma vez que na economia encontra-se uma lógica da troca de equivalentes, que é assumida pela reciprocidade – contrato –, que incorpora um elemento de ‘condicionalidade’⁵⁴; já quanto à troca de não equivalentes, esta enquadra várias formas como aquelas que geralmente podem ser encontradas na economia social⁵⁵, em que existe uma relação ‘não condicional’, que é gratuita mas que não deixa de requer uma resposta do ‘outro’, produzindo um bem relacional, e que traduz a reciprocidade – genuína. Daqui podemos inferir que o ‘bem relacional’ é a principal causa da relação de reciprocidade – genuína. Nesta última perspectiva, a reciprocidade assume uma racionalidade de comunhão, de dom (graça) e de gratuidade, que é marcadamente social por não impor uma condição prévia, e é aquela que caracteriza e é assumida pela EdC. Assim sendo, pode validar-se o facto de a reciprocidade na EdC produzir bens relacionais (imateriais) que, ‘podem ser

⁵² Citação tradição *Zoroastra* – Dadistan-i-Dinik, 94:5.

⁵³ Citação tradição *Hindu* – Mahabharata, 5:15:17.

⁵⁴ Por exemplo: “Se eu realizo uma acção, coopero, com a ‘condição’ de também tu o fazeres”.

⁵⁵ Como no voluntariado e/ou na participação em acções solidárias sem um carácter de ‘retribuição’.

usufruídos só se partilhados com outros’, e que ‘podem constituir uma categoria particular de bens públicos’, facto afirmado por Carole Uhlaner (Gui, 2000: 116).

A reciprocidade na EdC pode ser assumida como factor de ligação, de correlação e de dinamismo entre os diferentes valores que se entrecruzam numa plataforma relacional, que é fonte de fraternidade por fazer corresponder comportamentos desinteressados, altruístas, orientados para os outros num horizonte de ‘encontro’ e ‘gratuidade’. Estas duas palavras podem caracterizar, e de certa forma sintetizar, a EdC, uma vez que ‘sem encontro não existe comunhão’ e ‘sem gratuidade não existe encontro’ mas, ao invés, temos um simples ‘contrato’.

Como já se teve oportunidade de realçar, as trocas em economia não implicam forçosamente a permuta por bens equivalentes, existem trocas não equivalentes, bens que são imateriais por assentarem em algo incorpóreo, como é o caso dos relacionamentos, que não deixam de ser ‘trocados’. É, aliás, este o papel atribuído aos bens relacionais. A valorização e mensuração destes bens depende do grau e da dimensão das relações, i.e., do nível de relacionalidade que se consegue estabelecer, sendo certo que a sua explicação apenas emerge dentro da análise à relacionalidade (económica) e não tanto pela racionalidade económica, ou seja, uma análise feita na óptica da instrumentalidade e do ‘agir racional’ em economia.

Algumas das pesquisas realizadas no campo da política e da antropologia, distinguem a reciprocidade como um de quatro princípios do comportamento económico associado a um modelo institucional e que “[...] corresponde à relação estabelecida entre várias pessoas, por meio da sequência durável de dádivas [...] estando ligada a uma contra dádiva [...] as transferências são indissociáveis das relações humanas” (Polanyi, *apud* França Filho, 2004: 116).

Podemos inferir, no fim deste capítulo, que a Economia não é apenas um lugar de ‘confronto’ mas que também pode ser um espaço de ‘comunhão’, onde todos encontram o seu lugar e conseguem ser felizes, fazendo todos os outros felizes. Parte desta conclusão é afirmada pela EdC, que se apresenta com uma mistura e profusão de elementos e sentidos que permitem o retorno da ética à esfera e ao diálogo com a Economia. Mas, mais do que isso, a EdC remete para um lugar de encontro e não de confronto, tornando as relações entre os indivíduos fraternas e não fraticidas, transformando desta forma o mercado e tendendo a um mundo mais justo e solidário.

4.2. Para uma ‘outra Economia’

“Aquele que se compraz em dar e não semeia com avareza, evitando colher com igual avareza, sem murmúrio, sem distinção e sem lamento, torna comuns os seus bens, o que significa um benefício puro”. Todde e Pierri, 1985

As características delineadas para a EdC apontaram desde logo a procura de uma ‘outra’ economia, que fosse mais justa e ética, e, acima de tudo, mais redistributiva. Mas ela é mais do que um projecto sobre economia – interpreta um modelo de desenvolvimento humano e social, não convencional, que assume uma ruptura com o paradigma vigente e que procura tornar o mundo empresarial mais humanizado.

A solução Economia de Comunhão (EdC) que o Movimento dos Focolares oferece à sociedade, caracterizada por uma adesão voluntária, traduz um meio de atenuar problemas como a pobreza e a exclusão social, promovendo o bem comum. Esta frase pode sintetizar a missão a que se propôs Chiara Lubich, quando, em 1991, e diante de tão grandes disparidades económicas e sociais, apresentou este projecto à sociedade, algo que continua hoje tão actual como naquele tempo. A EdC envolve em primeiro lugar os empresários e, consequentemente, as empresas num ‘todo’ e dentro da comunidade onde se inserem, uma vez que tem a característica de integrar e congregar o ‘capital’ com o factor ‘trabalho’, transformando cada empresa numa comunidade viva e activa na qual cada um procura a concretização do todo. Contudo, a prática rege-se por um sentido ainda mais abrangente, tendo em consideração que qualquer empresa apresenta externalidades e que existem factores exógenos que influenciam a actividade económica. A EdC procura ser um pólo agregador onde é vivificada toda a realidade circundante (entenda-se sociedade civil) que interage directa e indirectamente com a empresa e os seus agentes.

Na EdC o sentido de co-responsabilidade universal, i.e., o facto de sermos todos responsáveis uns pelos outros, mesmo e particularmente com aqueles que estão mais longe, traduz um desígnio que é voluntariamente assumido por todos os que se sentem chamados a esta realidade como uma ‘vocação’. Uma vocação que não pode ser entendida no sentido religioso, mas sim como um talento e/ou uma predisposição a ser e a agir de uma forma diferente no mundo económico.

Os empresários EdC não são pessoas sobrenaturais, nem especiais, são indivíduos normais, iguais a tantos outros, mas que por determinadas circunstâncias ou momentos das suas vidas e/ou por um qualquer motivo, se sentiram impelidos a aderir a um projecto específico assumido como uma forma diferente e alternativa de fazer economia. Ainda assim, não sendo possível generalizar, é possível identificar cinco aspectos que nos remetem para valores partilhados pelas pessoas que aderem à EdC, e que são explicados em seguida.

1. Chamados a uma vocação

Em primeiro lugar os empresários são chamados a ser empreendedores, i.e., como em qualquer vocação, nem todos possuem a habilidade/capacidade para serem empresários. Assim, um empresário que adere à EdC tem que se sentir impelido, interiormente (e mesmo racionalmente) a juntar-se ao projecto. A adesão gratuita e voluntária não deixa de ser um chamamento, uma vocação dentro da vocação de ser empresário (que não é de espectro religioso).

2. Animadores empresariais

Os empresários EdC assumem o papel de ‘animadores’ do mundo da economia. São, em primeiro lugar, pessoas que apelam a valores relacionais, que não se reduzem a pertencer a um grupo, mas que têm um sentido de pertença global e, nesta medida, querem promover a economia com um ideal.

3. Caminho que não se faz sozinho

Um empresário EdC tem a particularidade de renunciar aos aspectos solitários da sua vida, i.e., cria comunidade com os outros, é alguém que se coloca em prol/ao serviço dos outros. Este aspecto não é fácil, pois implica que se partilhem coisas e situações (boas e más) e que se afastem as escolhas individualistas, optando por decisões em conjunto com os outros e assentes num compromisso de união/unidade. Em suma, um caminho que se traduz na renúncia a uma visão individualista e solitária da vida.

4. Inconformistas da economia

Os aderentes à EdC sentem um inconformismo face ao estado da economia, i.e., não gostam da forma como está a ser organizada e vivida e, como tal, pretendem mudá-la. Preocupam-se com o outro, mesmo distante, com os pobres; é uma pessoa que não está tranquila enquanto houver pobreza e, como tal, sente a necessidade de repartir os seus lucros como expressão de universalidade dos bens/riqueza.

5. Empreendedores inovadores

Os empreendedores da EdC são por natureza inovadores, e é isso que define também a noção de empreendedorismo. A criação de postos de trabalho para os mais pobres e as pessoas com poucos recursos, valorizando-as de forma a poderem dignificar as suas vidas e a ser felizes, é outro dos aspectos que caracteriza os empresários que aderem à EdC. São profissionais que não procuram apenas ser servidos ou que lhes seja criada riqueza, mas que almejam criar utilidade sem subserviência ou dependência nem subalternidade, dando e recebendo num plano de igualdade.

A EdC não promove o assistencialismo. Nem se trata de repartir matemática e especificamente 2/3 dos lucros e de guardar 1/3 para a empresa, mas de pôr em comum os lucros tendo em consideração os outros, de criar e estabelecer uma relação.

“[...] Para eles [os pobres] na EdC procura-se um posto de trabalho, evitando assisti-los economicamente a não ser como medida de emergência. Também a ajuda para estudos e o cuidado dos filhos é uma forma essencial de investimento, e não um financiamento a fundo perdido. A parte que vai para a formação cultural, que se traduz em livros, congressos e estruturas, está de acordo - explica ainda Bruni - com a exigência de apontar para um desenvolvimento integral da pessoa. Sem investimentos culturais não há nenhuma esperança que os problemas sociais venham a ser resolvidos. Se o carisma dos Focolares tem como objectivo a fraternidade universal, não admira que dele tenha partido um projecto económico que não se contente com uma, mais ou menos vasta, redistribuição dos rendimentos, mas que aponta para a transformação da cultura num humanismo autenticamente cristão e, portanto, humano. Existe, por fim, uma terceira parte que permanece na empresa. A empresa deve desenvolver-se e crescer. Para fazer isto, precisa de se auto-financiar e de investir. Este é também um sinal que o projecto não é ditado pela emergência, mas tem uma visão a longo prazo [...]” (Fondi, 2004: 508).

A adopção de práticas e critérios éticos na gestão e nos relacionamentos com os outros constitui uma espécie de ‘manifesto’ que é orientado para a cultura de comunhão e que se centra na carta dos sete princípios⁵⁶, em que cada um dos princípios é associado a uma ‘cor’ do arco-íris (correspondência que já foi anteriormente referida). Os sete princípios orientadores que compõem a matriz que se pretende estender às empresas EdC têm como base um novo agir económico e, desde logo, procuram actuar como realidades na promoção de uma ‘outra’ economia, cujas características podem ser sintetizadas da seguinte forma:

1. Os empresários formulam estratégias, objectivos e planos empresariais que têm em conta os critérios de uma correcta gestão e que envolvem todos os membros da empresa nessa actividade.

⁵⁶ Vd. Anexo A.

2. Nas relações com o exterior (da empresa) todos os membros trabalham com profissionalismo para que sejam construídas e reforçadas boas e sinceras relações com clientes, fornecedores e a comunidade à qual prestam o serviço; relacionam-se com os concorrentes com lealdade.
3. A Ética é um valor indelével, respeitando-se a lei e um agir com ‘correção’.
4. A empresa deve transformar-se numa verdadeira comunidade, na qual impere um bom ambiente de trabalho e onde a saúde e o bem-estar de cada um (membro) devem ser objecto de atenção e preocupação para que se criem espaços com vista ao respeito, à confiança e à estima recíproca.
5. A empresa adopta sistemas de gestão que promovam o trabalho de equipa/grupo que, por sua vez, deve permitir o crescimento individual e promover um ambiente agradável, arrumado e limpo.
6. A empresa favorece a formação permanente dos seus membros de modo a promover os talentos de cada um, permitindo o progresso da empresa.
7. A empresa cria bases para uma comunicação aberta e sincera e deve permitir a troca de ideias entre todos os seus membros.

Com a procura e a necessidade de desenvolver projectos (empresas) de EdC, foram sentidas logo no início dificuldades logísticas e técnicas que se revelaram insuficientes para permitir uma boa e eficaz estruturação. Nesse sentido surgiu a ideia de se criarem ‘Pólos de Empresas’, à semelhança do que acontecia na economia convencional com os pólos empresariais e/ou ‘ninhos de empresas’, mas que não fossem simples espaços de localização e que tivessem na sua base critérios de apoio e de desenvolvimento, onde se vivenciasse uma efectiva ‘cultura de comunhão’.

Estes ‘Pólos de Empresas’ EdC tornaram-se, em pouco tempo, espaços incubadores de negócios/empresas. Estes núcleos, para além de prestarem aos projectos um apoio logístico e, nalguns casos, também financeiro (que é proveniente da afectação de parte da divisão dos 2/3 dos lucros de outras empresas), permitiram que empresários e muitas outras pessoas, outrora pobres, dependentes de ajuda e/ou trabalhadores por conta de outrem, que sempre tiveram o desejo de aplicar e desenvolver os seus ‘talentos’ em actividades profissionais ou artesanais, conseguissem promover o auto-emprego e criar pequenos negócios. Tem sido através desta reciprocidade que a EdC tem promovido a concretização de um grande objectivo, que é o de reduzir a pobreza aproveitando os recursos inatos de pessoas que, de outra, forma não teriam oportunidade para obter o seu sustento (criar riqueza). Esta criação de riqueza favorece não só

estes indivíduos mas também a comunidade e, desta maneira, a EdC promove uma inclusão social e económica.

Este é um dos factos que distingue a EdC como paradigma económico, afastando-a de uma mera perspectiva de Responsabilidade Social Empresarial (RSE), ainda que possam ser encontrados vários pontos de contacto. Um dos conceitos de RSE refere “[...] a adopção de estratégias que são desenvolvidas, sobretudo, por grandes corporações, que definem, de maneira unilateral, normas e condutas que, pretensamente, consideram os impactos sociais, económicos e ecológicos das suas actividades” (Salmon e Cattani, 2009: 289). Na RSE existe também uma adesão voluntária a valores e práticas que visam promover um ‘bem comum’. Todavia, a sua implementação, mesmo sendo ‘extra-económica’, não deixa de assumir uma visão ‘económica’, porquanto serve a promoção e a divulgação de boas práticas, que muitas vezes pretende apenas atenuar os impactos negativos, directos e/ou indirectos, gerados pela própria actividade das empresas.

Mas, e ao contrário da EdC, a RSE publicita a própria empresa numa perspectiva de ‘marketing social’ ou de mudança da sua imagem, e não assume um carácter ‘relacional’ de proximidade e de reciprocidade. Ao invés, a EdC procura ter sempre presente o ‘outro’, uma atitude de conhecer e de acompanhar a pessoa em si, criando uma relação; a RSE não assume o apoio a uma pessoa ‘especificamente’ (ainda que o possa fazer enquanto causa), procura sim promover um apoio para a população no geral, na comunidade em que está inserida ou noutro local distante, que envolva os seus *stakeholders*, não sendo imprescindível uma atitude de conhecimento e de vizinhança (próximo). As empresas da EdC, ao contrário da RSE, “[...] não actuam por via do apoio de projectos a comunidades distantes, financiando pessoas que se mantêm anónimas para elas. Antes, o aspecto de proximidade torna-se um ingrediente necessário às suas actividades. O objectivo principal é estabelecer uma relação de reciprocidade com o outro e que seja o elemento duma visão de unidade e de fraternidade universal” (Ganzon, 2010). Por último, a EdC, através da ética, assume o seu ‘dever ser’ como uma cultura, que germina na empresa internamente, contrariamente à RSE, em que a ética traduz a procura de um vínculo externo. Não se pretende ser displicente ou apologista dos motivos/acções que estão por detrás das atitudes abnegadas da RSE, e que contribuem para melhorar o bem-estar de comunidades, apenas se torna necessário fazer uma distinção sobre o valor intrínseco representado pela reciprocidade que pode ser encontrada na EdC.

Ao longo da sua evolução, a EdC tem vindo a transformar empresas e projectos com cariz *for profit* em espaços que actuam para o ‘bem comum’. “As empresas EdC

comprometem-se, em todos os aspectos das suas actividades, a centralizar a atenção nas exigências e nas aspirações do homem, bem como nas instâncias do bem comum” (Lubich *apud* Bruni, 2000: 13). O ‘bem comum’ não deve aqui ser visto de forma unívoca, pois existem correntes que associam-no à soma de interesses ou preferências individuais e/ou ao interesse da maioria. A EdC, à semelhança da DSI, concebe o interesse comum como categoria ética que se coloca acima dos interesses particulares e que pode não coincidir com o interesse geral (da maioria). Este aspecto é relevante, pois as empresas EdC, na sua interacção com o mercado, agem com a sua razão de ser, procurando fazer da actividade económica um lugar de ‘encontro’ e não de ‘confronto’, e que testemunha e confirma a natureza dos seus valores.

Foi visto que a EdC tem uma esteira humanista, com características muito próprias nas quais os comportamentos assumidos procuram conduzir para um bem-estar colectivo e responder ao interesse comum, sem ‘ferir’ o interesse individual. A reciprocidade que é vivida neste contexto, em especial, poderá contribuir para melhorar a conceptualização da economia e integrar-se num movimento de mudança mais amplo que é assumido pela Economia Solidária, levando-nos ao cerne da questão: “Poderá a Economia de Comunhão (EdC) ser considerada uma perspectiva dentro da Economia Solidária?”. A resposta a esta questão constitui o tema do ponto seguinte.

5. Economia Solidária e a Economia de Comunhão: um projecto partilhado?

"A outra economia é regida pelos princípios da solidariedade, da sustentabilidade, da inclusão, enfim, da emancipação social. Estes princípios não se reduzem a boas intenções, mas constituem realizações concretas, viáveis e, sobretudo, em expansão no mundo inteiro ". A. Catanni, 2009

Não é possível precisar com exactidão a emergência da Economia Social enquanto ramo disciplinar da Economia. Sabe-se que os seus fundamentos se devem a uma reacção a um sistema económico, o capitalismo industrial, produtor de desigualdades, pobreza e exclusão social, problemas que marcaram a sociedade do mundo ocidental no século XIX. Questões como a redistribuição da riqueza, a necessidade de se criarem condições que assegurassem o bem-estar social e a protecção na doença e na velhice promoveram o surgimento de linhas de pensamento diversas, convergindo em aspectos essenciais.

A Economia Social tem como base princípios de participação democrática no respeito pela igualdade e liberdade, onde a acção colectiva assume um vector fulcral como objectivo a alcançar e que traduz o interesse comum. Neste âmbito devem ser incluídas iniciativas organizacionais como os sindicatos, dado o papel que têm representado na defesa dos direitos dos trabalhadores ao longo dos anos, as cooperativas e as mutualidades, dando respostas concretas de apoio a tantas situações de carência social e humana.

A Economia Solidária deriva da Economia Social e deve enquadrar-se na resposta a novas realidades e exigências da sociedade que marcaram o despontar de uma (nova) Economia. Não obstante a diversidade de perspectivas sobre a emergência e as formas de articulação entre Economia Social e a Economia Solidária, é possível identificar origens e propósitos comuns.

Com efeito, existem várias posições relativas à génese da Economia Solidária e da sua relação com a Economia Social. Adoptando como referência uma das definições, assumida por Jean-Louis Laville e Luiz Inácio Gaiger (Hespanha, 2009: 162), a Economia Solidária é um conceito amplamente utilizado, em vários continentes, com acepções variadas que giram em redor da ideia de solidariedade, em contraste com o individualismo utilitarista que caracteriza o comportamento económico predominante nas sociedades de mercado. A sua

noção aparece associada a iniciativas económicas organizadas segundo princípios de cooperação, autonomia e gestão democrática, e pode abranger uma multiplicidade de formas de constituição, como empresas de trabalhadores, cooperativas de produção e de consumidores, clubes de troca, sistemas produtivos autóctones, associações e serviços de proximidade, entre outras formas.

Contrapõe uma lógica de social e de reciprocidade ‘não equivalente’ à lógica de mercado e à procura do lucro, confrontando o interesse comum e geral com o interesse individual e privado. Baseia-se na cooperação (solidariedade e fraternidade) por oposição à competição, e as suas iniciativas assumem comumente o espírito de entreajuda (parceria) e uma natureza comunitária/associativa. Porém, a Economia Solidária não se reduz a uma nova forma de economia, que se acrescenta às convencionais, “com base nas fontes de liberdade que o mercado propicia, ela associa uma preocupação social redistributiva com a equidade, integrando as várias necessidades e oportunidades desse mercado, articulando-se através de meios plurais como forma para contextualizar a sua missão. Em qualquer dos casos ela adota sempre uma postura de colectivo e um semblante relacional [...]” (*in* apontamentos aulas 4.^a edição: MESS 2008/2009).

A Economia Solidária é também muitas vezes designada por Terceiro Sistema, ou Terceiro Sector (*Third Sector*), ou ainda por Economia do ‘não lucro’ (*non profit Economy*), sendo assumida como uma evolução do pensamento económico e social.

Jean-Louis Laville (2005)⁵⁷ caracteriza a Economia Solidária como um factor para a contribuição da democratização da economia e da sociedade, por assumir que a mudança de atitudes e hábitos ajuda à penetração dos princípios democráticos em actividades tão díspares, como a produção, o comércio, a poupança ou o consumo, estabelecendo princípios de responsabilidade civil. O valor da cidadania e a Ética são respostas, e tornam-se visíveis na assumpção e no cumprimento dos deveres e das responsabilidades sociais por parte dos cidadãos. Estes dois princípios, tal como afirma Laville, constituem duas grandes alavancas sociais, sem as quais dificilmente se mudam mentalidades e muito menos paradigmas.

Por último, não se pode deixar de ver as diferentes definições e enquadramentos (versões) que a Economia Solidária absorve, tendo em consideração as latitudes (países) onde esta se desenvolve. Apesar de conceptualmente assumir uma estrutura e referenciais já

⁵⁷ Tradução original: “la poursuite du processus de démocratisation dans les sociétés contemporaines appelle une démocratisation de l’économie,... et la penetration des principes démocratiques dans les activités de production, d’échange, d’épargne et de consommation [...]” (Laville, 2005: 45)

mencionados, a Economia Solidária no Brasil e na América Latina é diferente da que é vivida na Europa, particularmente em Espanha, França, Itália e Portugal (neste caso, a que é desenvolvida no contexto da Macaronésia⁵⁸), e das que estão implementadas em África e na Ásia. Neste ponto podemos realçar; na América Latina, as experiências de economia popular, de economia informal ou de moeda social; na Europa, a prática de comércio justo, o associativismo, o cooperativismo, o mutualismo e as misericórdias (estas últimas com especial relevo em Portugal); e na Ásia e África, a actividade de microcrédito, entre outras. A Economia Solidária também apreende uma abordagem multidisciplinar que abrange diferentes combinações de práticas e de acções, que podem combinar recursos monetários e/ou recursos não monetários, e características que podem ser revestidas por uma natureza ‘mercantil’ ou ‘não mercantil’ (França Filho, 2004). Por todos estes aspectos, podemos encontrar propostas que revelam uma hibridação entre economias que consolidam recursos e características, tendo como objectivo a viabilidade económica e a autonomia dos projectos (*idem, ibidem*).

Considerando que o conceito de Economia Solidária pode abranger uma diversidade de actividades, muitas delas de características inovadoras, “não exprime um aglomerado de áreas (visão descritiva ou empiricista), mas antes um de atributos que se podem verificar em actividades daqueles domínios (visão analítica) [...] pode-se definir a Economia Solidária como as actividades que se referenciam pela procura nuclear de práticas de solidariedade [...], ou seja, em que a lógica da cooperação se sobrepõe à da competição e à procura de lucro.” (Amaro, 2009: 9). Nesta perspectiva há que enfatizar que a conceptualização da Economia Solidária não está fechada, encontra-se em plena expansão, abarcando a riqueza dos contributos que são prestados pela comunidade científica e pela sociedade civil, de que é exemplo a versão da Macaronésia, ao alargar ao ‘antropocentrismo’ uma preocupação ‘ecocêntrica’ (biocêntrica).

Em qualquer dos casos, existe uma característica predominante que é a primazia da solidariedade sobre o interesse individual e o ganho material, a qual é expressa, muitas vezes, por uma socialização dos recursos produtivos e pela adopção de critérios de igualdade, e que tem as questões relativas à ‘proximidade’ como causa identitária. Assim, podemos definir a Economia Solidária como a doutrina que persegue fins sociais e humanos, através da gestão democrática, e a alternativa que procura satisfazer de forma subsidiária necessidades comuns.

⁵⁸ Conjunto de países/regiões insulares situadas no Oceano Atlântico entre os três Continentes, África, América e Europa, que incluem a Madeira, os Açores, as Canárias, Cabo Verde e, mais recentemente, São Tomé e Príncipe.

Os valores e os relacionamentos, base para uma Economia (mais) Solidária

A insustentabilidade do paradigma de desenvolvimento e crescimento económico e social conduziu-nos a um desequilíbrio social, sendo urgentes a redução das diferenças sociais e a atenuação da pobreza e exclusão social existentes no mundo. Hoje, constatamos uma apologia do individualismo, do consumismo e do egoísmo como via para a felicidade e meio de satisfação das necessidades, factores que subtraíram a ética e a moralidade aos relacionamentos, incluindo os de natureza económica.

As decisões dos indivíduos são condicionadas por factores internos e externos, como o quadro de valores, morais e éticos (religiosos ou laicos). Assim sendo, podemos inferir que os relacionamentos que cada sujeito mantém têm em consideração múltiplos factores que condicionam a sua vivência, como, por exemplo: as ligações estabelecidas no seu quotidiano, onde residem, no seu local de trabalho e com o meio ambiente; os círculos de amizade, de vizinhança ou de conhecidos; a adesão a causas, organizações e movimentos, enfim, todo o espaço social com o qual os sujeitos interagem têm um efeito na sua acção social. Da mesma forma depreendemos que a economia enquanto espaço social privilegiado acaba por abarcar estas realidades, pelo que os relacionamentos e os valores estão imersos na economia. Esta visão deixa antever que apesar de o mercado ser um espaço de troca de bens e serviços e de elemento de construção de relações sociais, aquele tem a capacidade de influenciar de modo determinante outras dimensões da vida dos indivíduos (Araújo, 2006: 6).

No século XIII, Tomás de Aquino afirmou na *Suma Teológica* que “só na cooperação se realiza o elemento social do homem”. Esta afirmação tem um alcance relacional e elucida bastante o que foi anteriormente aduzido, pois remete para o contexto da socialização o factor da ‘cooperação’ que é, como já vimos, elemento da fraternidade, e esta é a base da reciprocidade que “dá uma chave de leitura para uma maior compreensão da igualdade e da liberdade” (*idem, ibidem*). É neste patamar que encontramos uma perspectiva no âmbito da antropologia e da economia, porquanto “a fraternidade pode influir como componente de um agir económico que encontra motivações que respeite a dignidade da pessoa humana, podendo gerar uma racionalidade baseada na abertura ao outro, a confiança e a honestidade” (*idem, ibidem*).

Porém, num mundo capitalista onde o desejo de bem-estar humano tem uma concepção marcadamente individualista e onde a satisfação do interesse próprio conduziu ao enriquecimento e ao desenvolvimento de uma parte do mundo, não deixa de ser frustrante o convívio com situações de pobreza e exclusão social que representam o outro lado do crescimento económico.

Já foi exposto que a lógica convencional de economia assenta na troca por equivalente, que tem do outro lado da equação o ‘preço’. No entanto, o conceito tradicional de economia, enquanto teoria de racionalidade económica, é criticado por François Perroux, uma vez que neste prisma não só “[...] é depauperada como é anémica, porque são excluídas as participações nas comunidades de vida e de destino e nas comunidades dos mais altos valores, imanes e transcendentais [...]” (Perroux, 1962: 192-193). De acordo com este autor, a plena sociabilidade humana realiza-se na participação da vida de cada um na vida de todos, pelo que há razão para também se considerar na esfera económica as trocas ‘sem equivalência’ e que redundam em bens relacionais.

Mas a economia não é um espaço homogéneo, é heterogénea e sistémica, existindo outras realidades para além do ‘mercado’ que têm implicações na vida social. Perroux, aliás, ressalva que se a economia ficar dividida das comunidades de vida e das comunidades de valores e se for exterior à participação, então fica privada das riquezas que a sociedade promove. Existe um mercado de coisas sem preço, uma economia de ‘dom’ que é oposta à economia de coação, i.e., a gratuidade por oposição ao dinheiro, o encontro ao invés do confronto. Incentivando o ‘dom’ (gratuito) promove-se a reciprocidade como factor económico que equilibra as trocas no mercado (coacção), fazendo deslocar o centro de interesse e acção de cada um dos sujeitos para outrem, o outro que não o próprio sujeito (Perroux, *apud* Lemos, 2006: 55). Em contraponto com a ortodoxia da racionalidade económica vigente, que tem o agir económico orientado para a satisfação do próprio interesse, esta acção apresenta a ideia de fraternidade, já antes vista, e que encontra motivação num agir que respeita a dignidade da pessoa humana e que gera uma racionalidade voltada para a confiança, a justiça, a honestidade e acima de tudo a abertura ao outro. Estas ideias, preconizadas por Perroux, são muito semelhantes às adoptadas pela EdC.

Os factos objecto de análise não deixaram de oferecer e de apontar à Economia as bases de uma nova cultura (tal como é reivindicado pela EdC), pois a adopção de valores e critérios éticos na vida e a transmutação permitida pelos relacionamentos constituem um activo importante, que teoricamente se reflecte como elemento de uma reciprocidade ‘invisível’, mas que na prática se estabelece de forma muito visível na construção de uma economia (mais) solidária.

A Economia de Comunhão (EdC) e a Economia Solidária

Na análise desenvolvida nos últimos capítulos procurou-se caracterizar a EdC, apresentando a sua realidade teórica e prática enquanto corrente que almeja um paradigma alternativo da

Economia. Não obstante a revelação dos seus valores e as inspirações, que constituem uma chave de leitura indispensável a uma boa interpretação, chega-se ao ponto principal e que é a raiz deste trabalho. Esta dissertação tem o seu enfoque principal na pergunta que foi formulada à partida: Poderá a Economia de Comunhão (EdC) ser considerada uma perspectiva dentro da Economia Solidária?

Existem muitos pontos de contacto entre a EdC e a Economia Solidária, aliás, numa breve observação encontram-se muitos pontos de ligação entre estas duas realidades, e que, na minha opinião, assumem uma partilha de valores. No entanto, considerando que algumas das matrizes da Economia Solidária consistem numa ‘reciprocidade não equivalente’, na criação de empresas e/ou entidades com um espectro não lucrativo (*non profit*), que prestam um apoio directo a terceiros ou através da promoção de serviços de proximidade, que assumem um campo de acção onde não existem grandes iniciativas empresariais nem mesmo estatal (pela fraca atractividade derivada de uma reduzida potencialidade económica, i.e., produção de lucros); e considerando, por seu lado, que a EdC, na sua vertente prática como projecto (empresa), assume substancialmente uma componente lucrativa (*for profit*), onde os lucros se constituem como uma base de acção, então será adequado pensar e enquadrar-se a EdC no âmbito da Economia Solidária e, eventualmente, considerá-la como parte desta última?

Em primeiro lugar existe uma hibridação de cariz *for profit* das empresas EdC no mundo da Economia Solidária e que é alcançada pela distribuição dos lucros preconizada pela EdC e que floresce numa base de reciprocidade e de solidariedade.

Em segundo lugar, atendendo que, num universo plural, como é o campo da economia, podemos encontrar várias formas e experiências de Economia Solidária, que não pretendem adoptar um papel de ‘ir contra’ o mercado, de substituí-lo ou mesmo de aniquilá-lo, mas que procuram democratizá-lo, torná-lo mais justo e equitativo, numa “articulação junto à esfera pública a fim de produzir uma reimbricação da economia como projecto de integração social e cultural” (França Filho, 2004: 118).

Estes aspectos validam a EdC como modelo integrador, pela permanência e actuação dentro do mercado, e a concretização dos objectivos, que se traduzem numa corrente que estabelece uma rede de relações interdependentes. Assim, através desta visão, poder-se-á, “instaurar no mercado novas formas de regulação e suprir as suas falhas” (*idem, ibidem*).

Quanto à tipologia e modelo de acção seguida pela EdC e a sua integração/ligação à Economia Solidária, encontramos alguns exemplos nas experiências de Economia Solidária.

No caso da Macaronésia⁵⁹, em particular, encontrei várias reminiscências com a EdC: desde logo pelos princípios de solidariedade e fraternidade assumidos pelo objectivo principal da EdC, ‘ser um mundo onde não existam mais pobres’, que se reflecte também na versão da Macaronésia; depois, porque a EdC também adoptou o desafio de resposta, de renovação e alteração de consciências e hábitos, tão necessários para mudar paradigmas; e, por fim, tal como afirma Roque Amaro, nessa versão, pelo “carácter de solidariedade sistémica com a Vida em todas as suas expressões” (Amaro, 2009: 15), aspecto também adoptado pela EdC. Senão, vejamos as características (pilares) da versão que é assumida pela Macaronésia:

- Projecto económico, traduzido na produção de bens e serviços, na criação de emprego e na distribuição de rendimentos, e que se pode articular em três princípios: economia da dádiva (partilha) ou reciprocidade, economia de mercado e economia de redistribuição de recursos (Estado);
- Projecto social, contribuindo para uma coesão social, particularmente através da criação de empregos, da promoção da igualdade de oportunidades e da luta contra a exclusão e pobreza;
- Projecto cultural, através da aculturação e do respeito pelas tradições, identidades e características das populações, valorizando o património e a cultura desses locais/região;
- Projecto ambiental, mediante o respeito e a integridade pelo meio ambiente e a promoção da ecologia como factor de vida e equilíbrio;
- Projecto territorial, pelo enraizamento nas comunidades, como interlocutores e agentes activos na participação e no envolvimento com os locais;
- Projecto de gestão, ao procurar aplicar métodos e instrumentos de gestão rigorosos e eficientes que assegurem a concretização da sua missão e a sua viabilidade;
- Projecto de conhecimento, procurando valorizar e desenvolver as experiências de Economia Solidária com uma construção dinâmica e permanente;

⁵⁹ A Economia Solidária da Macaronésia tem origem na Região Autónoma dos Açores nos finais dos anos 1980, através da constatação de problemas sociais, com relevo na exclusão social e na pobreza, que levaram ao desenvolvimento de iniciativas por parte de organizações da sociedade civil da ilha de S. Miguel, ligadas à Igreja Católica, ao associativismo de técnicos e de pais de pessoas portadoras de deficiência mental. Surgem assim projectos de natureza económica que criam empregos promovendo um desenvolvimento económico local com alguma expressão. Cf. a este propósito, e o que se segue, na exposição e descrição efectuadas por Roque Amaro (2009), pp.12-17.

- Projecto político, pela promoção de uma gestão democrática e participativa, e por uma postura de co-responsabilidade na regulação e nas parcerias que se fomentam com todos os protagonistas, numa óptica de ‘parceria-providência’.

A legitimidade assumida pelas especificidades da EdC é evidente, porquanto ao analisarem-se com maior profundidade os seus valores serão encontradas algumas ligações que podem ajudar na resposta à questão de partida: várias correspondências com a Economia Solidária, em geral, e com a versão da Macaronésia, em particular, que seguidamente serão detalhadas.

- Projecto social e político

À semelhança da Economia Solidária, a EdC não deixa de ser considerada um projecto social, económico e político, pois baseia-se em grandes princípios, como a cooperação e a igualdade, mediante a adopção de um espírito com características democráticas (numa perspectiva relacional, ao procurar estabelecer nas empresas EdC um ambiente de partilha e de participação numa lógica ‘unitária’, a empresa como um único corpo), que assenta na primazia do homem sobre o capital, na defesa do interesse comum e geral sobre o interesse privado e particular, e na autonomia em relação ao Estado, em respeito pela Lei, com um objectivo que se manifesta num comportamento solidário e ético. A postura da EdC é interna e externa, pois através das suas actividades promove uma co-responsabilização na regulação dos problemas que é fomentada pelas parcerias com os diferentes *stakeholders*. Procura valorizar e desenvolver a ‘cultura do dar’, articulando a teoria com a prática, num projecto de conhecimento contínuo.

- Livre adesão, gestão democrática e participativa

A assunção de um espírito de liberdade e voluntariedade na iniciativa de aderir à EdC constitui um factor de independência e coligação muito importante. A procura de uma gestão com critérios de rigor, eficiência e seriedade, assumida nas empresas EdC, possui contornos menos convencionais, como o acolhimento da liberdade (como factor de adesão e escolha) e a tomada das decisões, que, na EdC, também é vista como algo decidido em conjunto, com a participação dos outros, no ‘colectivo’, i.e., de tipo ‘democrático e participativo’. Mas as afinidades com a Economia Solidária não se ficam por aqui; para além de a EdC emanar um espírito ‘colectivo’, que se encontra na adesão e nas decisões tomadas pelas empresas EdC, que nunca devem assumir um carácter individual,

nomeadamente quanto à distribuição dos lucros, a perspectiva de divisão (dos lucros) em três partes avoca um factor similar ao que se pode encontrar em cooperativas e mutualidades, organizações-tipo de Economia Solidária.

- Inclusão social e bem comum

Como o factor que se encontra na génese, em si mesmo, das empresas EdC não é o lucro, ainda que este não deixe de estar reflectido como elemento de autonomia e da sua continuidade, as empresas EdC não são auto-suficiente, pois o seu mote é a prossecução do bem-estar numa resposta à pobreza e exclusão social. A missão da EdC, é por isso, muito idêntica à da Economia Solidária, atendendo que vai também ao encontro dos mais pobres e excluídos da sociedade, procurando corresponder a determinadas necessidades, como está vincado na sua linha inspiradora (a Doutrina Social da Igreja), que advoga a preferência especial pelos pobres, a promoção da equidade e justiça social, procurando o bem comum. Promove uma coesão social com a criação de empregos e numa lógica de igualdade de oportunidades.

- Associação, cooperação e multicultural

A EdC tem um carácter comunitário, pois agrega as pessoas num ‘todo’ organizado, neste caso, a(s) empresa(s), juntando empregados e empresários, trabalho e capital, através da cooperação, da interacção, da entreajuda e da reciprocidade. Este vector, baseado numa criação de ‘redes’ (à semelhança do que acontece nas ‘redes sociais’) que são promovidas no âmbito da Economia Solidária, estabelece um conjunto de relações directas e indirectas entre vários agentes e interlocutores, de variadas naturezas e conceptualizações (Fontes, 2009: 284-285), promovendo a organização e o desenvolvimento. A implementação das empresas EdC nos diferentes lugares procura respeitar as tradições, o património e as identidades locais, enraizando-se junto das populações, encontrando aí ideias de negócio com a valorização dos recursos. Respeitam o ambiente, promovendo a ecologia como fonte de sustentabilidade (vida e equilíbrio).

- Objecto e actividade económica

Encontramos vários exemplos de empresas EdC cujo âmbito de acção assumiu uma natureza de projecto social ou cuja produção de bens e serviços adoptou outros modelos de economia solidária já implementados por outras correntes (por exemplo, cooperativas ou agremiações de produtores). Independentemente da existência de empresas EdC e do

objecto/actividade económico que cada uma promove, estas podem assumir-se como elementos e meios de acção da Economia Solidária de forma integral e plena (como, aliás, se demonstrará em alguns casos práticos no próximo capítulo). Ainda assim, as empresas EdC adoptam na condução da sua actividade (negócio) a produção de bens de troca traduzidos numa ‘reciprocidade equivalente’, sendo também capazes de produzir, de forma alternada e/ou em simultaneidade, uma troca baseada numa ‘reciprocidade não equivalente’ (ainda que esta seja concretizada com a partilha dos lucros).

- Gratuidade e economia com fins ‘não monetários’

A EdC pode assumir-se como uma prática de Economia Solidária, apesar de uma fisionomia mercantil e monetária ‘*for profit*’ (mesmo se as empresas envolvidas eventualmente adoptem uma vertente não mercantil). O meio de concretização tem um objectivo final de cariz ‘não monetário’, assumido pelo acervo e distribuição obtidos através da doação dos 2/3 dos lucros das suas empresas, transformando-se num foco gerador de fraternidade. A EdC é vista também como a economia da dádiva (expressão já utilizada) e que, no entender de Alain Caillé, “[...] dificilmente uma economia poderá ser *solidária* se aqueles que a reivindicam não se inspirarem, de uma maneira ou de outra, no princípio da dádiva” (Caillé, 2009: 103). Uma dádiva que, não exigindo uma retribuição, pode pressupor uma devolução, mesmo não imediata e equivalente, num patamar de ‘relação’. Esta reciprocidade, ainda que gratuita (e não equivalente), incorpora um acto paradoxal de liberdade, que é entendido num contexto relacional.

Qualquer um dos valores da EdC descritos e analisados no quarto capítulo deste trabalho, não deixa de associar elementos que normalmente podem ser encontrados na estrutura e nas organizações de Economia Solidária: a solidariedade e a proximidade, a procura da igualdade e da justiça social, o conceito de doação (dom) e de comunhão (unidade), que nos conduz à fraternidade e à cooperação, e, impreterivelmente, a ‘reciprocidade’. É este último aspecto que considero o ponto de convergência entre as duas realidades, pois incorpora uma concepção de ‘elemento social’ que as unifica.

O papel desempenhado pela EdC em algumas regiões do planeta assume um carácter dinamizador da Economia Solidária, apresentando-se como seu digno representante. Em muitas partes do mundo a EdC assume frequentemente uma unicidade como expressão solidária, seja pelo contexto cultural e/ou político seja pelo religioso. A particularidade do envolvimento do Movimento dos Focolares, enquanto dinamizadores dos projectos, e a sua

capacidade para o diálogo ecuménico e inter-religioso, tem permitido, em sociedades bastante fechadas, apresentar alternativas credíveis e autónomas perante diversos obstáculos. Encontramos exemplos disso em África e na Ásia, através das suas Cidades. Mas os pontos de contacto não se ficam por aqui, a expressão seguida como missão, a ‘unidade’ e o ‘diálogo’ são factores de interacção, assumem um cariz que, não sendo apologético ou prosélito, procura ser integrador, respeitando a cultura e as tradições das sociedades em que o movimento se instala.

Feita uma apreciação, voltamos à pergunta de partida e à necessidade de para ela se encontrar resposta, que é afirmativa, ou seja, **a EdC pode assumir-se ‘com’ e ‘como’ uma componente na construção da Economia Solidária.**

Esta resposta é confirmada e validada pela EdC, pois esta:

- Procura contribuir para o alcance do equilíbrio e da justiça social;
- Ajuda precisamente quem se encontra em necessidade, promovendo o emprego;
- Oferece propostas que implicam alterar a mentalidade colectiva e os modelos nos quais são concebidos os sistemas económicos;
- Busca a melhoria das condições de vida e de desenvolvimento humano, respeitando a liberdade e a livre iniciativa económica.

A EdC segue uma trajectória muito própria, pretende estabelecer um novo paradigma económico, alternativo à ortodoxia, mas que coloca a ‘vida’, em vez das ideologias, em primeiro lugar, actuando sempre num diálogo com os outros modelos e experiências já existentes.

Encontra-se uma ‘partilha’ de valores, de acções e de objectivos, que podem ser ligados e perfeitamente aceites, uma vez que o conceito de Economia Solidária é bastante amplo, não está fechado e encontra-se em desenvolvimento. Consegue incorporar a EdC como uma perspectiva de economia alternativa, adoptada nos valores, na diversidade e na universalidade que ela própria implementa. Este facto é reforçado pela própria definição de Economia Solidária (que vimos no início deste capítulo)⁶⁰.

⁶⁰ Cf. a este propósito, Hespanha (2009), pp.162-163.

Pode, assim, encarar-se a EdC como fazendo parte do pensamento da Economia Social, e da Economia Solidária em particular, uma vez que a sua estrutura não deixa de radicar numa resposta intelectual e prática actuante, com um desígnio comum.

Deverá realçar-se que, apesar de a origem das empresas EdC não ‘esconder’, i.e., não ter por detrás uma determinada ‘agenda solidária’, este elemento está presente, é inerente a cada empresário/aderente que sente necessidade de fazer uma economia diferente, com um agir ético e moral, que se distinga dos padrões existentes na generalidade do mercado, que respeite e coloque o homem em primeiro lugar, e que contribua para resolver e ajudar a erradicar os desequilíbrios causados pela economia, os quais são reflectidos na pobreza e a exclusão social. Este facto poderá ser corroborado através da exposição de alguns casos práticos (relacionados com algumas iniciativas/empresas EdC) apresentados no próximo capítulo.

6. A realidade da EdC: apresentação de casos

Mais do que uma teoria económica, a EdC é uma comunidade prática constituída pelas empresas e por vários pólos empresariais, laboratórios e campos de estudo que operacionalizam os conceitos e normas desta perspectiva. Por esta razão não posso deixar de fazer o enfoque de alguns projectos/empresas que em diferentes áreas de actividade e zonas geográficas actuam no mercado, desenvolvendo as suas actividades produtivas.

O estudo/apresentação de casos constitui uma parte importante deste trabalho e apresenta a dinâmica da EdC, tendo optado por uma metodologia que se baseia essencialmente em fontes secundárias, através da consulta, da recolha, da análise e do tratamento de dados documentais, em particular nas plataformas virtuais (internet). A pesquisa de elementos viu-se limitada pela impossibilidade de se fazer uma recolha *in loco* nas empresas (com excepção do caso português). Apesar disso, procurei estabelecer um contacto mais directo, com recurso ao correio electrónico, junto das empresas que foram seleccionadas, tendo sido organizadas algumas questões em entrevistas de forma não estruturada. A descrição dos casos apresentados não envolveu a aplicação de técnicas de investigação mais robustas. Não obstante, na escolha e selecção procurei identificar pelo menos três projectos (empresas), associado a actividades económicas bastante diferenciadas, localizadas em três países/latitudes diferentes. Assim, e dentre várias possibilidades, selecionei três empresas EdC, seguidamente apresentadas:

- **Dalla Strada**, Brasil, América do Sul;
- **Bangko Kabayan, Inc.**, Filipinas, Ásia;
- **Ecnal, Consultores Associados, Lda.**, Portugal, Europa.

Devo referir ainda que, antes da apresentação e da análise de cada um dos casos seleccionados, farei uma breve resenha na forma de uma pequena ficha técnica para melhor enquadramento e que congrega seis pontos: a localização geográfica (Continente/País), a data de constituição/adesão à EdC, a actividade económica desenvolvida, as unidades produtivas, o número de funcionários/postos de trabalho e o volume de negócios (quando disponibilizado).

- Dalla Strada

Nome:	Dalla Strada
Localização:	América do Sul, Brasil
Ano constituição:	2008
Actividade:	Produção de acessórios e artigos em couro e pele (bolsas, malas, etc.)
Unidades:	2 fábricas - Igarassu (2008) e São Paulo (2010)
Empregados:	16 empregados (8 em cada unidade fabril)
Volume Negócios:	Dados não disponibilizados

João Bosco Lima de Santana, artesão, após uma viagem a Itália para se especializar na produção de bolsas de couro e artigos de marroquinaria, regressou ao Brasil para montar um negócio lucrativo, criando o atelier Santa Fiora. Quando era mais jovem, João Bosco conheceu o Movimento dos Focolares, tendo ficado impressionado com a proposta de Chiara Lubich de ‘dar a vida pelo seu povo’. Esta etapa da sua vida, levá-lo-ia, mais tarde, a reencontrar-se com aquele movimento e a descobrir a dinâmica da EdC. O conhecimento com o Pe. Renato e a sua obra, que acolhia jovens e meninos de rua, consolidou um desejo: "Pôr à disposição a minha competência e a minha vida para dar aos jovens uma profissão. Educar para o trabalho é uma forma de desenvolvimento e vimos que o amor vivido por uma grande causa é capaz de renovar todas as coisas, ideias e pessoas que vêm da rua" (Bosco, 2011)⁶¹. Assim, uma década após a criação do atelier Santa Fiora e conjuntamente com o Pe. Renato Chiera, fundador da obra social ‘Casa do Menor’, que acolhe crianças de rua vítimas de violência, drogas ou sem família, e com a colaboração de outras pessoas, João Bosco vê a possibilidade de desenvolver um projecto que não só permitisse aumentar a sua actividade (negócio) como pudesse acolher o seu desejo de melhorar as condições de vida de muitos jovens.

A partir de 2008, e com alguns dos frequentadores da obra social, em colaboração com o atelier de João Bosco, são efectuadas acções de formação subordinadas à recuperação de artesanato (pedaços de pele, couro e até lonas de pneus que são reciclados e aproveitados para

⁶¹ Palavras proferidas por João Bosco Lima de Santana, citado por Paolo Loriga, Itália, 28.05.2011, *in site*: <http://www.edc-online.org/br/home/especial-brasil-2011/1649-dalla-strada-al-mercato.html>

a produção de bolsas e sandálias). Com o sucesso alcançado pelos primeiros cursos, surge a ideia de se criar um pequeno negócio com os formandos. Assim, em 2009, e com o apoio de uma organização ligada ao Movimento dos Focolares, é dado corpo a um projecto (empresarial) mediante a implementação da cultura de Economia de Comunhão. Daqui germina uma parceria que se estabelece entre o atelier e a Casa do Menor, desenvolvendo e estruturando um projecto que consiste no aproveitamento de materiais que já não têm utilidade e/ou de desperdícios, mas que depois de devidamente tratados, preparados e manipulados são transformados em novos produtos: bolsas, malas e acessórios exclusivos de cariz artesanal, produzidos com acabamentos refinados, de diversos modelos, cores e tamanhos.

Da parceria criada, nasceria a marca ‘**Dalla Strada**’ (que na língua italiana significa ‘*Vindo da Rua*’). A Dalla Strada viria a localizar-se no Pólo Empresarial Economia da Comunhão do Nordeste S.A (Pólo Ginetta), na cidade de Igarassu, na Região Metropolitana do Recife, situada no norte litoral do Estado de Pernambuco. A primeira fábrica, além de vender os seus produtos, assume como objectivo maior a formação e de dar conhecimentos a vários jovens, através de cursos e módulos de aprendizagem que visam aumentar a capacidade de produção (de acordo com os dados obtidos, a fábrica tem uma capacidade de produção de cerca de 300 bolsas por mês)⁶². O objectivo que se propuseram os mentores do projecto foi o de melhorar a qualidade de vida daqueles jovens proporcionada por cursos de formação profissional que, possuindo as bases, as directrizes e os ensinamentos vividos através da EdC, permitem criar e desenvolver uma actividade profissional. Como afirma João Bosco: “aqui na empresa os jovens estão em primeiro lugar, a sua formação, não a produção, embora mantendo o foco na qualidade” (*idem, ibidem*). Mas além dos cursos profissionais é ministrada formação aos jovens em diversas áreas, como a saúde, a segurança, o meio ambiente, os direitos humanos, os princípios éticos e de trabalho na EdC, sendo aqueles sempre acompanhados por uma equipa de psicólogos e educadores. A produção das bolsas permite profissionalizar os jovens, capacitando-os para a vida laboral, pois facilita-lhes a abertura de novas perspectivas de vida, de portas para um primeiro emprego, proporcionando oportunidades para uma inclusão sócio-económica e um sentimento de auto-estima que os pode afastar de uma vivência na pobreza. Todos os trabalhadores são provenientes de zonas

⁶² De acordo com os dados recolhidos, na unidade de Igarassu (Recife) produzem-se actualmente 300 bolsas/mês e na unidade de São Paulo 150 bolsas/mês, em média.

periféricas pobres, a quem é oferecida uma oportunidade de emprego e, como tal, de poderem construir um futuro melhor.

Apesar da forte conotação social, que é muito visível, a Dalla Strada, enquanto projecto empresarial EdC, procura traduzir um novo humanismo que surge quando a economia combina a comunhão de todos os protagonistas. A importância e o reconhecimento são, por isso, assumidos desde logo pelos parceiros (sócios) da empresa EdC, não podendo excluir-se as referências deixadas pela obra social Casa do Menor.

Passo a apresentar o testemunho dado pela Casa do Menor, parceiro do projecto (tradução original):

“As bolsas estão sendo fabricadas inicialmente no curso profissionalizante ministrado pelo Atelier Santa Fiora, em parceria e com o patrocínio da Casa do Menor, com o fim de profissionalizar os jovens da Casa do Menor e de mais alguns da região de Igarassu, no Pólo empresarial Ginetta, no município de Igarassu-PE. Elas são fabricadas na sua maioria com lona e adereços em couro. O Atelier Santa Fiora é fabricante de bolsas de lona envelhecida e couro, para comercialização. A parceria do curso é justamente para profissionalizar os jovens da Casa do Menor e ensinar a serem empreendedores futuramente. O curso não se atém somente à fabricação de bolsas, mas possibilitar, ainda, a estes jovens tornarem-se, também “jovens protagonistas” capazes de moldar o mundo a cada instante e criar ideias para melhorá-lo - seja na sua casa, na comunidade, na escola, no trabalho para que esta actuação possa atingir grandes proporções. Durante o processo de capacitação e produção estão previstos momentos de formação humana abordando conteúdos para preparar os jovens a participarem como atores principais em acções que não dizem respeito somente à sua vida privada, familiar e afectiva, mas a problemas relativos ao bem comum, a escola, a comunidade ou a sociedade mais ampla, tratar-se-á de base sólida para um novo modelo de desenvolvimento auto-sustentável com solidariedade. Esta parceria é um projecto para formação de núcleos produtivos para pequenos empreendedores no ramo de bolsas em couro e artesanais, sob a óptica da economia de Comunhão, numa acção conjunta em prol da formação de pequenos empreendedores para geração de emprego e renda no ramo de bolsas de couro e artesanais na periferia das cidades de Igarassu/Pe, Fortaleza/Ce, Rio de Janeiro/Rj, Santana do Ipanema/Al e no assentamento Zumbi dos Palmares, município de Branquinha/Al. Os objectivos: Dar início a uma experiência modelo de auto-desenvolvimento sustentável com solidariedade à luz da experiência de Economia de Comunhão, através da instalação de cinco núcleos produtivos de confecção de bolsas enquanto continuação (segunda etapa) da capacitação e profissionalização de 24 jovens com o fim de torná-los capazes de desenvolver bolsas artesanais contemplando as fases de corte, costura e montagem além da formação destes jovens, das suas famílias e da comunidade circunstante a estes núcleos produtivos a um espírito de fraternidade e partilha. Estamos somente no início do projecto e por enquanto a fabricação será só de bolsas e já tem procura no comércio, mas num futuro próximo, serão fabricados também outros objectos em couro, como por exemplo calçados e chinelos...”⁶³

⁶³ In site: http://casadomenor.org.br/casadomenor/index.php?option=com_content&task=view&id=95

A empresa apresenta uma linha de produtos artesanais que misturam a qualidade e o *design* moderno com a originalidade, como, por exemplo, a origem das matérias-primas utilizadas: desperdícios e materiais em desuso, como aparas de couro, pele e/ou pedaços de jeans, que já não têm utilidade, e que são recuperados de forma ecológica. Esta empresa apresenta-se como inovadora e sustentável, assume-se como empresa EdC, baseada na sua carta de princípios éticos, facto que é testemunhado na missão e nos objectivos que apresentados pela empresa e publicitados no seu *site* institucional, e que seguidamente se descreve⁶⁴ (tradução original):

Fundamentação: Com base na vivência da troca de experiências e na valorização da doação - como acto de dar ao próximo um pouco do que se tem (conhecimento e oportunidade de crescimento), a Economia da Comunhão (EdC) é o fundamento ideológico do projecto. Nela, a pessoa humana, e não o capital, está no centro da empresa. A EdC consiste numa das formas de economia solidária alicerçada nos valores de fraternidade surgida em 1991 no âmbito do Movimento dos Focolares.

Idealizadores: Criado há uma década, o Atelier Santa Fiora é um projecto do artesão com especialização em modelagem e montagem na Itália, João Bosco de Lima. Com a colaboração de um grupo, que sentiu de construir este projecto junto, desenvolve e acompanha os cursos realizados no Projecto Social Jardim Margarida, na Mariápolis Ginetta. Localizado na cidade de Vargem Grande Paulista na Região Metropolitana de São Paulo.

Novas Ideias: Após o sucesso da realização do curso de design e costura de bolsas, nasceu a ideia de incrementar o projecto e oferecer novas alternativas de fonte de renda para os participantes: o trabalho com produção de acessórios, entre eles, cintos e sandálias de lona e em couro, jóias e bijutarias. Capacitação em corte, costura e montagem de bolsas. É o que o curso de bolsas oferece aos participantes. Através de encontros diários com duração de quatro horas, os alunos recebem as instruções teóricas e práticas sobre manuseio de tecidos, melhor posição para corte, costura industrial, etc. O curso tem duração de 6 meses e é realizado nas dependências do Projeto Social Jardim Margarida, em Vargem Grande Paulista (SP).

Participantes: Jovens de 15 a 24 anos em situação de vulnerabilidade social que residem na periferia. A selecção dos aprendizes é realizada por uma psicóloga voluntária que faz entrevista pessoal e em grupo e testes específicos de habilidades manuais. No decorrer do curso, os alunos também recebem orientação psicológica personalizada que utiliza técnicas da bio-energia.

Resultados: Formação profissional para mais de 30 jovens e a criação da marca Dalla Strada, reunindo os produtos feitos pós-oficina de confecção de bolsas. São carteiras, sacolas e bolsas produzidas com material reciclado (estopas, banners e lonas de caminhão) com *design* diferenciado.

⁶⁴ In site: <http://dallastrada.com/>

Apesar dos contornos de uma empresa criada e pensada no âmbito de um projecto ligado à economia social e solidária, os produtos da Dalla Strada, não pretendem ser conotados apenas com aquela origem mas, principalmente, como uma empresa que produz bens de qualidade e com um valor acrescentado. Daí a importância atribuída ao *design* e à diferenciação das peças, que é feita em colaboração com *designers* e estilistas, que contribuem para a criação de peças distintas, que são depois colocadas no mercado. Este factor assume especial importância, uma vez que a empresa pretende que as suas peças sejam apreciadas e compradas pela sua qualidade e utilidade, e não tanto pelo facto de serem vistas como um bem produzido para ajudar jovens. Este facto pode parecer um contra-senso, mas procura desmistificar um conceito muitas vezes associado a projectos deste tipo, porquanto os bens produzidos pela Dalla Strada enfrentam a concorrência e, desta forma, a empresa pretende assumir uma posição de excelência no mercado, de forma a permitir a continuidade e a expansão do negócio.

Nessa perspectiva, a experiência espalhou-se a São Paulo, no Sul do Brasil. Em Maio de 2010, teve início a formação de mais jovens, com o objectivo de aí inaugurar mais uma unidade de produção. Assim, em Agosto de 2010, mais de 90 jovens iniciaram os trabalhos no núcleo de produção de sandálias da fábrica de Igarassu. Estes jovens eram não só provenientes de casas-abrigo do Rio de Janeiro, de Fortaleza e de Santana do Ipanema, mas eram também constituídos por grupos de trabalhadores ‘Sem-Terra’ de Branquinho-Alagoas, das favelas e dos ‘quilombos’ (favelas habitadas por descendentes de antigos escravos africanos) da Vargem Grande Paulista (São Paulo), isto de acordo com os dados disponíveis. Esta segunda fábrica foi igualmente criada num outro Pólo empresarial da EdC, neste caso no Pólo *Spartaco*, situado a alguns quilómetros da cidade de São Paulo, e no qual estão já instaladas outras nove empresas, todas elas administradas conforme os princípios da EdC. Mas o desenvolvimento não se fica por aqui: da Costa do Marfim, em África, já surgiu um pedido para a aprendizagem da actividade, estando para breve o seu arranque. Este projecto será dinamizado localmente por pessoas ligadas ao Movimento dos Foculares. Também na Europa, em particular em Itália, já começam a surgir bolsas Dalla Strada, mediante a importação daqueles produtos produzidos no Brasil. Este comércio (em Itália) está a ser promovido através da ‘Cooperativa Equiverso’, também uma empresa EdC, que actua no âmbito do comércio justo e solidário. Desta forma vê-se como as empresas alargam o seu conceito, exportando-o para outros países e lugares, transformando os pequenos negócios de empresas EdC com um cariz, cada vez mais, multinacional.

A experiência e o entusiasmo com que é vivida a actividade da pela Dalla Strada são também manifestados pelos vários testemunhos, dados na primeira pessoa. Divani, 18 anos, está na empresa após um ano de formação profissional e de um estágio no nordeste Brasileiro, em Recife, onde a empresa já existe há mais tempo, no outro Pólo EdC (tradução original): “A nossa é mais que uma empresa... Nós nos ajudamos. O nosso é um trabalho em equipe. Existe um clima de família. Cada dia começa com a palavra de vida tirada do Evangelho. Ela nos ajuda a superar as dificuldades. Toda sexta-feira, nós contamos como a vivemos durante a semana e o que mudou em nós” (Bosco, 2011). Já Miguel, 20 anos, fala da sua (nova) vida: “A minha vida era vazia. Agora tenho uma perspectiva, um motivo para viver. A nossa vida era normal, até de boas condições. Meu pai era dono de um restaurante. Depois da separação, ele levou tudo embora. Experimentamos a dor da fome. Para nós, só tinha lugar na favela. Eu tinha 11 anos. Como ajudar a minha mãe e os meus dois irmãos? O tráfico de drogas parecia a solução [...] Depois, as fugas, a prisão. [...] dos meus 26 amigos, somente eu sobrevivi. Os outros foram todos destruídos pela droga [...] tenho que sair disso. Sentia-me distante de todos aqueles que eu amava. Não foi fácil. Mesmo não conhecendo ninguém, logo me senti muito bem. Com uma força nova, feliz. Me senti em casa.” Ele, actualmente é o responsável pelo laboratório da empresa afirma: “Hoje me arrependo de tudo. Mas eu fiz aquilo para sobreviver. Nós nos ajudávamos, nos protegíamos, mas éramos obrigados... Isso é horrível. Agora tenho muito para dar. Sinto a responsabilidade de ajudar quem passou pelas mesmas coisas que eu passei. Quero dar tudo de mim para levar pra frente esse projeto. Em nome dos meus amigos que não conseguiram, eu quero conseguir” (*idem, ibidem*).

Se o projecto teve início devido à necessidade de se encontrar uma nova forma de combater o desemprego que atingia jovens em situação de risco no Brasil, aquele actua, hoje, acima de tudo, como factor de inclusão, seja pela formação contínua, seja pela criação e atribuição de competências e capacidades profissionais que, de outra forma dificilmente seriam obtidas. De acordo com os seus fundadores, o projecto pressupõe um caminho que pretendem que venha a levar a que, nos próximos anos, os jovens sejam incluídos na gestão da empresa ou passem a exercer actividades produtivas em núcleos autónomos interligados numa associação de empresas. Desta forma, os jovens envolvidos no projecto podem viver uma experiência de comunhão e reciprocidade plena; aliás, como é afirmado: “A EdC representa uma oportunidade de encontrar um emprego e de crescimento profissional, e é muitas vezes o entusiasmo e a vontade de começar uma vida nova, que é inspirada na reciprocidade do dom.” (*idem, ibidem*).

- Bangko Kabayan, Inc.

Nome:	Bangko Kabayan, Inc.
Localização:	Ásia, Filipinas
Ano constituição:	1957 (adesão à EdC em 1991)
Actividade:	Financeira - Banca
Unidades:	16 balcões (dados a 11.07.2011)
Empregados:	290 colaboradores
Volume Negócios:	1 bilião de pesos filipinos (valor de recursos financeiros - dados em 1997)

O Bangko Kabayan, Inc. (adiante BK) dedica-se à actividade bancária e é considerado um pequeno banco rural nas Filipinas, cuja sede se situa a sul da capital, Manila. Apesar de a data de fundação se reportar ao ano de 1957, a adesão à EdC coincidiu praticamente com a origem desta, em 1991, e deu-se quando dois accionistas maioritários do Banco (Teresa Ganzon e o seu marido, Francis) decidiram ir ao encontro de Chiara Lubich.

De acordo com o testemunho dado por Teresa Ganzon (2010), “[Chiara] falou de um novo paradigma económico – a Economia de Comunhão – onde os lucros da empresa estão ao serviço dos pobres [...]”, que para além de se constituir como uma forma diferente de fazer economia, apresentou-se-lhes como um projecto que “garantia a estabilidade e a continuidade dos próprios negócios. Mais do que apenas o destino dos lucros, a EdC oferecia uma forma mais definida de estabelecimento de relações dentro da própria empresa, entre os colaboradores, *stakeholders*, reguladores do governo e mesmo concorrentes” (*idem*).

Em 1991, o banco possuía uma estrutura bastante modesta, apresentando rendimentos considerados suficientes, mas que, no entender daquele casal, poderiam ser ampliados se fosse adoptada uma lógica de “sair da zona de conforto” potenciando assim o crescimento do negócio e a oferta de mais emprego e, simultaneamente, servindo um público maior, e gerando mais lucros “para serem partilhados pelos pobres” (*idem*). Neste sentido, o BK expandiu-se, abrindo mais oito balcões na província de Batangas, na medida em que foram também ajudados por outros empresários, como Tita Puangco. Esta aderente EdC estava a desenvolver uma empresa de consultoria de gestão de serviço às comunidades locais e a sua colaboração permitiu, de acordo com Teresa Ganzon, ajudar a transformar o BK numa entidade com

fisionomia de EdC. Esta relação estabeleceu uma ‘relacionalidade’, que foi alimentada numa óptica de reciprocidade, não só a nível institucional como também pessoal.

Os crescentes recursos do BK foram acompanhados por uma lógica de serviço às populações, graças ao empenho dos funcionários, que procuraram estabelecer laços de proximidade e confiança com as populações mediante um atendimento personalizado, ajudando os clientes nas suas decisões de investimento e de poupança, e assumindo o próprio desígnio da partilha de lucros dentro da EdC (como um benefício redistribuído pela comunidade). Esta lógica e empenho basearam-se na perspectiva de que o “homem estava no centro da empresa, não o lucro, não o crescimento” (*idem*). O dinamismo imprimido no BK permitiu um crescimento dos recursos financeiros próprios da instituição de P50M, em 1991, para P1B, em 1997⁶⁵.

Mas, em 1998, com a crise asiática e o imensurável número de falências de empresas que se registou, o BK também não ficou imune à elevada quantidade de créditos (empréstimos) que ficaram expostos à adversidade e cujas garantias não eram suficientes. Uma das razões prendeu-se com algumas avaliações inadequadas e o insuficiente conhecimento da actividade dos mutuários, provocando o *default* de muitos clientes. Talvez pelo facto de estarem inseridos numa cultura que não procurava apenas um lucro, graças à manutenção da confiança de muitos dos aforradores (depositantes), foi possível manter a actividade do banco. Esta confiança foi fundamental, na opinião de Teresa Ganzon, “pois se não fosse a base de depósitos estáveis o BK teria provavelmente falido” (*idem*), como aconteceu com muitas instituições financeiras nas Filipinas. A empresária reconhece ainda que a liquidez/estabilidade financeira que permitiu ao BK ultrapassar a crise foi obtida graças aos “relacionamentos genuínos de reciprocidade que foram cultivados e nutridos com os seus clientes, e que se devem largamente à mudança corporativa criada pela EdC” (*idem*).

A adesão à EdC trouxe ao banco uma política consubstanciada na aplicação de práticas éticas e transparência na escolha e no aconselhamento de produtos, designadamente a oferta de soluções que fossem ao encontro das necessidades concretas das populações, como, por exemplo, as “contas salário” (contas ordenado) e empréstimos para professores (através de acordos com base num programa patrocinado pelo Departamento de Educação das Filipinas, mas que mais tarde viria a ser substituído por outro tipo de apoio, devido ao facto de alguns interlocutores desse programa procurarem obter uma ‘comissão extra’ para si

⁶⁵ Dados disponibilizados pelo BK, reportando-se a P50M = 50 milhões de pesos filipinos e P1B = 1 bilião de pesos filipinos.

próprios, algo com que o BK não concordou por contradizer os seus princípios, missão e valores).

O BK aderiu também ao espírito do microcrédito encetado pelo Grameen Bank (de Muhammad Yunus⁶⁶), e que se traduziu, também igualmente por empréstimos de pequenos montantes. No entanto, se no início este apoio foi visto nas Filipinas como um programa social para mulheres marginalizadas (residentes fora do centro das cidades), rapidamente tornou-se, graças ao empenho e à promoção do BK, um apoio mais generalizado que, em apenas dois anos abrangeu mais de 500 clientes do banco e implicou uma triplicação das verbas alocadas a estes projectos. O sucesso foi tão grande que a ‘microfinança’ converteu-se num produto bancário que é disponibilizado, hoje, aos seus clientes, juntamente com produtos financeiros convencionais. Mas o mundo do ‘microcrédito’ é muito complexo e traduz-se no fracasso de muitos projectos. Só uma estrutura orientada para um acompanhamento próximo e permanente, como a implementada pelo BK, no apoio e na confiança depositados nos seus clientes/aderentes (em que o BK assumiu, inclusivé, o papel de formador), orientando-os e às suas famílias na importância de gerir bem os recursos e o valor da poupança, é que permitiu garantir a manutenção do destino financeiro nas suas ‘próprias mãos’, e imprimiu o crescimento e a sustentabilidade dos pequenos negócios que foram criados com recurso aos micro-empréstimos. Estes também ajudaram ao crescimento do BK, quer no crescimento dos rendimentos obtidos pelos micro-empresários e depositados no banco, quer no pagamento e na liquidação dos empréstimos, mas, acima de tudo, e de acordo com responsáveis do banco, no granjear da fidúcia na instituição.

A EdC alterou a imagem de um banco que se reorganizou em torno do objectivo da ‘partilha dos lucros’, numa missão de ‘servir o homem’, e que é considerado pelo BK como um dos factores da “sobrevivência, crescimento e prosperidade do seu negócio” (Ganzon, 2010). Por esse motivo a instituição passou a:

- identificar-se com os clientes e a ir ao encontro das suas reais e concretas necessidades e não apenas a oferecer produtos financeiros;
- escolher e seleccionar produtos que obedecessem a critérios de transparência e ética, assegurando uma segurança e estabilidade quanto aos capitais investidos;
- oferecer produtos que se tornassem meios e ferramentas na criação de trabalho e de riqueza, permitindo o auto-emprego e a auto-sustentabilidade das comunidades;

⁶⁶ Muhammad Yunus, nascido a 28.06.1940, Economista, foi laureado em 2006 com o prémio Nobel da Paz, com o contributo do ‘microcrédito’ realizado através do Grameen Bank, e que foi criado com o objectivo de acabar com a pobreza numa perspectiva de facultar pequenos empréstimos a pessoas de poucos recursos.

- dar corpo ao microfinanciamento como um projecto que trouxesse aos indigentes (*unbankable persons*)⁶⁷ a oportunidade de se sentirem ‘pessoas dignas’, de terem o seu próprio negócio e a sua independência financeira;
- estabelecer uma reciprocidade entre todos os agentes, criando relações ‘quase familiares’ entre funcionários, clientes, famílias e autoridades locais (governo) e fazendo da proximidade um ‘activo financeiro’ muito importante;
- ver os problemas dos outros, mesmo os dos concorrentes, como os seus problemas (BK), procurando através de um diálogo aberto e sincero criar uma ‘unidade’ na busca de soluções e respostas para as crises.

Uma última característica enfatizada por Teresa Ganzon é repercutida na preocupação crescente que também é dada aos recursos ‘materiais’ utilizados, particularmente aos resíduos e a todos aqueles que afectam o meio ambiente. A procura de ‘unidade’ veiculada pela EdC impele, mesmo num país onde a questão ecológica não está ainda tão desenvolvida como a que se verifica nos países ocidentais, a desenvolver políticas de cariz ecológico e de reciclagem, sendo interessante assinalar a preocupação que é atribuída aos gastos com energia e/ou ao consumo/desperdício de papel no universo da instituição.

A opção pela EdC trouxe muitos desafios ao BK, um deles prende-se com a dimensão do banco e a pluralidade dos seus funcionários, tentando (dentro do espírito de livre adesão que se caracteriza a EdC), promover uma inculturação que é feita numa óptica de liberdade e democracia, mas que não deixa de ser assumida na sua MVO (Missão, Valores e Objectivos). A opção pelo caminho da EdC é exigente e implica, muitas vezes, cedências ao individualismo e à comodidade de cada um: “o abdicar de uma festa de Natal do banco para poder alocar essas verbas na alimentação de 1000 crianças que nunca tinham visto um ‘hamburger’ nas suas vidas, [...] ou até prescindir de bónus salariais e/ou participação nos lucros para ajudar numa calamidade ou desastre natural que ocorre, [...] ou ainda se algum dos balcões redistribui parte dos prémios de produtividade, a que teria direito, com outros colegas de outro balcão que num trimestre não teve os resultados previstos” (*idem*). Este espírito de partilha e comunhão que se expande para além da entidade, e do que o próprio BK consigna anualmente na cultura dos 2/3 da EdC, demonstra até que ponto é possível implementar e manter um paradigma, no ‘mundo financeiro’.

⁶⁷ Tradução para português: pessoas sem acesso a serviços bancários.

- Ecnal, Consultores Associados, Lda.

Nome:	Ecnal, Consultores Associados, Lda.
Localização:	Europa, Portugal
Ano constituição:	2004
Actividade:	Consultoria e gestão de bens móveis e imóveis
Unidades:	1 escritório (sedeado no pólo EdC - Abrigada, em Portugal)
Empregados:	2 empregados
Volume Negócios:	Dados não disponibilizados

A Ecnal, Consultores Associados, Lda. foi constituída em 2004 por um aderente português à EdC, José Maria Raposo. Localizada desde 2010 no Pólo EdC ‘Giosi Guella’, situado na freguesia da Abrigada, concelho de Alenquer, a cerca de 45 Km a norte de Lisboa, dedica-se à gestão da qualidade, do ambiente e da segurança, à realização de estudos e à formação.

O ‘Giosi Guella’ é o único de pólo de EdC em Portugal e foi inaugurado em Novembro de 2010, na Cidadela ‘Arco-Íris’ do Movimento dos Focolares. Actualmente, estão sedeadas nesse Pólo quatro empresas, com actividades nas áreas de consultoria, contabilidade, gestão da reciclagem de papel e plásticos e cuidados de saúde. Neste último caso, trata-se de um Centro de Recursos que presta serviços em fisioterapia, reabilitação e medicina. Uma quinta empresa, na área da ‘sonometria’, está em fase de instalação naquele Pólo.

A Ecnal possui actualmente dois trabalhadores, de acordo com o empresário (José Maria Raposo). Para além disso, conforme as necessidades de cada projecto, vão sendo incorporados outros profissionais nos trabalhos que são realizados, especialistas em áreas como o ambiente, a segurança, os recursos humanos e auditorias. Desta forma são estabelecidas relações de confiança numa rede de contactos, o que promove a colaboração e cooperação com outras empresas e/ou profissionais que trazem as competências necessárias à execução dos trabalhos. Este é também um dos objectivos da Ecnal – ser “agente de criação de emprego como modo privilegiado de inclusão dos necessitados, [...] fazendo-o de modo sustentado” (Raposo, 2011). O volume de negócios tem acompanhado o número de projectos ao longo dos últimos anos, conforme se poderá ver nos gráficos em anexo⁶⁸.

⁶⁸ Em apêndice, Vd. Anexo C.

O caso da Ecnal testemunha um desejo individual mas que o empresário vê sobretudo como ‘providencial’, tendo em consideração as circunstâncias que levaram à sua criação e à escolha pela EdC. Segundo o empresário⁶⁹:

“[Era] Director de uma empresa de consultoria (na área Naval e nas áreas da Qualidade, Ambiente e Segurança) pertencente a um grupo de empresas, quando ouvi a proposta de EdC. Foi um desafio que Chiara, a fundadora do Movimento dos Focolares, lançou, em 29 de Maio de 1991, de construção de uma nova ‘via’ na economia, uma economia mais justa e humana: Uma Economia de Comunhão que pudesse dar resposta aos anseios e necessidades dos muitos excluídos da sociedade. Não sendo empresário percebia como este modo novo de ver a empresa era uma revolução: Revolucionava a visão da empresa e consequentemente as suas políticas e o modo de estar dos gestores em relação aos objectivos e à condução das actividades. Tudo devia estar em função das pessoas e não do lucro. Sendo certo que o lucro é vital para a vida da empresa, deveria ser obtido com e através das pessoas e não contra as pessoas. A procura de viver este estilo de empresa começa a ser partilhada entre aqueles que estavam mais empenhados e envolvidos com o projecto EdC. Surge, assim, a ideia de que a melhor contribuição que podíamos dar ao projecto EdC em Portugal era a constituição de uma empresa que concretizasse e pudesse testemunhar a viabilidade dos princípios da EdC. Depois de alguns anos, de reflexões e análise de pontos de vista, de modo a que fosse claro para todos os objectivos que nos propúnhamos, decidimo-nos, finalmente, a avançar. Entretanto a empresa onde trabalhava é adquirida por uma multinacional, que altera a composição da administração, alteração que produz forte impacto na orientação estratégica que até então era seguida. Vi-me no desemprego a receber o subsídio de desemprego. Com 52 anos, era demasiado novo para a reforma e demasiado velho para conseguir emprego. Que opções tinha? Continuar a receber o subsídio de desemprego e ao fim dos três anos reformar-me ou constituir o meu próprio posto de trabalho. Por esta altura a ideia de constituição da empresa de EdC, que tinha vindo a ser debatida, tinha também feito o seu percurso. A minha situação era providencial. Esta era a oportunidade para levar à prática aquilo que me tinha entusiasmado no projecto que Chiara tinha lançado”.

A criação da Ecnal – que traduziu a criação de auto-emprego do ‘empresário’, que se viu em situação de desemprego, após ter trabalhado muitos anos de trabalho numa grande empresa –, tem por detrás uma vontade expressa de alguém que, não sendo empresário, assume um papel de ‘empreendedor’. Para além desta iniciativa, a escolha da EdC deveu-se ao empenho de criar uma empresa com uma dinâmica ética e responsável, como resposta ao desafio de Chiara, e que testemunhasse a viabilidade daquele projecto também em Portugal. Este desafio não assumiu um cariz individual e foi ampliado pela participação de outros aderentes EdC: “[Com] o desenvolvimento da EdC, mais empresários manifestaram o interesse em constituir, também eles, empresas que possam contribuir para a concretização e divulgação destes

⁶⁹ Experiência EdC facultada e contada pelo fundador da Ecnal, mediante pedido formulado no âmbito deste trabalho, realizado em género de entrevista não estruturada, em Setembro de 2011.

princípios. Foi assim que, mais recentemente, a Ecnal viu a sua base societária ser alargada com a entrada de novos sócios e o alargamento do seu objecto social [...]” (Raposo, 2011).

O começo de uma actividade económica e os desafios que se colocam aos empreendedores nunca são fáceis e, neste caso, também surgiram alguns obstáculos que foram sendo ultrapassados.

“Foi necessário começar tudo de novo. Encontrar novos mercados, adquirir novas competências, ganhar novos clientes. Naturalmente que para uma empresa acabada de nascer, sem história, esta não é uma tarefa fácil. Ao longo do tempo fui confirmando como é importante estar atento às circunstâncias que vão acontecendo em cada momento. Trazem muitas vezes consigo oportunidades que vão para além daquelas que possam vir da estratégia pensada. Como é importante a relação com as pessoas que encontramos, feita de interesse genuíno pelo que são e o que fazem, e não só pelo interesse comercial. Do mesmo modo, a importância da realização dos trabalhos com rigor e profissionalismo, salvaguardando sempre esta relação com as pessoas, revela-se frutuosa, pois traz novos trabalhos pela confiança gerada. O desenvolvimento da empresa tem vindo a ser feito com base nesta atitude e, deste modo, tem vindo a ser constituído um capital de confiança e credibilidade, que permite chegar a novos clientes através daqueles que nos conhecem [...]” (*idem*).

Para além dos desafios, o ‘mercado’ é bastante atroz, e não é complacente, pelo que uma empresa EdC que procura marcar a diferença sente, muitas vezes, outras dificuldades para manter a sua integridade quanto aos seus princípios e aos seus objectivos. “[Por] outro lado, aos empresários e às empresas que aderem ao Projecto EdC é pedida a responsabilidade de mostrarem um novo modelo de empresa que, para além de contribuírem com os seus lucros para a ajuda dos mais necessitados, seja protagonista desta nova economia, onde a partilha entre os elementos da empresa promove a fraternidade e se orienta para o bem comum dentro e fora da empresa” (*idem*). Para assegurar uma ‘unidade’, e à semelhança de outras empresas EdC, a Ecnal encontrou na carta de princípios (da EdC) um alicerce que lhe permite manter os seus ideais. Estes são assumidos pela Ecnal na sua carta de ‘missão’, de ‘valores’ e nas ‘políticas’ a seguir, como desígnio, e que seguidamente se descrevem:

Missão

- Prestar serviços que permitam às empresas libertar e focalizar as pessoas que nelas trabalham para as tarefas que são o seu negócio.

Valores

- Trabalhar com as pessoas e para as pessoas, numa sociedade globalizada, com isenção, idoneidade e competência;
- Cumprir a lei mantendo um comportamento eticamente correcto;

- Ver o trabalho como um meio de realização e dignificação da pessoa.

Políticas

- **Clientes** - Estabelecer com os clientes relações personalizadas tendo como base a missão e os valores;
- **Fornecedores** - Estabelecer com os fornecedores acordos de colaboração que permitam a obtenção de serviços com a qualidade pretendida pelos clientes;
- **Colaboradores** – Possibilitar aos colaboradores a participação nas decisões da empresa dando-lhes autonomia de actuação dentro de parâmetros definidos;
- **Sócios** - Manter uma base societária com preocupações de ética e responsabilidade social em consonância com a visão e os valores da empresa.

O caso da Ecnal testemunha também o carácter de rede, uma vez que o Pólo de empresas EdC, onde já estão instaladas quatro unidades, podem beneficiar entre si do apoio que cada uma pode prestar: “[Pólo] é também um espaço no qual se podem instalar as empresas que venham a ser constituídas no âmbito da EdC e em relação às quais a Ecnal pode ser de apoio ao seu desenvolvimento” (*idem*).

O objectivo da Ecnal, como empresa EdC, não deixa de estar ligado à ‘cultura do dar’, à partilha dos lucros, que neste caso tem sido assumida através da colaboração e contribuição para projectos realizados pela AMU - Cooperação e Solidariedade Lusófona por um Mundo Unido, uma ONG que actua na cooperação e no desenvolvimento social em países lusófonos.

Este projecto empresarial não é ‘individual’, assume uma amplitude colectiva, no âmbito de uma realidade que o empresário viu como ‘providencial’, tendo em consideração as circunstâncias que levaram à sua criação e à escolha da EdC. “[A] Ecnal, embora tenha nascido no quadro de economia de mercado e, como tal, procura o lucro para o seu desenvolvimento, tem por objectivo favorecer um novo agir económico centrado na pessoa, na criação de relações de fraternidade, quer sejam os próprios colaboradores quer sejam os clientes, ou as restantes partes interessadas... os seus sócios, que partilham o mesmo sentir, estão empenhados em ajudar as pessoas em dificuldade, criando novos postos de trabalho, e em difundir a ‘cultura do dar’, partilhando os seus lucros” (*idem*). Este facto é visível na página institucional da Ecnal⁷⁰, em que o objectivo da empresa passa pelo desejo de que “a partilha dos bens possa ser um valor que enforme, cada vez mais, o mundo económico e empresarial”.

⁷⁰ In site: <http://inforjoca.pt/ecnal/>

7. Conclusão

“Ninguém entre eles é indigente.”

"[...] a pobreza e miséria que circundam a cidade repleta de arranha-céus [...] se São Paulo, em 1890, era uma vila, e agora é uma floresta de arranha-céus, podemos ver o que é capaz de fazer o capital nas mãos de alguns e a exploração de muitos. Porque tamanha potência não se orienta para a solução dos imensos problemas [...] porque domina o cálculo, o egoísmo... Precisamos crescer até ao ponto em que o bem caminhe por si".

Chiara Lubich - São Paulo, Brasil, 1991

A Economia Solidária é um campo de acção que se constitui decorridos quase dois séculos sobre os primórdios da Economia Social, revelando-se como uma plataforma de estudo, diálogo e debate, em que a teoria se alia à prática em várias formas inovadoras de corresponder aos anseios de populações. Muitas vezes estas não encontram respostas aos seus problemas, as quais, face à explosão da actual crise financeira e económica mundial (que não começou ontem nem é momentânea, mas antes sistémica), são permanentemente agravados e ampliados.

A procura de soluções e respostas para os vários problemas que afectam a vida hodierna reflecte a determinação de todos aqueles que no mundo da Economia Social, em geral, e da Economia Solidária, em particular, independentemente dos seus ideais ou ideologias, vêem este desígnio como um alvo a atingir. É assim que um grande número de pessoas, de várias correntes, tem procurado unir-se em defesa do bem comum. Em sintonia com este grande movimento, e como proposta de acção, surge a Economia de Comunhão (EdC), que germinou no Movimento dos Focolares sob os auspícios de Chiara Lubich.

Esta tese tem como objectivo procurar responder à seguinte pergunta: Poderá a Economia de Comunhão (EdC) ser considerada uma perspectiva dentro da Economia Solidária?

A acção da EdC foca-se num dos maiores elementos sociais do homem, que radica no universo da Economia e que não abrange apenas a componente do trabalho e do rendimento, mas toda uma interactividade propiciada pela relacionalidade que se estabelece com os interlocutores no mercado.

Na história do pensamento económico existem evidências de que a economia sempre se moveu de acordo com as realidades concretas e determinantes que colocaram as sociedades de cada época perante desafios no campo social e do desenvolvimento humano. As preocupações com o bem-estar remontam a tempos antigos e acompanharam as revoluções que tiveram impactos na forma de viver em sociedade. O elemento comum nos conflitos está sempre enraizado nos ‘interesses’ dos indivíduos e na forma como estes influenciam comportamentos e acções. Sendo certo que a manifestação de interesses pode ser também um elemento unificador, é possível identificar as razões que estão por detrás do movimento de Economia Solidária, em geral, e da EdC, em particular.

O Homem sempre se confrontou com a satisfação do seu interesse e o dos outros: nem sempre os interesses individuais se cruzaram e colidiram com os interesses colectivos, o que não só provocou um ‘confronto’ como também conduziu a uma desestabilização de toda a estrutura (sociedade), criando relações ‘fratricidas’, opostas à fraternidade. Este ‘confronto’ pode ser substituído pela ‘comunhão’, pela harmonia, sem que sejam colocados em causa as liberdades e os desejos de cada indivíduo, bem como a concretização das vontades individuais e/ou comuns. Apesar de o racionalismo ser um factor indiscutível no pensamento da Economia actual, não é um ângulo exclusivo na análise e compreensão dos comportamentos. De forma directa e indirecta, existe o espectro relacional cuja componente não pode deixar de ser analisada; aliás, ao vivermos em sociedade faz que dependamos uns dos outros. Como tal, as acções, não podem ser excluídas ou vistas isoladamente, existe uma interligação, e é por este motivo que surgem, muitas vezes, desequilíbrios. Assim, qualquer acção ou actividade (económica) não é desprovida de ‘humanidade’. Uma vez que os indivíduos para concretizarem os seus objectivos, seguem os seus interesses próprios, têm também que se relacionar com os outros, pelo que os seus comportamentos, sendo racionais e habituais, pressupõem fundamentos e princípios éticos e morais que estão impregnados no seu âmago. Chegamos, assim, à discussão e interpretação dos relacionamentos presentes na convivência humana e que levam à adopção de comportamentos, nem sempre explicáveis, que se caracterizam, como foi visto na forma compulsória, contratual ou de amor (*agape*). As realidades relacionais que se estabelecem, como é o caso da ‘reciprocidade’, influenciam a forma de se viver com os outros, com impactos que se reflectem na economia, na comunidade e no espaço social. É ela (a ‘reciprocidade’) que liga a EdC como uma realidade plena na Economia Solidária, porquanto o seu objectivo são os ‘outros’ (o colectivo), e não o ‘eu’ (o indivíduo), permutando uma troca incessante de relacionamentos, tendentes à construção de um paradigma de tolerância e de harmonia, só possível quando vividos numa perfeita sintonia de comunhão.

A EdC surge num contexto que procura promover a ética na economia no âmbito de uma corrente humanista; assume uma visão integral do homem, ente de acção e de relação, e procura contribuir para uma resposta à pobreza e exclusão social. Na sua base está uma preocupação social e solidária, na pegada da DSI, uma preocupação preferencial pelos pobres e pela busca do bem comum, características que a enquadram num movimento mais amplo, como aquele que é assumido pela Economia Solidária.

A EdC poderá, à partida, aparecer como um *outsider* numa Economia Solidária que se baseia numa economia com características marcadamente não-mercantis e/ou com uma base não-monetária. Vários estudos e casos práticos têm demonstrado que, mesmo assumindo-se uma perspectiva mercantil e monetarista, pode cumprir-se com os desígnios comumente atribuídos à Economia Solidária. Assim acontece com as empresas EdC (que possuem actividades económicas dentro do mercado), e mesmo que a sua finalidade seja a procura do ‘lucro’, aquelas têm como demanda ‘um outro fim’, como é a redistribuição dos lucros numa óptica tripartida, que se baseia na sua partilha (comunhão) e que prevê:

- Apoiar o desenvolvimento de pessoas e comunidades que se encontrem em situações de pobreza, através da implementação de projectos baseados na comunhão, reciprocidade e subsidiariedade;
- Difundir a ‘cultura do dar’ e da reciprocidade, considerada condição primária para o desenvolvimento integral da sociedade e de uma economia fraterna e mais solidária;
- Desenvolver a empresa, mantendo e criando postos de trabalho, orientando-a para o êxito, para que a riqueza que é alcançada (e distribuída) não seja efémera e mantenha um relevo de continuidade.

A permanência no mercado e a distribuição dos lucros preconizada pelas empresas EdC criam uma hibridação de cariz *for profit* na multidisciplinaridade do mundo da Economia Solidária, potenciando o florescimento de uma base de reciprocidade e solidariedade, que não se afasta daquela, mas que nela se incorpora, transformando-se numa outra forma/alternativa às versões já existentes. Embora as empresas EdC sejam ‘lucrativas’, assentam em outros valores; e, mais do que distribuir 2/3 dos lucros, expressam a vontade de um ‘colectivo’ (conjunto de pessoas/empresas) que vêem neste modelo uma forma estar e actuar, contribuindo para uma maior coesão social.

O facto da EdC apresentar-se como uma comunidade prática, como aliás podemos verificar em cada um dos três casos práticos apresentados, no capítulo anterior, demonstra a realidade de um modelo que se assume com o papel activo de promover uma sociedade mais

justa e uma economia mais solidária. Em cada um dos três casos, as empresas EdC mantêm uma matriz de doação dos 2/3 dos lucros, e para além disso assumem a particularidade de fazer emergir realidades de Economia Solidária que podemos encontrar noutros modelos de desenvolvimento já propostos e analisados, senão vejamos:

- A Dalla Strada, no Brasil, constituiu-se com o propósito de aproveitar e transformar desperdícios e materiais sem valor, em peças e artefactos com utilidade e valor de uso, ao mesmo tempo que recupera e desenvolve uma actividade artesanal que fomenta o emprego e contribui para a formação de indigentes e pessoas sem qualificação, capacitando-as profissionalmente para o trabalho. Para além destes factores, o facto de se ter criado uma rede com a Europa, numa componente comercial que é desenvolvida por uma cooperativa (Equiverso) e com África, exportando o conceito produtivo, amplifica um sistema em rede, estabelecendo uma economia com o equilíbrio ecológico e respeito pelas culturas locais, que se confluem com o ‘comércio justo’. A EdC ajudou à criação das bases e ao seu crescimento.

- O Bangko Kabayan, Inc., nas Filipinas, encontrou na EdC uma forma de mudança cultural e reestruturação organizacional, que lhe tem permitido enfrentar algumas crises, estabelecer relacionamentos e parcerias, criando oportunidades de desenvolvimento a classes mais desfavorecidas, e onde o ‘microcrédito’ assume um papel muito importante.

- A Ecnal, Consultores Associados, Lda., em Portugal, apresentou-se com a promoção de auto-emprego, numa situação de desemprego forçado e de longa duração, e representa um empreendedorismo social que já permitiu criar mais um posto de trabalho para além do próprio empreendedor. A EdC constitui o alicerce através do qual é procurado fazer da gestão uma actividade com mais ética.

Estes casos não podem ser dissociados das raízes identitárias da EdC e estendem o conceito de Economia Solidária. Dinamizando-a, implementam soluções que contribuem para um desenvolvimento ético e mais equilibrado da economia, associam a teoria com a prática, e criam oportunidades para florescer uma nova cultura que tem o ‘homem e o seu bem-estar’ como uma prioridade.

A EdC não é uma fórmula organizacional para empresas éticas ou que pretendam ser socialmente responsáveis, apresenta-se, acima de tudo, revestida com o propósito de um humanismo mais justo e fraterno, numa relação de justiça e comunhão entre as pessoas. Torna-se evidente a complexidade de uma análise que nos pode aportar numa política de

RSE; no entanto, vimos que a EdC se baseia em princípios mais profundos, que assume um cariz de ‘ideal’ (atendendo ao seu carisma originário e à sua matriz de valores), em que a relacionalidade ultrapassa a ortodoxia do racionalismo económico, mas que se enquadra e entende dentro do movimento de mudança característico da Economia Solidária. Nesta perspectiva, mais que renovar empresas e empresários, existe uma demanda antropocêntrica, que coloca o homem acima de tudo (primazia do homem sobre as coisas).

Uma das palavras-chave da EdC, amplamente apresentada neste trabalho, radica na ‘reciprocidade’, e é através deste modo que conseguimos uma ligação entre a EdC e a Economia Solidária. Não é a única palavra ou um valor mútuo, como foi explicado, mas corresponde a um ‘elo’ essencial. Desde logo porque, se não se criar/cultivar a ‘relação’ (contacto com o outro) não é possível fazer nascer o ‘recíproco’ e pensar em solidariedade, justiça ou equidade, mas também porque não é possível desenvolver a ‘confiança’, e muito menos a ‘comunhão’ que leva à partilha e que incorpora a ‘fraternidade’. Já a fraternidade requer dignidades igualitárias, pelo que se não conseguirmos estabelecer um patamar de identificação e comunicação dificilmente conseguiremos capacitar-nos do valor da partilha (doação) e da solidariedade.

A fraternidade, a reciprocidade, a confiança e a proximidade são, por isso, elementos estruturais da EdC, que vê na ‘unidade’ (comunhão) uma resposta aos problemas, promovendo a inovação e a criação de novos conceitos, o respeito do ‘*oikos*’, abrangendo também um cariz ‘ecocêntrico’.

O antropocentrismo e ecocentrismo são duas componentes da EdC e da Economia Solidária. No entanto, as verosimilhanças que encontrei não excluem outras, particularmente se verificarmos que a EdC se expandiu no mundo, adaptando-se a realidades locais concretas, produzindo uma aculturação que não está fechada, à semelhança do que acontece na Economia Solidária e nas suas diferentes versões.

A EdC avoca assim o papel de ‘um novo estilo de agir económico’, em que se procura renovar a economia. Não sendo uma ‘novidade’, a EdC revela uma novidade, apresentando-se de seguida uma síntese com os seus aspectos, os quais foram enunciados ao longo deste trabalho⁷¹:

- Nasce de uma espiritualidade de ‘comunhão’ que é expressão do carisma da unidade na vida civil;

⁷¹ Características do projecto EdC, in <http://www.edc-online.org/br/quem-somos/o-projeto.html>

- Conjuga eficiência e fraternidade;
- Acredita na força da ‘dádiva’ e da espiritualidade para transformar os comportamentos económicos;
- Não considera os pobres como um problema, mas sim como um valioso recurso para o bem comum.

A EdC não se assume como ‘a’ resposta, mas como ‘uma’ resposta aos problemas vividos actualmente, e é no âmbito do movimento da Economia Solidária que se pode encontrar um espaço de discussão e diálogo, na pluralidade de expressões e sentimentos que visam um mundo onde não existam mais pobres. Podemos, assim, chegar à conclusão de que a ‘reciprocidade’, valor intrínseco na EdC, e na Economia Solidária, é efectivamente uma das suas perspectivas, assumindo-se (a EdC) como mais uma versão deste vasto movimento que procura ser uma economia alternativa, a qual contribuirá decisivamente para um mundo mais ‘justo e fraterno’.

Em suma, a EdC é um modelo que representa uma perspectiva dentro da Economia Solidária. Estabelece uma nova versão de desenvolvimento que é movida por ‘ideais’ evangélicos e fraternos, os quais colocam o homem em primeiro lugar. Adopta, através da sua matriz de valores, um movimento de mudança ao paradigma utilitarista da sociedade actual, procurando incorporar a ética na economia. Fomenta a ‘relação’ como factor de diálogo, de acção e de progresso, vendo na distribuição dos lucros motor para a ‘partilha’; uma comunhão que impulsiona o espírito de ‘unidade’ (colectivo), que é base para a solidariedade. Assume uma matriz de ‘reciprocidade integral’, pois as empresas mantêm no mercado uma lógica de procura do lucro, onde intervêm com uma reciprocidade equivalente (troca), mas com objectivos que traduzem uma reciprocidade (não equivalente) que é gerar uma ‘economia da dádiva’. A EdC vê na solidariedade o seu caminho e apresenta como revolução uma cultura de ‘amor’ (*agape*) segundo a qual todos procuram ser verdadeiros espaços de ‘encontro’, e não de ‘confronto’, constituindo agentes de coesão/ unidade em resposta à exclusão social, com o fim de acabar com a pobreza.

O futuro da EdC como um modelo de Economia Solidária traz muitos desafios ao já vasto e complexo universo em que esta economia se move. Sendo um campo amplo e com grande abertura, com a particularidade de acolher e interpretar muitas versões e variadas formas, que promovem uma economia mais justa, a EdC tem aqui a possibilidade de adquirir uma maior expressão. A EdC, ao constituir-se como uma alternativa viável, pode também

alavancar a Economia Solidária, ampliando os seus horizontes. Para isso, importa que todos os agentes e interlocutores procurem entre si as ideias que podem ser permutadas e aproveitadas, incorporando o próprio contexto da ‘unidade e comunhão’ da EdC como factor para o diálogo e para a acção com vista à mudança. Existe também a necessidade de promover e publicitar o estudo e as práticas da Economia Solidária e da EdC junto das comunidades académicas e da sociedade civil, como componentes activas do desenvolvimento ético e sustentável da sociedade. Este é, aliás, um aspecto primordial, sem o qual todo o extraordinário e intenso trabalho que é desenvolvido por inúmeras pessoas, de latitudes tão díspares, não permitirá uma alteração aos paradigmas actuais. A transformação só se faz através da educação e da formação de homens novos, i.e., homens renovados, facultando-lhes a capacidade para decifrar e liderar o movimento global da verdadeira mudança.

Tenho a realçar que houve alguns aspectos que não foram referidos neste trabalho e/ou nos quais não foi possível fazer um enfoque mais pormenorizado. Tal deveu-se à limitação que decorre da própria dissertação, à natureza de que se reveste a EdC (multiplicidade de valores e ideais) e à pluralidade de expressões da Economia Solidária. Não sendo possível focar todos os aspectos, existem alguns pontos que me parecem poder ter continuidade para um estudo futuro da EdC dentro de uma perspectiva de Economia Solidária. Assim, como pistas para uma investigação futura temos:

- A economia da ‘dádiva’ como alternativa viável ao paradigma utilitarista;
- Os bens relacionais como factor de desenvolvimento económico;
- A visão antropológica da EdC e os desafios do século XXI;
- A EdC e as Organizações Movidas por um Ideal (OMI).

A minha convicção de que a Economia poderá ser um lugar mais fraterno, justo e ético radica no percurso que tem sido efectuado por ela própria, demonstrado pela extensão e pelas difíceis etapas que, entretanto, têm sido ultrapassadas. A EdC surgiu como uma via concreta e realizável. É possível acreditar que no futuro poderá encontrar-se o ponto culminante desta grande caminhada, em que a realidade não será mais um sonho (sobretudo aquele que conduziu Chiara Lubich) e em que será possível encontrar a plenitude do ‘bem comum’.

“[...] alcançar uma sociedade onde se possa estabelecer um estado pleno de ‘felicidade’. Um estado de plenitude onde efectivamente se pode concretizar uma ‘unidade’ integral da humanidade” (Lubich, 1991).

BIBLIOGRAFIA

- AAVV (2001), *Globalização, Desenvolvimento e Equidade*, Lisboa, D. Quixote.
- Amaro, Rogério Roque (2009), “Economia Solidária da Macaronésia – um novo conceito”, in *Revista Economia de Solidária*, Ano 1, n.º 1 - Maio/2009, pp.8-20.
- Aristóteles (2000), *Política*, Livro II, Mem Martins, Publicações Europa-América, 2.ª ed.
- Araújo, Vera (2011), *A certeza de que no Brasil algo estava prestes a acontecer*. Disponível em: <http://www.edc-online.org/index.php/br.html>
- Araújo, Vera (2006), “A fraternidade é possível no âmbito económico”, in *Revista Economia de Comunhão, uma cultura nova*, Ano XII, n.º 25 - Dez/2006, p.6.
- Bosco, João (2011), *Dalla strada al mercato*. Disponível em: <http://www.edc-online.org/br/home/especial-brasil-2011/1649-dalla-strada-al-mercato.html>
- Bruni, Luigino (2011a), *Justiça económica, aposta possível*. Disponível em: <http://www.edc-online.org/br/publicacoes/imprensa/varias/1620-mondo-e-missione-052011.html>
- Bruni, Luigino (2011b), *Una Lunga buona strada*. Disponível em: <http://www.edc-online.org/br/publicacoes/imprensa/varias/1871-avvenire-12082011.html>
- Bruni, Luigino (2010), 1.ª ed., *A Ferida do outro - Economia e relações humanas*, Abridada, Editora Cidade Nova.
- Bruni, Luigino (2008), *Reciprocity, Altruism and the Civil Society, in praise of heterogeneity*, New York, Routledge.
- Bruni, Luigino (2006), “Uma Economia de Reciprocidade como resposta séria à miséria”, in *Revista Economia de Comunhão, uma cultura nova*, Ano XII, n.º 25 - Dez/2006, p.7.

- Bruni, Luigino (2005), “Daria uma fortuna por um instante de gratuidade”, in *Revista Economia de Comunhão, uma cultura nova*, Ano XI, n.º 1 - Jan/2005, pp.8-9.
- Bruni, Luigino (2000), *Economia de Comunhão*, Lisboa, Editora Cidade Nova.
- Bubna-Litic, David (2009), *Spirituality and Corporate Social Responsibility: Interpenetrating Worlds*, Gower Publishing Company.
- Burckart, Hans (1999), “Desenvolvimento sustentável e administração empresarial: elementos para um novo modelo de gestão”, in Luigino Bruni (Coord.), *Economia de Comunhão*, Lisboa, Editora Cidade Nova, pp.63-84.
- Ferrucci, Alberto (2011), “Uma história de amor entre o céu e a terra”, Encontro de Comemoração dos vinte anos da EdC, 25-28 Maio 2011, S. Paulo, Brasil. Disponível em: <http://www.edc-online.org/br/home/especial-brasil-2011/1637-venti-anni-di-edc-una-storia-di-amore-tra-cielo-e-terra.html>
- Filho, Genauto Carvalho de França e Jean-Louis Laville (2004), *Economia Solidária, uma abordagem internacional*, Porto Alegre, Editora UFRGS.
- Fondi, Enzo Maria e Michele Zanzucchi (2004), *Um Povo nascido do Evangelho*, Chiara Lubich e os Focolares, Lisboa, Paulus Editora.
- Ganzon, Teresa (2010), *Business operations in an EoC firm: The experience of Bangko Kabayan*, Taichung, Filipinas. Disponível em: <http://www.edc-online.org/it/pubblicazioni/interventi-a-convegna/111-convegna/988-business-operations-in-an-eoc-firm-the-experience-of-bangko-kabayan.html>
- Giovanelli, Stefano (2003), “Ajudar os mais pobres gerando desenvolvimento”, in *Revista Economia de Comunhão, uma nova cultura*, Ano IX, n.º 1 - Jan/2003, p.16.
- Gui, Benedetto (1999), “Organizações produtivas com finalidades ideais e realização da pessoa: relações interpessoais e horizontes de sentido”, in Luigino Bruni (Coord.), *Economia de Comunhão*, Lisboa, Editora Cidade Nova, pp.109-127.

- Gui, Benedetto, *et al* (1998), *Economia de Comunhão: Projetos, Reflexões e Propostas*, São Paulo, Editora Cidade Nova.
- Hespanha, Pedro, António David Cattani, Jean-Louis Laville e Luiz Inácio Gaiger (2009), *Dicionário Internacional da Outra Economia*, Coimbra, Edições Almedina.
- Kolm, Serge-Christophe (2008), *RECIPROCITY: An Economics of Social Relations*, Cambridge, Cambridge University Press.
- Langlois, José Miguel Ibañez (1994), *Doutrina Social da Igreja (DSI)*, Lisboa, Editora Rei dos Livros.
- Laville, Jean-Louis, *et al* (2005), *Action Publique et Économie Solidaire, une perspective internationale*, Ed. Erès.
- Lemos, Sandra Arson de Sousa (2006), *Economia de Comunhão - Contributos de uma proposta para pensar a economia, reflectir o agir económico e ponderar o desenvolvimento*, Dissertação de Mestrado em Desenvolvimento, Diversidades Locais e Desafios Mundiais: Análise e Gestão, Lisboa, ISCTE.
- Martins, Paulo Henrique (2003), *A dádiva entre os modernos - Discussão sobre os fundamentos e as regras do social*, Petrópolis, Editora Vozes.
- Molteni, Mário (1999), “Os problemas de desenvolvimento económico das empresas movidas por um ideal”, in Luigino Bruni (Coord.), *Economia de Comunhão*, Lisboa, Editora Cidade Nova, pp.85-108.
- Nunes, Adérito Sedas (1993), *História dos Factos e das Doutrinas Sociais*, Barcarena, Editorial Presença.
- Perroux, François (1967), *A Economia do século XX*, Lisboa, Livraria Moraes Editora.

- Perroux, François (1962), *Economia e Sociedade, Coação - Troca - Dom*, Lisboa, Livraria Morais Editora.
- Rabin, Matthew (1993), “Incorporating Fairness into Game Theory and Economics”, in *The American Economic Review*, Vol.83,n.º5, pp.1821-1302. Disponível em: <http://www.jstor.org>
- Raposo, José Maria (2011), entrevista não estruturada no âmbito da análise de casos: Ecnal, Consultores Associados, Lda.
- Rodriguez y Rodriguez, Vicente Martins (2005), *Ética e Responsabilidade Social nas Empresas*, Rio de Janeiro, Campus.
- Sachs, Jeffrey (2006), *O Fim da Pobreza - Como consegui-lo na nossa geração*, Cruz Quebrada, Casa das Letras.
- Samuleson/Nordhaus (1992), *Economia*, Lisboa, McGraw-Hill, 12.ª ed.
- Santos, Boaventura de Sousa (2004), *Produzir para viver, os caminhos da produção não capitalista*, Porto, Edições Afrontamento.
- Shionoya, Yuichi (2005), *Economy and Morality: The philosophy of the welfare State*, Cheltenham, Edward Elgar Publishing.
- Singer, Peter (2006), *Como havemos de viver? A ética numa época de individualismo*, Colecção Razões de Sobra, Lisboa, Dinalivro.
- Singer, Peter (2004), *Um só mundo – A ética da globalização*, Colecção Filosofia Aberta n.º 14, Gradiva.
- Singer, Peter (2000), *Ética Prática*, Colecção Filosofia Aberta n.º 9, Lisboa, Gradiva.
- Smith, Adam (1994), *Riqueza das Nações*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 4.ª ed.
- Stiglitz, Joseph E. (2002), *Globalização - A Grande Desilusão*, Lisboa, Terramar.

- Zamagni, Stefano (2006), “Os novos caminhos do desenvolvimento econômico”, in *Revista Movimento dos Focolares, Economia de Comunhão, uma cultura nova*, Ano XII, n.º 25 - Dez/2006, pp.12-13.
- Bíblia Pastoral (1993) 1.^a ed., São Paulo, Edições Paulistas.
- Apontamentos e textos de apoio distribuídos no decurso das disciplinas do Mestrado de Economia Social e Solidária (MESS), 4.^a Edição, 2008/2009.
- Consulta e recolha de informações (várias), *History of economy Thought*. Disponível em: <http://cepa.newschool.edu/het/>
- Consulta e recolha de informações (várias), *Economia de Comunhão*. Disponível em: <http://www.edc-online.org>
- Consulta e recolha de informações (várias), *Movimento dos Focolares*. Disponível em: <http://www.focolares.org>
- Consulta e recolha de informações (várias), disponibilizadas em: <http://www.ecosol.org.br>
- Consulta e recolha de informações, disponível em: <http://www.economiasolidaria.org>
- Consulta e recolha de informações, disponível em: <http://www.neweconomics.org>
- Consulta e recolha de informações, disponível em: <http://www.un.org/millenniumgoals>

ANEXOS

Anexo A - ECONOMIA DE COMUNHÃO - PRINCÍPIOS GERAIS PARA A GESTÃO DE
UMA EMPRESA

Anexo B - *RAPPORTO EdC 2009/2010* – Reporte de actividades sobre a EdC no período de
2009/2010

Anexo C - Galeria com imagens e outros documentos sobre a apresentação de casos EdC do
Capítulo 6

Anexo A

ECONOMIA DE COMUNHÃO

PRINCÍPIOS GERAIS PARA A GESTÃO DE UMA EMPRESA

ECONOMIA DE COMUNHÃO - PRINCÍPIOS GERAIS PARA A GESTÃO DE UMA EMPRESA

A Economia de Comunhão (EdC) pretende favorecer a concepção do agir económico como um compromisso que abrange ideias e acções, que visa a promoção integral e solidária do homem e da sociedade. Portanto, no quadro da economia de mercado, apesar de visar a justa satisfação das exigências materiais, próprias e dos outros, o agir económico insere-se num contexto antropológico completo, direccionando as suas capacidades para o constante respeito e valorização da dignidade da pessoa, seja dos funcionários da empresa – incluindo a rede de distribuição – seja dos destinatários. A EdC trabalha para estimular a passagem da economia e de toda a sociedade, da cultura do ter à cultura da partilha.

1. Empresários, trabalhadores e empresa: Os empresários que aderem à EdC formulam estratégias, objectivos e planos económicos, considerando os critérios típicos de uma correcta gestão e envolvendo, nessa actividade, os membros da empresa. Investem com prudência e com uma atenção especial para a criação de novas actividades geradoras de empregos. No centro da empresa encontra-se a pessoa humana e não o capital. Os responsáveis por ela procuram utilizar os talentos dos funcionários do melhor modo possível, favorecendo a criatividade, a responsabilidade e a participação nas decisões dos objectivos empresariais. Adoptam determinadas medidas para ajudar os funcionários que passam por dificuldades. A empresa é administrada com a finalidade de aumentar a produção e o lucro, destinado, com a mesma atenção: para o desenvolvimento da empresa; para pessoas que passam por dificuldades económicas, começando por quem adere à cultura da partilha e para a difusão dessa cultura.

2. O relacionamento com clientes, com fornecedores, com a sociedade civil e com terceiros: A empresa esforça-se, o melhor possível, para oferecer bem e serviços úteis, de qualidade e a preços justos. Os membros da empresa trabalham com profissionalismo, para construir e reforçar boas e sinceras relações com os clientes, com os fornecedores e com a comunidade, orgulhosos de servirem a todos. Estabelecem um relacionamento leal com os seus concorrentes, apresentando a efectiva qualidade dos seus produtos e serviços e evitando ressaltar os defeitos dos produtos e serviços de outros.

3. Ética: O trabalho da empresa é um meio para promover o crescimento espiritual de todos os seus membros. A empresa respeita as leis e mantém um comportamento eticamente correcto perante as autoridades fiscais, os sindicatos e as organizações e institucionais. Age da mesma forma com os seus funcionários, dos quais espera semelhante comportamento. No que se refere à qualidade dos seus produtos e serviços, a empresa esforça-se não só para respeitar os próprios deveres do contrato, mas também para avaliar os reflexos objectivos da qualidade da sua produção no bem-estar dos consumidores.

4. Qualidade de vida e de produção: Um dos principais objectivos dos empresários da EdC é transformar a empresa numa verdadeira comunidade. Eles reúnem-se periodicamente com os directores e com os gerentes para avaliar a qualidade dos relacionamentos interpessoais. Esforçam-se para resolver as situações difíceis, conscientes de que o empenho para solucionar essas dificuldades pode ter efeitos positivos nos membros da empresa, estimulando inovações e incrementando a maturidade e a produtividade. A saúde e o bem-estar de cada funcionário são objecto de atenção, principalmente diante de necessidades especiais. As condições de trabalho são adequadas ao tipo de actividade exercida: respeito às normas de segurança, ventilação e iluminação adequadas, nível tolerável de ruído. Procura-se evitar uma carga horária excedente, de modo que ninguém fique sobrecarregado e são previstas as férias devidas. O ambiente de trabalho torna-se tranquilo, constroem-se relacionamentos de amizade, reina o respeito, a confiança e a estima recíproca. A empresa produz bens e serviços garantidos, toma as devidas providências para não danificar o meio ambiente e procura economizar energia e reservas naturais, não só durante a produção, mas durante todo o ciclo de vida do produto.

5. Harmonia no local de trabalho: A empresa adopta sistemas de gerência e estruturas organizacionais capazes de promover tanto o trabalho em grupo, quanto o crescimento individual. Os funcionários fazem o máximo para manter os locais de trabalho organizados, limpos e agradáveis. Assim, patrões, empregados, fornecedores e clientes, encontrando-se num ambiente harmonioso, sentem-se em casa, assumem este estilo próprio e passam a difundi-lo.

6. Formação e instrução: A empresa favorece a criação de uma atmosfera de ajuda recíproca, de respeito e de confiança, em que se torna natural colocar à disposição, livremente, os próprios talentos, ideias e capacidades, em benefício do crescimento profissional dos colegas e para o progresso da empresa. O empresário estabelecerá critérios de selecção de pessoal e de programação do desenvolvimento profissional para os funcionários, com a finalidade de criar esta atmosfera. Para que todos possam conquistar os objectivos de interesse da empresa ou de crescimento profissional pessoal, a empresa promoverá frequentemente cursos de reciclagem e de aprendizagem.

7. Comunicação: A empresa que adere à EdC estabelece uma comunicação aberta e sincera que favorece o intercâmbio entre directores e funcionários. Esta comunicação estende-se a todas as pessoas que, conscientes da importância social deste projecto, se prontificam a contribuir com o seu desenvolvimento. É aberta, ainda, àqueles que se interessam pela cultura da partilha e desejam aprofundar os vários aspectos dessa experiência concreta. As empresas que aderem à Economia de Comunhão utilizam os mais modernos meios de comunicação, com a finalidade de desenvolver relacionamentos económicos reciprocamente úteis e produtivos, para se manterem ligados, tanto ao nível local, quanto ao nível internacional. Alegram-se com o sucesso e valorizam as dificuldades, as provações e até mesmo o insucesso dos outros, num espírito de colaboração e solidariedade.

Bureau Internacional de Economia e Trabalho - Movimento Humanidade Nova, 21 Março 1997

Anexo B

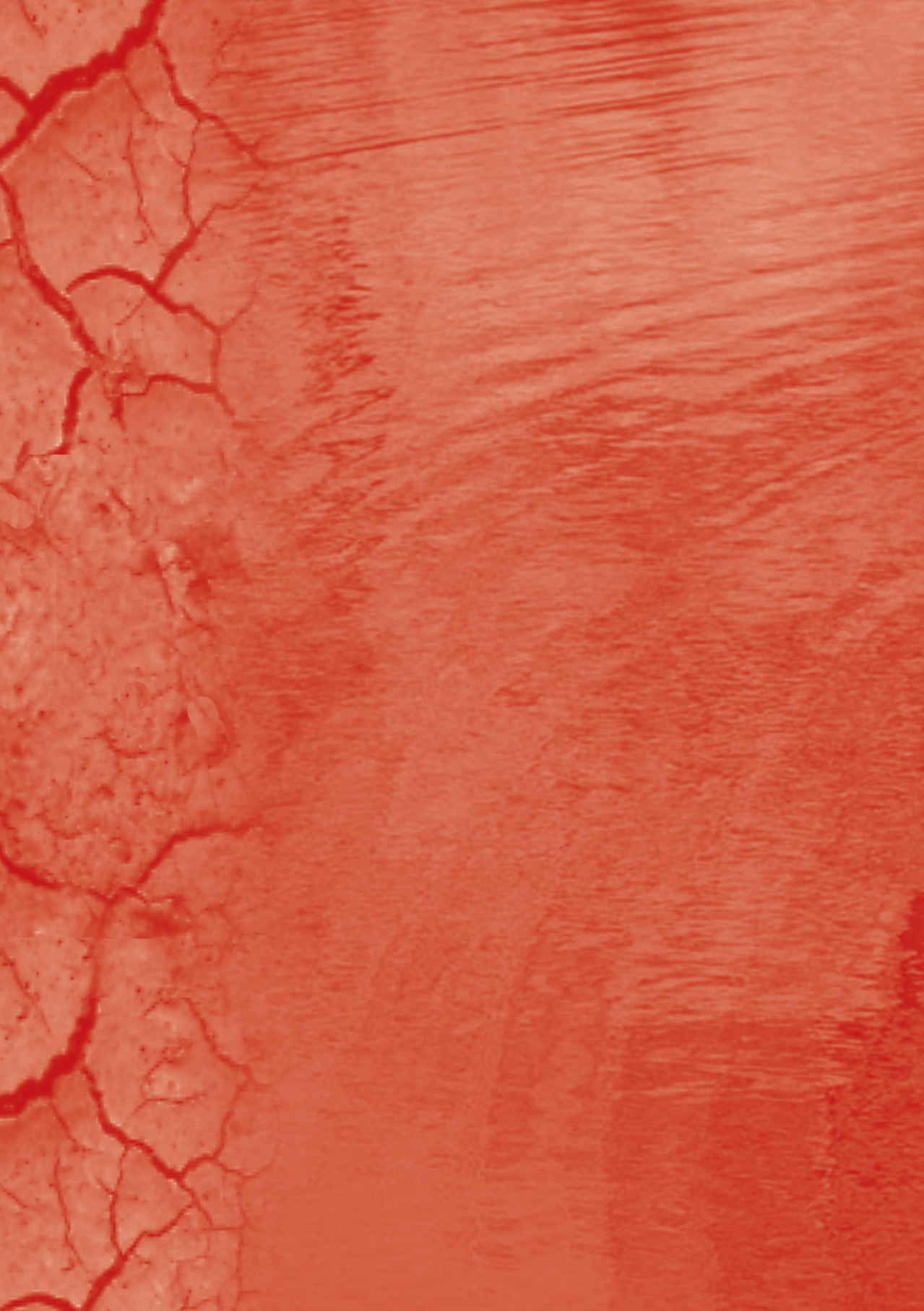
RAPPORTO EdC 2009/2010

Reporte de actividades sobre a EdC no período de 2009/2010

Economia di **Comunione**



Rapporto
2009/2010



INTRODUZIONE	4
1. LE IMPRESE EdC NEL MONDO	
1.1 Le imprese EdC nel mondo, il censimento 2009/10	7
Evoluzione del numero delle aziende	7
Evoluzione suddivisa per continenti	8
Suddivisione per settori produttivi	9
Suddivisione per forma giuridica	9
Suddivisione per dipendenti	9
Suddivisione per fatturato	9
Anno di adesione a EdC	10
2. LA CULTURA DI COMUNIONE	
2.1 L'Enciclica Caritas in Veritate, 7 luglio 2009	11
2.2 Presentazioni dell' EdC nel mondo	12
Argentina	12
Bolivia	12
Brasile	13
Filippine	14
Italia	14
Lituania	15
Portogallo	16
Spagna	16
Svizzera	16
Taiwan	16
USA	17
2.3 Polo Lionello e cultura	18
2.4 Prima summerschool internazionale EdC	20
2.5 Redec, rivista elettronica scientifica dell'Economia di Comunione	21
2.6 EdC e dialogo interreligioso	22
USA	22
Thailandia	22
Svizzera	23
2.7 Congressi e scuole nazionali	24
Congresso Nord Americano di EdC 2009	24
Primo congresso EdC del Nord Europa	24
Meeting EdC in Argentina	25
Scuola EdC in Spagna	25
Congresso internazionale ispano-americano EdC in Bolivia	26

3.	UTILI DELLE IMPRESE E PROGETTI DI SVILUPPO	
3.1	Entrate e uscite	28
3.2	Utili imprese EdC impiegati, % per tipologia	29
3.3	Utili imprese EdC pervenuti, per zone	30
3.4	Utili imprese EdC impiegati, per zone e per tipologia	31
	<i>Progetti di sviluppo via AMU, finanziati con gli utili delle imprese</i>	
3.5	Progetti di sviluppo e assistenza per zone e per settore	32
3.6	Beneficiari diretti dei progetti di sviluppo e assistenza, per zone e per settore	33
3.7	Progetti di sviluppo e assistenze % per settore	34
3.8	Beneficiari diretti 1.390, % per settore	34
3.9	Progetti di sviluppo per la creazione di nuovi posti di lavoro	35
	Microimprese familiari, Rep.Dem.Congo	35
	Lavorazione artigianale di borse e sandali, Igarassu (Brasile)	37
	Lavorazione artigianale di abbigliamento in lana biologica, Montevideo (Uruguay)	39
	Laboratorio tessile, Las Piedras (Uruguay)	40
	Sostegno a microimprese, Sud Est Europa	40
	Laboratorio fotografico, La Habana (Cuba)	41
	Laboratorio di artigianato manuale, Cile	41
3.10	Borse di studio finanziate, % per tipo di studi	42
3.11	Borse di studio per la scolarizzazione, la formazione universitaria e professionale	43
	Scuola Santa Maria, Igarassu (Brasile)	43
	Sud Est Europa	43
	Uruguay	44
	Mariapoli Ginetta (San Paolo, Brasile)	44
	Brasilia (Brasile)	45
3.12	Attività di assistenza socio-sanitaria e abitativa	47
	Brasilia (Brasile)	47
	Messico	47
	Rep. Dem. Congo	48
	Porto Alegre (Brasile)	50
	Repubblica Centrafricana	51
	Mariapoli Ginetta (San Paolo, Brasile)	52
	Kenya	53
	Sud Est Europa	53
	Brasilia (Brasile)	55

	<i>Formazione “uomini nuovi”, finanziata con gli utili delle imprese</i>	
3.13	Formazione di “uomini nuovi” per zone e per settori	58
3.14	Formazione di “uomini nuovi” % per settori	59
3.15	Attività di formazione di “uomini nuovi”	59
	Istituto Universitario Sophia	59
	Fondazione “Per Sophia”	60
	Seminario di formazione degli operatori locali dei progetti di cooperazione allo sviluppo in Belem, Brasile	61
3.16	Gli utili delle imprese EdC condivisi in altre modalità	64
4.	I CONTRIBUTI PERSONALI PER ATTIVITÀ DI ASSISTENZA <i>seguiti dal Centro del Movimento dei Focolari</i>	
4.1	I contributi personali e attività di assistenza, per zone	65
4.2	Attività di assistenza, % per settori	66
4.3	Contributi personali pervenuti	67
4.4	Attività di assistenza, per zone e per settori	68
4.5	Beneficiari diretti 2.097, per zone e per settori	69
4.6	Beneficiari diretti, % per settori	70
4.7	Beneficiari diretti, % per durata dell'aiuto	70
4.8	Borse di studio finanziate, % per tipo di studio	70
5.	SINTESI UTILI EdC, CONTRIBUTI PERSONALI, INDIGENTI	
5.1	Sintesi dati EdC 2009/10	71
	Quadro sintetico per regione	71
	Quadro sintetico per zone del Movimento dei Focolari	72
	Entrate utili e contributi personali per tipologia %	73
5.2	Gli indigenti	
	Evoluzione del numero degli indigenti	74
	Evoluzione degli utili richiesti ed erogati	74
	<i>Legenda zone</i>	75

INTRODUZIONE

Per una economia del “già”

Luigino Bruni

Siamo entrati nell'anno del ventesimo dell'Economia di Comunione o, come diciamo più familiarmente, dell'EdC. E i compleanni, si sa, sono anche momenti di bilanci e di prospettive. L'EdC è viva e cresce nella storia dell'oggi, nelle crisi e nelle speranze del nostro tempo. La proposta di Chiara di dar vita ad imprese e poli produttivi, e poi (nel maggio 1998) ad un movimento culturale che desse alla prassi “dignità scientifica”, non è caduta nel nulla: essa è stata raccolta da migliaia di persone, prevalentemente dentro ma recentemente sempre più anche fuori il Movimento dei Focolari, un popolo di gente diversa accumulata dal desiderio di coltivare il campo perché il seme del carisma dell'unità gettato nel terreno dell'economia moderna, cresca seguendo la legge scritta nel suo DNA, e porti i frutti tipici del carisma donato a Chiara, come dono per l'umanità di oggi e di domani.

Quello che presentiamo è il terzo report dell'EdC, e quest'anno per la prima volta, oltre i dati sull'uso degli utili e suoi progetti, abbiamo anche un resoconto sull'intera attività EdC, che insieme a progetti di sviluppo per aiutare persone (giovani soprattutto) a liberarsi dalle trappole della miseria, sta dando vita dal basso e nel silenzio ad una nuova cultura, e sta cambiando la vita di centinaia di imprenditori e decine di migliaia di lavoratori. Poveri, cultura, impresa, dunque, “un terzo, un terzo, un terzo”, la prima intuizione di Chiara, che non va letta come se l'EdC avesse un triplice scopo ma come tre tappe di uno stesso processo di comunione, per dare il suo contributo al progetto carismatico dell'intero Movimento dei Focolari: che tutti siano uno. Non ci sarà mai un mondo unito se l'economia non sarà di comunione, non saremo “tutti uno” finché persone non riescono a mangiare, a far studiare i propri ragazzi, a coltivare la propria umanità, vocazioni, aspirazioni, finché ci saranno grattacieli circondati da “corone di spine”. Il mondo unito sarà sempre di fronte a noi, come ogni parola del vangelo che inizia nella storia ma si compie oltre questa, poiché ogni Parola “grande” è insieme un già e non ancora. I carismi sono sempre un già che indica un non ancora: sono quindi un già. Se l'EdC saprà dire già oggi che esistono centinaia, migliaia, di imprenditori capaci di alzarsi alle cinque del mattino per ragioni più grandi del profitto; che ci sono già lavoratori che sanno accontentarsi di un salario di mercato e non chiedono aumenti se sanno che il valore aggiunto che anche loro producono non va nelle tasche del “padrone” ma va fuori dell'impresa per sfamare, curare, istruire; se saprà mostrare già persone che non si danno pace finché la fraternità in cui credono come esseri umani non si traduce anche in uguali diritti, opportunità, capacità, per tutte le donne, i bambini, gli uomini del mondo. Se avremo qui ed ora questi già possiamo sperare seriamente nell'avvento dei tanti non ancora che ci sono di fronte. Che cosa può fare però la “piccola EdC” (e i dati del report dicono con chiarezza quanto piccoli sono i nostri numeri se confrontati ai grandi numeri della filantropia e della cooperazione internazionale) davanti ai troppi non ancora che potrebbero e dovrebbero essere dei già e che non lo sono ancora solo per la cattiva

veria e piccolezza nostra, del nostro tempo? Oggi l'umanità avrebbe infatti le risorse tecnologiche e finanziarie per fare molto di più sul terreno del già; non tutto, ma molto di più di quanto già facciamo. Si potrebbe e dovrebbe fare di più nel campo dell'istruzione nei paesi più poveri: quando vedremo i migliori docenti del mondo opulento spendere un semestre nelle fragili università africane, della Cambogia, di Cochabamba? Quando vedremo investimenti seri (cioè più del 50% del totale) in energie rinnovabili? Quando tutte le pubbliche amministrazioni, il Vaticano e le diocesi, i movimenti e le ONG, acquisteranno soltanto auto ecologiche e di bassa cilindrata? Quando tutte le imprese e i governi del mondo investiranno il 20-30 % del loro PIL per una cooperazione seria allo sviluppo, che non si può limitare alle briciole del ricco epulone, ma diventino già spese in istruzione (dagli asili alle università), ospedali (i migliori ospedali del mondo oggi dovrebbero trovarsi in Africa), tecnologie avanzate e pulite, trasporti efficienti e sicuri, abitazioni sane e dignitose. Senza questi già, il non ancora che ci attende nei prossimi decenni potrà vedere nuove grandi crisi globali, e forse guerre davvero mondiali, se è sempre più vera la frase di Aristotele, "non si può essere felici da soli".

Anche l'EdC potrebbe e dovrebbe fare di più di quanto non abbia fatto in questi venti anni, pur ricchi di saporissimi frutti, non ultimi i tanti imprenditori e lavoratori EdC che hanno già concluso il loro viaggio terreno (tra i quali François Neveux, la cui biografia è a mio parere il libro EdC più bello mai pubblicato, perché scritto con l'inchiostro della vita). Come segno di un impegno maggiore e più responsabile, quest'anno, oltre all'evento del Brasile del maggio 2011 (siamo tutti invitati!), l'EdC mondiale ha lanciato un "progetto giovani", che avrà come tappe significative due summer school internazionali: la prima in America Latina e la seconda in Africa, entrambe in gennaio. Ripartire dai giovani (che non sono il futuro ma un diverso modo di vivere e intendere il presente) è indispensabile per i tanti non ancora che chiedono di diventare già.

Nella cultura del consumo che oggi domina il mondo, l'EdC può e deve essere un luogo della resistenza, dove ogni impresa e ogni Polo sia un'oasi (non un'isola), come lo furono le abbazie nel medioevo, dove tanti possono trovare speranza e dove si custodisce il DNA della gratuità. In un mondo dove con il denaro si compra (quasi) tutto, il denaro tende a diventare tutto: ricordare e vivere in questa età dell'avere la cultura del dare e della gratuità ha allora un grande valore non solo economico, ma di resistenza culturale, di battaglia di civiltà, di amore per l'umanità di oggi, e di domani.



1. LE IMPRESE EdC NEL MONDO

1.1 BREVE PRESENTAZIONE DELL'EdC

Nel marzo 2009 abbiamo mandato alle Commissioni EdC nel mondo una lettera con l'oggetto: Censimento delle imprese o attività che aderiscono all'EdC.

Le imprese/attività aderenti al progetto EdC a fine 2008 erano 754. Di alcune di queste non abbiamo i dati completi anche se risultano ancora nelle statistiche. Altre non hanno a suo tempo aderito, pensando forse di perdere l'autonomia nella gestione dell'impresa. Ma se si proponesse loro la scelta oggi, dopo circa venti anni, con un progetto più maturo, forse sceglierebbero di aderire.

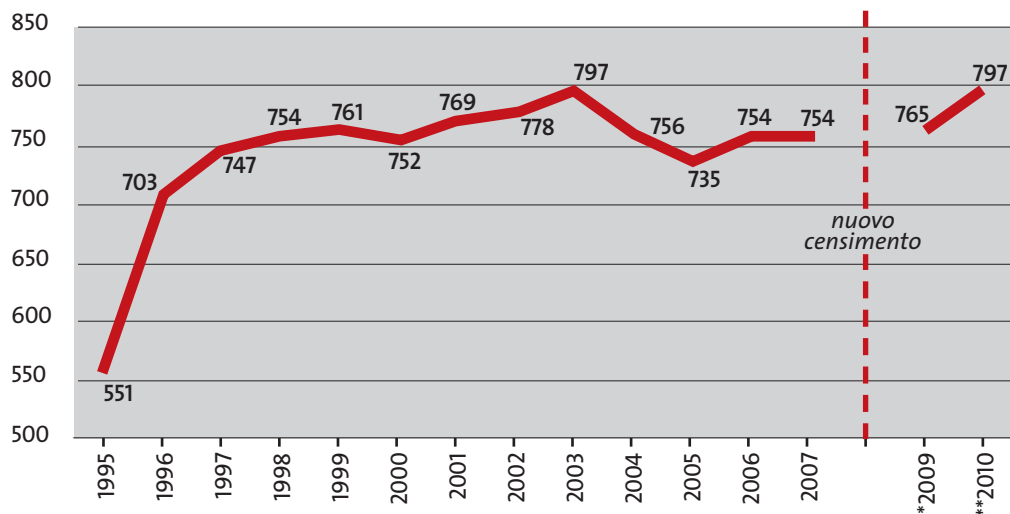
Un altro dato: dal 2000, circa 200 nuove imprese sono entrate nel progetto: in media ogni anno circa 20 imprese nuove. Questo è un segno di vitalità.

Abbiamo visto che ci sono diverse categorie di imprese e attività:

- imprese, *là dove c'è l'impegno esplicito di aderire al progetto EdC come imprese individuali o società;*
- attività, *cioè iniziative non costituite formalmente ma orientate all'EdC (piccolo artigianato, manufatti, ecc.).*
- imprese e attività di persone *che si sentono molto vicine, vivono la stessa cultura, collaborano e sentono che fanno anche parte dell'EdC, senza un impegno esplicito.* Da parte nostra sentiamo che non possiamo escludere queste **imprese simpatizzanti** dalle statistiche.

Il processo di valutazione delle imprese nel mondo e di tutti i dati è durato più di un anno, e si è concluso a fine settembre 2010. Pubblichiamo i nuovi dati di settembre 2010. I dati di settembre 2009, nella metà del processo, danno già una indicazione. Nel grafico è riportata la nuova serie di dati.

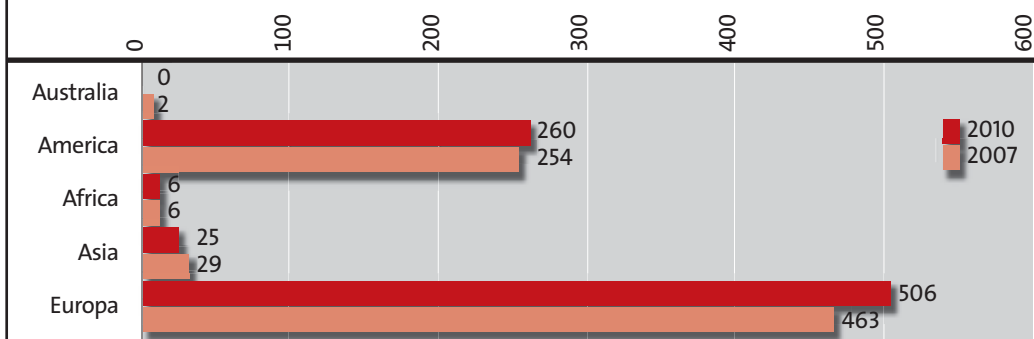
Evoluzione del numero delle aziende



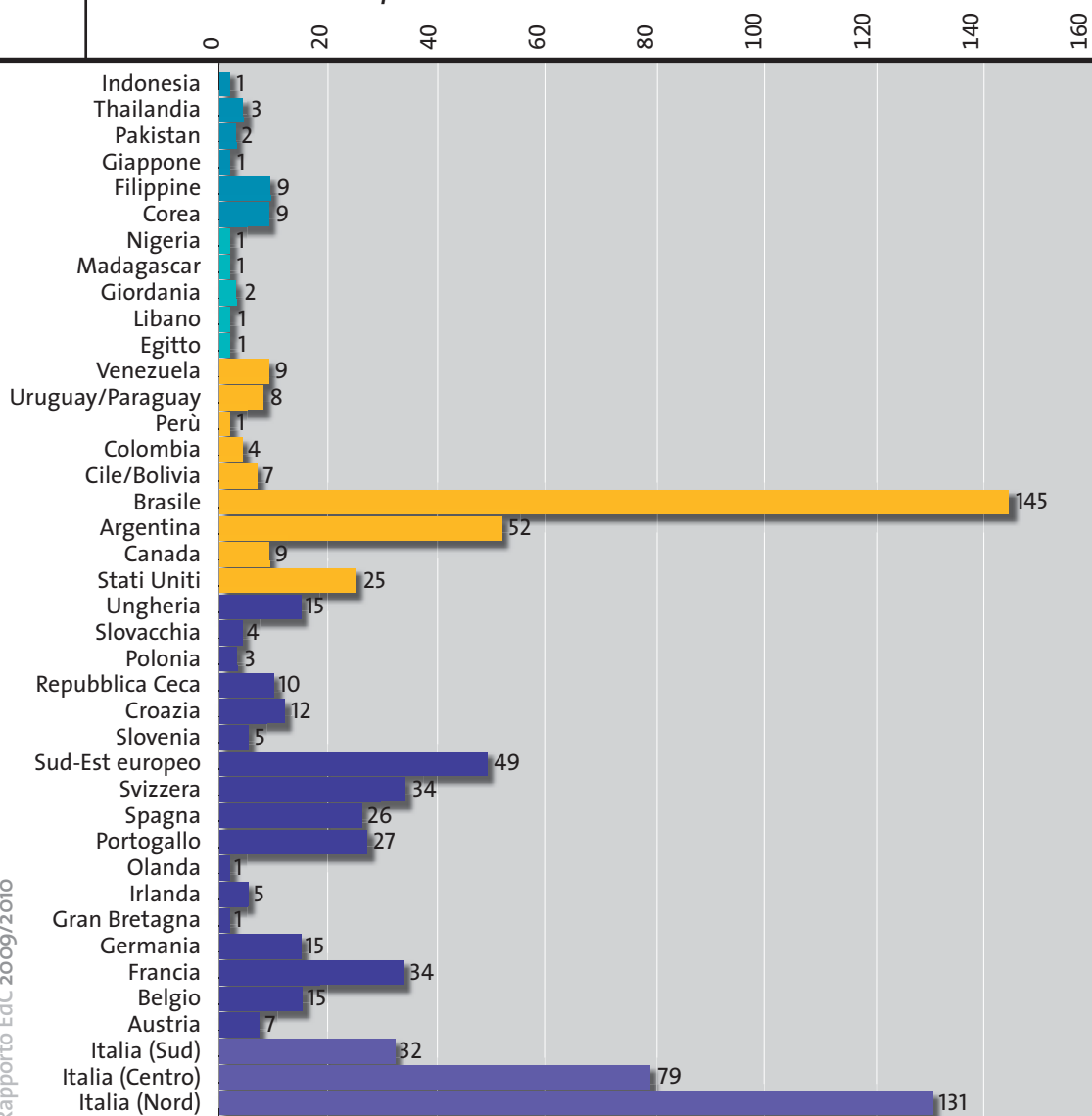
* di cui 72 imprese "simpatizzanti"

** di cui 86 imprese "simpatizzanti"

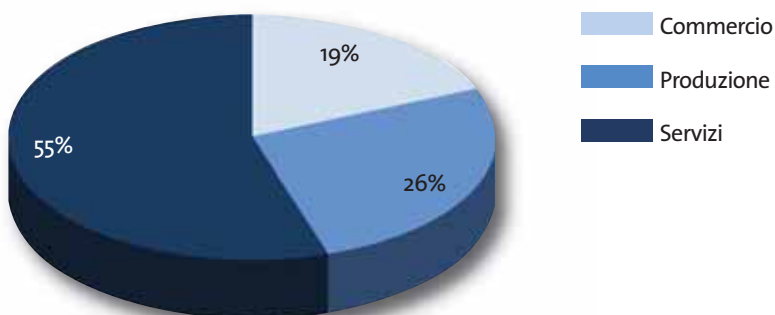
Suddivisione per continenti (confronto 2007-2010)



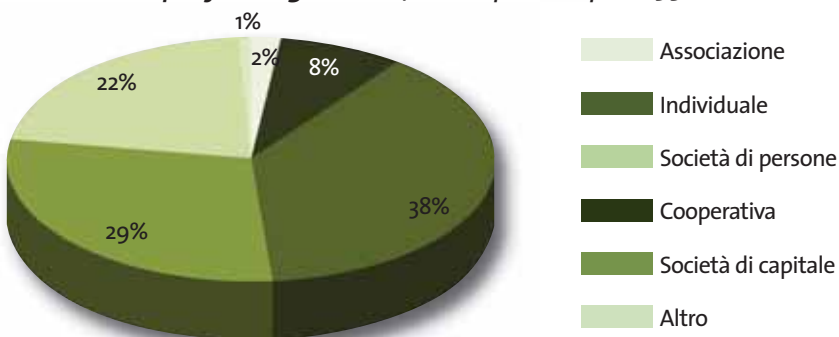
Suddivisione per nazioni



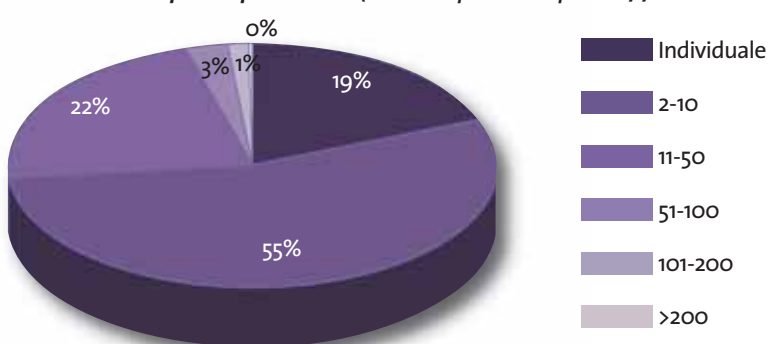
Suddivisione per settori produttivi



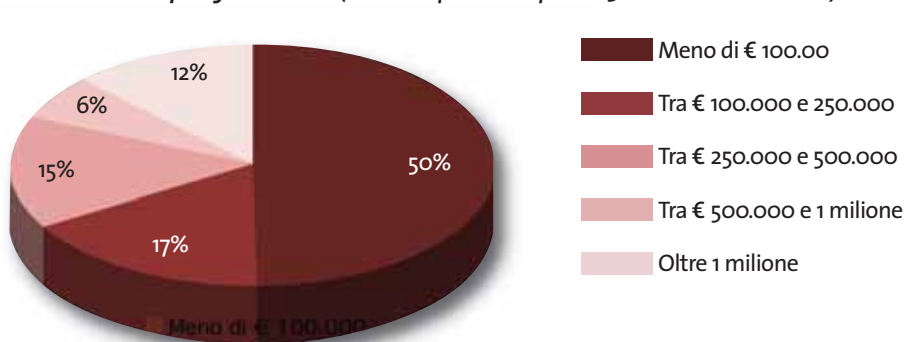
Suddivisione per forma giuridica (dati disponibili per il 93% delle aziende)



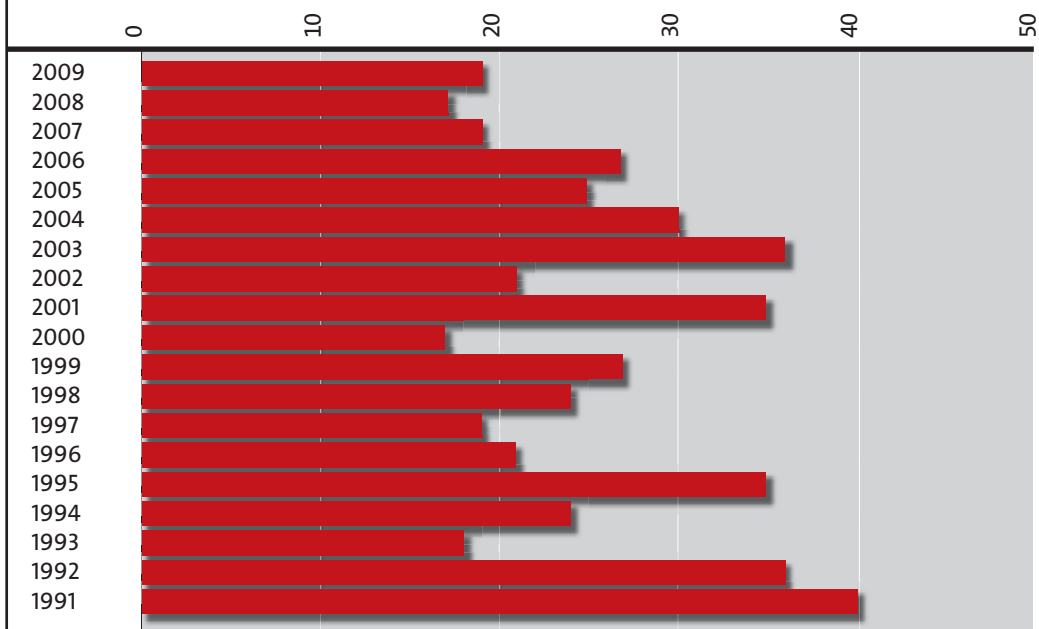
Suddivisione per dipendenti (dati disponibili per il 77% delle aziende)



Suddivisione per fatturato (dati disponibili per il 50% delle aziende)



Anno di adesione a EdC (dati disponibili per il 71% delle aziende)



2. LA CULTURA DI COMUNIONE

In questo scorso anno Economia di Comunione è uscita decisamente a vita pubblica con presentazioni in moltissimi contesti diversi, in tutto il mondo: dalle Università ai Parlamenti, dalle Ambasciate alle sedi di parrocchie ed associazioni. Due sono stati i pretesti che principalmente hanno suscitato interesse per EdC e dato lo spunto per presentazioni e convegni:

- la citazione dell'economia "civile e di comunione" che il Papa fa nella sua enciclica "Caritas in Veritate" e
- la necessità di valori diversi nell'ambito della vita economica, messa fortemente in risalto dall'attuale crisi.

In vari casi Economia di Comunione è stata presentata in occasione di momenti di commemorazione e ricordo della figura di Chiara Lubich, come una delle principali realizzazioni del suo Carisma.

2.1 L'ENCICLICA CARITAS IN VERITATE

Il 7 luglio 2010 può essere definita una data storica per EdC: esce l'Enciclica di Benedetto XVI "Caritas in Veritate".

Nel suo complesso questa enciclica porta una importante innovazione, particolarmente rilevante per la teoria e prassi economica contemporanea, relativamente al "principio di gratuità" (n. 36): esso viene riconosciuto come **principio fondativo** anche per l'economia e per il mercato. Questo significa che secondo Benedetto XVI la "gratuità" non è una categoria da applicare solo al settore "non-profit", al volontariato o all'economia sociale, ma all'intera vita economica, dalle banche alle imprese multinazionali. Inoltre nella CV Benedetto XVI cita esplicitamente l'"economia civile e di comunione": al paragrafo 46, il Papa scrive:

Sembra che la distinzione finora invalsa tra imprese finalizzate al profitto (profit) e organizzazioni non finalizzate al profitto (non profit) non sia più in grado di dar conto completo della realtà, né di orientare efficacemente il futuro. In questi ultimi decenni è andata emergendo un'ampia area intermedia tra le due tipologie di imprese. Essa è costituita da imprese tradizionali, che però sottoscrivono dei patti di aiuto ai Paesi arretrati; da fondazioni che sono espressione di singole imprese; da gruppi di imprese aventi scopi di utilità sociale; dal variegato mondo dei soggetti della cosiddetta economia civile e di comunione. Non si tratta solo di un «terzo settore», ma di una nuova ampia realtà composita, che coinvolge il privato e il pubblico e che non esclude il profitto, ma lo considera strumento per realizzare finalità umane e sociali.

Nasce immediatamente un notevole interesse mediatico attorno ad Economia di Comunione: in particolare negli Usa, molti giornali – partendo dal Wall Street Journal, e dal National Catholic Reporter – e molti blog portano alla ribalta EdC e cercano di spiegarla ai propri lettori, perlopiù attraverso interviste con gli imprenditori. Molto significativa l'intervista su Zenit nella sua versione americana a John Mundell, intitolata "Benedetto XVI e l'economia di comunione": tale intervista è stata in seguito tradotta e riproposta da Zenit anche nelle edizioni delle altre lin-

gue, avendo una larga diffusione. Molto importante anche l'articolo uscito su "The Tablet" il 13 marzo 2010 *"Benedict's third way"* in cui si fa un diretto collegamento fra i contenuti dell'enciclica ed il libro di Luigino Bruni e Stefano Zamagni *"Economia Civile – Efficienza, equità, felicità pubblica"*.

2.2 PRESENTAZIONI DI EdC NEL MONDO

Il fatto che il Papa abbia citato "l'economia civile e di comunione" nella sua enciclica ha avuto come conseguenza il susseguirsi nell'ambito di tutto l'anno trascorso, ed in tutto il mondo, di iniziative e convegni sul tema "Caritas in Veritate ed economia civile e di comunione" ai quali hanno partecipato centinaia e centinaia di persone. Organizzati spesso da realtà ecclesiali (università cattoliche, diocesi, associazioni e movimenti), hanno coinvolto esperti di EdC a livello locale o internazionale. In altri casi EdC è stata presentata in convegni sulla crisi economica o in occasione del ricordo di Chiara Lubich a due anni dalla sua morte. Citiamo gli eventi più importanti:

■ ARGENTINA

Il 17 marzo a Rosario un omaggio a Chiara Lubich è l'occasione per organizzare una conferenza sull'Economia di Comunione. L'invito, accolto da circa 200 persone, era rivolto a imprenditori, economisti e altre persone interessate a conoscere più da vicino questa proposta e la figura di Chiara. Fra i partecipanti, tanti giovani universitari e diverse personalità civili e religiose: molto seguiti i tre interventi di Cristina Calvo, John Mundell e German Jorge.

■ BOLIVIA

A La Paz, lo scorso 20 luglio 2010 seminario dal titolo: "Sviluppo economico, società civile e fraternità": organizzato dalla Conferenza Episcopale Boliviana con la presenza di Luigino Bruni, ha visto la partecipazione di oltre 140 persone: un viceministro del governo, professori universitari, vescovi, studenti, imprenditori, membri di ong, operatori della microfinanza e della banca mondiale. Luigino Bruni ha centrato il suo intervento sulla Caritas in Veritate, sottolineandone il valore storico, soprattutto quando afferma che il dono e la gratuità hanno una loro ragione d'essere "dentro" il mercato. Ha poi proposto alcune strade per promuovere uno sviluppo sostenibile; infine ha sottolineato l'impor-



German Jorge • Argentina

Seminario a La Paz • Bolivia

tanza nella vita civile di imprenditori “nuovi”, che sappiano mettere in comune i propri profitti. Nel fitto scambio che è seguito si sono approfonditi vari argomenti: “come” cominciare micro-imprese nello spirito del dono e della gratuità; come promuovere uno sviluppo fondato sulla sinergia fra Stato, imprese e famiglie; infine si è sottolineata l’importanza del principio di sussidiarietà per il raggiungimento di uno sviluppo autentico.

■ BRASILE

Nell’ambito della “Campagna per la fraternità” 2010 organizzata dalla Conferenza Episcopale Brasiliana dal titolo “Economia e vita”, si sono svolte innumerevoli presentazioni di EdC in varie parti del paese: fra le più rilevanti ricordiamo quella organizzata nella Diocesi di Osasco a fine gennaio alla presenza di 300 persone fra agenti di pastorali e responsabili delle attività diocesane; il Seminario “Economia e vita” del 6 marzo organizzato per l’Arcidiocesi di Florianópolis presso il Centro Socio Economico dell’Università Federale de Santa Catarina (UFSC), la presentazione alla Pontificia Università Cattolica di Campinas del 26 maggio 2010 con 200 partecipanti. Di seguito citiamo altri eventi:

- Zona di San Paolo – Due presentazioni di EdC da parte del Prof. Cintra Martins, il 17 aprile 2010 in una parrocchia di Rio de Janeiro ad un gruppo di 60 persone circa; il 5 maggio 2010 al “Caffè Teologico” organizzato dalla PUC sul tema della Campagna della Fraternità, ad un gruppo di circa 100 persone. 200 partecipanti hanno assistito invece il 27 aprile 2010 alla presentazione di EdC presso il seminario Santo Antonio, a Juiz de Fora (MG). Il 26 giugno 2010 su richiesta dell’Arcidiocesi di Rio de Janeiro, congresso su EdC dal titolo “Economia e Comunione si incontrano”, presenti 200 persone.
- Zona di Recife – EdC è stata presentata nelle diocesi di: Triunfo (PE), João Pessoa (PB) e Paulo Afonso (BA); altri incontri si sono svolti in parrocchie e scuole cattoliche per un totale di circa 1500 persone coinvolte.
- Zona di Belem – Molti inviti da parte di parrocchie, scuole, associazioni e ordini religiosi.

Si sono ricevuti inviti a presentare EdC da gruppi delle più diverse ideologie, dalle più conservatrici alle più progressiste, a riprova del fatto che oggi EdC viene riconosciuta pubblicamente nel suo valore al di là delle ideologie.



Florianópolis • Brasile

Florianópolis • Brasile

■ FILIPPINE

Nel dicembre 2009 Teresa Ganzon, amministratore delegato del Bangko Kabayan, è stata invitata ad essere la relatrice in una delle conferenze che l'Università Cattolica di Santo Tomas (Filippine) organizza per il suo Master di Business Administration (MBA). L'Università è solita invitare CEO di società e di farli "dialogare" con gli studenti in modo che essi possano apprendere le pratiche commerciali, e approfondire qualsiasi altra cosa sia di loro interesse. Il professore che aveva invitato Teresa Ganzon aveva sentito parlare dell'Economia di Comunione e del Bangko Kabayan e le aveva chiesto di parlare di quello. La lezione è durata circa due ore.

Ci ha riferito Teresa Ganzon: *"Ho potuto riscontrare un grande interesse, a partire dai professori che hanno accompagnato le proprie classi e che, per primi, hanno posto una serie di domande: dalla questione dei tassi di interesse alla luce della Dottrina Sociale della Chiesa, a questioni più ampie come il grosso problema del dilagare della corruzione nella società Filippina e di cosa fare per contrastare questo fenomeno. Varie domande hanno riguardato le politiche retributive di una impresa EdC: come cambiano le politiche retributive di una azienda se si mette al centro l'uomo? Direi che in assoluto la cosa che più è risultata interessante, nel concreto della vita di una azienda, è stata il come i 'valori' possano influenzare i comportamenti all'interno dell'impresa e come grazie ad essi si possa resistere alla corruzione. Nel 2011 verranno celebrati i 400 anni dell'Università di Santo Tomas: in quell'occasione la Graduate School vorrebbe invitare come speaker internazionale un esperto di EdC, in ambito aziendale e in ambito accademico. Ci è sembrato un ritorno molto positivo".*

■ ITALIA

Innumerevoli le conferenze su Caritas in Veritate, economia civile e di comunione svoltesi in tante città d'Italia. Da Pavia a Pordenone, da Treviso a Mantova, da Enna a Taranto, da Milano a Genova, da Roma ad Asti, a Vicenza, ad Assisi, a Reggio Emilia, a Palermo... Coinvolti molti esperti: da Stefano Zamagni a Giampietro Parolin, da Luigino Bruni a Alberto Ferrucci da Benedetto Gui a Vittorio Pelligra. Spesso lo spunto è stato offerto dalle presentazioni del *"Dizionario di economia civile"*, edito da Città Nuova, svoltesi in molte città.

Da ricordare come particolarmente significativi due eventi che hanno strettamente collegato Economia di Comunione alla figura di Chiara Lubich:

- A Trento, il 25 e 26 febbraio 2010, interventi su Economia di Comunione tenuti



da Stefano Zamagni, Luigino Bruni, Gabriella Berloff e Andrea Leonardi nell'ambito del convegno promosso dall'Università di Trento: "Chiara Lubich: da Trento al Mondo, l'impatto di una storia".

• A Piacenza il 25 maggio 2010, il convegno organizzato dall'Università Cattolica del Sacro Cuore di Piacenza a dieci anni dal conferimento della Laurea Honoris Causa in Economia a Chiara, era intitolato: "L'Economia di Comunione. Gratuità, povertà, felicità: da comportamento sociale a relazione economica". In occasione di questo convegno il prof. Maurizio Bussola ha annunciato l'istituzione da parte dell'Università Cattolica di un bando di concorso per due premi di Laurea Magistrale per tesi su Economia di Comunione.

■ LITUANIA

A Vilnius, il 9 marzo 2010 convegno al Parlamento Lituano dal titolo "Libertà e responsabilità: il fondamento dell'economia e della politica alla luce della 'Caritas in Veritate'" con Antonio Maria Baggio e Luigino Bruni. La sala del Parlamento era gremita da oltre 400 persone: tra i presenti la presidente del parlamento, Irena Degutienė, vari deputati, il cardinale e due vescovi, tanti sacerdoti e uomini d'affari e una folta presenza di giovani. EdC in questa sala è risuonata in modo del tutto particolare. La Lituania è un paese giovane, che presenta ancora forti radici cristiane e che ha nella sua storia recente 45 anni di comunismo; oggi si sente un forte bisogno di imprenditori, che a 20 anni dall'indipendenza mancano quasi completamente, perché la cultura imprenditoriale è stata fortemente ostacolata dal regime. Grande l'attenzione della sala quando Luigino Bruni ha parlato dell'imprenditore civile e di comunione. Ci ha detto Luigino Bruni: *"Se i lituani ascoltano le proprie radici, si accorgono di non aver alcun bisogno di capitalisti speculatori, ma di imprenditori civili. L'imprenditore civile non è quello che persegue meramente il proprio profitto (chi lo fa è uno speculatore), ma è colui che ha un progetto da realizzare e lo fa in un'ottica di bene comune. Questo risponde alle radici cristiane di questo paese ed anche alle istanze di uguaglianza che il comunismo nel bene e nel male esprimeva e che comunque fanno ancora parte del patrimonio lituano"*. EdC oggi ha la grande opportunità di aiutare questo paese a crescere nel proprio sviluppo senza rinnegare la propria identità storica anzi valorizzandola. Andando sul concreto: la proposta di realizzare una scuola per imprenditori civili e di comunione è piaciuta molto.



Irena Degutienė • Lituania



Convegno a Vilnius • Lituania

■ PORTOGALLO

Il 30 marzo 2009 a Porto intervento di Luigino Bruni su: “Economia Civile, Impresa Civile ed Economia di Comunione” all’interno del seminario dal titolo: “Quale ruolo per la comunità cristiana nell’economia e management di oggi?” organizzato dall’Universidade Católica Portuguesa.

■ SPAGNA

A Barcelona, il 4 maggio 2010 conferenza di Vittorio Pelligra presso l’Università Pompeu Fabra dal titolo: “Economia di Comunione: una soluzione alle sfide dell’economia di oggi”. Nell’introdurre la sua presentazione Vittorio Pelligra ha affermato che la crisi attuale non investe soltanto l’ambito economico. Si tratta di una crisi molto più profonda “di paradigmi” e soprattutto “di fiducia”. Ma cosa è la fiducia nell’ambito dei rapporti umani ed in economia? Se 10 o 15 anni fa parlare di fiducia, gratuità o reciprocità in economia poteva sembrare un po’ inusuale, oggi invece buona parte della riflessione accademica mette in luce questi aspetti come una possibile risposta di fondo alla crisi attuale. In questo contesto il progetto di Economia di Comunione può essere inserito tra le risposte che la società incomincia a trovare.

■ SVIZZERA

A Lugano il 3 maggio 2010 Luca Crivelli è intervenuto ad una serata del ciclo di conferenze serali sull’Enciclica Caritas in Veritate organizzate dalla Facoltà di Teologia di Lugano con una conferenza dal titolo “Fraternità e gratuità dentro il mercato - Una riflessione economica”.

■ TAIWAN

A Taichung, il 26 marzo 2010, primo seminario su Economia di Comunione dell’universo cinese, presso la Overseas Chinese University (OCU). Erano ospiti come relatrici Tita D. Puangco, Presidente dell’Ancilla Enterprise Development Consulting e Teresa M. Ganzon, Amministratore Delegato di Bangko Kabayan, Inc., entrambe imprenditrici EdC filippine. Alla Conferenza hanno partecipato circa 350 studenti universitari e docenti di varie università di Taiwan. Le relazioni lette da Tita Puangco e Teresa Ganzon sulle pratiche delle loro aziende in base ai principi dell’EdC, sono state ben recepite, in particolare dal piccolo gruppo di cattolici dell’arcidiocesi e da un professore dell’Università Cattolica Fu-ren di Taiwan. Il giorno successivo il



Luigino Bruni • Portogallo



Vittorio Pelligra • Spagna



Seminario a Taichung • Taiwan

Preside della Scuola di Business Management, Prof. Michael Lee, incontrandole, ha rivolto loro un secondo invito a presentare l'EdC, nell'ambito di una Conferenza Internazionale sulle Imprese Sociali: *"Stiamo cercando di differenziare la nostra formazione aziendale – ha affermato il Prof. Lee – e sentiamo che questa imprenditorialità sociale ed altri modelli di imprese possono offrire questa differenza"*. In seguito un partecipante alla conferenza ha fatto sapere di stare avviando insieme ad un gruppo della diocesi, un'azienda EdC.

■ USA

A New York, il 17 ottobre 2009 presso la Scuola di Legge di Fordham, seminario sul tema: "Caritas in Veritate: Promuovere una Cultura di Comunione". Presenti una sessantina di persone fra avvocati, imprenditori, giornalisti, giovani studenti di legge e di economia. Nel suo intervento Luigino Bruni spiegava come i principi di gratuità, fraternità, reciprocità, comunione, – la cultura dell'EdC –, con questa enciclica smettano di essere solo appannaggio del "non profit" ma possano diventare la cultura dell'attività economica 'normale'. Seguiva l'analisi di un giovane avvocato di Washington, Brendan Wilson, sul tema delle nuove forme di impresa che si trovano in un'area intermedia tra imprese for profit e organizzazioni non profit e sull'importanza dell'EdC per queste nuove strutture giuridiche. Concludendo, Luigino Bruni sottolineava che le radici del EdC si trovano anche a New York: nel 1990, un'anno prima della sua nascita, a New York Chiara Lubich pregò perché, dopo il muro di Berlino, potessero crollare anche i muri del consumismo e del materialismo. La nascita di EdC, l'anno successivo, sembra essere una risposta a quella preghiera.

A Chicago, dal 20 al 23 aprile 2010 il Centro per il Cattolicesimo Mondiale e la Teologia Interculturale della De Paul University ha organizzato una conferenza dal titolo: "Tradizione e Liberazione – Caritas in veritate e il nuovo volto del progresso sociale", presente l'Arcivescovo Celestino Migliore, Osservatore Permanente della Santa Sede presso le Nazioni Unite. Due giornate sono state dedicate all'Enciclica di Benedetto XVI sulla globalizzazione economica, Caritas in Veritate. All'interno di queste ben tre le sessioni dedicate a Economia di Comunione tenute da Amy Uelmen, Lorna Gold e John Mundell.



New York • USA

Brendan Wilson • USA

2.3 POLO LIONELLO E CULTURA

Il Polo Lionello Bonfanti diventa sempre più la sede naturale degli eventi culturali legati ad EdC in Italia.

“Se il profitto va in parte ai poveri”, così si intitola l’importante articolo su Economia di Comunione apparso sul Sole 24 ore, il principale quotidiano economico italiano, il 3 aprile 2010.

Al centro dell’articolo, il Polo Lionello Bonfanti, ormai naturalmente visto come la principale realizzazione di Economia di Comunione in Italia ed il suo naturale polo di attrazione. In effetti il Polo, grazie alla testimonianza che può dare per la vita delle aziende che lo abitano, agli spazi ed all’accoglienza che offre, e non ultima, grazie alla vicinanza con l’Istituto Universitario Sophia, nell’ultimo anno ha offerto i propri spazi a svariate iniziative inerenti a Economia di Comunione ed agli ambiti di ricerca ad essa legati.

La più importante fra queste iniziative è stata senz’altro il convegno internazionale “The Charismatic Principle in Economic and Civil Life: History, Theory and Good Practice” organizzato in collaborazione con l’Istituto Universitario Sophia, il 28-29 maggio 2010.

L’evento è scaturito dal dialogo che va avanti ormai da vari anni con gli ordini religiosi, sfociato nel novembre 2009 nel Convegno a Castelgandolfo “EdC e Carismi” ed a maggio 2010 nella costituzione della società Charis

Era la prima volta che studiosi delle più varie discipline s’incontravano per interrogarsi sul ruolo che i carismi hanno avuto ed hanno nella teoria e nella pratica della vita civile. Circa sessanta gli studiosi convenuti, appartenenti alle più varie discipline, dall’economia, alla sociologia, al diritto e alla teologia – solo per citarne alcune. I presenti, provenienti da varie parti del mondo, appartenevano a diverse religioni o non avevano un particolare riferimento religioso. Alto il livello delle relazioni presentate e molteplici le prospettive culturali da cui si è guardato al «principio carismatico e alla vita civile». Il carisma può esprimersi sia come strumento di potere che come dono posto a servizio del bene comune. Basti pensare all’innegabile talento comunicativo e persuasivo dei dittatori che hanno segnato le vicende umane antiche e recenti o al carisma «mite» di uomini come Gandhi, Martin Luther King, Francesco d’Assisi o Benedetto da Norcia. Diversi modi di contribuire alla storia del mondo. E proprio sul contributo delle millenarie abbazie benedettine alla vita civile si è concentrata la relazione introduttiva al convegno presentata da Bruno



Frey, uno dei maggiori economisti europei, che ha evidenziato in modo sorprendente come quest'esperienza può dire tanto anche al modo in cui le organizzazioni – e tra queste le imprese – possono essere governate ai giorni nostri.

Dalle conclusioni, affidate a Luigino Bruni, a Helen Alford e Barbara Sena, è emerso che il principio carismatico può offrire ancora prospettive e vie nuove per il futuro della società civile. Al tempo stesso, Carisma e Istituzione sono chiamati a vivere in una continua e sinergica relazione, dove alla forza innovativa del Carisma si accompagna la forza diffusiva dell'Istituzione. Ciò che di buono nasce da un singolo o da un gruppo viene, grazie all'Istituzione, offerto a beneficio di tutti. Un esempio è l'Economia di Comunione: nata da un carisma, quello di Chiara Lubich, e proposta all'attenzione della Chiesa intera da Papa Benedetto XVI con l'enciclica *Caritas in Veritate*.

Il successo dell'iniziativa ha spinto gli organizzatori a lanciare un'agenda di lavori condivisi anche per il futuro. I Carismi parlano ancora, nella Chiesa e nella società, ma non si può soltanto stare a osservare, bisogna saperli ascoltare e farne emergere i frutti.

Citiamo altri due convegni svoltisi nella primavera 2010 al Polo Lionello Bonfanti:

- il 26 aprile 2010, primo incontro della serie “Adrianolivettiannouno” idee per migliorare l'economia e la vita dedicati all'attualità del pensiero olivettiano, dal titolo “L'idea di comunità nell'agire d'impresa”. Un vero incontro con Adriano Olivetti quello che si è vissuto nell'ambito di questo convegno, grazie all'appassionata relazione di Alberto Peretti. Luigino Bruni ha tracciato quindi convergenze e divergenze tra il pensiero di Adriano Olivetti e la realtà d'impresa di comunione testimoniata dal Polo Lionello Bonfanti. Infine la testimonianza di una impresa del polo ha sottolineato l'importanza del mettere in comunione anche le necessità nei momenti di crisi.

- il 17 giugno 2010, seminario preparatorio alle Settimane Sociali sull'impresa organizzato in collaborazione con l'Istituto Luigi Sturzo: “Quale imprenditore per uscire dalla crisi? Riflessioni ed esperienze a partire dalla *Caritas in Veritate*”. Una sessantina i partecipanti “La crisi attuale può risultare un momento fecondo che dà luce alla difficile transizione in corso. Il Polo è il luogo per noi ideale per parlare del nuovo dell'impresa che intravediamo”, ha spiegato in apertura del seminario Alessandra Smerilli, membro del Comitato scientifico e organizzatore delle Settimane sociali. Non certo ai margini degli approfondimenti del mondo ecclesiale è il ruolo che anche l'imprenditore e l'impresa possono svolgere nella realizzazione del bene comune. Ma come intraprendere per tornare a crescere, e a crescere non solo economicamente? Del contributo che può offrire al riguardo l'economia civile ha parlato nella relazione d'apertura Luigino Bruni, sottolineando quanto sia indispensabile oggi – sotto la sferza della concorrenza della Cina – che l'imprenditore torni ad essere un innovatore. «Lo scopo del suo agire è innovare, il profitto è solo il premio. Se non c'è questa logica, egli si chiude nelle posizioni di rendita», ha precisato Bruni. Il racconto in prima persona di

due imprenditori, Johnny Dotti, di Welfare Italia, e Maria Teresa Fumi, del poliambulatorio “Risana”, insediato nel Polo di Loppiano e in rapido sviluppo, ha messo in evidenza la necessità di saper innovare. L'appuntamento è per il prossimo anno, nuovamente al Polo, per continuare il dialogo sull'intraprendere raccogliendo e rilanciando quanto maturerà a ottobre alle Settimane Sociali di Reggio Calabria.

2.4 PRIMA SUMMER SCHOOL INTERNAZIONALE DI ECONOMIA DI COMUNIONE

Si è svolta a Rocca di Papa dal 3 al 6 settembre 2009 la prima Summer School Internazionale di Economia di Comunione dal titolo: “L'Economia di Comunione: teoria e prassi”.

Pensata inizialmente per un piccolo gruppo di giovani che fossero per professione studiosi di discipline economiche, la proposta è stata accolta anche da studenti universitari degli ultimi anni, lavoratori, dirigenti, imprenditori, docenti; e non solo under 35: alla fine 90 i partecipanti: 13 brasiliani, 8 argentini, 2 filippini e poi 8 slovacchi, vari altri europei, un palestinese e ovviamente molti italiani. Abbastanza vario era anche il rapporto dei partecipanti con il Movimento dei Focolari (qui si andava da persone pienamente impegnate ad altre meno coinvolte, fino ad alcuni che erano ai loro primi contatti con il Movimento).

Il programma è stato intenso: molte delle riflessioni presentate costituivano un'anticipazione degli articoli che avrebbero composto il numero speciale della rivista “Impresa sociale”, uscito poi a inizio 2010.

Dopo ogni presentazione vi era spazio per domande e risposte ed un tempo era dedicato anche al lavoro di gruppo. A dare il timbro ai quattro giorni della scuola è stata la proposta di viverli all'insegna dell'amore reciproco. Questa proposta, accolta e presa sul serio, ha creato un clima fraterno e gioioso in tutti i momenti della giornata, da quelli passati in aula, ai pasti e agli altri momenti di libertà. Uno dei momenti più intensi, quello che doveva essere un fuori programma, l'incontro con il regista Fernando Muraca. Ad emergere in modo chiaro e affascinante dalle sue parole e da due brevi filmati, il tema della vocazione, che in vari momenti della sua carriera lo ha portato a fare scelte controcorrente, in molti casi grazie all'incoraggiamento di altre persone: proprio in quel momento è risuonata nel cuore di molti una netta “vocazione ad EdC”. Durante lo scambio finale di impressioni e il



il regista Fernando Muraca

successivo momento dei saluti una nota ricorrente era l'incoraggiamento che dall'esperienza vissuta in quei giorni ciascuno aveva tratto per il proprio impegno di studio o di lavoro in vista di una "economia di comunione": forse più ancora dei contenuti, è stata la "vita" ad aver caratterizzato questi giorni come un'esperienza dalla quale per il futuro non sarà più possibile prescindere. Ricorrente era anche l'invito a dare un seguito a questa iniziativa, facendone un appuntamento con una cadenza regolare rivolto appunto ai giovani: tra qualche anno la generazione di chi ha finora portato avanti l'EdC dovrà passare il testimone ai ventenni e ai trentenni di oggi, e dobbiamo arrivare preparati a quel momento.

2.5 REDEC, RIVISTA ELETTRONICA SCIENTIFICA DELL'ECONOMIA DI COMUNIONE

Per iniziativa di un gruppo di studiosi per i quali EdC rappresenta un argomento di ricerca, ed in collaborazione con il Centro di studio, ricerca e documentazione dell'EdC "Filadelfia" (Mariapoli Ginetta - San Paolo - Brasile), nasce REDEC, rivista elettronica scientifica dell'Economia di Comunione.

REDEC è stata presentata il 26 giugno 2010 a Rio de Janeiro (Brasile). L'obiettivo di REDEC è contribuire allo sviluppo di un approccio teorico ispirato dall'Economia di Comunione: gli studiosi coinvolti provengono da ambiti di studio diversi e questo conferisce a REDEC un carattere multidisciplinare. La rivista, che si può consultare all'indirizzo: <http://www.clfc.puc-rio.br/redec/index.html>, si propone quindi come spazio di dialogo tra studiosi, nell'intento di creare una rete tra i ricercatori che si dedicano all'approfondimento dell'EdC e allo studio di esperienze simili. Gli studiosi che vogliono contribuire possono farlo inviando all'editore, Prof. Dr. Roberto Cintra Martins saggi, riflessioni, forum tematici, interviste, dibattiti, rassegne, all'indirizzo e-mail: redec@puc-rio.br



2.6 EdC E DIALOGO INTERRELIGIOSO

Varie le occasioni in cui EdC è stata presentata nell'ambito di convegni inter-religiosi di vario tipo: ovunque la prospettiva da EdC ha colpito i partecipanti, costituendo un segno di speranza.

■ USA

Il 15 e 16 ottobre 2009 presso la Hamline University di St. Paul, Minnesota, si è tenuto il simposio annuale e forum internazionale e interdisciplinare della rivista *Journal of Law & Religion*, dedicato allo studio del diritto nel suo contesto sociale, che include l'etica e i valori religiosi. Al simposio partecipavano una cinquantina di accademici, in gran parte professori in legge, teologia e religione; fra questi ebrei, musulmani, e cristiani di varie denominazioni. Luigino Bruni era stato invitato a pre-

sentare il tema principale del simposio dal titolo: “Verso una Economia di Comunione”. Il tema è stato accolto con grande serietà ed interesse ed è diventato il leitmotiv di tutta la conferenza: da esso emergeva una visione unitaria dell'uomo che ne lascia trasparire i valori in ogni ambiente, anche nella vita economica. In seguito, Rabbi Tsvi Blanchard, Direttore del CLAL (Centro Nazionale Ebraico di Studio e Leadership), ha tracciato illuminanti punti di riflessione alla luce dei testi e della tradizione Ebraica in una presentazione intitolata: “Libertà condivisa: la logica della comunione e la libertà individuale”.

Tra i partecipanti al simposio, alcuni erano già entrati in contatto con la realtà di EdC; qualcuno aveva partecipato al seminario di diritto sul tema “Amore del Prossimo e Professione Legale”, a Loppiano (Italia), nel Marzo 2008, altri al congresso del dialogo “Comunione e Diritto”. Nel corso del simposio hanno potuto testimoniare personalmente come l'amore vissuto alla base dei rapporti possa impregnare le strutture sociali e economiche. Un esempio per tutti: la Professoressa Deborah Cantrell, docente all'Università di Colorado-Denver, budista, ha tracciato i legami che coglieva tra la visione che Luigino Bruni aveva proposto ed i principi del buddismo.

■ THAILANDIA

Il 4 febbraio 2010 nell'ambito del 4° seminario Buddista-Cristiano di Chiang Mei, Benedetto Gui e Teresa Ganzon hanno presentato Economia di Comunione. La presentazione è avvenuta nell'ambito della giornata dedicata al tema della crisi finanziaria; l'uditorio era composto da Buddisti, Cristiani e Mussulmani. Benedetto Gui ha presentato il progetto EdC a livello complessivo, mentre Teresa Ganzon ha portato la testimonianza della sua Azienda, il Bangko Kabajan; una esperienza che è stata molto apprezzata per la sua completezza. Infatti il Bangko Kabajan non è una impresa che si limita a produrre utili da dare ad EdC, ma ha a che fare direttamente con i poveri, e li tratta secondo la cultura del dare e questo è un qualcosa di più, di particolare valore. Il Bangko ha come clienti le famiglie povere dei villaggi, ma non fa loro 'beneficienza', perché i conti della banca tornano; 'fa affari', ma con la cultura del dare, ed il risultato è che queste persone possano crescere sia dal punto di vista umano che sociale.

In questa terra, in forte trasformazione a causa del rapido processo di industrializzazione, in cui si sente molto la perdita delle tradizioni, dei valori e dove fortissima è l'esigenza di una economia diversa che sia rispettosa dell'uo-



Chiang Mei • Thailandia



Rabbi Tsvi Blanchard • USA

Luigino Bruni • USA

mo, EdC è stata colta come un bel segno di speranza: si sente chiaramente che il valore di questa piccola esperienza EdC è grandissimo anche a queste latitudini e va molto al di là delle sue dimensioni attuali: c'è un intero mondo che aspetta una esperienza che possa tenere insieme tutte le dimensioni dell'uomo.

■ SVIZZERA

Il 14 agosto 2010 a Caux, vicino a Montreux, Maria Voce Emmaus, presidente del Movimento dei Focolari, è intervenuta al convegno internazionale dal titolo "Fiducia e integrità in una economia globalizzata", promosso dalla fondazione svizzera "Initiative et Changement", una ong che opera a livello internazionale per la prevenzione dei conflitti, il dialogo interculturale e la fiducia tra i vari soggetti sociali al di là delle differenze. Vi partecipavano persone provenienti dai cinque continenti all'insegna di quello che è definito lo 'spirito di Caux', sinonimo di amicizia, collaborazione, sforzo condiviso nel cammino verso la fraternità universale. "L'EdC: strumento a servizio dell'uomo verso un mondo unito" è stato il titolo dell'intervento di Maria Voce, che ha proposto un ritorno ai valori etici e ad una cultura del dare piuttosto che quella dell'avere e possedere, richiamando la necessità di un radicamento "in valori umanistici ed evangelici" perché non si riduca a semplice utilitarismo ed efficienza. Ha poi aggiunto: "C'è una globalizzazione che va nella direzione del piano d'amore di Dio per l'unità e la fraternità della famiglia umana", ricordando come il dare sia "una cultura ed un'arte". Nel pomeriggio al Workstream sull'EdC erano presenti 95 persone, tutte molto interessate: le esperienze concrete e belle sono risultate un completamento convincente alla mattinata. Lavinia Sommaruga alla fine ringraziando tutti diceva: "Grazie, grazie infinite, oggi non abbiamo solo ascoltato, abbiamo vissuto insieme qualcosa di importante!".

Alcuni ritorni:

Jean-Pierre Méan, presidente della fondazione svizzera di Caux, membro della religione Baha'i, dopo pranzo ha detto a un suo collaboratore: *"Dobbiamo sfruttare l'idea dell'economia di comunione e non volere inventare la ruota se già c'è"*.

Taketani (buddista della RKK, incaricato per l'Europa): *"Maria Voce è stata fedele al messaggio di Chiara. L'Economia di Comunione va al di là delle religioni perché al centro c'è l'uomo. Ho trovato meravigliosa la sua descrizione della Trinità; dopo quest'ora la mia identità buddista si è rinforzata. Voglio fare di tutto per cercare, con la vostra collaborazione, di portare l'EdC nella RKK"*.

Martin Hoegger, pastore riformato: *"Mi ha colpito ancora una volta constatare quanto l'Economia di Comunione affondi le sue radici nel Vangelo. Questo discorso mi fa amare ancora di più la Trinità"*.

2.7 CONGRESSI E SCUOLE NAZIONALI

Vari i congressi e le scuole nazionali dell'Economia di Comunione si sono svolti nel corso di quest'anno nel mondo.

● Congresso Nord Americano di EdC 2009

Dal 21 al 23 agosto 2009 si è tenuto alla Mariapoli Luminosa di Hyde park, (Stato di New York, USA) il congresso Nord Americano di Economia di Comunione. Il tema dell'incontro era "Imprese a misura di persona: speranza per l'oggi, sostenibilità per il domani". In un clima emozionante, le relazioni animate e "di sostanza" e gli aggiornamenti da tante parti del mondo hanno contribuito a generare un senso di comunità e di entusiasmo palpabile. Un quarto dei presenti erano persone completamente nuove al progetto EdC e alla spiritualità di comunione. Fra i 65 partecipanti, 11 erano imprenditori EdC, 8 professori universitari (specializzati nei campi della Dottrina Sociale della Chiesa, dell'Amministrazione di Azienda, del Diritto, e nel campo del Lavoro e del Sindacato), 10 giovani studenti (di cui 4 stavano facendo uno stage in aziende dell'Economia di Comunione), 5 persone interessate a dare inizio ad una impresa EdC e infine alcuni che avevano aderito perché incuriositi dalla menzione dell'EdC nell'enciclica del Papa, Caritas in Veritate.

I partecipanti sono ripartiti pieni di entusiasmo ed emozionati, discutendo su come poter vivere da subito i principi EdC nella loro vita, come mettere in pratica questo stile di vita che tiene la persona di ogni angolo del mondo al centro, che sia un imprenditore, un cliente, un professore o un operaio, un povero. Sapendo che ciascuno ha un ruolo nel vivere questo stile di vita, hanno assicurato di voler continuare ad offrire il proprio contributo.

● Primo Congresso EdC del Nord Europa

Si è svolto nella Mariapoli di Roselaar in Belgio, a 30 km a ovest di Bruxelles dal 9 all'11 ottobre 2009 in un clima caloroso di armonia e fiducia reciproca. Erano presenti 83 fra imprenditori e persone impegnate in EdC da 5 paesi dell'Europa del Nord Ovest (Germania, Austria, Belgio, Svizzera e Francia). Nonostante le culture di provenienza ben diverse, è stato possibile conoscersi in profondità e vivere la comunione. Il programma è stato molto denso: momenti di spiritualità, piccoli gruppi di scambio (con paesi di provenienza misti e per lingua), attualità e prospettive di EdC... In questi momenti l'esperienza degli uni era luce per gli altri. Luigino Bruni, presente all'incontro, ha avuto parole molto forti per ridare il senso profondo della vocazione dell'imprenditore EdC; ha messo l'accento sullo scopo di EdC che è la fraternità con i poveri e sul come vivere questa



EdC nel Nord Europa

relazione capovolgendo gli schemi esistenti sul donare e quindi sull' amare; ha mostrato quanto sia alta e vasta la finalità di EdC ed ha sottolineato il fatto che si è soliti guardare il proprio dito puntato verso la luna invece di guardare la luna stessa. Trasformare il proprio sguardo ha portato i presenti a fare scelte molto concrete, sia a livello personale che di gruppo. L'esperienza di questo incontro internazionale è stata così entusiasmante, che si è deciso di ripeterla, nell'ottobre 2010 presso la Mariapoli di Baar in Svizzera.

● Meeting EdC in Argentina

Il 24 e 25 aprile 2010 si è svolto nella Mariapoli Lia, ad O'Higgins, Provincia di Buenos Aires, Argentina, il 25° Meeting EdC. Tra i 140 partecipanti imprenditori, dipendenti, operai e studenti da Argentina, Uruguay e Paraguay. Il programma si è svolto partendo da una riflessione sull'oggi dell'EdC e sulle sfide future e proseguendo con le esperienze di alcuni imprenditori presenti, e la visita al Polo Solidarietà, adiacente alla Mariapoli: le imprese si stanno sviluppando, le coltivazioni intensive ed il quartiere con le case degli abitanti del polo, dimostrano al mondo che un altro tipo di società è possibile. Il 24 pomeriggio è stato condiviso con oltre 200 partecipanti ad un'incontro del Movimento Politico per l'Unità. Si è constatato che si appartiene alla stessa famiglia, che si ha la stessa cultura, gli stessi valori e che si lavora per gli stessi obiettivi. Alta la partecipazione dei giovani ed ottimo il livello delle risposte che essi hanno ricevuto dagli esperti presenti. Domenica mattina Bruno Venturini, uno dei primi focolarini che seguirono Chiara Lubich nell'avventura degli inizi del Movimento dei Focolari alla fine degli anni '40, ha partecipato all'incontro, suscitando tante domande da un pubblico desideroso di arricchirsi dell'esperienza di chi ha vissuto da oltre 60 anni la cultura del dare. Portando dentro l'eco delle sue parole, è arrivato il momento delle conclusioni e delle impressioni. Tra queste, una dipendente di una azienda del polo Solidaridad, ci ha detto: "Non ho lavorato io al Polo, è Dio che ha lavorato in me".

Ci si è lasciati dandosi appuntamento a settembre 2010, a Montevideo, Uruguay, per il 26° Meeting di EdC, con la certezza che costruire una società più equa è realmente possibile.

● La scuola di EdC in Spagna

Il 15 e 16 maggio 2010 ha avuto luogo a Madrid il 7° incontro di formazione ad EdC in Spagna. Due aspetti in particolare hanno reso questo incontro diverso dai precedenti: la manifestazione della profondità di vita delle persone che sostengono l'EdC in Spagna e l'apertura ad altre realtà della vita ecclesiale e sociale. Tra i 50



partecipanti all'incontro infatti, numerosi erano gli appartenenti ad altri movimenti e comunità che per la prima volta si avvicinavano desiderosi di conoscere più da vicino la realtà dell'Economia di Comunione e che durante l'incontro hanno mostrato il loro apprezzamento per l'EdC e la voglia di approfondire i rapporti in futuro. Nella prima parte dell'incontro un tema forte, radicale, sull'arte di amare: "L'amore al nemico e la sua applicazione pratica nella vita economica", arricchito con diverse esperienze e con il dialogo tra i presenti. Nella seconda parte, seguendo una consuetudine ormai abituale in questi incontri formativi, l'Associazione per una Economia di Comunione della Spagna ha presentato un tema sulla Dottrina Sociale della Chiesa. Quest'anno si è approfondita l'ultima enciclica di Benedetto XVI, Caritas in Veritate, e il suo rapporto con EdC. Infine in una tavola rotonda gli imprenditori EdC hanno raccontato come stanno facendo fronte alla crisi economica che sta coinvolgendo in maniera così forte la Spagna. Gli interventi durante i dialoghi che hanno seguito il tema sulla Dottrina Sociale della Chiesa e la tavola rotonda, specialmente da parte di chi partecipava per la prima volta, hanno dimostrato l'interesse che suscita l'EdC all'esterno del movimento dei Focolari.

Nelle conclusioni emergeva il fatto che la novità di EdC e la sua enorme attualità suscitano un grande interesse nelle persone di buona volontà che operano nel mondo economico: *"Un'economia nuova al servizio dell'umanità e dei più poveri è possibile, è giusto lottare con tutte le forze e con tutto il cuore per sradicare da questa terra l'ingiustizia sociale che soffrono tanti fratelli nostri..."*, *"È il nostro primo incontro con voi, siamo veramente impressionati per la luce che abbiamo ricevuto, ci siamo trovati come sotto un potente faro di luce..."*, *"Mi unisco a questo progetto senza alcuna esitazione"* sono alcune frasi dei partecipanti che esprimono i loro sentimenti. Come risposta concreta, alcuni imprenditori presenti per la prima volta hanno chiesto di entrare a far parte dell'Associazione.

● Congresso internazionale ispano-americano di EdC in Bolivia

Si è svolto a Santa Cruz de la Sierra il 17 e 18 luglio 2010 il congresso EdC Bolivia 2010. Il congresso è stato caratterizzato fin dal primo giorno dal fitto scambio di esperienze da parte di imprenditori EdC da Bolivia, Spagna, Argentina, Ecuador, e Perù. Oltre a raccontare con che spirito viene vissuta EdC, questi imprenditori, presentano, dati alla mano, il conto economico delle proprie aziende, con fatturato e utili, allo scopo di poter fare un bilancio dello sviluppo delle imprese. Comune denominatore di queste esperienze, "l'emozione" con la quale vengono condivise, riflesso della profondità delle stesse, dell'impegno e del percorso fatto, attraverso le difficoltà più diverse.



EdC in Bolivia

Anche i lavori di gruppo caratterizzano questi due giorni: gli studiosi, gli imprenditori ed infine i giovani con Luigino Bruni che, a partire dalle domande ricevute, approfondisce in particolar modo “la vocazione”.

Molto proficuo il dialogo tra gli imprenditori che scaturisce intorno alla Carta d'Identità di EdC. Si riflette ad esempio, sullo specifico delle aziende EdC : qualcuno diceva che forse potrebbe essere la propensione a *“dare non solo quello che avanza, ma anche quello che ci costa, ma che vediamo necessario per gli altri”*; sul rapporto dell'imprenditore con i poveri, “da povero a povero”; sulla centralità della persona nel progetto EdC; sul come applicare EdC nelle grandi aziende.

L'ultimo giorno di congresso, la mattina si apre ancora con la condivisione di esperienze da parte di vari imprenditori e c'è chi ha condiviso le sue attuali difficoltà: “la comunione costruita in questi giorni di congresso” –diceva Carmen- “mi ha fatto riscoprire il “filo d'oro” del mio percorso di imprenditrice, ormai lungo 15 anni.”

A fine mattinata Luigino Bruni prende la parola, sottolineando tre sfide che lui vede oggi per EdC: anzitutto mettere in pratica nelle aziende gli strumenti della spiritualità collettiva di Chiara Lubich, come Lei propose nel suo messaggio del 2007; quindi non accontentarsi di formare “uomini nuovi”, ma impegnarsi per costruire “strutture nuove”: è importantissimo che nei prossimi 10 anni si realizzino “aziende nuove” dove sia evidente un nuovo modo di fare azienda. Infine Luigino incoraggia tutti a vedere le “ferite” che si verificano inevitabilmente nel portare avanti EdC, come “benedizioni” che ci aiutino a vivere nella incertezza, accettando il limite e la vulnerabilità: è proprio in queste condizioni che Dio agisce.

Nel pomeriggio la Commissione EdC della Bolivia presenta il bilancio economico del congresso che si chiude con un “utile” di 400 dollari. Quindi i gruppi di lavoro del giorno precedente si ritrovano per cercare insieme proposte concrete e costruire un percorso verso il congresso internazionale del 20° di EdC a maggio 2011 in Brasile. Questo nella consapevolezza che, pur alla luce dei bei frutti di EdC in questi 19 anni, si può fare di più e crescere in responsabilità e coscienza. Ecco alcune delle proposte concrete che emergono dai gruppi: applicare gli strumenti della spiritualità collettiva di Chiara Lubich a EdC, senza preoccuparsi se possiamo essere maturi per farlo; realizzare una Summerschool per Giovani di tutta l'ispano-america; rendere il web più attraente per i giovani; organizzare incontri locali, nei vari paesi, in preparazione del Congresso Brasile 2011; organizzare due incontri “virtuali”, tramite video conferenze, per tutta l'ispano-america.



3. UTILI DELLE IMPRESE EDC E SVILUPPO SOCIALE

3.1 ENTRATE E USCITE

Zona	ENTRATE (€)		USCITE (€)	
	Utili imprese	Progetti di sviluppo	Attività di formazione di "uomini nuovi"	Totale impieghi
Angola ²		2.250,00		2.250,00
Camerun ⁶		1.948,30	8.000,00	9.948,30
Costa d'Avorio ¹¹	854,39	855,00		855,00
Kenia ¹⁸		9.243,00		9.243,00
Madagascar ²¹	200,00	495,00		495,00
Nigeria		360,00		360,00
R. D. Congo ²⁶		18.819,00		18.819,00
Sudafrica ³¹				
Africa subsahariana	1.054,39	33.970,30	8.000,00	41.970,30
Algeria ¹		900,00	3.000,00	3.900,00
Egitto ¹²	1.000,00	810,00		810,00
Giordania ¹⁴		765,00		765,00
Libano ¹⁹	350,00	2.509,00		2.509,00
Terra Santa ¹⁷		1.035,00		1.035,00
Turchia ³³				
Medio Oriente e Nord Africa	1.350,00	6.019,00	3.000,00	9.019,00
Argentina	17.273,00	14.137,13	8.700,00	22.837,13
Brasile	80.304,00	128.937,52	11.769,00	140.706,52
Cile ⁷	584,00	1.475,00		1.475,00
Colombia ⁹	3.547,00	11.029,50	5.000,00	16.029,50
Uruguay ³⁴	2.738,00	19.300,30		19.300,30
Venezuela ³⁵	2.465,00	5.670,00		5.670,00
America Sud	106.911,00	180.549,45	25.469,00	206.018,45
El Salvador ¹³		3.150,00		3.150,00
Haiti		691,20		691,20
Messico ²²		15.516,00	7.000,00	22.516,00
S. Domingo ²⁸		936,00		936,00
America Centrale		20.293,20	7.000,00	27.293,20
Canada	13.645,21			
USA	41.794,12			
America Nord	55.439,33			
Cina ⁸	6.651,04	1.320,30		1.320,30
Corea ¹⁰		3.600,00		3.600,00
Filippine	35.739,34	36.044,99	16.085,00	52.129,99
Giappone				
India ¹⁵		684,00		684,00
Pakistan ²⁴	780,00		4.000,00	4.000,00
Sud Est Asiatico ¹⁶		3.052,80		3.052,80
Thailandia ³²	2.492,00	5.022,00	10.000,00	15.022,00
Asia	45.662,38	49.724,09	30.085,00	79.809,09
Albania		7.920,00		7.920,00
Russia ²⁷		3.960,00	7.000,00	10.960,00
Sud Est Europeo ⁵	8.280,00	99.491,86	18.400,00	117.891,86
Europa Est	8.280,00	111.371,86	25.400,00	136.771,86

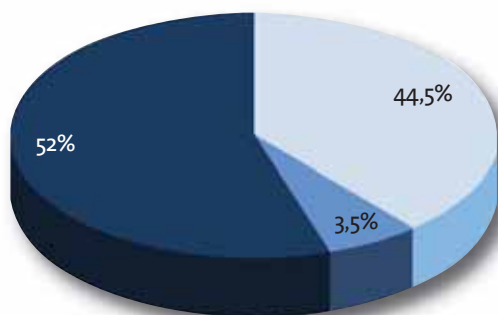
ENTRATE (€)		USCITE (€)		
Zona	Utili imprese	Progetti di sviluppo	Attività di formazione di "uomini nuovi"	Totale impieghi
Austria	6.455,12			
Belgio ⁴	128.000,00			
Francia	55.040,00			
Germania	38.025,00			
Gran Bretagna	1.200,00			
Irlanda	4.151,52			
Italia	201.980,00			
Lituania ²⁰		135,00	7.000,00	7.135,00
Malta	500,00			
Olanda ²³	10.105,54			
Polonia ²⁵	9.321,00	3.150,00		3.150,00
Portogallo	17.430,00		8.715,00	8.715,00
Rep. Ceca		1.281,60	4.000,00	5.281,60
Slovacchia ²⁹		1.854,00		1.854,00
Slovenia ³⁰	1.614,00			
Spagna	23.005,16			
Svizzera	76.084,99			
Ungheria	4.403,02			
Unione Europea	577.315,35	6.420,60	19.715,00	26.135,60
Australia ³				
Oceania				
Avanzi anni precedenti	44.929,70			
Centri Movimento Focolari			20.600,25	20.600,25
Istituto Universitario Sophia			200.000,00	200.000,00
Notiziario e Rapporto EdC			10.146,43	10.146,43
Costi Amministrativi				27.653,94
Totale	840.942,15	408.348,49	349.415,68	785.418,11

Legenda Zone vedi pagina 71

Saldo	+ 55.524,04
Avanzo per progetti di sviluppo	+ 7.170,83
Avanzo per attività di formazione di "uomini nuovi" ¹	+ 48.353,21

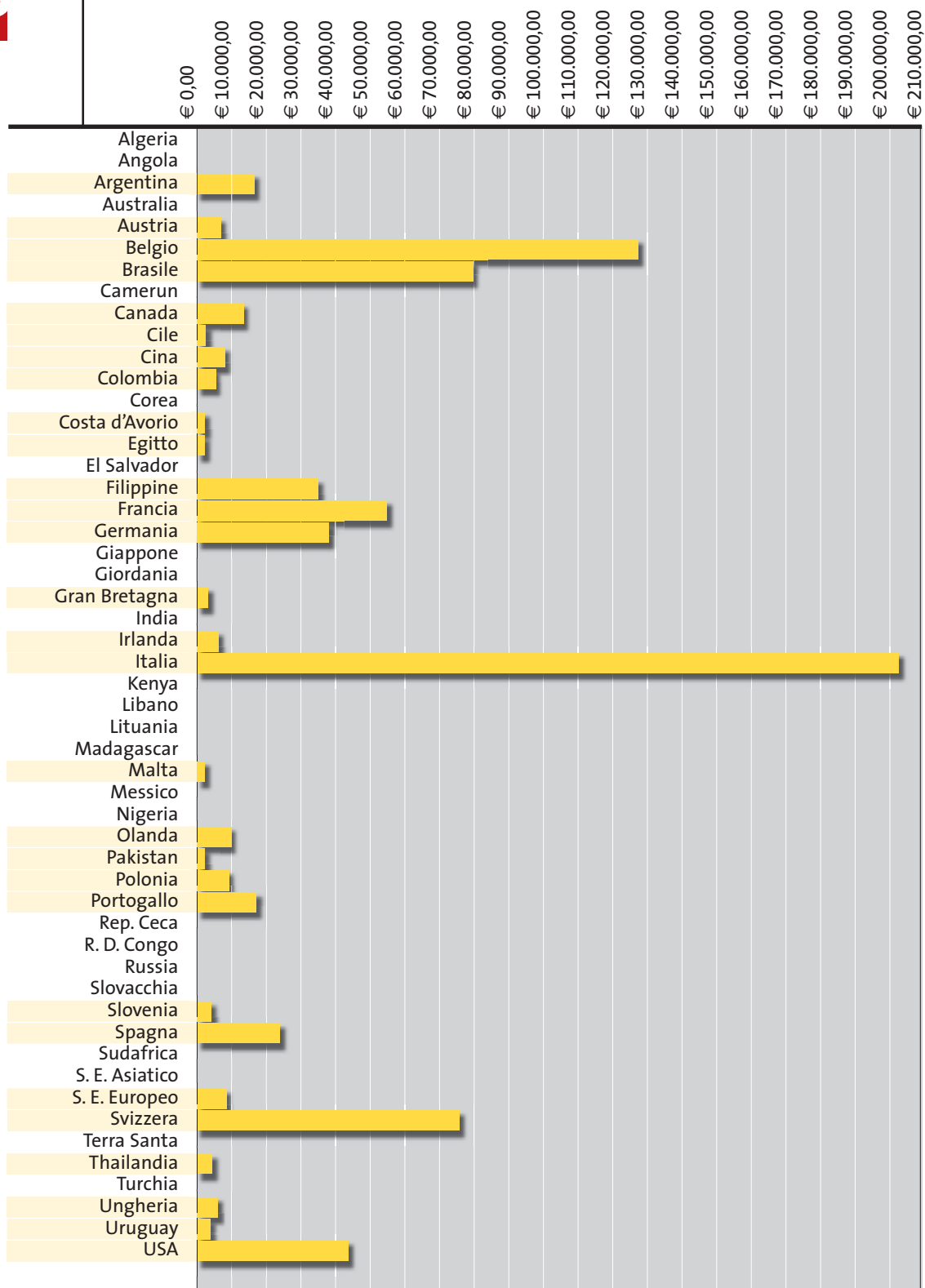
¹ I soldi sono riservati per la formazione nell'anno 2011.

3.2 UTILI IMPRESE EDC IMPIEGATI (E 785.418,11) % PER TIPOLOGIA

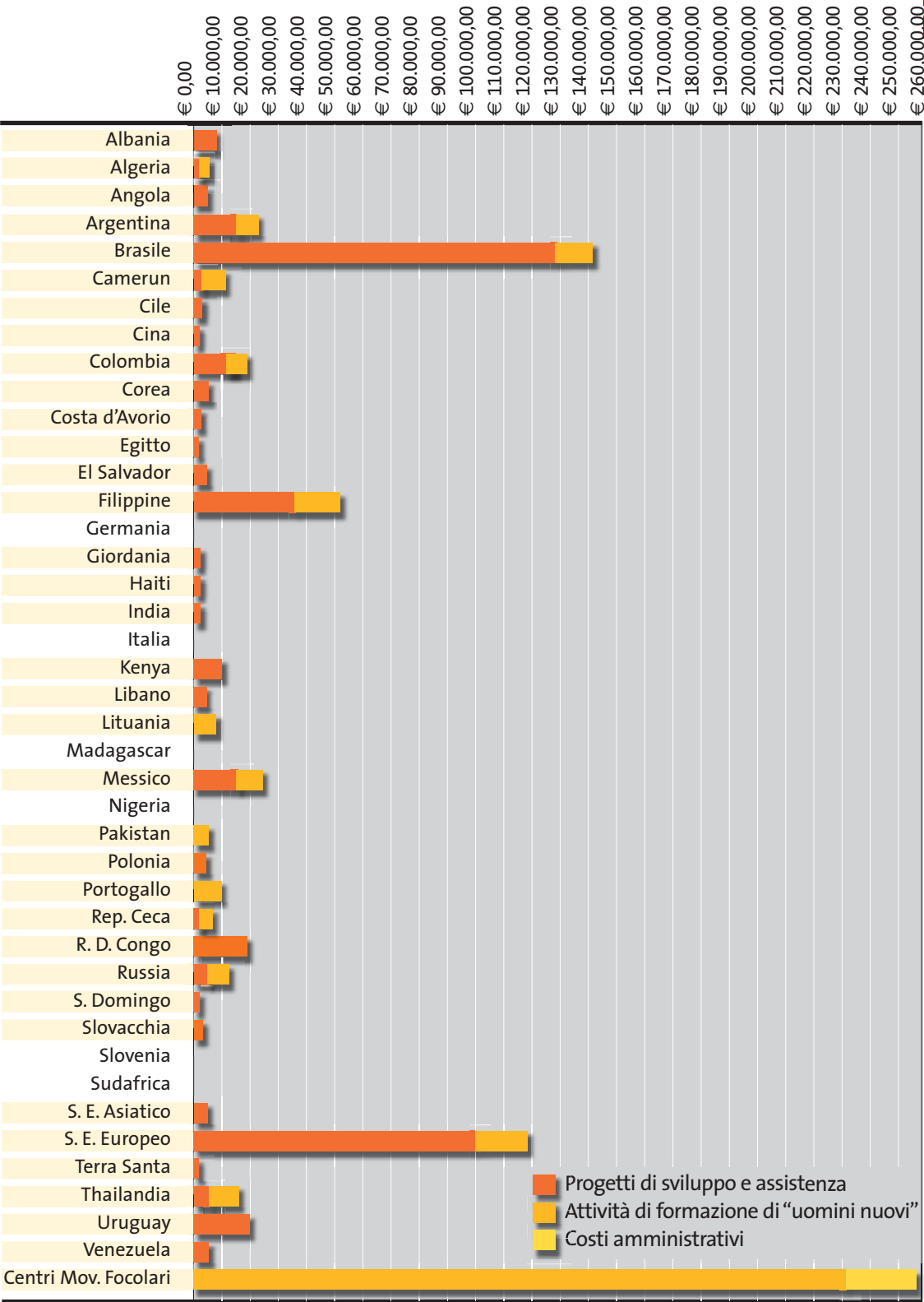


- Progetti di sviluppo e assistenza
€ 408,348,49
- Attività di formazione di "uomini nuovi"
€ 349.415,68
- Costi amministrativi
€ 27.653,94

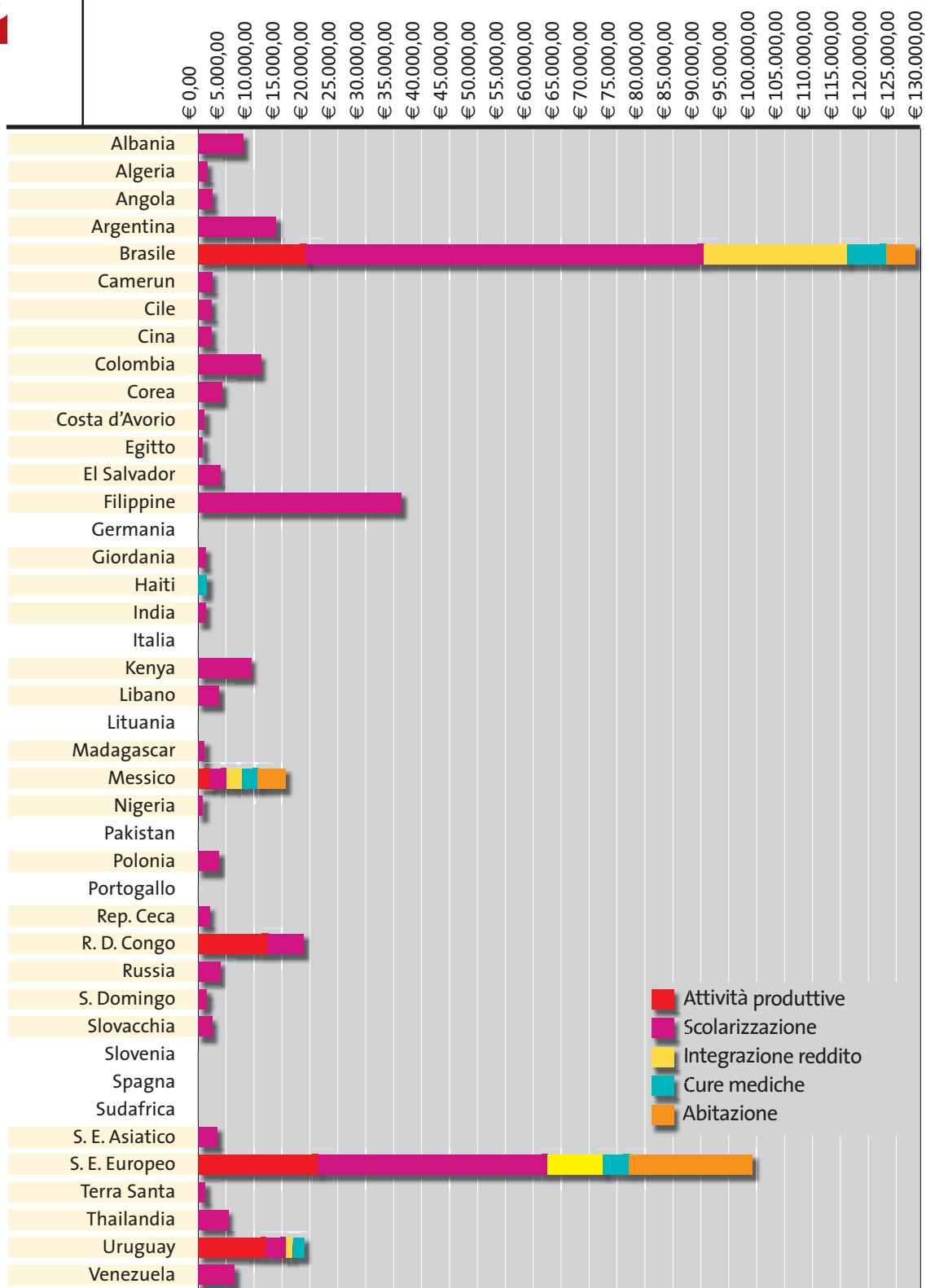
3.3 UTILI IMPRESE EdC PERVENUTI, PER ZONE (€ 840.942,15)



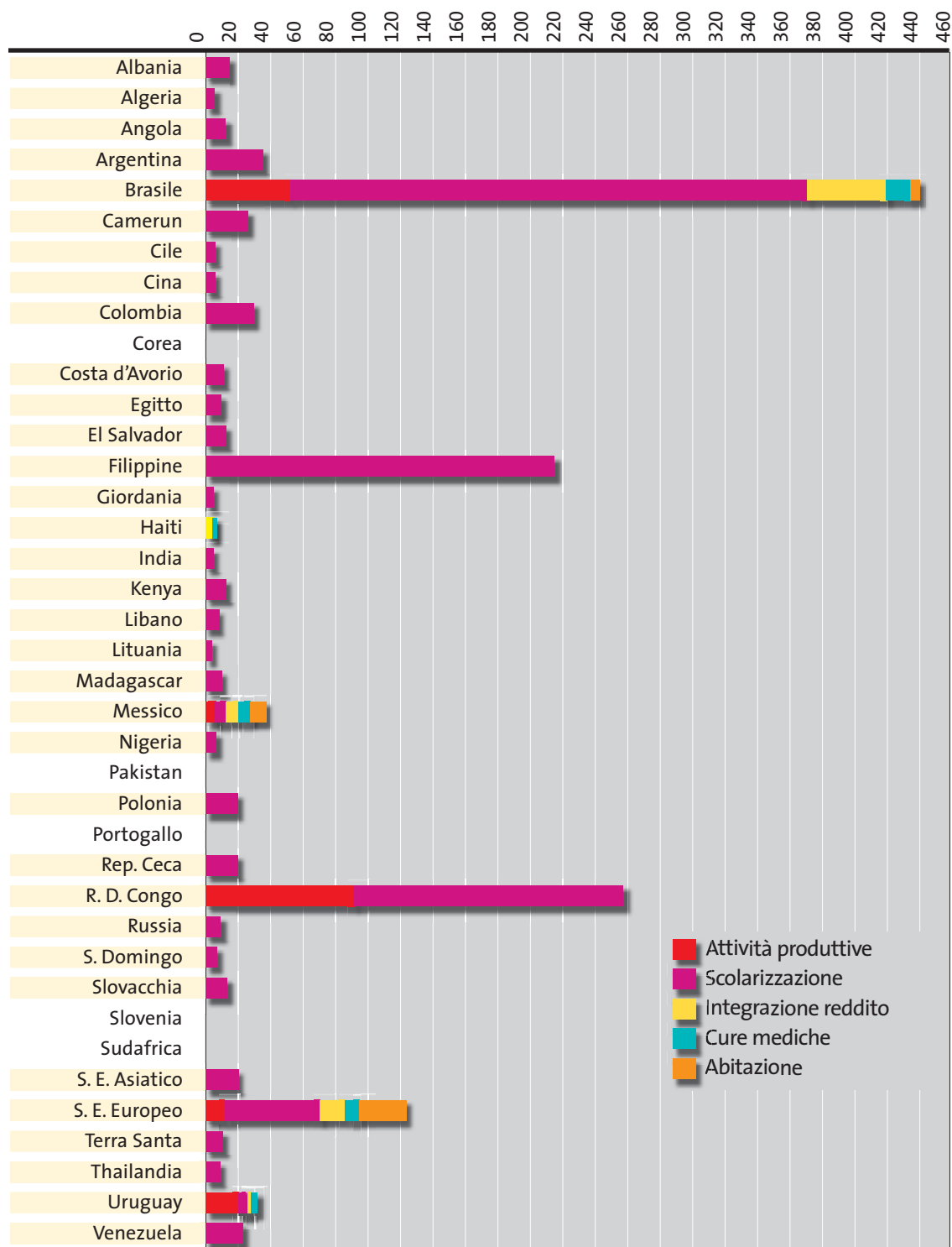
3.4 UTILI IMPRESE EDC IMPIEGATI, PER ZONE E PER TIPOLOGIA (€ 785.418,11)



3.5 PROGETTI DI SVILUPPO E ASSISTENZA PER ZONE E PER SETTORI (€ 408.348,49)

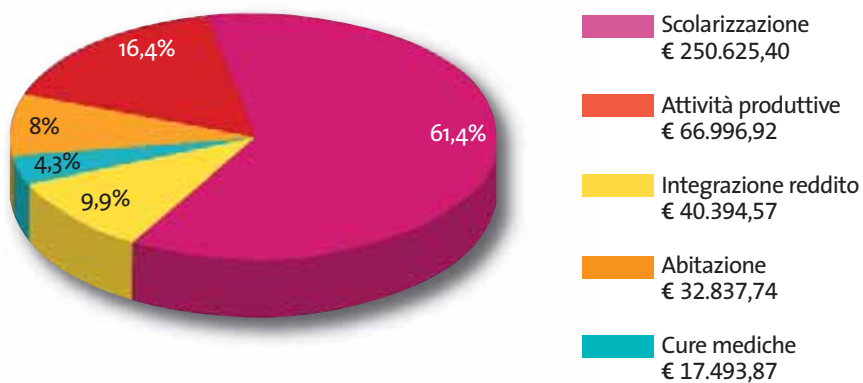


3.6 BENEFICIARI DIRETTI DEI PROGETTI DI SVILUPPO E ASSISTENZA, PER ZONE E PER SETTORI (1.390)



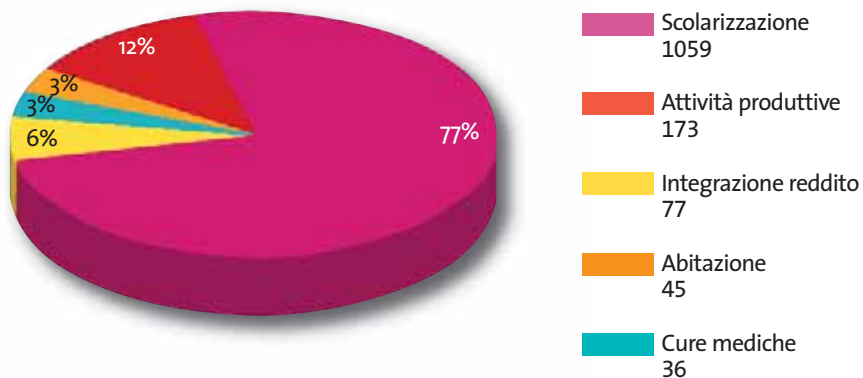
3.7

PROGETTI DI SVILUPPO E ASSISTENZA (€ 408.348,49) % PER SETTORI



3.8

BENEFICIARI DIRETTI (1.390) % PER SETTORI



3.9 PROGETTI DI SVILUPPO PER LA CREAZIONE DI NUOVI POSTI DI LAVORO

Alcuni progetti in corso nel 2010

■ Microimprese familiari, Rep. Dem. Congo

La situazione della Rep. Dem. del Congo sta lentamente migliorando, dopo una guerra lunga più di dodici anni, che ha provocato quasi 5 milioni di vittime, un numero incalcolabile di orfani e di donne ammalate di AIDS. In questo contesto, con un'aspettativa di vita di circa 47 anni, metà della popolazione senza accesso ad acqua potabile, un livello di alfabetizzazione di solo il 65% e un reddito pro capite equivalente a circa 300 dollari all'anno, la situazione del lavoro è ancora difficilissima. Nonostante questa situazione, i congolesi dimostrano una vitalità, uno spirito di iniziativa e di solidarietà inesauribili.

Così quest'anno è partito un percorso di sostegno alla creazione di microimprese familiari, con l'obiettivo di creare opportunità di lavoro più stabili per circa 20 persone, la maggior parte delle quali donne.

Sono 6 le piccole attività in fase di avviamento:

1 Bar-Ristorante. J. vive in un quartiere in cui, a causa delle grandi distanze di Kinshasa e delle difficoltà dei trasporti, quasi tutti arrivano al lavoro senza aver mangiato. Si è vista così l'opportunità, per ottenere un reddito minimo per la sua famiglia, di creare un piccolo bar-ristorante dove i lavoratori delle imprese vicine possano trovare un pasto caldo.

2 Polifotocopiatrice. Il piccolo centro informatico avviato con un progetto delle Suore di Maria di Pittem, offre ad un intero quartiere la possibilità di utilizzare computer con stampanti, una fotocopiatrice e uno scanner. Attualmente dà lavoro a due donne, ma non arriva ancora a garantire loro un reddito sufficiente. L'acquisto di una polifotocopiatrice consentirà di rispondere alle crescenti richieste di servizi del quartiere, di aumentare le possibilità di lavoro per le donne e, tra le altre cose, di collaborare alla stampa e diffusione in zona di materiale per l'educazione sanitaria e la prevenzione dell'AIDS.

3 Produzione di pesce salato. M., ex-insegnante ed ex-sindaco della sua città, emigrata in un'altra città ha accolto alcuni bambini orfani prendendosi cura di loro. Per sostenersi produce pesce salato da vendere nei quartieri popolari, dove a causa delle difficoltà economiche e della mancanza di energia elettrica, la popolazione non ha accesso a prodotti proteici freschi. Col contributo EdC si è potuto acquistare gli strumenti necessari all'attività.

4 Piantagione di erbe officinali. Nella provincia del Bandundu, fra le più abbandonate della RDC ci si trova a far fronte al grande problema della malnutrizione infantile: oggi un bambino su cinque non arriva ai 5 anni e più del 10% dei bambini è in stato di malnutrizione acuta, con gravi conseguenze per la salute e lo sviluppo fisico e intellettuale. Molte delle terre coltivabili accessibili si sono impoverite a causa dell'eccessivo sfruttamento e i prezzi dei generi alimentari di base importati sono triplicati per la svalutazione della moneta congolese. È nata così l'idea di sfruttare un appezzamento di terra coltivabile, ancora inutilizzato, per produrre integratori nutrizionali naturali e medicinali naturali a basso costo. Con l'ap-

poggio di un'associazione specializzata è partita quindi la piantagione di Moringa - albero dalle foglie ricche di proteine, le cui radici e i cui semi contengono elementi curativi per diverse malattie - e di Artemisia - utili nella prevenzione della malaria, del diabete e di altre malattie, per le capacità di rinforzare il sistema immunitario. Il progetto prevede la vendita di parte della produzione a diversi organismi locali e internazionali che si occupano del problema della malnutrizione in loco e darà lavoro ad un piccolo gruppo di giovani disoccupati e a due famiglie che, in segno di reciprocità, accoglieranno alcuni bambini malnutriti per accompagnarli nel loro cammino di crescita.

5 Falegnameria. S. è un giovane con un'esperienza da falegname che, per la difficile situazione economica del Paese, non riusciva a trovare un impiego presso le imprese locali. Si è vista così la possibilità che avviasse una falegnameria in proprio, per produrre arredamento da abitazione e da ufficio. Con quest'attività si prevede che egli possa sostenere anche parte della numerosa famiglia. L'obiettivo finale, se le vendite lo consentiranno, è quello di dare lavoro ad altre persone in situazioni di necessità.

6 Commercio ambulante. Le famiglie che vivono nei quartieri più popolari di Kinshasa non possono fare scorte alimentari per mancanza di mezzi economici e di corrente elettrica per alimentare i frigoriferi. Spesso hanno difficoltà anche nel fare la spesa quotidiana perché i trasporti per i mercati sono troppo costosi per loro. Così un gruppo di 5 donne senza lavoro ha visto utile creare, in questi quartieri, delle bancarelle per il commercio ambulante, presso cui vendere prodotti alimentari di base (farina di mais, pesce salato, fagioli, spezie, frutta) e prodotti indispensabili per la casa, come petrolio per le lampade, carbonella, sapone, ecc. Con il contributo EdC vengono acquistati gli strumenti necessari all'attività.

Il progetto complessivo di avviamento delle 6 microimprese prevede, oltre all'acquisto di parte delle attrezzature necessarie alle attività, un percorso formativo globale all'imprenditoria, aperto a circa 90 partecipanti selezionati tra persone in situazioni di particolari necessità, per l'avvio di nuove microimprese nei prossimi anni. Il programma è composto da 15 seminari sui seguenti argomenti:

- funzionamento dell'impresa cooperativa per il lavoro e per la gestione di strutture di assistenza sanitaria e sociale;
- elementi di matematica, contabilità e gestione aziendale;
- creazione e gestione di mutui di risparmio e credito, per la gestione di emergenze sanitarie familiari, per l'istruzione dei figli e per il miglioramento delle microimprese;
- principi e pratica dell'economia di comunione.

I partecipanti al percorso formativo contribuiscono alle spese di partecipazione; alcuni di essi si fanno carico dell'accoglienza in casa di coloro che vengono da fuori. È previsto un test finale, superato il quale si ottiene un diploma per l'avvio di una microimpresa. Al termine del percorso le nuove attività nate verranno accompagnate sotto il profilo gestionale e amministrativo, con l'impegno da parte dei beneficiari di partecipare ad una formazione continua. Infine i partecipanti si impegnano, raggiunta l'autonomia finanziaria dell'attività, a dare lavoro a persone in necessità anche al di fuori della propria famiglia.

Il progetto nasce dall'incontro fra un artigiano attivo nel settore dell'abbigliamento con il suo "Atelier Santa Fiora", la commissione locale dell'EdC e un sacerdote fondatore dell'istituto "Casa do Menor", che in varie città del Brasile accoglie ragazzi di strada vittime della violenza, della droga o senza una famiglia e li sostiene in un percorso di reintegrazione nella società dal punto di vista affettivo a quello relazionale, fino a quello professionale.

L'Atelier Santa Fiora mette a disposizione le proprie competenze per realizzare, con i ragazzi ospiti, corsi di formazione sulla lavorazione artigianale di tessuti di recupero (teloni di camion riciclati, scarti di tessuti, ecc.) per la produzione di borse e sandali.

I corsi professionali vengono realizzati dalla fine del 2009 nel Polo dell'EdC "Ginetta" a Igarassu, Recife. Il Polo sorge in un'area circondata da favelas e terreni occupati da famiglie "senza terra". Nasce così l'idea di allargare i corsi anche ai ragazzi provenienti da queste favelas e di avviare col primo gruppo di allievi un primo nucleo produttivo. L'azienda prende il nome di "Dalla Strada": tanto i giovani protagonisti del progetto, quanto le materie prime da loro utilizzate vengono, infatti, dalla strada.

L'esperienza si diffonde e anche al Sud del Brasile, nei dintorni di San Paolo, nasce l'idea di metterla in atto. Nel maggio 2010 iniziano i corsi professionali, accompagnati dagli stessi giovani che avevano partecipato ai corsi a Igarassu che mettono a disposizione ciò che hanno imparato, in una dimensione di reciprocità. Il prossimo obiettivo è insediare la produzione nel Polo dell'EdC "Spartaco" a Vargem Grande Paulista.

L'obiettivo della formazione impostata sul metodo dell'imparare facendo e favorendo la creatività e l'innovazione dei giovani, è quello di creare giovani protagonisti delle loro vite, da un punto di vista imprenditoriale e umano.

Per essi, oltre ai corsi professionali e al lavoro, sono previsti momenti di formazione per gli aspetti della salute, della sicurezza sul lavoro, del rispetto dell'ambiente, dei diritti umani, dell'etica del lavoro e sui principi e la pratica dell'Economia di Comunione, accompagnati e seguiti da un'équipe di psicologi ed educatori.

Il progetto prevede un cammino che dovrebbe portare, in due anni, ad includere i giovani anche nella gestione dell'azienda stessa o a decidere di avviare nuclei produttivi autonomi, collegati tra di essi in consorzio.

Sono più di 90 i giovani coinvolti, e provengono dalle Case do Menor di Rio de Janeiro, Fortaleza e Santana do Ipanema, dai gruppi dei "senza terra" di Branquinha-Alagoas e di Igarassu (Recife), dalle favelas e dai "quilombolas" (zone di



insediamento di famiglie discendenti degli ex-schiavi provenienti dall'Africa) di Vargem Grande Paulista (San Paolo).

Una parte del contributo EdC offerto a sostegno del progetto verrà restituita ad un fondo locale finalizzato a sostenere in futuro altri progetti di questo tipo nel Nord Est del Brasile.

Vi proponiamo di seguito alcuni stralci dell'esperienza di comunione e reciprocità che i giovani stanno vivendo in questo progetto, così come ce l'hanno raccontata: *«All'inizio di ogni giorno facciamo una riflessione sui temi dell'Economia di Comunione e vediamo insieme come migliorare nel viverla. Non si può amare colui che non si conosce: per questo a turno ciascuno dei giovani racconta la sua storia, ciò che significa per lui il progetto, ciò che lo motiva ad andare avanti, le scelte che fa e che vorrebbe fare, ecc...».*

Uno di loro ci ha raccontato: *«Al termine del corso fatto qui avevo imparato a lavorare le borse e desideravo ritornare nella mia città per aprire la mia attività autonoma. Però mi mancava il capitale necessario. Sono riuscito a trovare alcuni possibili soci che erano disponibili ad investire in quest'attività finanziando il capannone e l'acquisto degli strumenti di lavoro. Il mio sogno sembrava vicino, ma mi sono reso conto che i possibili soci non condividevano a fondo i principi dell'EdC che per me, grazie a questo progetto, erano diventati fondamentali: anch'io vorrei un giorno mettere in comune con altri gli utili della mia attività, ispirare alla comunione i rapporti nella mia azienda, ecc. Così ho deciso di fermarmi a lavorare qui, per il momento, approfondendo la mia formazione, in attesa di trovare dei soci con i quali condividere in pieno lo spirito e la pratica dell'EdC».*

Infine, alcune esperienze che raccontano come partecipando al progetto, i giovani abbiano trovato non solo un'opportunità professionale, ma l'occasione per cominciare una nuova vita, ispirata alla reciprocità del dono. *«Ogni giorno facciamo una pausa dal lavoro e uno spuntino. Un giorno uno dei giovani più timidi ha portato un dolce fatto da lui apposta per questo momento. Non solo il dolce era delizioso ma in quel momento abbiamo sentito particolarmente la gioia che nasce dalla condivisione dei talenti di tutti, nel dare e nel ricevere. Questa gioia evidentemente si vede anche fuori... infatti i genitori di una giovane, dopo poche settimane che lei lavorava qui, ci hanno invitato a cena e il papà a un certo punto ci ha chiesto: "Cos'è che fate in questo Polo? Come mai mia figlia è così felice? Ogni giorno torna a casa felice, cantando...". A questo proposito uno dei giovani ci ha raccontato: «Se penso alla persona che ero prima di partecipare a questo progetto... non mi riconosco, mi sembra di vedere un altro, una persona disperata, che fa uso di droga, coinvolto con la criminalità, che ha bisogno di fare esperienze estreme per sentirsi vivo. Oggi ho imparato la bellezza del dare, della condivisione, e mi sento un'altra persona, una persona felice».*



■ Lavorazione naturale di abbigliamento in lana, Montevideo (Uruguay)

Il quartiere Casavalle è sorto nella periferia di Montevideo a partire dagli anni '70 per volontà del regime dittatoriale di confinare le classi sociali meno abbienti fuori dal centro della capitale, ed è conosciuto oggi anche come barrio Borro. Qui il centro sociale "Nueva Vida" da alcuni anni si prende cura di bambini e ragazzi. A gestirlo è l'associazione CODESO (Comunión para el Desarrollo Social), che gradualmente ha esteso i servizi anche alle famiglie, in particolare alle mamme, molte delle quali si fanno carico dei figli da sole, perché abbandonate dai mariti.

Fra le diverse attività svolte negli ultimi anni – in collaborazione con l'AMU e alcuni gruppi di sostenitori italiani – i corsi di filatura e colorazione naturale della lana *"Ho imparato un mestiere ed ora sono in grado di sostenere la mia famiglia"* è l'espressione più comune delle partecipanti ai corsi nel dare le loro valutazioni.

Dopo questa prima positiva esperienza, è partita quest'anno una nuova fase delle attività, che ora sono sostenute anche attraverso gli utili dell'EdC, con un nuovo progetto della durata di 3 anni chiamato "Barrio Solidario Natural", pensato e condiviso passo per passo con le donne che vi partecipano. Esso prevede il proseguimento dei corsi di filatura, colorazione e lavorazione della lana, un percorso di formazione integrale – dall'economia di comunione alla gestione aziendale, dall'emancipazione della donna all'economia domestica – ed un costante accompagnamento psicosociale. Uno degli obiettivi è arrivare ad avviare una micro-impresa di produzione naturale di abbigliamento in lana, che operi nello spirito dell'EdC.

In questo primo anno stanno partecipando alle attività circa 10 donne, che, se lo vorranno, ora potranno lavorare a domicilio con attrezzature fornite dal progetto, per non lasciare soli i figli piccoli. A partire dal secondo anno ognuna di loro farà da tutor per la formazione professionale di un'altra donna. Così al termine del progetto si conta di aver creato circa 30 nuovi posti di lavoro.

In questo modo si è potuta introdurre nella struttura stessa del progetto una metodologia di reciprocità, qui intesa anche come capacità dei beneficiari diretti di partecipare attivamente contribuendo, con le competenze acquisite, alla formazione di altre persone. A questo proposito una delle donne diceva: *"Nell'asilo in cui porto il mio bambino, ho già parlato con alcune mamme chiedendo loro se volevano imparare a filare la lana, pensando così di donare ad altre persone quello che voi mi avete donato"*. Un'altra donna invece, al termine di un momento di formazione: *"Io tornando andrò nella scuola del paese, per offrirmi di insegnare a filare e tessere la lana ovina ad altre persone, come un dono di questo incontro con voi"*.

In questo spirito di reciprocità, le donne si sono impegnate a loro volta a



contribuire progressivamente, con parte degli utili del proprio lavoro, ad un “fondo di reciprocità” locale che servirà a finanziare progetti simili in futuro, per altre persone in situazioni di necessità. Infine, una particolarità di questo progetto – come segno del dono che ritorna – è che la formazione delle donne sugli aspetti amministrativi e imprenditoriali sarà fornita gratuitamente dai più esperti partecipanti ad un altro progetto simile che si svolge contemporaneamente a pochi chilometri di distanza, come raccontiamo di seguito.

■ Laboratorio tessile, Las Piedras (Uruguay)

Trovatasi in forte difficoltà a seguito della crisi economica che nel 2002 ha colpito il “Cono Sud” dell’America Latina, una coppia ha perso le proprie fonti di reddito e ha dovuto reinventarsi un’occupazione: i due coniugi insieme ad un’amica hanno avviato un laboratorio tessile in casa, anche grazie ad un contributo dell’AMU. Fin dall’inizio, e con i primi collaboratori, hanno voluto ispirare la propria attività all’EdC, sebbene ancora non riuscisse a produrre utili, vivendo le relazioni aziendali nello spirito della comunione. Molto lentamente la produzione è cresciuta, richiedendo nuovi locali fuori dell’abitazione, nuovi macchinari e qualche collaboratore in più. Così è nata l’idea del progetto attuale.

Con gli utili EdC sono stati finanziati i lavori di adattamento di due piccoli locali esterni all’abitazione e l’acquisto di alcune macchine. Da parte loro, i tre soci iniziali dell’attività si sono impegnati ad assumere al lavoro gradualmente 8 donne in particolari situazioni di necessità.

Allo stesso tempo hanno voluto impegnarsi a contribuire con parte degli utili del proprio lavoro ad un “fondo di reciprocità” locale che servirà a finanziare progetti simili in futuro, per altre persone in situazioni di necessità. Infine, come ulteriore segno di reciprocità, hanno offerto gratuitamente una formazione costante sui temi amministrativi e di gestione aziendale alle donne del progetto “Barrio Solidario Natural” di cui abbiamo raccontato sopra. L’accompagnamento durerà 3 anni, con incontri formativi a cadenza quindicinale o mensile.

■ Sostegno a microimprese, Sud Est Europeo

Continua quest’anno nel Sud Est Europeo il progetto di sostegno alla nascita e stabilizzazione di microimprese che coinvolgano persone in situazioni di particolari necessità.



In Croazia stiamo contribuendo alla stabilizzazione di una piccola attività di accoglienza turistica che dà lavoro ad una famiglia di 5 persone. I lavori di ristrutturazione dei locali dovrebbero consentire una ripresa regolare dell'attività, che aveva subito un calo a causa del deterioramento delle strutture. In questo modo si punta a garantire un'entrata più stabile ad integrazione del reddito attualmente insufficiente della famiglia. Come contributo di reciprocità, i beneficiari diretti hanno scelto di restituire progressivamente la somma ricevuta, per metterla a disposizione di altre famiglie della zona in necessità.

In Serbia si è ampliato il progetto di una microimpresa per la coltivazione di funghi, iniziato nel 2007. L'attività negli ultimi due anni è andata avanti bene, per cui si è vista la possibilità di ampliarla per poter creare un ulteriore posto di lavoro per un giovane, che costituirebbe la fonte di reddito per la sua nuova famiglia. Sono in corso i lavori di ampliamento dei locali, di adeguamento alle norme sanitarie locali e di installazione degli impianti elettrici e idraulici. Come proprio contributo, i beneficiari diretti mettono a disposizione tutto il lavoro di manodopera e desiderano restituire progressivamente il contributo ricevuto per poterlo rendere utile ad altri.

Proseguono infine le attività del calzificio e dell'impresa agricola in Croazia, di cui vi abbiamo raccontato nelle precedenti edizioni del Rapporto EdC.

■ Laboratorio fotografico, La Habana (Cuba)

L'idea di avviare uno studio fotografico nasce da un gruppo di giovani disoccupati, con l'obiettivo di crearsi un lavoro e avere così un reddito sufficiente e una adeguata qualità della vita. Essi vogliono anche valorizzare l'antica tradizione delle famiglie cubane di avere ricordi fotografici di eventi particolarmente importanti della vita. Non tutti i cubani però possono permettersi di pagare le cifre richieste normalmente dai fotografi. Così il "sogno" dei 4 giovani della "Fotos Eme" è riuscire ad offrire un servizio accessibile anche alle famiglie con un solo salario, consentendo loro di risparmiare fino al 50% della spesa. Insieme ai servizi fotografici, la "Fotos Eme" offrirà anche servizi di estetica e parrucchiere.

Con il progetto EdC sarà possibile completare l'acquisto della strumentazione necessaria e avviare così l'attività.

■ Laboratori di artigianato manuale, Cile

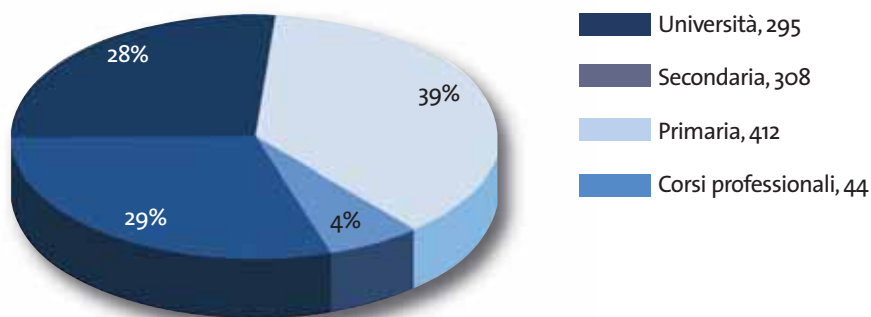
A. ha una pensione che non è sufficiente a coprire le sue necessità basilari. Pensava allora di sfruttare le sue capacità manuali ed artistiche per guadagnare qualcosa con il suo lavoro. Così con la commissione locale EdC si è vista la possibilità di proporre un progetto per l'avviamento di quest'attività. Nello stesso tempo, come molto spesso avviene nei progetti EdC, A. ha espresso il desiderio di mettere queste sue capacità al servizio di altre persone, per vivere la reciprocità del dono.

Il forte terremoto di febbraio 2010 ha provocato danni innumerevoli, tra

i quali la perdita della casa e della speranza nel futuro per molte famiglie. Così è nata con A. l'idea di avviare, in una delle zone del Cile maggiormente colpite dal sisma, un laboratorio permanente di artigianato manuale. Dopo il trasferimento di A. in questa nuova località, sono iniziati i corsi finanziati con il contributo dell'EdC, nei quali lei insegna ad una ventina di donne la lavorazione della ceramica.

I primi risultati visibili sono la rinascita della speranza e dell'autostima nelle donne che stanno frequentando i corsi. Gli obiettivi successivi sono quelli della vendita dei lavori artigianali nelle diverse località turistiche della zona e la stabilizzazione di una piccola impresa artigianale.

3.10 BORSE DI STUDIO FINANZIATE, (1.059) % PER TIPO DI STUDI



■ **Scuola Santa Maria, Igarassu (Brasile)**

La Scuola Santa Maria è nata nel 1967 tra due quartieri della città di Igarassu, in cui vivono molte famiglie in situazioni di miseria, non soltanto per le difficili condizioni economiche, ma anche perché escluse dall'accesso all'istruzione e alla cultura. Gran parte delle famiglie è destrutturata, con bambini di padri diversi, che vivono con la mamma o con i nonni... In questo ambiente violenza, droghe, alcoolismo e promiscuità trovano facile presa e i servizi pubblici disponibili di sanità ed istruzione non sono sufficienti a rispondere ai diritti e ai bisogni della popolazione, che difficilmente si organizza per esigerli.

In questo contesto la Scuola Santa Maria si pone gli obiettivi di arginare la piaga dell'analfabetismo, sanando così – almeno in parte – il divario fra le classi sociali, e di lavorare alla formazione di “uomini nuovi”.

Essa accoglie oggi circa 550 allievi delle favelas circostanti, dai 4 fino ai 16 anni. Oltre alle normali attività scolastiche e a laboratori artistici e ludici, bambini e ragazzi partecipano ad attività di educazione alla pace, alla cittadinanza attiva, alla sostenibilità ambientale e alla cultura del dare.

Per il contesto nel quale opera, la Scuola Santa Maria offre, oltre ad un insegnamento di qualità, spazi di dialogo e di formazione per alunni e famiglie, finalizzati alla prevenzione dei rischi e alla minimizzazione dei diversi tipi di disagio, come ad esempio: accompagnamento sociale, psicologico, di logopedia, medico ed odontoiatrico, ecc. Quest'anno gli utili EdC hanno contribuito a coprire una parte delle borse di studio per un semestre.

■ **Sud Est Europeo**

Nel 2009 abbiamo sostenuto nel Sud Est Europeo 11 borse di studio per la scuola primaria e secondaria, 23 borse di studio per l'università ed una per un corso di formazione professionale.

I contributi per le borse di studio vengono consegnati personalmente dagli incaricati della commissione EdC, in media ogni due mesi, in modo da favorire il contatto personale con gli studenti. Con il supporto di questo stretto rapporto, ad esempio, una di loro ha potuto prendere la decisione di cambiare facoltà universitaria scegliendone una più adatta alle sue aspirazioni. Le borse di studio coprono le spese per il materiale didattico, le tasse di iscrizione, e per gli studenti fuori sede anche per



il vitto e l'alloggio. I contributi EdC non coprono mai il 100% delle necessità, ma vanno sempre a complemento delle spese sostenute dalle famiglie e dagli studenti stessi.

A questo proposito una di loro scrive: *«Voglio ringraziarvi con tutto il cuore per l'aiuto che mettete a mia disposizione, che per me e la mia famiglia è di grande sostegno in questo periodo particolare. L'università è a pagamento e con lo stipendio minimo della famiglia non è facile coprire i costi. Per aiutare i miei genitori ho iniziato a lavorare qualche giorno alla settimana, perché voglio fare anch'io tutta la mia parte».*

Con ciascuno studente si cerca di costruire un rapporto di reciprocità, fondamentale nella vita di ognuno accanto alla preparazione accademica. Spesso si impegnano in azioni di solidarietà con giovani affetti da malattie o dando lezioni gratuite a chi ha difficoltà nello studio. Una studentessa, dal momento che i suoi genitori avevano avuto un aumento di stipendio e non avevano più bisogno di questo supporto, ha voluto rimettere a disposizione la sua borsa di studio, che è stata così destinata ad un'altra ragazza.

■ Uruguay

La commissione EdC locale ci scrive a proposito delle borse di studio sostenute nel 2009: *«Tutti gli studenti hanno superato l'annualità degli studi con il 100% degli esami sostenuti. C. ha completato il corso di amministrazione aziendale e ha potuto trovare un impiego conforme al suo titolo di studio, presso un'impresa locale. Il progetto è servito a migliorare il rapporto di reciprocità con gli studenti, che si sono donati con generosità ad attività formative per altri giovani e si sono impegnati intensamente a dare il massimo nello studio».*

■ Mariapoli Ginetta (San Paolo, Brasile)

Vi proponiamo le esperienze di due giovani studentesse che hanno usufruito di una borsa di studio EdC nel 2009, nella regione metropolitana di San Paolo.

«Ricevo la borsa di studio per il pagamento degli studi universitari. La mia famiglia ha avuto diverse crisi finanziarie e se non fosse per il contributo dell'EdC, sarebbe stato impossibile per me continuare a studiare. L'anno scorso ho cercato di dare alcuni concorsi pubblici, per risolvere la situazione economica della mia famiglia e coprire le mie spese, soprattutto quelle degli studi.

Nel giugno 2008, ho fatto un concorso federale: era in tre fasi, tutte nel capoluogo e questo mi creava un po' di difficoltà per gli spostamenti. Oltretutto, avevo fatto pure l'iscrizione ad un concorso nel mio Comune e, per coincidenza, gli esami erano nello stesso giorno, uno al mattino e l'altro al pomeriggio! Mi sono fatta coraggio e ho pensato "Tutto vince l'amore": avrei superato le difficoltà dei tempi e della mia stanchezza. Arrivato il grande giorno, dopo aver studiato molto, sono andata all'esame fiduciosa e terminata la prima prova, siamo usciti 'volando' per il capoluogo, per la seconda prova.

Diversi mesi più tardi ho saputo che avevo superato entrambi i concorsi. Così ho

cominciato a lavorare, potendo passare l'aiuto dell'EdC ad un'altra persona che ha bisogno molto più di me, ed ho la certezza che pure lei sperimenterà la gioia che si vive nel dare e nel ricevere!»

«Siamo una famiglia 'povera'. Io sono la più grande di cinque figli. Mio padre è disoccupato e per sostenere la famiglia fa dei piccoli lavori autonomi. La mamma è insegnante e per riuscire a mantenerci lavora in due scuole. Io lavoravo nella segreteria di una scuola ed anche il mio secondo fratello ha un lavoro. Gli altri sono piccoli, ma a casa fanno tutto ciò che è loro possibile. Le difficoltà sono molte, ma c'è armonia tra di noi.

Per ora solo io ho raggiunto l'età per iniziare l'università. Il mio interesse per lo studio è sempre stato valorizzato dalla mia famiglia, ma le condizioni finanziarie che abbiamo non ci consentono di coprire tutte le spese degli studi universitari.

Allora, per poter studiare, ho cercato delle borse di studio offerte dal governo. Avendo raggiunto una buona media, ho ricevuto una borsa del 50% del valore del corso. Una settimana dopo aver avuto questa notizia e aver fatto l'iscrizione, ho perso il mio lavoro. Nonostante la borsa, senza il mio stipendio non avremmo potuto pagare l'altra metà 50% delle tasse e oltre a questo ci sarebbero state le spese del materiale didattico e del trasporto, perché l'università è in un'altra città. Poiché viviamo in una comunità, è stato naturale comunicare questa situazione e con grande gioia ho cominciato a ricevere l'aiuto dell'EdC necessario per non interrompere gli studi.

Essendo mio padre ed io disoccupati, abbiamo iniziato a produrre e vendere prodotti a base di manioca, fatti in casa. L'attività pian piano sta crescendo, vendiamo i prodotti ai mercati e ristoranti della città: il margine di guadagno non copre ancora nemmeno le spese della casa, quindi non offre nessuna stabilità finanziaria, ma stiamo facendo tutto il possibile per poter uscire da questa situazione e così poter destinare ad un'altra persona l'aiuto che ricevo».

■ Brasilia (Brasile)

«Ci siamo sposati 13 anni fa, abbiamo avuto due figli e attendiamo il terzo. In questi anni la nostra situazione finanziaria ha attraversato diversi momenti delicati, alcuni cambiamenti nel lavoro hanno portato ad una riduzione del reddito familiare. Ma abbiamo affrontato tutto con il supporto della comunità di cui facciamo parte.

È stato in un momento difficile che abbiamo iniziato a ricevere l'aiuto dell'Economia di Comunione. Per noi è stata espressione dell'amore di un Padre che non abbandona mai i suoi figli. Questo sostegno ci ha aiutati a monitorare ancor più le spese quotidiane, perché sentivamo che quel denaro era sacro e dovevamo usarlo nel miglior modo possibile per la nostra famiglia.

Con l'arrivo del nuovo anno, e con la nostra situazione finanziaria più stabile, ritenevamo di non aver più bisogno dell'aiuto, perché non ci mancava il necessario, e volevamo metterlo a disposizione di un'altra famiglia bisognosa. Ne abbiamo parlato con i referenti della commissione EdC locale. Con nostra sorpresa, ci hanno proposto di continuare ad usufruire dell'aiuto con una borsa di studio, poiché non

avevamo potuto concludere l'università.

È stato per noi realizzare un sogno. M. ha iniziato a frequentare la facoltà di Amministrazione e ha fatto la sua parte cercando di accedere ad una borsa di studio governativa. Per la nostra gioia ne ha ottenuta una parziale e ora l'EdC ci aiuta con il valore restante.

È impossibile descrivere la gratitudine che invade i nostri cuori. Dio-amore si manifesta concretamente nella nostra vita con un amore infinito. Ora tocca a noi, con la nostra vita, continuare a comunicarlo agli altri».

«Sono entrata a 7 anni nel progetto di sostegno a distanza dell'AFAGO [organizzazione sociale del Movimento di Focolari locale, ndr]. È stata una delle più belle esperienze della mia vita, mi sono sentita come in una famiglia, valorizzata. Abbiamo avuto occasioni di svago e abbiamo acquisito la certezza che l'amore esiste nel mondo.

Quest'esperienza si è conclusa all'età di 14 anni, poi ho continuato a studiare. A 17 anni ho iniziato a lavorare in una panetteria, ma il lavoro era troppo pesante per me, e così ho lavorato anche altrove. Lo stipendio non era sufficiente per pagare i corsi e per contribuire alle spese della mia famiglia. Ho ricevuto allora, per un periodo, una borsa di studio finanziata con gli utili delle imprese EdC. Questi soldi sono stati fondamentali per coprire le spese dei miei studi, per il vitto e le bollette. Alcuni anni dopo ho ricevuto la proposta di diventare insegnante volontaria di informatica nello stesso progetto AFAGO che avevo frequentato da piccola, che mi ha fatta molto felice, anche perché in quel periodo non stavo lavorando. È stata un'esperienza meravigliosa, l'occasione per dare a quei bambini tutto quello che avevo ricevuto. È un lavoro in cui ritrovo la mia dignità, potendo guadagnarmi da vivere. Così non ho più bisogno degli aiuti EdC. Oggi sto studiando, frequento i corsi pre-universitari e vorrei entrare all'università. Sarebbe la realizzazione di un sogno».

*Notizie ed esperienze dalle Commissioni EdC locali
sulle attività realizzate nel 2009*

■ Brasilia (Brasile)

«Abbiamo ben presente la situazione di tutte le persone coinvolte nelle attività di assistenza. I responsabili di queste attività nelle varie città della zona ci informano sulla situazione di ciascuna persona, affinché possiamo conoscere bene tutte le situazioni e definire insieme la durata dell'assistenza o identificare nuovi possibili beneficiari.

Prima di includere una nuova persona nelle attività, valutiamo con i responsabili delle varie città se la comunità locale del Movimento dei Focolari sia in grado di rispondere alle sue necessità con la comunione dei beni dei propri membri.

Durante l'anno cerchiamo di visitare le persone che beneficiano dell'assistenza e di conoscere ciascuno personalmente. Dialoghiamo con loro per sapere come va la situazione di ciascuno, cerchiamo di accogliere tutto ciò che ci dicono che possa far crescere la comunione fra noi e che ci aiuti così a capire meglio ciascuno.

Le richieste di aiuto ci arrivano nel corso dell'anno e dopo un processo dialettico di analisi delle necessità, fra la nostra Commissione e le persone in necessità, decidiamo insieme a loro i nomi delle persone che parteciperanno alle attività di assistenza.

Cerchiamo di aiutare ciascuno a superare le difficoltà mantenendo alta la fiducia in sé stesso e diamo il nostro contributo di forze e idee affinché possa uscire dalla situazione in cui si trova».

■ Messico

«Continua a portare frutto il lavoro costante, iniziato alcuni anni fa, di valutare insieme, in profondità, la realtà di ogni persona che beneficia dei contributi dell'EdC. La metodologia che seguiamo è organizzata in tre passaggi fondamentali: 1) individuare i bisogni, 2) capire se in zona con la comunione dei beni delle comunità locali riusciamo a coprire le necessità, altrimenti attingere ai contributi EdC, 3) fare arrivare l'aiuto nel modo più utile e oculato possibile. Stiamo sviluppando sempre di più anche la collaborazione con altri canali di assistenza, per coordinare e non sovrapporre le attività.

Quest'anno il numero di persone in necessità nella nostra zona è aumentato, probabilmente a causa della crisi. Abbiamo avuto difficoltà nell'assegnare gli aiuti come previsto perché un po' in tutte le città sono sorte difficoltà impensate: perdita del lavoro, malattie improvvise, aumento del prezzo dell'affitto, del trasporto o delle rette universitarie. Quindi la quota che si pensava di assegnare ad una persona è servita poi per più persone. Contemporaneamente però è aumentata anche la comunione dei beni nelle comunità del Movimento, così siamo riusciti a coprire tutte le necessità.

Per la nostra esperienza possiamo dire che uscire da situazioni di indigenza, alme-

no da queste parti, è una vera sfida: l'aiuto ricevuto, per quanto essenziale, copre le prime e urgentissime necessità. Tuttavia dev'esserci uno sviluppo maggiore e un lavoro molto più acuto per risolvere definitivamente le difficoltà di ciascuno».

■ Rep. Dem. del Congo

«Sommandosi alla già gravissima situazione locale, la crisi economica mondiale sta avendo i suoi riflessi nella Rep. Dem. del Congo. Nella provincia del Katanga, ad esempio, oltre 300.000 persone hanno perso il lavoro quando nel 2009 numerose imprese straniere hanno cessato le loro attività minerarie. La società delle ferrovie ha sospeso le attività e non paga salari da anni e anni; una grande multinazionale mineraria ha proceduto a 450 licenziamenti tra il personale qualificato dell'amministrazione. E tra queste persone ci sono diversi che fanno parte delle nostre comunità.

Altro esempio è la provincia orientale, dove diverse persone con cui siamo in contatto lavorano in ambito agricolo. Le continue e imprevedibili irruzioni violente dei ribelli ugandesi dell'LRA, hanno provocato migliaia di profughi, impedendo la coltivazione dei campi.

Le necessità, dunque, sono tantissime e la nostra esperienza ci dice che difficilmente una persona in situazione di indigenza, anche se ha un'ottima formazione accademica o professionale, riesce ad uscire da sola dalla miseria, senza l'intervento da parte di qualcuno che le dia una mano.

Gli interventi avvengono tramite varie commissioni locali, che analizzano ogni situazione scrupolosamente in collaborazione con i responsabili del Movimento dei Focolari. Naturalmente ci sono anche casi particolari come malattie gravi o catastrofi improvvise, in cui la stessa sopravvivenza è minacciata, nelle quali interveniamo tempestivamente.

La comunione dei beni nelle comunità locali è molto viva, ma spesso in forme difficilmente quantificabili. Ad esempio sono stati spediti pacchi e pacchi di vestiti e di cibo dalle comunità di Kinshasa alle comunità di Goma e di Rungu per coloro che si trovano nei campi profughi.

Molti sono i bambini e ragazzi rimasti orfani a causa della guerra e di malattie come l'AIDS, ma la reciprocità continua a dare i suoi frutti: nelle sole famiglie delle comunità di Kinshasa vivono 72 bambini e giovani orfani provenienti dalle "famiglie allargate"; inoltre 21 neonati e 18 bambini abbandonati sono stati adottati legalmente da alcune famiglie che avendo potuto beneficiare di un'assistenza in passato, ora sentono di voler ricambiare dando una mano a chi è in difficoltà.



Assistenza socio-sanitaria, Congo

Anni fa abbiamo aiutato E., a portare a termine la sua formazione come educatrice di bambini con problemi psichici. Oggi è sposata con M., insegnante per bambini sordomuti, e tutti due hanno un lavoro anche se con salari irrisori. Per ricambiare l'aiuto ricevuto hanno voluto adottare un bambino di tre anni trovato per strada, C., diagnosticato sordomuto. Vivendo con la nuova famiglia e giocando con la loro bambina di tre anni, C. ha iniziato a parlare e un nuovo test ha rilevato che il suo udito ora è perfetto.

Per M.J. siamo riusciti a trovare un posto di lavoro in un nostro progetto scolastico e un prestito per acquistare una piccola casa, poiché l'ambiente in cui abitavano era davvero malsano. Nonostante il marito, professore di storia, non venga pagato da anni, hanno voluto prendere con sé M.D., trovato abbandonato sulla strada, che ora fa parte della loro famiglia.

La famiglia di E. era stata sommersa da problemi economici della "famiglia allargata". Con i fondi EdC le è stato messo a disposizione un piccolo prestito, col quale ha avviato un'attività di ristoro: oggi guadagna per la sua famiglia, ha rimborsato il prestito e dà lavoro a due mamme poverissime.

Con un prestito dai fondi EdC si è aiutata la famiglia di A. ed E. ad acquistare una casa, dopo che avevano perso tutto durante un'alluvione, avendo la vita salva per miracolo. Ora, possedendo una casa loro, hanno voluto accogliere B., una ragazza di 12 anni trovata per la strada, dove aveva subito violenze di ogni genere.

R. ha usufruito di una borsa di studio EdC per la facoltà di economia, che ha concluso con il massimo dei voti. Ora ha trovato un buon lavoro in una banca e in segno di reciprocità si fa carico della retta scolastica per un altro giovane in difficoltà.

Il marito di J., pur avendo una posizione di responsabilità nella società delle ferrovie dello stato, non percepiva un salario da diversi anni. Lei si procurava da vivere per la famiglia vendendo del pane. Ora che i salari, seppur bassi, hanno ripreso ad arrivare J. dona il suo tempo libero per assistere i carcerati in un nostro progetto, gestendo la vendita di generi alimentari di base nel carcere.

P. si stava recando con la moto in una città distante e raggiungibile solo su sentieri sabbiosi, per dare una mano in un'attività di formazione. Per inesperienza nella guida su questo tipo di "strade" è caduto e si è fratturato una gamba. Con l'aiuto di un amico medico si è potuto trasferire in ospedale a Kinshasa, dove la frattura, ormai aperta e infettata, è stata operata. Tuttora, dopo quasi due anni, P. è sotto cura per un'osteomielite, ma continua a mettersi in donazione: avendo saputo del destino di S., bambina di 12 anni trovata sulla strada dopo aver subito violenze, ha deciso assieme alla moglie e ai loro sei ragazzi, di accoglierla in famiglia.



Non pagato da anni nel servizio militare, T. aveva lasciato l'esercito. Con l'aiuto dell'EdC ha potuto frequentare un corso professionale di manutenzione di computer. Oggi ha un lavoro e la sua famiglia, in segno di gratitudine, si prende cura di una giovane mamma, incinta, che dormiva con suo figlio di 6 anni lungo le ferrovie sotto un telo di plastica. Accompagnano la mamma in tutte le sue difficoltà quotidiane, la ricerca di una stanza da affittare, l'attività informale di vendita di carbone, consigli e assistenza di ogni tipo.

F. ha potuto essere operato e curato in Sudafrica con la radioterapia per un tumore maligno, ha terminato gli studi di fisioterapia ed ha trovato lavoro. Assieme a sua moglie e le due figlie danno oggi accoglienza al piccolo S., trovato neonato in un cartone lungo la strada, dov'era già stato attaccato dalle formiche: è sopravvissuto grazie alle loro cure.»

■ Porto Alegre (Brasile)

E. ed E. sono gemelle. Dopo la morte della madre, non avendo la famiglia risorse economiche sufficienti, nel 2006 si sono trasferite in un'altra città per cercare un lavoro e fare l'università. Pur avendo trovato subito lavoro, il loro stipendio non era sufficiente a coprire i costi dell'abitazione e dello studio; così si è cominciato ad integrarlo con un contributo EdC.

L'anno scorso una di loro ha avuto una promozione sul lavoro. Così – riconoscendo per quanto la somma ricevuta aveva rappresentato per loro, aiutandole anche a trovare un nuovo rapporto come sorelle – hanno pensato di mettere il contributo mensile a disposizione di altri.

J.B. Ci ha scritto:

«Senza l'aiuto d'EdC mi sarebbe stato impossibile frequentare il corso da infermiere. Lavorando ho scoperto quanto il mestiere dell'infermiere è rivolto verso l'altro, in questo caso l'ammalato. Cerco sempre di curare i pazienti come piacerebbe a me essere curato, cerco di chiamarli per nome e non per la patologia di cui soffrono, di rispettare il loro dolore. Con questo sguardo ho scoperto la capacità e il desiderio che c'è in me di aiutare l'altro e ho capito che è proprio questo il mio mestiere».

A., di 12 anni, è la più grande di quattro fratelli. Il papà ha problemi di alcolismo e non riesce a trovare un lavoro stabile. In questi anni "l'aiuto" dell'EdC è servito per le necessità primarie della famiglia, tra cui le sue cure dentistiche. Una persona della comunità l'accompagna mensilmente dal dentista. Un mese il contributo EdC non è arrivato in tempo, e questa persona ha messo in comune la somma corrispondente per coprire le spese del controllo mensile. Il mese successivo A. le ha detto: *"Se l'aiuto non arriva, non ti preoccupare perché sono riuscita a risparmiare qualcosa e penso che ce la faccio"*. Ogni settimana, infatti, sta dando una mano ad una famiglia nelle faccende di casa, per pagarsi le cure. Successivamente il sostegno mensile è ripreso regolarmente coprendo anche l'arretrato.

M.R.C. ci ha scritto:

«Ho sentito che dovevo “aprire le mani della Provvidenza” che ricevo perché possiate offrirla ad altri. Quello che guadagno è poco, ma ben amministrato ci basterà per vivere. Sono sicura che se avrò bisogno non mancherà il vostro sostegno. Ringrazio con tutto il cuore per l'aiuto ricevuto in questi anni, è stato una benedizione per me e la mia famiglia. So che grazie è troppo poco, ma sono sicura che Dio vi benedirà».

M.A.R. invece ci dice:

«Con grande gioia ringrazio con tutto il cuore anzitutto Chiara [Chiara Lubich, ndr] che ha avuto l'ispirazione di far nascere l'EdC, che dona speranza a tante persone. Voglio dire che l'aiuto che ho ricevuto durante questi anni è stato per noi segno dell'amore di questa grande famiglia che si prende cura dei suoi figli. Ora sono riuscita ad andare in pensione e questa seppur minima entrata, insieme al ricavato del lavoro di sarta che posso ancora fare, sarà sufficiente per mantenerci. Dal prossimo mese quindi quest'aiuto potrà soccorrere un'altra persona. Non so come ringraziarvi».

■ Repubblica Centrafricana

«Fin da quando è nata qui la comunità del Movimento dei Focolari, nel 2001, abbiamo riscontrato le enormi necessità di tante persone, che riguardavano tanti aspetti della vita: dalla scolarizzazione dei bambini e ragazzi alla formazione professionale dei giovani, dalla mancanza di lavoro di tanti adulti e famiglie alle malattie improvvise, ecc.. Questa situazione era dovuta anche ai lunghi anni d'instabilità politica e sociale del Paese, che sfociava regolarmente in disordini militari.

Ci trovavamo in imbarazzo nel constatare le necessità enormi rispetto alle nostre forze, ma sentivamo allo stesso tempo il senso di responsabilità nel far nascere una comunità fondata sul dono reciproco.

Abbiamo cominciato, insieme ad alcune famiglie, a fare un elenco dei bisogni più urgenti, e con dei contributi arrivati sporadicamente ad aiutare i primi bambini con il sostegno scolastico, per le cure mediche e il fabbisogno nutrizionale. Ma il nostro “sogno” era poter offrire un lavoro a quanti chiedevano aiuto, ed evitare così la dipendenza: così abbiamo iniziato a pensare ad un progetto agricolo nel quale poter impiegare alcune famiglie in necessità.



Repubblica Centrafricana

Dopo poco alcune persone hanno voluto donare un campo di due ettari non lontano dalla città e facilmente raggiungibile, e abbiamo cominciato. L'attività agricola non è ancora autosostenibile, ma col contributo EdC possiamo retribuire il lavoro di diverse persone in situazioni di necessità: ad esempio alcuni giovani ottengono una borsa di studio in cambio del lavoro nel campo, secondo le possibilità di ciascuno.

Ci sembra una possibilità di aiutare ciascuno con dignità, attraverso il proprio lavoro. Vediamo che per i giovani è anche molto educativo, perché imparano ad avere maggior responsabilità e a lavorare insieme, superando le inevitabili incomprensioni.

Anche per i vari incontri di "formazione di uomini nuovi", la maggioranza delle famiglie non può permettersi di coprirne i costi, ma tutti sanno che possono lavorare nel campo e guadagnare il necessario per partecipare.

Questo metodo ha contribuito poco per volta a sviluppare maggiormente anche il senso di appartenenza: il campo è della comunità, di ciascun membro.

P.M. sta per laurearsi in giurisprudenza. Ha in affitto una stanza nel complesso universitario e la famiglia non può aiutarlo nelle varie necessità: affitto, materiale didattico, vitto, ecc.. Da tre anni si alza ogni giorno alle quattro del mattino, correndo percorre gli 8 km per arrivare al campo – approfittando così anche per fare sport – dove innaffia le coltivazioni o si dedica ad altro secondo le necessità. Al mattino è già rientrato all'università per i corsi. Va molto bene negli studi e in alcuni periodi riesce anche ad aiutare la sua famiglia.

G. è un giovane papà, laureato in sociologia, che non riusciva a trovare lavoro; anche sua moglie, infermiera, è disoccupata, e hanno due figli di otto e sei anni. I primi anni della loro famiglia sono stati molto difficili. G. riusciva a far fronte alle necessità quotidiane con il lavoro nel campo, superando anche la "vergogna" che questo comporta nella cultura locale per una persona laureata. Questa possibilità gli è stata di supporto fino a quando finalmente ha trovato l'opportunità di svolgere uno stage, non retribuito ma necessario per entrare nel mondo del lavoro, fino ad ottenere ora un contratto temporaneo.

Attraverso il lavoro nel campo almeno otto giovani in questi anni hanno potuto pagarsi le rette scolastiche e far fronte alle spese quotidiane, vivendo lontani dalle famiglie.

Z. è diventata mamma giovanissima ed è subito stata abbandonata dal compagno. Lavorando nel campo ha potuto pagare le spese per gli studi della figlia che ora è in quarta elementare; mentre lei stessa ha potuto concludere il liceo e guadagnarsi un piccolo capitale da investire nell'avvio di una piccola attività di vendita di legna. Aiuta anche diversi bambini nei corsi di recupero scolastico, e questo è l'unico sostegno economico per i suoi otto nipoti rimasti orfani, che lei ha preso con sé, oltre agli anziani genitori».

■ Mariapoli Ginetta (San Paolo, Brasile)

«Essendo la nostra zona geograficamente abbastanza piccola, riusciamo ad arrivare a tutte le persone in necessità, attraverso le comunità locali del Movimento dei Focolari, con i cui responsabili manteniamo contatti personali con-

tinui e con i quali analizziamo insieme ogni situazione.

Dopo aver ricevuto i contributi a integrazione del reddito o per altre necessità urgenti, ogni persona firma una ricevuta, che consegna insieme alla documentazione giustificativa delle spese fatte. In questo modo riusciamo a mantenere un costante contatto personale, ad accompagnare da vicino la situazione di ognuno e ad essere il più possibile trasparenti.

Il risultato è spesso la gioia di vedere le necessità risolte e le persone donare a loro volta ad altre quello che ricevevano, in uno spirito crescente di reciprocità. Questo è alimentato anche dal fatto che negli incontri delle comunità siamo sempre insieme: responsabili di comunità, persone che beneficiano degli aiuti e commissione EdC, in una dimensione di famiglia».

■ Kenya

«Con i fondi dell'EdC ricevuti lo scorso anno abbiamo potuto sostenere le seguenti attività di assistenza:

- Dare un contributo ad integrazione del reddito a due famiglie con 4 bambini piccoli ciascuna, che a causa della crisi economica e del conseguente rincaro dei prezzi dei generi alimentari non riescono ad arrivare alla fine del mese col loro piccolo guadagno.
- Contribuire alla costruzione di una casa in pietra per una famiglia con 7 figli che viveva in una casa di fango e durante il periodo delle grandi piogge rimaneva sempre senza tetto.
- Consentire a due giovani di vaccinarsi contro la febbre gialla e la tubercolosi.
- Coprire le borse di studio di due ragazze che frequentano la scuola secondaria e di altre due che frequentano l'università, una delle quali ha potuto così laurearsi in giurisprudenza.
- Finanziare un corso professionale di cucito per una giovane in una situazione familiare molto difficile. Non aveva mai conosciuto la sua vera madre ed era stata maltrattata dal padre: anche per questo aveva avuto difficoltà nel frequentare la scuola secondaria. Per poter imparare un mestiere e rendersi autonoma aveva il desiderio di frequentare una scuola di cucito. È molto contenta di averlo frequentato e nelle vacanze lavora presso la cittadella de Movimento dei focolari in segno di gratitudine per il contributo ai suoi studi».

■ Sud Est Europeo

Vi proponiamo alcune delle lettere ricevute dalle persone che hanno partecipato alle attività di assistenza lo scorso anno:

«Carissimi, siamo immensamente grati a Chiara [Chiara Lubich, ndr] ed a voi dell'EdC per l'aiuto che riceviamo, e ringraziamo Dio che vi spinge all'amore concreto! L'«aiuto» ci arriva sempre al momento giusto. Mio marito è stato licenziato due mesi fa e sta cercando un altro lavoro. È difficile trovarlo, perché sono in tanti senza lavoro. Neanch'io ho un lavoro stabile, sono in congedo di maternità

per qualche mese e poi non si sa se mi riprenderanno al lavoro. Eravamo già abituati ad una vita modesta, quindi il licenziamento di mio marito è stato per noi un duro colpo; l'anno scorso, infatti, eravamo finalmente riusciti ad ottenere un prestito per comprare una piccola casa, ed ora è molto difficile pagare la rata del mutuo con un solo stipendio. Due dei nostri cinque figli sono in età scolare, e la scuola costa tanto. La più piccola porta ancora i pannolini, ed il più grande problema è il cibo che è molto costoso. Un grande grazie».

«Al nostro figlio ora 17enne, due anni e mezzo fa è stata diagnosticata una triplice ernia al disco. Ci chiedevamo, insieme ai medici, come mai un ragazzo allora appena quattordicenne potesse avere un problema così serio. Pregavamo perché Dio ci aiutasse, anche perché con un solo stipendio non avremmo potuto coprire le spese delle analisi e delle terapie. E Dio ci ha portato nelle Sue mani. Sapeva sempre quando e di quanti soldi avevamo bisogno, perché con l'aiuto EdC regolarmente ci "mandava" i soldi mancanti.

Purtroppo, nonostante le terapie, la salute di A. non migliorava, i dolori diventavano sempre più forti, camminava e si teneva in piedi sempre peggio e sempre più spesso doveva prendere degli antidolorifici. Anche psicologicamente non riusciva ad accettare questa malattia e più volte ha preso ha pensato al suicidio. Dopo Dio, la nostra fiducia era riposta nel suo medico, da cui andavamo a pagamento due-tre volte alla settimana, in un'altra città.

È stata una grande delusione quando abbiamo intuito che tutta la terapia era incentrata sui soldi. Abbiamo smesso con quella terapia e dopo due mesi, d'improvviso siamo riusciti a trovare un altro medico pronto a visitare A.. Abbiamo dovuto andare all'estero, ma siamo fiduciosi che ora è in buone mani, e grati perché grazie all'EdC ci sono anche i soldi necessari per le cure. Grazie mille!».

«Vorremmo raccontarvi brevemente come stiamo utilizzando l'aiuto dell'EdC che riceviamo. Siamo sposati da 11 anni e abbiamo tre figli. Anche se entrambi lavoriamo, i nostri stipendi sono molto bassi, sufficienti solo per i bisogni minimi. Viviamo in affitto da quando siamo sposati; ci siamo informati in banca per un eventuale prestito, ma non abbiamo nessuna possibilità a causa degli stipendi troppo bassi.

All'inizio avevamo solo una stanza, uno spazio molto piccolo, che era troppo stretto, ma grazie all'aiuto EdC, pagando un po' di più abbiamo potuto affittare ancora una stanza che finora non potevamo usare. Il proprietario della casa vi teneva i suoi vecchi mobili. Abbiamo imbiancato e sistemato questo nuovo locale che è diventata la nuova stanza dei bambini. Finalmente anche la nostra figlia ha un



Sud Est Europeo

angolino dove può studiare tranquillamente: finora però il suo tavolino stava nel corridoio, che non era la soluzione migliore, perché i suoi fratellini la disturbavano sempre. Senza quest'aiuto non avremmo potuto affittare questa stanza in più: siamo molto grati a Dio perché anche in questo modo si prende cura di noi».

«La nostra famiglia è grande e attraversiamo diverse difficoltà. Nessuno dei genitori ha un lavoro, abbiamo solo le entrate che guadagniamo producendo latte, che sono pochissime. L'aiuto ricevuto ha significato tanto per noi. Grazie ad esso ho potuto finire i miei studi in telecomunicazioni. Per il momento non ho ancora un lavoro, ma sto facendo solo dei lavori occasionali.

In primavera mio papà si è ammalato. Quando gli ho chiesto perché non andasse dal medico, mi ha detto che non poteva andare perché non aveva i soldi. Così abbiamo utilizzato una parte dell'aiuto ricevuto per coprire le spese delle sue analisi dallo specialista. Ora la diagnosi è fatta e grazie alle terapie pian piano si sta riprendendo. Non ci sono parole con le quali esprimere la gratitudine per quest'aiuto, è una provvidenza che arriva sempre nel momento giusto».

«Carissimi, con questa lettera vi mandiamo tanti saluti dalla nostra famiglia, e vorremmo ringraziare a nome di tutti per l'aiuto concreto, la cura e l'amore che ci mandate attraverso l'aiuto EdC. Vorremmo dire che non solo ci aiuta a risolvere i nostri problemi di natura finanziaria, ma ci dà anche un segno concreto di unità della nostra grande famiglia del Focolare; ci dice che qualcuno pensa a noi, che qualcuno si occupa di noi, e questo per noi è incommensurabile.

Grazie a quest'aiuto abbiamo potuto comprare la legna per l'inverno, che per noi è sempre stato un problema. Mentre per le altre cose, come i vestiti e le scarpe, l'acquisto lo possiamo rimandare e continuare ad utilizzare ciò che abbiamo, per la legna non possiamo farlo. L'inverno si avvicina e dobbiamo comprare la legna in tempo, perché si asciughi fino all'inverno e così possa riscaldare bene. Grazie ancora una volta, l'aiuto significa tanto nei nostri problemi materiali».

■ Brasilia, (Brasile)

Lo scorso anno la nostra commissione locale ha ricevuto la proposta di visitare una famiglia, per capire meglio la loro situazione. La mamma di questa famiglia ci ha raccontato così l'esperienza che stavano vivendo:

«Sono sposata da 32 anni, abbiamo sei figli e un nipote. All'inizio del matrimonio tutto andava bene, mio marito aveva un buon lavoro. Solo che, man mano che nascevano i figli, ha iniziato a bere fino al punto di diventare alcolizzato ed ha perso il lavoro. Così la nostra situazione finanziaria è andata peggiorando e io, per integrare il reddito familiare, ho iniziato a cucire con mia sorella. Ciononostante la situazione non migliorava perché mio marito continuava a bere e la famiglia cresceva con l'arrivo degli altri figli. La situazione si è talmente aggravata che abbiamo anche rischiato di perdere la casa e mio figlio adolescente è stato coinvolto in un giro di droga.

Facevo parte della comunità locale del Movimento dei Focolari e ho condiviso la mia sofferenza con altre famiglie. Pian piano mio figlio ha chiesto di essere aiuta-

to e abbiamo avuto la possibilità di farlo stare un periodo in una casa di accoglienza per il recupero dei tossicodipendenti. Dopo qualche tempo si è ripreso, è tornato a casa, ha trovato un lavoro e si è sposato ed oggi ha un figlio.

Per quanto riguarda la casa ci siamo inseriti nelle attività dell'Economia di Comunione, e abbiamo così ottenuto l'importo necessario alla garanzia bancaria, finché io non avessi trovato un lavoro stabile, con il desiderio e l'impegno da parte nostra di restituire questa somma per metterla a disposizione di qualcun altro.

Le difficoltà con mio marito e quelle finanziarie continuavano e quello che sognavo di più era avere un lavoro stabile, per dare stabilità alla famiglia. Finalmente ho avuto la possibilità di un contratto di lavoro per gli uffici della diocesi locale. Non potete immaginare la gioia che è stata per me e la mia famiglia. Così ho iniziato a restituire pian piano quanto avevamo preso in prestito per la casa.

Grazie ai rapporti costruiti nell'ambiente di lavoro, la comunità ecclesiale mi ha aiutato tanto anche nella situazione familiare. Dopo diversi colloqui, mio marito ha cominciato ad abbandonare progressivamente l'alcool e il fumo. Restava ancora un problema grande da risolvere: la situazione della nostra casa che andava ristrutturata.

Così abbiamo trascorso un pomeriggio con questa famiglia, vedendo insieme la situazione di ciascun membro: otto in tutto, i genitori e sei figli. Il figlio maggiore, sposato con un figlio, vive nella stessa casa, in una piccola stanza. La casa, tre piccole camere da letto, era in una situazione precaria, pareti ammuffite, pavimenti rotti, porte e finestre corrose e un unico bagno piccolo. Era urgente una ristrutturazione.

Abbiamo definito insieme l'importo da utilizzare a tale scopo e sono iniziati i lavori: miglior suddivisione delle stanze, rifacimento dell'intonaco, sostituzione delle tubature e dell'impianto elettrico, costruzione di un altro bagno e adeguamento di quello già esistente.

La comunità locale del Movimento dei Focolari ci ha dato una mano in tutte le fasi dei lavori. Un architetto ha preparato gratuitamente il progetto, un rappresentante di rivestimenti e pavimenti è riuscito ad ottenere dei prezzi molto migliori che nei negozi del settore; siamo riusciti a trovare un capomastro e dei muratori che hanno capito la situazione e sono stati molto collaborativi.

I lavori sono durati 40 giorni, durante i quali la famiglia si è spostata in un alloggio temporaneo. Completata la ristrutturazione, le quattro figlie hanno potuto organizzarsi nella stessa stanza, poiché la comunità ci ha donato dei mobili molto versatili. Anche il divano è stato sostituito con uno donato da un amico e le tende sono state confezionate da un'impresa EdC.

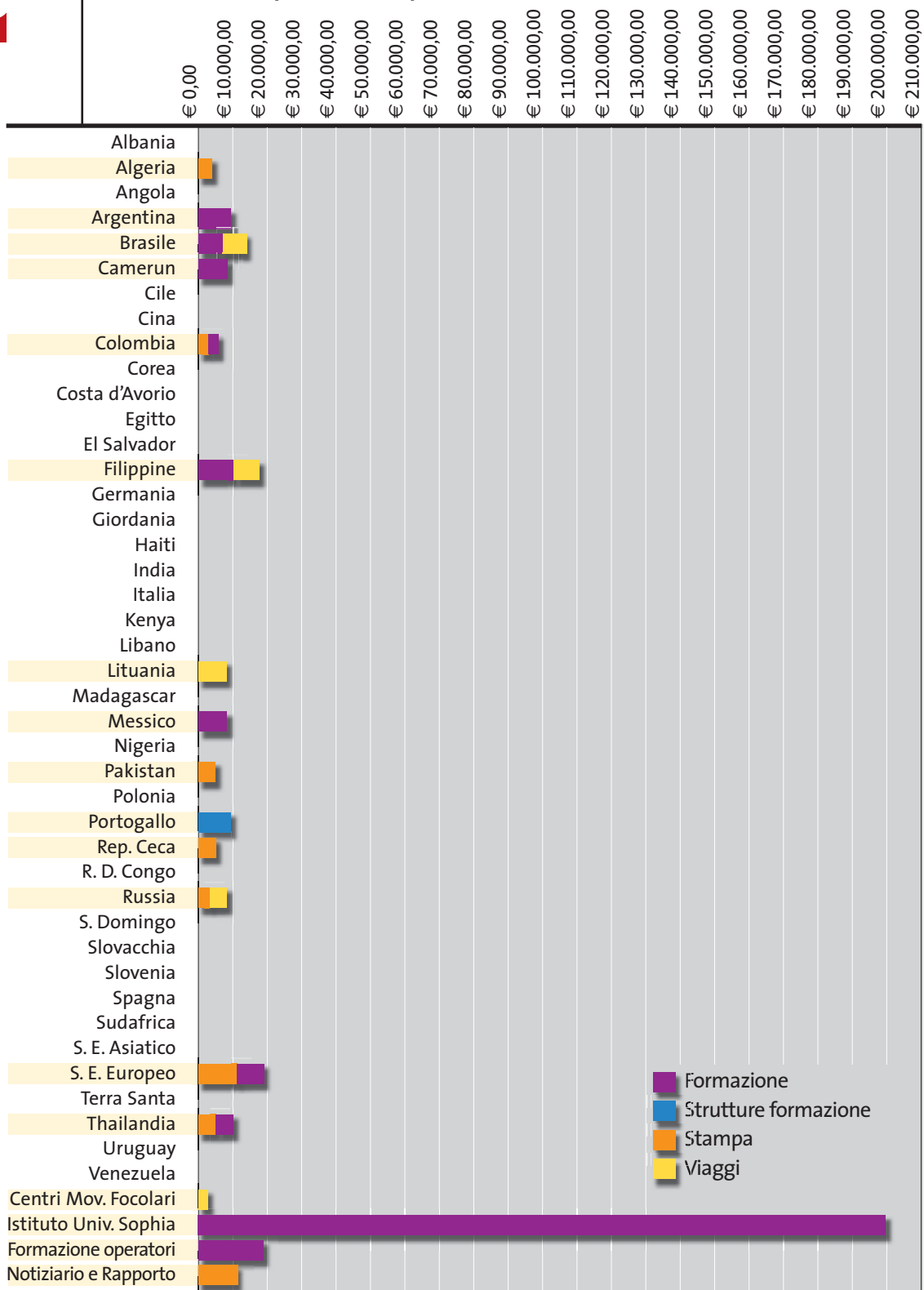
Manca ancora l'esterno e la cucina, ma l'importante era la ristrutturazione interna: la famiglia ora sta decisamente meglio e la casa è più bella e confortevole.

In segno di gratitudine, la famiglia ha organizzato una cena con parenti e amici. Tutte le persone coinvolte nei lavori di ristrutturazione sono state invitate. Grazie alla condivisione concreta della comunità siamo riusciti a rientrare con le spese nel preventivo».

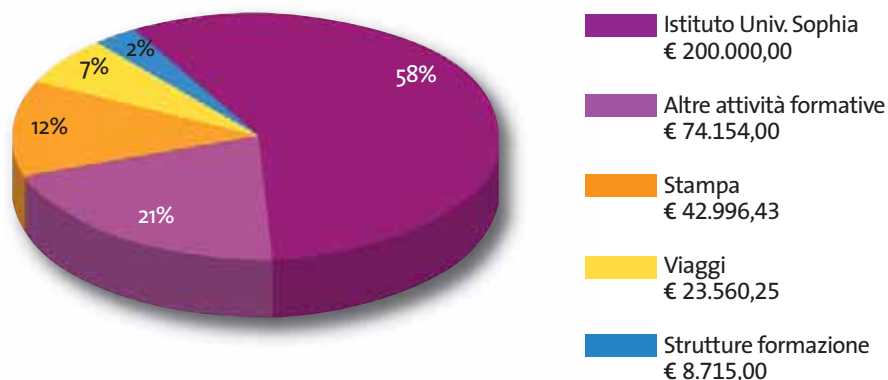
Così la mamma conclude la sua esperienza:

«La ristrutturazione della casa e questo amore concreto, il vedere insieme i dettagli di ogni cosa, ha notevolmente accresciuto in ciascuno di noi l'autostima, portando addirittura mio marito, ormai pienamente recuperato, a riprendere gli studi. Oggi il suo obiettivo è prepararsi per un concorso pubblico. Con questa esperienza di vari anni sento quanto è vero e reale il "testamento" di Chiara [Chiara Lubich, ndr], che dice: "siate una famiglia!" È stato con questa famiglia che sono riuscita a vincere e superare tutte le mie sofferenze e difficoltà».

3.13 FORMAZIONE DI “UOMINI NUOVI” PER ZONE E PER SETTORI (€ 349.418,68)



3.14 FORMAZIONE DI "UOMINI NUOVI" % PER SETTORI



3.15 ATTIVITÀ DI FORMAZIONE DI "UOMINI NUOVI"

■ Istituto Universitario Sophia

Anche nel 2010, come negli anni precedenti, la maggior parte delle risorse destinate dalle imprese EdC alla "formazione di uomini nuovi" sono servite a finanziare le attività dell'Istituto Universitario Sophia (www.iu-sophia.org).

Vi proponiamo qui di seguito alcuni stralci della lettera che il Preside dell'I.U.Sophia, prof. Piero Coda, ha inviato al responsabile della Commissione Internazionale EdC, prof. Luigino Bruni

Loppiano, 15 giugno 2010

«Mentre si sta concludendo il secondo anno di vita accademica dell'Istituto Universitario Sophia, la sincera gratitudine, insieme alla gioia dell'esperienza di comunione vissuta, mi spingono a rivolgere un sentitissimo grazie ai membri della Commissione Internazionale e a tutti i protagonisti dell'EdC per il decisivo contributo offerto alla nascita e all'avvio del nostro cammino. Lo faccio a nome dell'intera comunità accademica: docenti, staff e studenti.

L'ingente somma di 600.000 euro da voi stanziata a nostro favore dal 2007 ad oggi ha costituito l'introito base che, congiunto a un finanziamento iniziale del Movimento dei Focolari e a un consistente contributo di libere elargizioni, ha permesso di far fronte alle rilevanti spese di allestimento dei locali e degli strumenti essenziali per l'esercizio della vita accademica nel suo complesso (aule, biblioteca, uffici, residenze degli studenti, ecc.).

La gran maggioranza dei nostri studenti, inoltre, provenendo dall'America Latina, dall'Africa e dall'Asia, non può contare su di un'adeguata copertura finanziaria per i propri studi, oltre che per il vitto e per l'alloggio. Una parte del vostro contributo è stata pertanto destinata all'erogazione delle necessarie borse di studio a loro beneficio.

Ciò ha reso possibile la frequenza dei nostri corsi da parte di circa 70 studenti, provenienti da 27 Paesi e da 25 differenti percorsi disciplinari. Una trentina tra essi, al termine di questo secondo anno di frequenza, acquisirà la laurea magistrale in "Fondamenti e prospettive di una cultura dell'unità" nei rispettivi indirizzi filosofico-teologico ed economico-politico, e potrà tornare nei Paesi di origine con un prezioso bagaglio di qualificazione scientifica e di esperienza ed ispirazione esistenziale.

La sinergia che in questo modo si è venuta a concretizzare tra l'EdC – che tra l'altro costituisce un peculiare campo di ricerca e di eccellenza nel mosaico di studi da noi proposto – e l'Istituto Universitario Sophia ci sembra camminare nella direzione di quella reciproca integrazione tra le nostre esperienze che leggiamo nell'idea progettuale su di esse che si è sprigionata dall'intuizione carismatica di Chiara Lubich.

Vi ringraziamo, dunque, vivamente, del vostro sostegno e della vostra amicizia, che sono per noi stimolo e incoraggiamento ad assumere e promuovere con efficacia e lungimiranza quel progetto universitario che – come ebbe a dire Stefano Zamagni nel 2005 – può e deve diventare un pilastro importante nella costruzione di quella civiltà dell'amore, che la profezia dell'EdC è impegnata a incarnare nel suo specifico ambito di competenza. Del resto – come ha sottolineato Benedetto XVI nella "Caritas in Veritate" – c'è oggi più che mai necessità di "un nuovo slancio di pensiero" perché i fermenti di rinnovamento e di trasformazione a livello politico ed economico si trasformino in orientamenti ideali e pratiche operative fecondi e duraturi.

A tal fine rappresenterebbe per noi un'opportunità senz'altro arricchente potervi da vicino ed estesamente illustrare, nei modi e nei tempi da definire, i primi risultati e gli indirizzi del nostro lavoro presente e futuro, per darvi conto dei frutti propiziati dalla vostra condivisione e per raccogliere le vostre suggestioni e proposte, tenendo oltre tutto conto del fatto che la gestione economica dell'Istituto, grazie anche alla messa in opera della Fondazione Per Sophia in virtù del suo riconoscimento giuridico da poco acquisito, sta entrando a regime.

In questo spirito, vi assicuriamo la nostra più sincera e cordiale compagnia nell'unico ideale che ci anima e ci spinge a camminare insieme.»

Piero Coda

Il 28 giugno 2010 il brasiliano Caelison Lima de Andrade è diventato il primo laureato della storia dell'I.U.Sophia. Ha raggiunto questo successo superando la sfida d'essere non-vedente. Davanti ad un'aula magna riempita dai compagni di corso, membri della comunità accademica e staff, Caelison ha presentato i risultati della sua ricerca sul tema "Il rapporto tra motivazioni estrinseche e intrinseche nella Teoria Economica contemporanea: i contributi della teoria e della prassi del progetto Economia di Comunione nella libertà". I professori Luigino Bruni e Vittorio Pelligra sono stati rispettivamente relatore e correlatore.

La sessione di laurea è iniziata col saluto del Preside Piero Coda, che ha voluto rinnovare con tutti i presenti il patto dell'amore reciproco, elemento essenziale del progetto formativo di vita e studio a Sophia, aggiungendo: «*L'emozione non è*



solo del candidato, ma di tutta la comunità accademica. È un momento semplice nella sua solennità e solenne nella sua semplicità». Il relatore Luigino Bruni ha ringraziato Caelison per «il lavoro serio, rigoroso, con grande impegno, in tempi eroici». Con la sua tesi, Caelison ha provato a dimostrare l'importanza di un aspetto che, fino agli anni '70-'80, è stato trascurato dagli economisti: l'influenza delle motivazioni personali nelle scelte economiche. Il suo lavoro si è avviato a partire dalla domanda dell'economista Bruno Frey, il cui pensiero è l'oggetto del primo capitolo: *«Le persone agiscono solo perché mosse dal desiderio di ottenere un guadagno monetario? Lavorano solo perché sono pagate per farlo?»*.

Caelison ha evidenziato un tipo particolare di organizzazione in cui le motivazioni intrinseche sono essenziali: le Organizzazioni a Movimento Ideale (OMI). Infine ha presentato i risultati della ricerca empirica nelle aziende del progetto EdC.

La cerimonia si è conclusa con la lettura di una lettera di congratulazioni di Maria Voce, Presidente del Movimento dei Focolari: *«È per me e per il Movimento dei Focolari motivo di grande gioia e di compiacimento l'arrivo al traguardo del primo studente di Sophia, a coronamento di un percorso formativo serio ed esigente. Di cuore le mie congratulazioni al neo-laureato»*.

■ Fondazione “Per Sophia” riconosciuta il 28 maggio 2010.

Lo scopo principale della fondazione è di sostenere la crescita e lo sviluppo dell'Istituto Universitario Sophia.

Alcuni imprenditori e membri delle Commissioni EdC sono cofondatori: Federazione Trentina della Cooperazione società Cooperativa; PER TUTTI Onlus, Comunità Solidale – Consorzio di Cooperative sociali – società Cooperative sociale, Luciano Barelli, Leo Andringa, Teresa Ganzon, Koen van Reusel, Benedetto Gui, Alberto Ferrucci, Maria Teresa Ferrucci-Calcano, Aurelio Ferrucci, Antonella Ferrucci e l'Associazione Internazionale per una Economia di Comunione – Aiec.

Interessante è che anche la Provincia Autonoma di Trento, Comune di Trento, Comune di Incisa in Val d'Arno, comune di Figline Valdarno, comune di Bagno a Ripoli sono cofondatori.

Il consiglio di Amministrazione si compone di 5 membri. La Presidente dell'Opera di Maria nomina due membri, uno di questo è “scelto tra gli aderenti al progetto denominato Economia di Comunione”. Leo Andringa rappresenta l'Economia di Comunione nel consiglio per i prossimi tre anni.

Il consiglio ha organizzato un evento ufficiale per la presentazione della Fondazione, il 18 ottobre, data della inaugurazione dell'anno accademico 2010/2011 dell'Istituto Universitario Sophia.

■ Seminario di formazione degli operatori locali dei progetti di cooperazione allo sviluppo, la collaborazione con AMU e altri

La realizzazione di progetti sempre più mirati a risolvere definitivamente le situazioni di necessità e a garantire alle persone una vita degna e felice richiede un

lavoro più complesso e articolato rispetto alle attività di assistenza. Per questo negli ultimi anni la collaborazione con l'AMU si è approfondita ed ha riguardato anche l'elaborazione e la realizzazione di percorsi formativi per gli operatori che localmente coordinano i progetti, al fine di "professionalizzare" sempre più gli interventi e contemporaneamente formare "uomini nuovi" che operino in una dimensione di gratuità, reciprocità e comunione.

Dal momento che anche altre espressioni del Movimento dei Focolari operano, con diverse modalità, nel settore della solidarietà internazionale, abbiamo avviato un lavoro coordinato, per la formazione degli operatori e collaboratori locali di ciascun ente: Economia di Comunione, Azione per un mondo Unito (AMU, www.amu-it.eu), Azione per Famiglie Nuove (AFN, www.famiglienuove.org) e Giovani per un Mondo Unito (GMU, www.mondounito.net).

Perché cominciare dal Brasile?

Un totale di 44 progetti per un valore complessivo di € 18.438.876,90 e 39.876 beneficiari stimati: questi i valori degli "aiuti" che negli ultimi venticinque anni sono stati trasformati in progetti di sviluppo o di solidarietà a distanza da EdC, AMU, AFN e GMU in Brasile. Un impegno concretizzatosi grazie a numerose associazioni e gruppi brasiliani, che in 11 stati del Paese, da anni sono legati da rapporti di partenariato con una o più delle quattro associazioni promotrici. Alla luce di questi dati e di questa lunga esperienza, attraverso un percorso di dialogo e confronto durato quasi un anno fra i nostri enti e con alcune delle nostre controparti in Brasile è nata l'idea di realizzare nel paese latinoamericano un seminario di formazione residenziale sulle tematiche della cooperazione internazionale allo sviluppo.

Tra il 30 gennaio ed il 6 febbraio 2010, a Benevides (Belem) ai margini della regione amazzonica nel nord del Brasile, ci siamo ritrovati in oltre 140; 125 dei quali in rappresentanza di 12 associazioni brasiliane nostre controparti. Ciascun modulo del programma ha coinvolto relatori brasiliani ed europei che si sono affiancati e completati, evidenziando come le nostre diverse storie e culture possano arricchirci e completarsi a vicenda. I momenti di dialogo, inseriti in ciascun modulo, si sono caratterizzati per una partecipazione attiva e molto sentita di tutti i partecipanti, un quinto dei quali costituito da giovani già impegnati in azioni di sviluppo sociale o studenti alla conclusione dei loro corsi di specializzazione. Anche la provenienza geografica è stata equilibrata: le cinque regioni del Brasile erano tutte rappresentate, con una più forte presenza di persone provenienti dal Nord, la regione nella quale si è svolto il seminario.



Il programma ha previsto approfondimenti sui seguenti argomenti:

- La spiritualità di comunione e l'azione sociale
- L'impatto della globalizzazione e della logica del mercato sul contesto locale brasiliano
- Il concetto di "povertà": significati e prospettive diverse
- L'approccio alla cooperazione e all'economia nell'enciclica "Caritas in Veritate"
- La "cooperazione allo sviluppo di comunione": concetti e metodologie per un nuovo approccio alla cooperazione
- La progettazione di un intervento di sviluppo: metodo di progettazione e lavoro
- Approccio ed esperienze di sostegno a distanza realizzati in Brasile
- La reciprocità nei progetti di cooperazione allo sviluppo: strumenti operativi e spunti di riflessione
- Il partenariato con enti pubblici e privati nelle attività di cooperazione
- La ricerca-fondi, le politiche pubbliche di finanziamento nazionali ed internazionali.

Oltre ai momenti di formazione "frontale" il seminario si è articolato in diverse attività:

- L'incontro con alcune comunità che vivono sulle isole nella regione del delta del Rio delle Amazzoni e la visita ai loro progetti di educazione ambientale e recupero delle tradizioni culturali
- La visita alle attività di sviluppo sociale ed economico presenti nella cittadella del Movimento dei Focolari a Benevides: una scuola elementare, un centro di formazione professionale giovanile, una scuola-azienda di floricoltura ed una impresa EdC di dolci
- Una videoconferenza con l'ONG burundese CASOBU, che opera con progetti di microfinanza e di riconciliazione post-bellica
- Diversi incontri di approfondimento e lavoro operativo con le controparti locali dei nostri enti
- Infine una valutazione partecipata del seminario.

Un primo e significativo risultato di quest'esperienza è stata la creazione di una rete nazionale di coordinamento delle associazioni che hanno partecipato al seminario e delle rispettive attività. Grazie al tempestivo lavoro di alcuni giovani presenti è stato presentato ai partecipanti in tempo reale il sito web della rete, che facilita oggi lo scambio di informazioni, la condivisione di opportunità di finanziamento, di competenze professionali, di documenti e ricerche.



3.16 GLI UTILI DELLE IMPRESE EdC CONDIVISI IN ALTRE MODALITÀ

Oltre agli utili delle imprese messi in comunione per gli scopi fin qui descritti, un campione di circa 60 imprese EdC ha comunicato di aver donato una parte dei propri utili anche per altri scopi, come indicato di seguito:

<i>Zona</i>	<i>Utili donati</i>	<i>Zona</i>	<i>Utili donati</i>
Libano ¹⁹	285,00	Austria	3.000,00
Medio Oriente e Africa Nord	285,00	Francia	13.875,00
Argentina	24.016,00	Italia	73.680,00
Brasile	1.311,00	Polonia ²⁵	11.250,00
Uruguay ²⁴	360,00	Portogallo	12.550,00
America Sud	25.687,00	Rep. Ceca	667,00
Usa	150,00	Slovacchia ²⁹	238,00
America Nord	150,00	Slovenia ³⁰	500,00
Filippine	14.115,00	Spagna*	29.500,00
Asia	14.115,00	Ungheria	8.320,00
Sud Est Europeo ⁵	3.390,00	Unione Europea	153.580,00
Europa Est	3.390,00	Totale	197.207,00

* Con il contributo di quest'anno e dei due anni precedenti (in tutto 68.000,00 €) un imprenditore spagnolo ha sostenuto la nascita di 5 nuove imprese EdC in Bolivia, accompagnato da una apposita commissione locale.

Circa 70 imprese EdC, invece, hanno comunicato di aver condiviso le proprie risorse offrendo servizi gratuiti o contributi di vario genere:

<i>n. Imprese</i>	<i>Modalità di partecipazione all'EdC</i>
12	Servizi gratuiti ad altre imprese EdC
9	Servizi gratuiti o contributi al Movimento dei Focolari
7	Contributi per progetti sociali o sostegno a distanza
5	Servizi gratuiti o sostegno economico a famiglie in necessità
5	Creazione di nuovi posti di lavoro al proprio interno
4	Contributi o servizi gratuiti per incontri formativi EdC
3	Inserimento lavorativo di persone con particolari disagi
3	Tempo per la commissione EdC
1	Corsi di formazione gratuiti per persone disoccupate
1	Sostegno economico straordinario ai propri dipendenti

4. I CONTRIBUTI PERSONALI PER ATTIVITÀ DI ASSISTENZA

4.1 I CONTRIBUTI PERSONALI E ATTIVITÀ DI ASSISTENZA, PER ZONE

Zona	ENTRATE (€)	USCITE (€)
	Contributi personali	Attività di assistenza
Angola ²		11.050,00
Camerun ⁶	873,30	10.831,70
Costa d'Avorio ¹¹	317,25	2.124,00
Kenia ¹⁸	406,00	10.440,00
Madagascar ²¹	42,00	135,00
Nigeria	68,00	720,00
R. D. Congo ²⁶		29.331,00
Sudafrica ³¹	300,00	1.950,30
Africa subsahariana	2.006,55	66.582,00
Algeria ¹	500,00	585,00
Egitto ¹²	645,00	1.710,00
Giordania ¹⁴	1.840,00	3.285,00
Libano ¹⁹	3.704,00	4.053,80
Terra Santa ¹⁷	884,00	6.417,00
Turchia ³³	1.295,58	
Medio Oriente e Nord Africa	8.868,58	16.050,80
Argentina	10.479,20	64.359,07
Brasile	44.176,00	236.327,71
Cile ⁷	2.491,00	3.074,50
Colombia ⁹	5.531,00	7.672,50
Uruguay ³⁴	1.793,00	9.277,20
Venezuela ³⁵	1.600,00	12.960,00
America Sud	66.070,20	333.670,98
El Salvador ¹³	4.800,00	36.450,00
Haiti		
Messico ²²	6.318,72	675,00
S. Domingo ²⁸		2.690,60
America Centrale	11.118,72	39.815,60
Canada	1.788,33	
USA	29.327,90	
America Nord	31.116,23	
Cina ⁸	11.345,00	926,10
Corea ¹⁰	13.162,30	
Filippine	6.420,00	30.917,70
Giappone	7.731,78	
India ¹⁵	168,00	3.096,00
Pakistan ²⁴		
Sud Est Asiatico ¹⁶	1.672,00	4.804,20
Thailandia ³²	1.567,00	7.985,00
Asia	42.066,08	47.729,00
Albania		3.420,00
Russia ²⁷	230,00	6.660,00
Sud Est Europeo ⁵	4.864,00	52.603,13
Europa Est	5.094,00	62.683,13

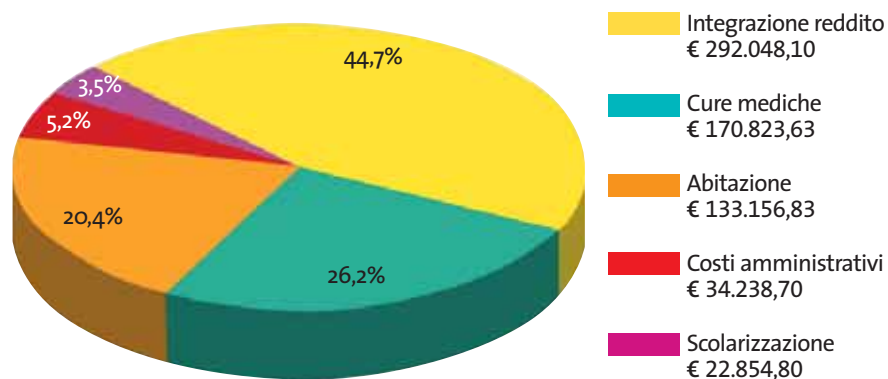
Zona	ENTRATE (€)	USCITE (€)
	Contributi personali	Attività di assistenza
Austria	15.620,95	
Belgio ⁴	10.064,79	
Francia	20.597,42	
Germania	41.256,26	2.880,00
Gran Bretagna	3.969,27	
Irlanda	1.014,38	
Italia	273.212,77	11.578,95
Lituania ²⁰	255,00	2.304,00
Malta		
Olanda ²³	13.083,00	
Polonia ²⁵	6.831,00	17.550,00
Portogallo	13.724,00	
Rep. Ceca	5.428,00	5.954,40
Slovacchia ²⁹	6.302,00	6.484,50
Slovenia ³⁰	5.595,00	
Spagna	37.418,72	10.800,00
Svizzera	40.180,63	
Ungheria	1.582,17	
Unione Europea	496.135,36	57.551,85
Australia ³	8.305,33	
Oceania	8.305,33	
Avanzi anni precedenti	30.090,06	
Centri Movimento Focolari	13.993,03	
Costi Amministrativi		34.238,70
Totale	714.864,14	658.322,06

Legenda Zone vedi pagina 71

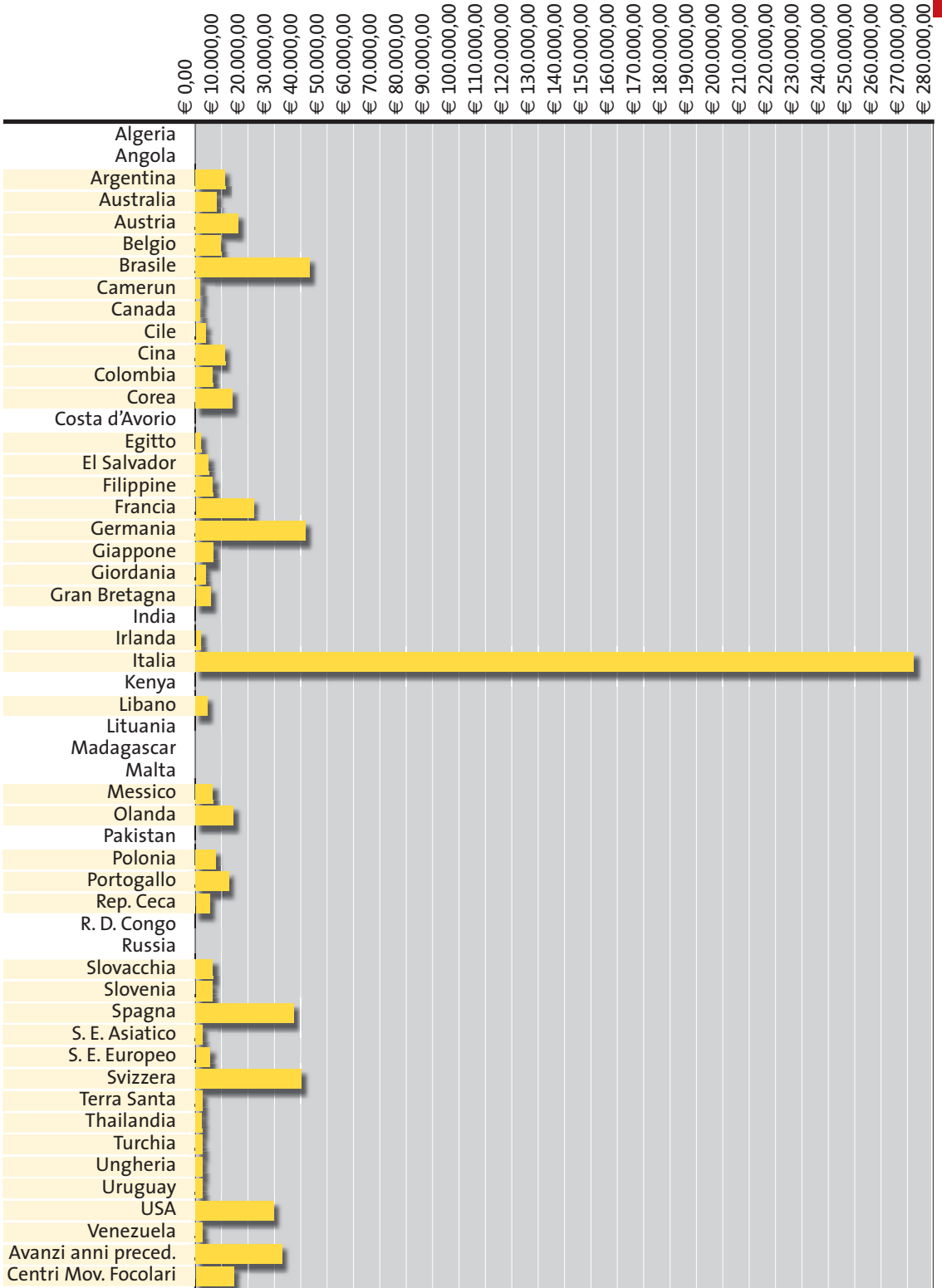
Avanzo per attività di assistenza

+ 56.542,08

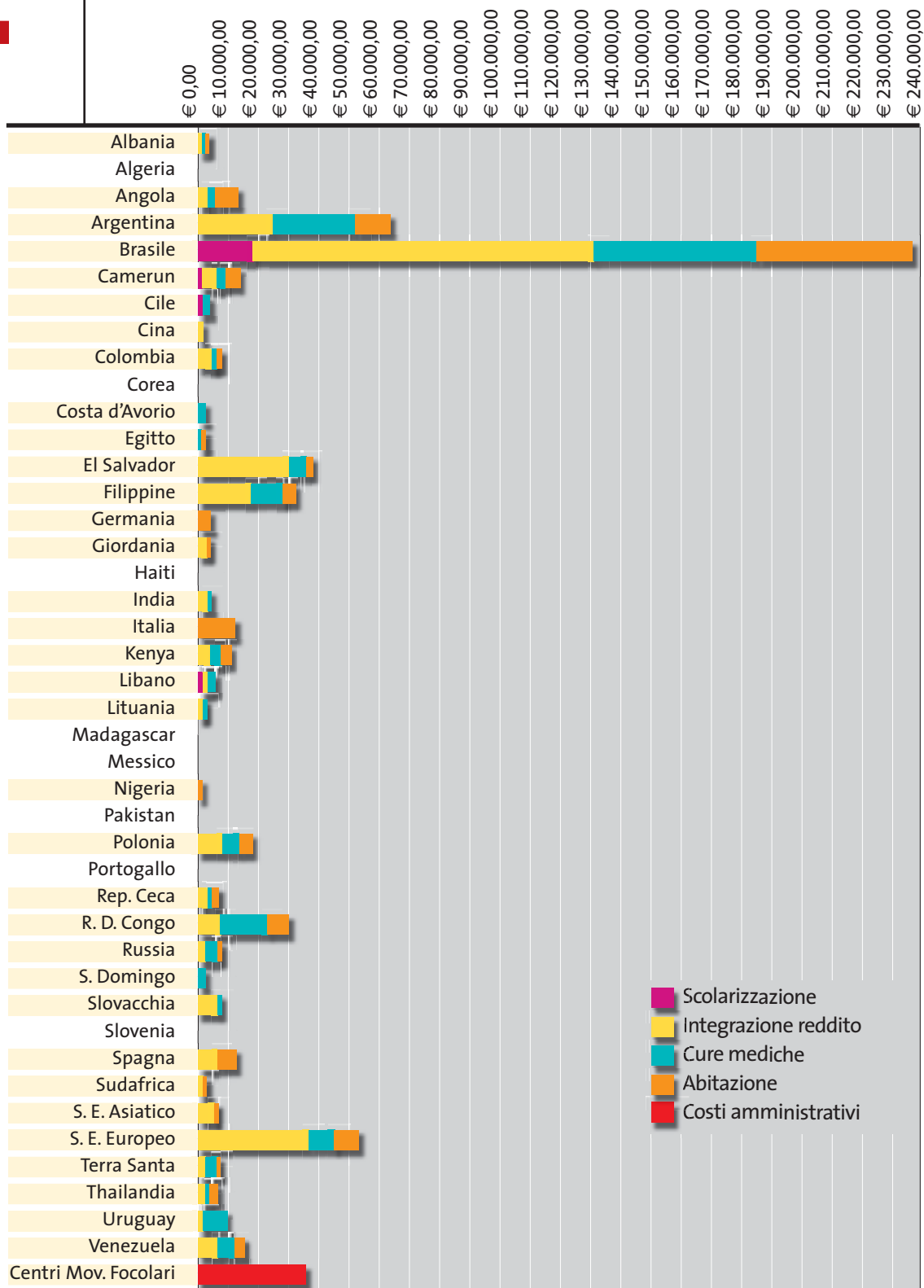
4.2 ATTIVITÀ DI ASSISTENZA, % PER SETTORI



4.3 CONTRIBUTI PERSONALI PERVENUTI

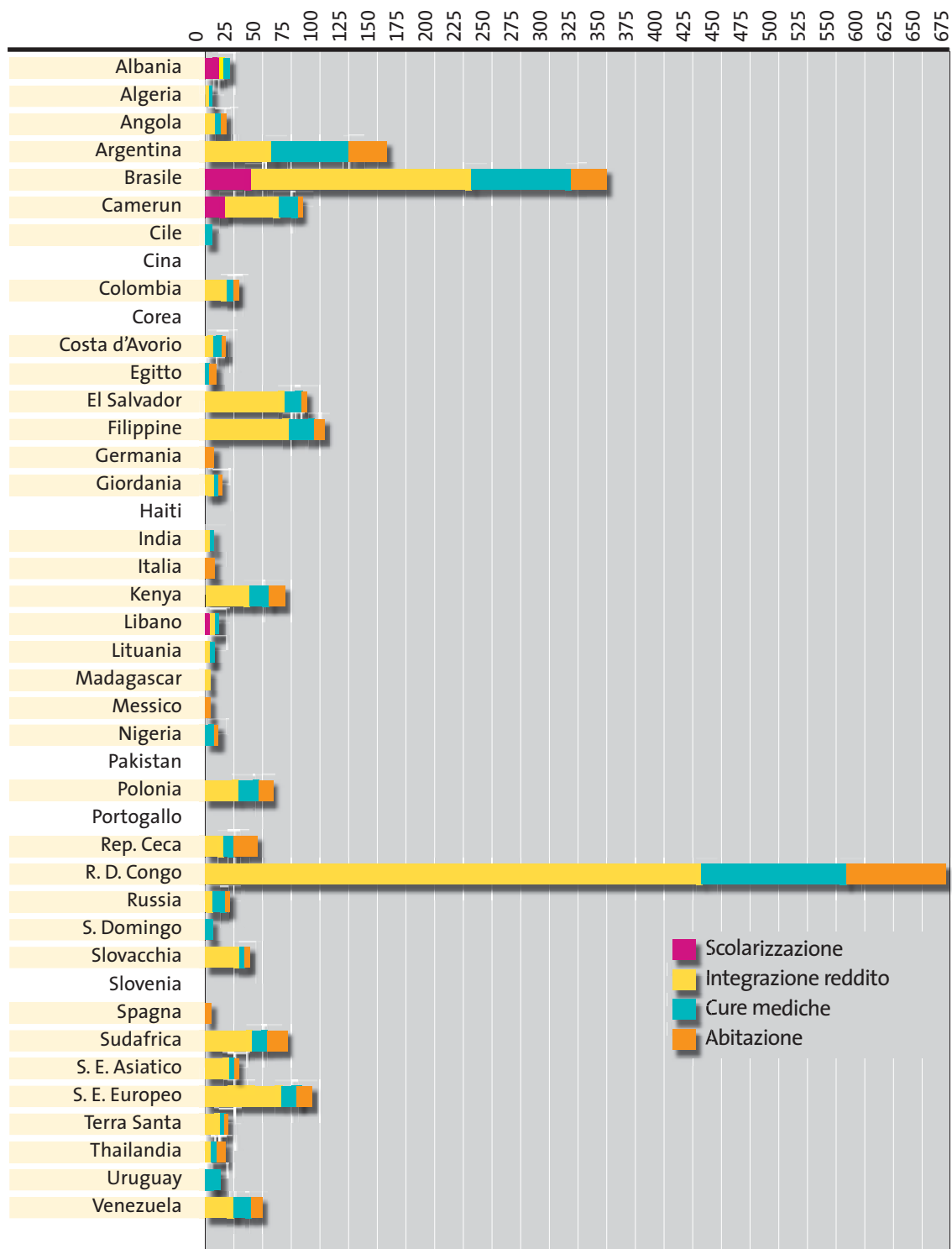


4.4 ATTIVITÀ DI ASSISTENZA, PER ZONE E PER SETTORI (€ 658.322,06)

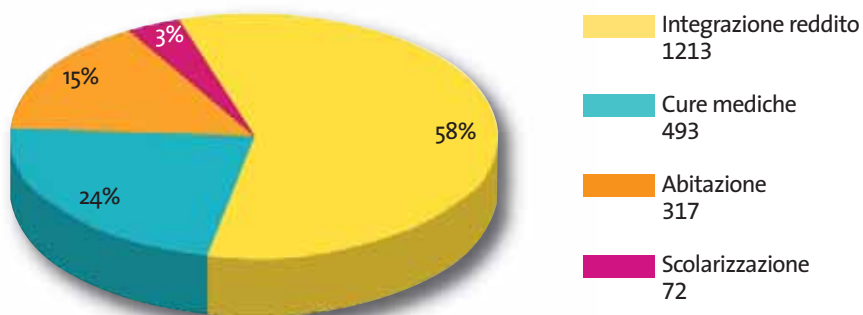


4.5 BENEFICIARI DIRETTI, PER ZONE E PER SETTORI (2097)

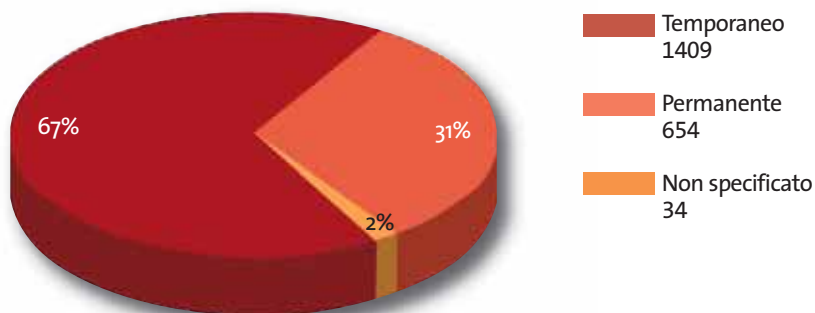
4



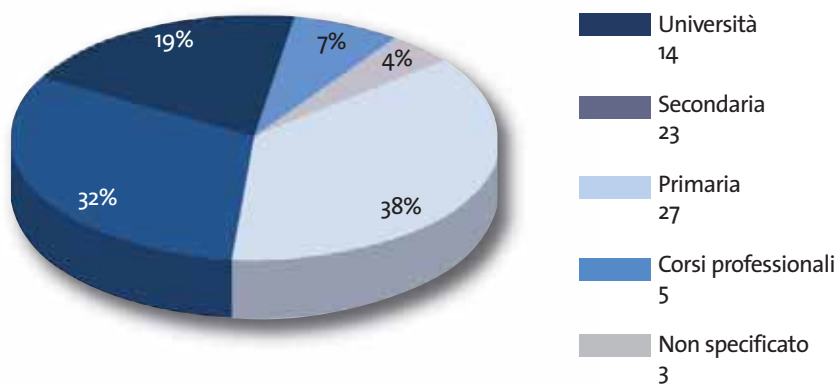
4.6 BENEFICIARI DIRETTI: 2097 % PER SETTORI



4.7 BENEFICIARI DIRETTI: 2097 % PER DURATA DELL'AUTO



4.8 BORSE DI STUDIO FINANZIATE, % PER TIPO DI STUDIO



5. SINTESI UTILI EdC, CONTRIBUTI PERSONALI, INDIGENTI

5.1 SINTESI DATI EdC 2009/2010

I dati delle entrate si riferiscono ai fondi pervenuti nel periodo ottobre 2008-settembre 2009; i dati delle uscite si riferiscono ai fondi impiegati nel periodo ottobre 2009 – settembre 2010.

Quadro sintetico per regione

Continente	ENTRATE (€)			USCITE (€)		
	Utili imprese	Contributi personali	Totale contributi	Progetti di sviluppo	Attività di formazione	Totale impieghi
Africa subsahariana	1.054,39	2.006,55	3.060,94	100.552,30	8.000,00	108.552,30
Medio Oriente e Africa Nord	1.350,00	8.868,58	10.218,58	22.069,80	3.000,00	25.069,80
America Sud	106.911,00	66.070,20	172.981,20	514.220,42	25.469,00	539.689,42
America Centro		11.118,72	11.118,72	60.108,80	7.000,00	67.108,80
America Nord	55.439,33	31.116,23	86.555,56			
Asia	45.662,38	42.066,08	87.728,46	97.453,09	30.085,00	127.538,09
Europa Est	8.280,00	5.094,00	13.374,00	174.054,99	25.400,00	199.454,99
Unione Europea	577.315,35	496.135,36	1.073.450,71	63.972,45	19.715,00	83.687,45
Oceania		8.305,33	8.305,33			
Avanzi anni precedenti	44.929,70	30.090,06	75.019,76			
Centri Movimento Focolari		13.993,03	13.993,03		20.600,25	20.600,25
Istituto Universitario Sophia					200.000,00	200.000,00
Notiziario e Rapporto EdC					10.146,43	10.146,43
Costi amministrativi						61.892,64
Totale	840.942,15	714.864,14	1.555.806,29	1.032.431,85	349.415,68	1.443.740,17

Saldo	+ 112.066,12
-------	--------------

Avanzo per progetti di sviluppo e assistenza	+ 63.712,91
--	-------------

Avanzo per attività di formazione di "uomini nuovi"	+ 48.353,21
---	-------------

Quadro sintetico per zone del Movimento dei Focolari

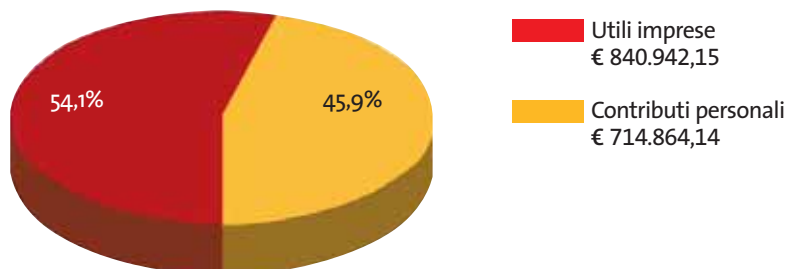
Zona	ENTRATE (€)			USCITE (€)		
	Utili imprese	Contributi personali	Totale contributi	Progetti di sviluppo e assistenza	Attività di formazione di "uomini nuovi"	Totale impieghi
Angola ²				13.300,00		13.300,00
Camerun ⁶		873,30	873,30	12.780,00	8.000,00	20.780,00
Costa d'Avorio ¹¹	854,39	317,25	1.171,64	2.979,00		2.979,00
Kenia ¹⁸		406,00	406,00	19.683,00		19.683,00
Madagascar ²¹	200,00	42,00	242,00	630,00		630,00
Nigeria		68,00	68,00	1.080,00		1.080,00
R. D. Congo ²⁶				48.150,00		48.150,00
Sudafrica ³¹		300,00	300,00	1.950,30		1.950,30
Africa subsahariana	1.054,39	2.006,55	3.060,94	100.552,30	8.000,00	108.552,30
Algeria ¹		500,00	500,00	1.485,00	3.000,00	4.485,00
Egitto ¹²	1.000,00	645,00	1.645,00	2.520,00		2.520,00
Giordania ¹⁴		1.840,00	1.840,00	4.050,00		4.050,00
Libano ¹⁹	350,00	3.704,00	4.054,00	6.562,80		6.562,80
Terra Santa ¹⁷		884,00	884,00	7.452,00		7.452,00
Turchia ³³		1.295,58	1.295,58			0,00
Medio Oriente e Nord Africa	1.350,00	8.868,58	10.218,58	22.069,80	3.000,00	25.069,80
Argentina	17.273,00	10.479,20	27.752,20	78.496,20	8.700,00	87.196,20
Brasile	80.304,00	44.176,00	124.480,00	365.265,23	11.769,00	377.034,23
Cile ⁷	584,00	2.491,00	3.075,00	4.549,50		4.549,50
Colombia ⁹	3.547,00	5.531,00	9.078,00	18.702,00	5.000,00	23.702,00
Uruguay ³⁴	2.738,00	1.793,00	4.531,00	28.577,50		28.577,50
Venezuela ³⁵	2.465,00	1.600,00	4.065,00	18.630,00		18.630,00
America Sud	106.911,00	66.070,20	172.981,20	514.220,42	25.469,00	539.689,42
El Salvador ¹³		4.800,00	4.800,00	39.600,00		39.600,00
Haiti				691,20		691,20
Messico ²²		6.318,72	6.318,72	16.191,00	7.000,00	23.191,00
S. Domingo ²⁸				3.626,60		3.626,60
America Centrale		11.118,72	11.118,72	60.108,80	7.000,00	67.108,80
Canada	13.645,21	1.788,33	15.433,54			
USA	41.794,12	29.327,90	71.122,02			
America Nord	55.439,33	31.116,23	86.555,56			
Cina ⁸	6.651,04	11.345,00	17.996,04	2.246,40		2.246,40
Corea ¹⁰		13.162,30	13.162,30	3.600,00		3.600,00
Filippine	35.739,34	6.420,00	42.159,34	66.962,69	16.085,00	83.047,69
Giappone		7.731,78	7.731,78			
India ¹⁵		168,00	168,00	3.780,00		3.780,00
Pakistan ²⁴	780,00		780,00		4.000,00	4.000,00
Sud Est Asiatico ¹⁶		1.672,00	1.672,00	7.857,00		7.857,00
Thailandia ³²	2.492,00	1.567,00	4.059,00	13.007,00	10.000,00	23.007,00
Asia	45.662,38	42.066,08	87.728,46	97.453,09	30.085,00	127.538,09
Albania				11.340,00		11.340,00
Russia ²⁷		230,00	230,00	10.620,00	7.000,00	17.620,00
Sud Est Europeo ⁵	8.280,00	4.864,00	13.144,00	152.094,99	18.400,00	170.494,99
Europa Est	8.280,00	5.094,00	13.374,00	174.054,99	25.400,00	199.454,99

		ENTRATE (€)		USCITE (€)		
Zona	Utili imprese	Contributi personali	Totale contributi	Progetti di sviluppo e assistenza	Attività di formazione di “uomini nuovi”	Totale impieghi
Austria	6.455,12	15.620,95	22.076,07			
Belgio ⁴	128.000,00	10.064,79	138.064,79			
Francia	55.040,00	20.597,42	75.637,42			
Germania	38.025,00	41.256,26	79.281,26	2.880,00		2.880,00
Gran Bretagna	1.200,00	3.969,27	5.169,27			
Irlanda	4.151,52	1.014,38	5.165,90			
Italia	201.980,00	273.212,77	475.192,77	11.578,95		11.578,95
Lituania ²⁰		255,00	255,00	2.439,00	7.000,00	9.439,00
Malta	500,00		500,00			
Olanda ²³	10.105,54	13.083,00	23.188,54			
Polonia ²⁵	9.321,00	6.831,00	16.152,00	20.700,00		20.700,00
Portogallo	17.430,00	13.724,00	31.154,00		8.715,00	8.715,00
Rep. Ceca		5.428,00	5.428,00	7.236,00	4.000,00	11.236,00
Slovacchia ²⁹		6.302,00	6.302,00	8.338,50		8.338,50
Slovenia ³⁰	1.614,00	5.595,00	7.209,00			
Spagna	23.005,16	37.418,72	60.423,88	10.800,00		10.800,00
Svizzera	76.084,99	40.180,63	116.265,62			
Ungheria	4.403,02	1.582,17	5.985,19			
Unione Europea	577.315,35	496.135,36	1.073.450,71	63.972,45	19.715,00	83.687,45
Australia ³		8.305,33	8.305,33			
Oceania		8.305,33	8.305,33			
Avanzi anni precedenti	44.929,70	30.090,06	75.019,76			
Centri Movimento Focolari		13.993,03	13.993,03		20.600,25	20.600,25
Istituto Universitario Sophia					200.000,00	200.000,00
Notiziario e Rapporto EdC					10.146,43	10.146,43
Costi Amministrativi						61.892,64
Totale	840.942,15	714.864,14	1.555.806,29	1.032.431,85	349.415,68	1.443.740,17

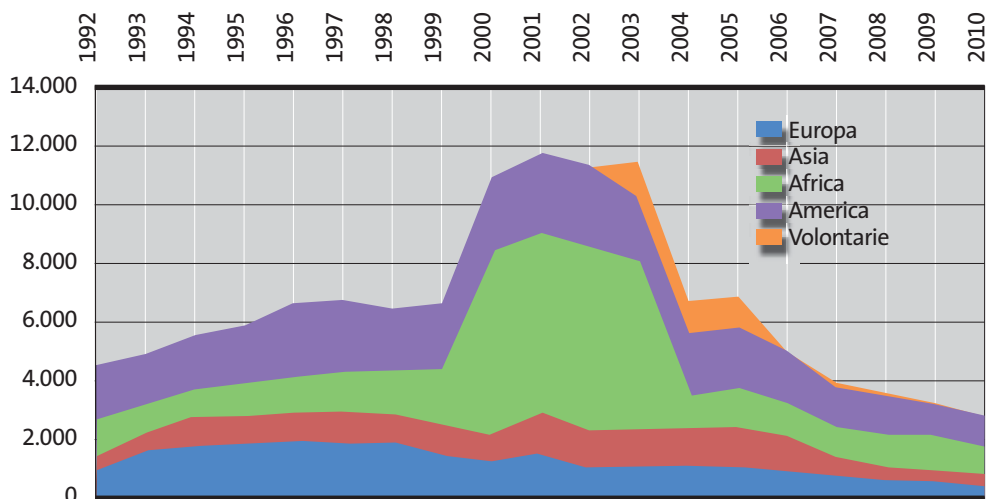
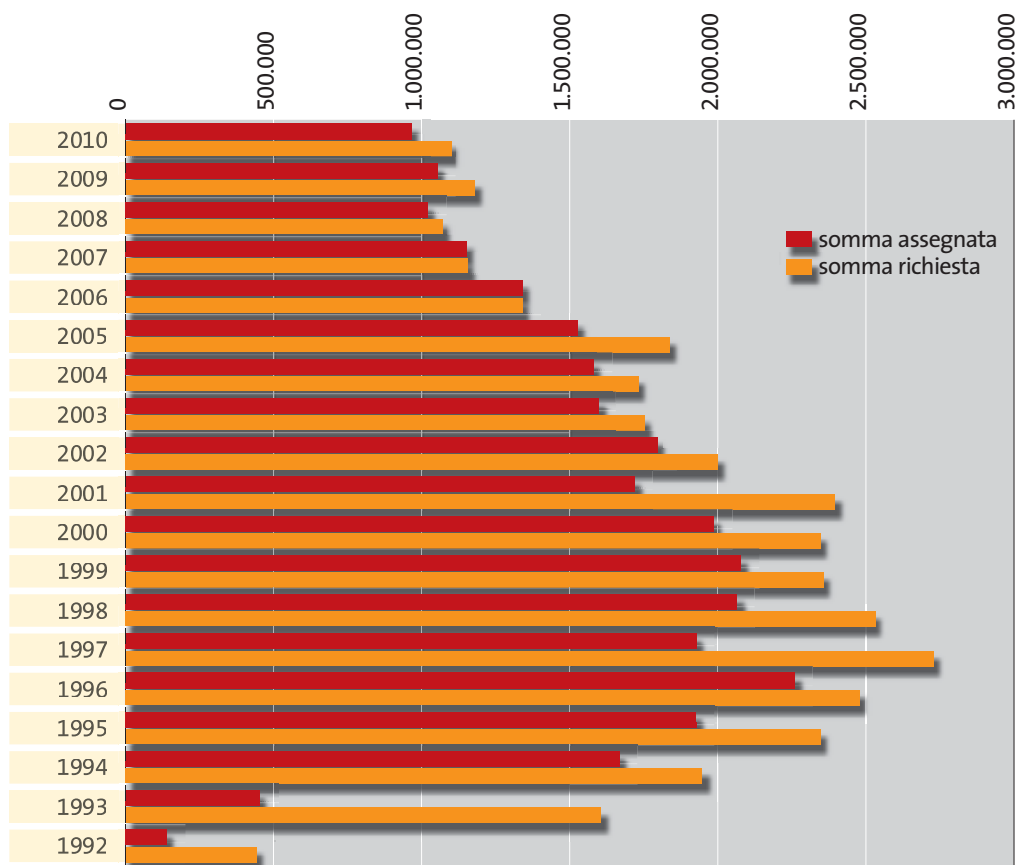
Legenda Zone vedi pagina 71

Saldo	+ 112.066,12
Avanzo per progetti di sviluppo e assistenza	+ 63.712,91
Avanzo per attività di formazione di "uomini nuovi"	+ 48.353,21

Entrate utili e contributi personali per tipologia %



5.2 GLI INDIGENTI

Evoluzione del numero degli indigenti*Evoluzione degli aiuti richiesti ed erogati*

Legenda Zone

1.	Algeria, Marocco, Tunisia
2.	Angola, Mozambico, Sao Tomè, Zambia
3.	Australia, Nuova Zelanda e isole del Pacifico
4.	Belgio e Lussemburgo
5.	Bosnia-Erzegovina, Bulgaria, Croazia, Kosovo, Macedonia, Montenegro, Romania, Serbia
6.	Camerun, Ciad, Gabon, Guinea equatoriale, Rep. Centrafricana
7.	Cile, Bolivia
8.	Cina, Taiwan
9.	Colombia, Ecuador, Perù
10.	Corea del Nord, Corea del Sud, Mongolia
11.	Costa d'Avorio, Benin, Burkina Faso, Capo Verde, Ghana, Gambia, Guinea Conakry, Guinea Bissau, Liberia, Mali, Mauritania, Niger, Senegal, Sierra Leone, Togo
12.	Egitto, Libia, Sudan
13.	El Salvador, Belize, Guatemala, Honduras, Nicaragua
14.	Giordania, Iraq
15.	India, Bangladesh, Bhutan, Maldive, Nepal, Sri Lanka
16.	Indonesia, Brunei, Malesia, Singapore
17.	Israele, Territori Palestinesi
18.	Kenya, Burundi, Djibuti, Etiopia, Eritrea, Rwanda, Seychelles, Somalia, Tanzania, Uganda
19.	Libano, Arabia Saudita, Bahrein, Emirati Arabi, Kuwait, Oman, Qatar, Siria, Yemen
20.	Lituania, Estonia, Lettonia
21.	Madagascar, Isole Comore, Mauritius
22.	Messico, Cuba
23.	Olanda, Danimarca, Finlandia, Islanda, Norvegia, Svezia
24.	Pakistan, Afghanistan
25.	Polonia, Bielorussia
26.	Rep. Dem. Congo, Rep. Pop. Congo
27.	Russia, Armenia, Azerbaijan, Georgia, Kazakistan, Kirgizistan, Tagikistan, Turkmenistan, Uzbekistan
28.	S. Domingo, Bahamas, Barbados, Giamaica, Porto Rico
29.	Slovacchia, Ucraina
30.	Slovenia, Moldavia
31.	Sudafrica, Botswana, Lesotho, Malawi, Namibia, Swaziland, Zimbabwe
32.	Thailandia, Cambogia, Laos, Myanmar, Vietnam
33.	Turchia, Cipro, Grecia
34.	Uruguay, Paraguay
35.	Venezuela, Costa Rica, Guyana, Guyana francese, Panama, Suriname e isole dei Caraibi

*Con i nomi di alcune imprese da tutto il mondo,
vogliamo ringraziare tutti gli imprenditori e i loro collaboratori
per la partecipazione a questo progetto e per la loro generosità.
Senza di loro non crescerebbe questa nuova economia:
l'Economia di Comunità.*

Belgio	Batiself
Italia	Ridix Spa
Spagna	Fuentes
Filippine Tagatay	Bangko Kabajan
Brasile	Prodiet
USA	Activ Inc.
Svizzera	Gebr. B. Wyden
Francia	Miellerie di Chant
Polonia	Complex Project
Canada	Spiritours
Cina	Grace Act
Austria	Augusten Grafik
Portogallo	Sipaco Lda
Olanda	Actie Creatief
Argentina	Estudio Arje
Rep.Slovacca	Betulla
Corea	Sungsimdang bakery
Uruguay	Todo Brillo
Ungheria	Proactive Managemt
Tailandia	Scuola d'inglese
Croazia	Arbi
Serbia	Vetreria Unità
Romania	Duo o4
Bulgaria	Lajos Koshut
Macedonia	Asilo
Egitto	Al Missal
Colombia	am Y Cia Ltda
Pakistan	A.S.K. Enterprises
Giappone	Clara
Cile	Soc. De Invers. Foco
Libanon	SMI Centre Mansour
Gran Bretagna	Cottage Industry Elizabeth
Slovenia	Fabi Keramika
Madagascar	Spiga D'Oro
Peru	Rosita
Irlanda	Language and Leasure
Tailandia	Gelateria sole Italiana

Arredamento, vendita
 Rappr. macchine utensili industriali
 Fitosanitari per l'agricoltura
 Credito e risparmio, banca rurale
 Prodotti ospedalieri
 Componenti elettronici
 Prodotti per l'edilizia
 Alimentari, produzione
 Servizi di progettazione
 Servizi per il turismo
 Ambulatorio di chiropratica
 Studio progettazione grafica
 Prodotti per laboratori di analisi, vendita
 Accordatura pianoforti, produzione ceramica
 Studio di Architettura
 Progettazione di giardini
 Alimentari, produzione
 Servizi di pulizia e manutenzione
 Studio di consulenza
 Servizi educativi, scuola di lingue
 Servizi di pulizia e manutenzione
 Servizi di pulizia e manutenzione
 Arredamento, vendita
 Produzione stoffe per tende
 Servizi educativi all'infanzia
 Commercio al dettaglio
 Studio di consulenza
 Commercio al dettaglio
 Abbigliamento, produzione
 Credito e risparmio
 Studio di consulenza
 Articoli per l'infanzia, produzione
 Produzione oggetti in ceramica
 Panificio
 Alimentari, produzione
 Servizi educativi, scuola di lingue
 Alimentari, produzione e vendita



20 ANNI DI ^dEdC

*Due gli eventi in preparazione
in Brasile per questo importante momento:*

■ 25-28 maggio 2011

Mariapoli Ginetta (Vargem Grande Paulista)
Prima Assemblea Internazionale di EdC



■ 29 maggio 2011

Sala Memoriale dell'America Latina (San Paolo)

Festa per i 20 anni di Edc

1991 - 2011 - 2031: quali sfide per Edc?

*20 anni sono un anniversario importante,
non tanto per fare bilanci del passato,
ma piuttosto per guardare al futuro
di quelli che saranno i prossimi 20 anni di Edc,
dal 2011 al 2031.*





© Stampa novembre 2010

A cura della
**Segreteria Internazionale
Economia di Comunione**

via Piave, 15
00046 Grottaferrata
Roma (Italia)
tel. +39 06 945407207
fax +39 06 9412080
edc@focolare.org
www.edc-online.org

Commissione Centrale Economia di Comunione:

Luigino Bruni, Alberto Ferrucci, Benedetto Gui, Carla Bozzani, *Italia*;
Leo Andringa, *Italia/Olanda*;
Cristina Calvo, *Argentina*;
Luca Crivelli, *Svizzera*;
Teresa Ganzon, *Filippine*;
Genevieve Sanze, *Africa*.

Cooperatori:

Armando Tortelli, *Brasile*;
Maja Calfova, *Slovacca/Brasile*;
John Mundell, *USA*.

Hanno collaborato a questo Rapporto:

Antonella Ferrucci,
Francesco Tortorella,
Carla Bozzani,
Luca Crivelli,
Luigino Bruni,
Leo Andringa

Progetto grafico

Renato Panzeri

Impaginazione

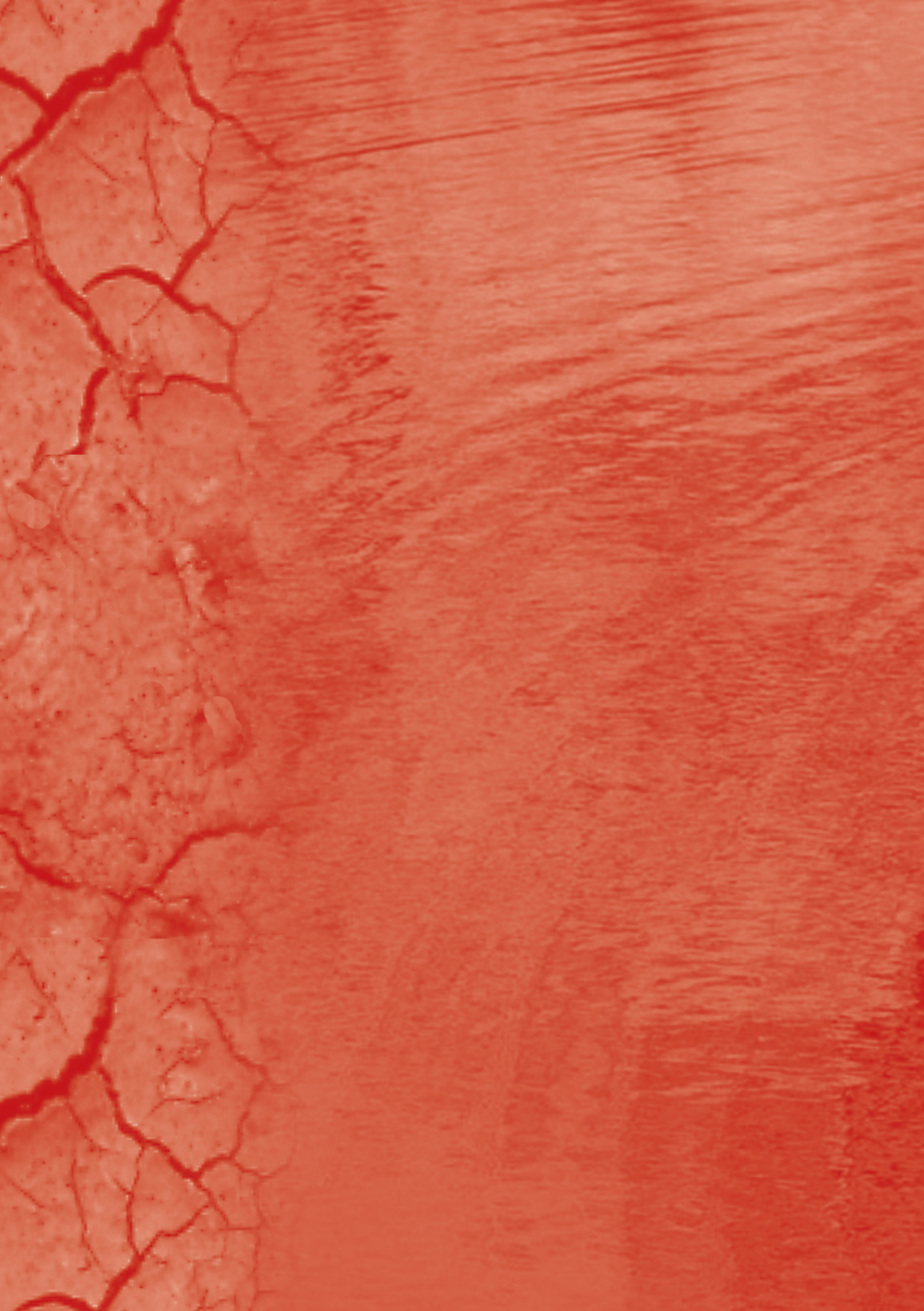
Layout sas

Foto

Archivio EdC, RubberBall

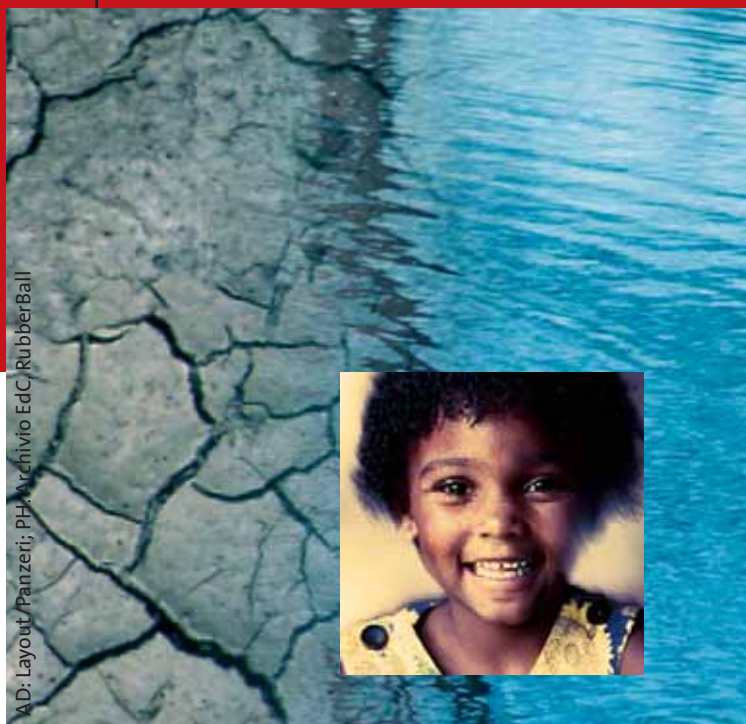
Impianti e stampa

Città Nuova Editrice



**Segreteria Internazionale
Economia di Comunione**

via Piave, 15
00046 Grottaferrata
Roma (Italia)
tel. +39 06 945407207
fax +39 06 9412080
edc@focolare.org
www.edc-online.org



AD: Layout / Panzeri; PH: Archivio EdC RubberBall

Anexo C

Galeria com imagens e outros documentos sobre a
apresentação de casos EdC do Capítulo 6

Dalla S'TRADA



A MARCA

PRODUTOS

CURSOS

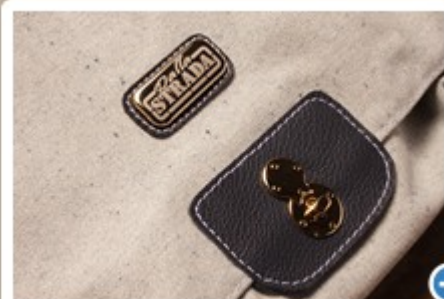
CONTATOS

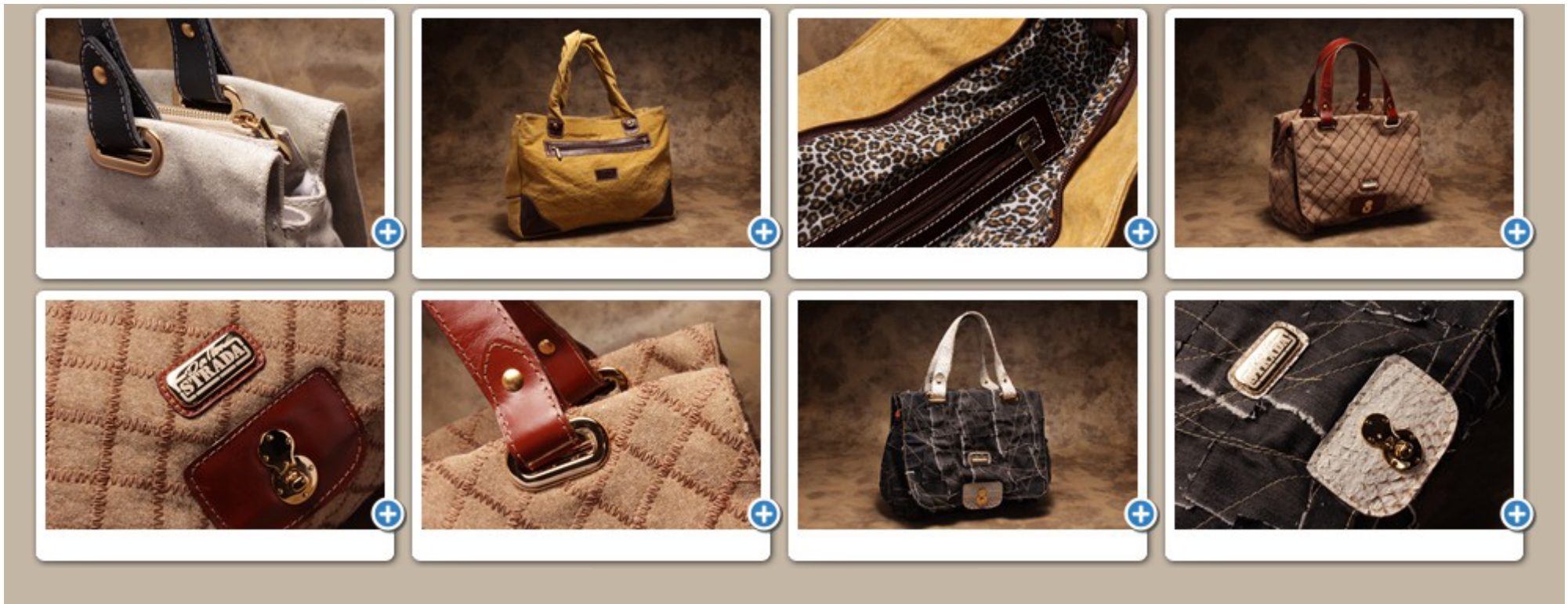
Melhorar a qualidade de vida de jovens em situação de risco
através de cursos de capacitação profissional que têm como base
as diretrizes e os ensinamentos da Economia da Comunhão.

MURAL DE FOTOS

PRODUTOS







Fonte: <http://www.dallastrada.com/produtos/produtos.html>



Fonte: <http://www.edc-online.org/br/home/eventos-no-brasil/1568-una-nuova-azienda-al-polo-spartaco-dalla-strada-al-mondo.html>



Products & Services

BK brings home its 6th MABS EAGLE Award



During the National Roundtable Conference of Microenterprise Access to Banking Services (MABS) Participating Banks which was held last May 23, 2011, Bangko Kabayan received the EAGLE for the 6th time.

[Read more...](#)

Towards Agricultural Development: A BK-BISPMPC Partnership



Batangas Integrated Sugar Planters Multi-Purpose Cooperative (BISPMPC) launched its Continuous Farm Mechanization Program last April 2, 2011 at the B.R. Medrano Plaza, Ibaan, Batangas.

[Read more...](#)



MicroFinance

Microfinance lending programs for individual and group as well as educational loan programs



Deposit Products

Deposit products that provide high interest and peace of mind



Loan Products

Loan products for the small to medium enterprises as

Properties For Sale

- **House & Lot**
- **Residential Land**
- **Agricultural Land**
- **Commercial Land**

well as agricultural
business



House & Lot

Find your dream home in the Batangas area. Many properties can be an ideal home for couples, growing families and even as a future retirement home. [View more](#)



Residential Land

We have a wide choice of residential lots in prime subdivision areas around the Batangas area. Many non-subdivision lots are also listed. [View more](#)



Agricultural Land

We have many agricultural lots for sale around the Batangas area and nearby towns. Whether for rice or other crop plantation, we have them listed. [View more](#)



Other Services

ATM machines, remittance,
foreign exchange and
mobile banking

BK Video Clips

Here are some video clips
of Bangko Kabayan:



On Microfinance



Citi Philippines MOTY 2008



MOTY Masikap Awardee
for Luzon region 2007



Commercial Land

Commercial land areas are scattered in this bustling province of Batangas. Other properties can also be used for both residential and commercial purposes. [View more](#)

[IRB Foundation](#)

The Ibaan Rural Bank Foundation, Inc. or IRBFI is a proud partner of Bangko Kabayan which is committed to support the growth and advancement of the Batangas community, especially MSMEs, OFWs, and the youth, in the aspect of entrepreneurship and human development.

[Tinig News Letters](#)

Tinig is Bangko Kabayan's official publication news letter. Through Tinig, BK is able to keep clients abreast of the bank's current activities as well as future plans. In this section, you can review past Tinig releases.

Mission & Vision

Mission

- :: Bangko Kabayan is committed to provide personalized and quality financial products and services in the pursuit of business success that is motivated, sustained and pursued for the sake of the client, who is our neighbor.
- :: Bangko Kabayan is committed to bringing out the best in its people, enabling them to develop themselves as fulfilled, holistic individuals, aware of the important role they play in the lives of others.
- :: Bangko Kabayan is committed to provide optimum returns to its shareholders through judicious management of their investment while engendering a consciousness of the value of sharing.
- :: Bangko Kabayan is committed to be the rural community's partner in total development.

Vision

- :: Enabled by the Divine Providence and generating His presence among us as a work community united in His name, we will be a leading rural financial institution through the delivery of personalized and relevant financial services in an excellent manner, with a preference for the small and micro entrepreneurs of Batangas, contributing to the development of the countryside.

Bangko Kabayan History & Profile

Ibaan Rural Bank, Inc. was established on August 19, 1957 by Mr. Bienvenido M. Medrano and the then



newly-retired Auditor General Manuel M. Agregado, with the vision of becoming of service to the people Ibaan, Batangas by providing reasonably-priced credit, particularly to small merchants, farmers and traders in the community. Wanting to spread the benefits of what he believed would be a profitable business, he invited relatives and townmates to invest in IRB in whatever capacity they had. A year later, another prominent investor joined IRB in the person of retired Supreme Court Justice Roman Ozaeta.

With the end-goal of uplifting the quality of life of the people in the countryside, IRB participated in all the government programs aimed at providing credit to the rural population. Like most rural banks, IRB in its early years operated largely with rediscounting funds from the Central Bank. But aside from the usual savings and loan services, Ibaan Rural Bank also pioneered the use of the checking account as early as 1967. Its founding fathers being progressive businessmen themselves (Mr. Medrano served as one of the youngest presidents of the Phil. Chamber of Commerce and Industry, and was a founding father and board member of Far East Bank), they appreciated the importance of providing this service, to further develop the budding SME sector in Batangas then.

Upon the entry of the second generation of the original founding fathers, there was a move towards placing IRB in a premiere position in the RB industry. Human resource development was given priority and the first Vision and Mission of IRB was crafted. Inspired by the Economy of Communion proposed by Chiara Lubich of the Focolare Movement, IRB embarked on an expansion program to be able to make an impact, both as an employer and as a rural-based financial conduit. Deposit generation became a thrust, in order to wean itself away from the Central Bank and develop its capacity to operate as a stable rural bank. From 1991 to 1996, eight branches were established in various municipalities of Batangas – Calaca, Cuenca, Mabini, Nasugbu, Rosario, San Jose, San Juan and San Pascual.

When the bank celebrated its 40th anniversary, it adopted the business name Bangko Kabayan with the strong will to be of service not only to Batanguenos but to other communities in the countryside outside of the Batangas Province. It is also during that year that the IRB Foundation was established, funded out of the bank's profits, with the purpose of undertaking micro-credit and scholarship programs for the poor and sponsoring community-building seminars.

Bangko Kabayan sought to respond to the needs of a population severely affected by the financial crisis of 1997 by embarking on microfinance lending, in order to reach out to an even greater number of clients in the countryside. The bank still continues to improve the quality of its products and services to better serve its ever-growing number of clients, now numbering more than 50,000.

Bangko Kabayan is a multi-awarded rural bank and with resources of over a billion pesos, ranks among the top 3% of rural banks in the Philippines today.

Last Updated (Sunday, 06 April 2008)

Enjoy the photos taken during the Microfinance Centers receive Livelihood Grants from GLOBE:



Enjoy the photos of our Employees in Action:



Fonte: <http://www.bangkokabayan.com/>

Inauguração do Pólo EdC "Giosi"

SEGUNDA, 08 NOVEMBRO 2010 00:14



No dia 6 de Novembro foi inaugurado o Pólo EdC "Giosi" na Cidadela Arco-íris.

Na manhã daquele dia houve um encontro de formação para 150 empresários e estudantes, feita por Luigino Bruni, por Alberto Ferrucci e por Leo Andringa, da Comissão Central da Economia de Comunhão. Luigino Bruni encantou todos com o seu entusiasmo e a sua explicação acerca da vocação do empresário da EdC, e toda a novidade deste chamamento, que é semente de uma revolução económica. A vida de um empresário francês – François Neveux – falecido há alguns anos atrás, e que foi um verdadeiro construtor da EdC no Brasil, e os testemunhos dos empresários portugueses da EdC, ilustraram o agir contra a corrente no mundo económico, único modo de voltar a dar esperança e uma resposta ao momento de crise mundial, em particular aquela que estamos a viver em Portugal.

Seguiu-se uma meia hora de diálogo com os presentes e as questões colocadas pelos jovens revelaram uma adesão a serem protagonistas de uma mudança de mentalidade, em gerir os bens em função da comunidade, mesmo com pequenos gestos. À parte da tarde viu chegar 250 pessoas, entre as quais algumas autoridades locais e centrais: o presidente da Câmara de Alenquer, alguns deputados e académicos. O programa começou com uma breve apresentação do Movimento e da Cidadela seguida de uma síntese do documentário sobre EdC feito pelo *Charisma Productions*, e editado na versão portuguesa para esta ocasião.

Luigino Bruni e Alberto Ferrucci puseram em evidência a importância de um Pólo numa cidadela, como testemunho de uma cultura económica nova capaz de fazer cair os muros do capitalismo e do individualismo dos nossos dias.

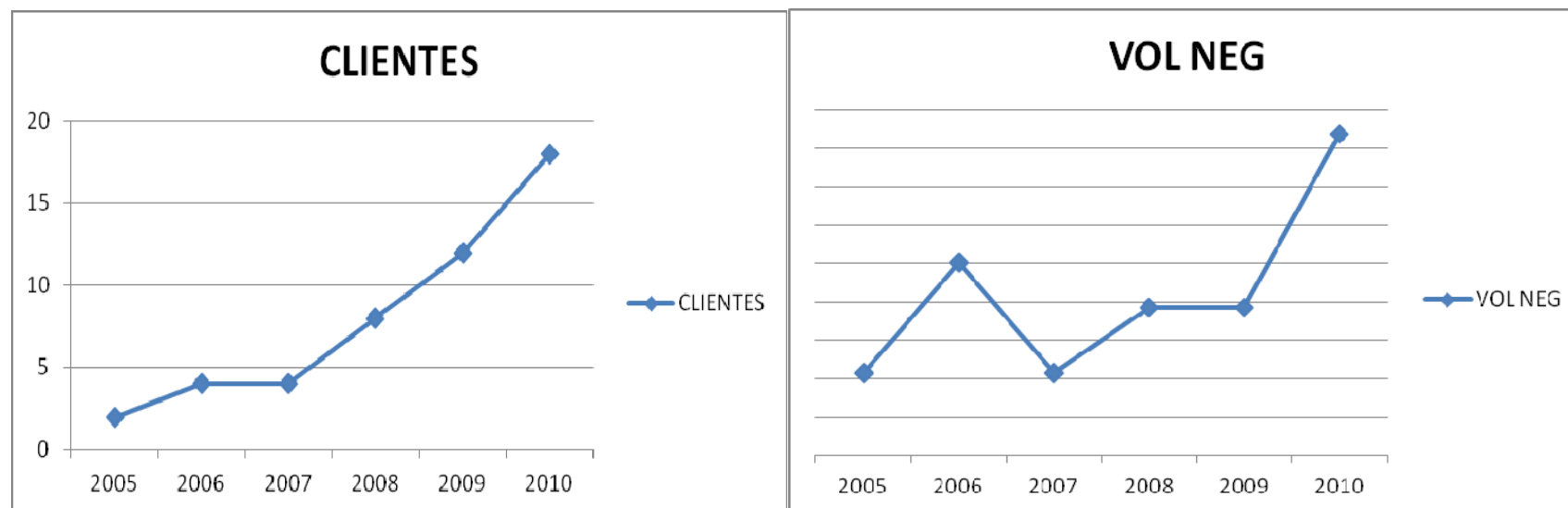
A Prof. Manuela Silva, na sua intervenção, reforçou a importância vital desta realidade, pondo em evidência a visão profética de Chiara que, quando concretizada, é destinada a ser luz que chega até longe, como um farol na escuridão da sociedade hodierna. Depois, desafiou todos a permanecerem escrupulosamente fiéis à primeira intuição de Chiara sobre a EdC.

Os empresários da EdC contaram a história das fases de construção do Pólo, mostrando o fio de ouro do amor de Deus que conduziu cada pessoa e cada coisa até este ponto, até à realização deste sonho. Foram gestos de generosidade, pequenos e grandes, sofrimentos, perdas materiais e espirituais, autênticos "tijolos" desta "catedral" como o definiu alguém.



O Pólo EdC "Giosi" - nome dado em homenagem a uma das primeiras companheiras de Chiara Lubich, falecida em 1995 - fica situado na Cidadela Arco-Íris.

Fonte: <http://focolares.org.pt/cidadela/recursos-e-empresas>



Fonte: Ecnal, Consultores Associados, Lda. (15.09.2011)